



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MULTI-INSTITUCIONAL EM DIFUSÃO DO  
CONHECIMENTO**

**MARIA DAS GRAÇAS BITTENCOURT FERREIRA**

**EMPREENDEDORES SOCIAIS E APRENDIZAGEM COLABORATIVA NO  
PORTAL DA INOVAÇÃO E QUALIDADE-InQ.Ifba, EM INSTITUIÇÃO FEDERAL  
DE VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA-BRASIL: UMA MODELAGEM DE  
AVALIAÇÃO DE PROJETOS INOVATIVOS**

**Salvador – Bahia  
2024**

**MARIA DAS GRAÇAS BITTENCOURT FERREIRA**

**EMPREENDEDORES SOCIAIS E APRENDIZAGEM COLABORATIVA NO PORTAL DA INOVAÇÃO E QUALIDADE-InQ.Ifba, EM INSTITUIÇÃO FEDERAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA-BRASIL: UMA MODELAGEM DE AVALIAÇÃO DE PROJETOS INOVATIVOS.**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação Multi-Ins'titucional em Difusão do Conhecimento, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Difusão do Conhecimento.

**PPGDC**

Áreas de Concentração: Modelagem da Geração e Difusão do Conhecimento

Linha 2 – “Difusão do Conhecimento, Informação, Comunicação e Gestão”

Orientadora: Profa. Dra. Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira

Coorientador: Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi

Salvador  
2024

Ferreira, Maria das Graças Bittencourt.

Empreendedores sociais e aprendizagem colaborativa no portal da inovação e qualidade- InQ.IFBA, em instituição federal de Vitória da Conquista, Bahia-Brasil [recurso eletrônico] : uma modelagem de avaliação de projetos inovativos / Maria das Graças Bittencourt Ferreira. - Dados eletrônicos. - 2024.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira.

Coorientador: Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi.

Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento, Salvador, 2024.

Disponível em formato digital.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/>

1. Empreendedorismo social. 2. Aprendizagem colaborativa. 3. Inovação - Sustentabilidade. I. Oliveira, Urânia Auxiliadora Santos Maia de. II. Galeffi, Dante Augusto. III. Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento. IV. Título.

CDD 658.04 - 23. ed.



Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO (DMMDC), realizada em 30/09/2024 para procedimento de defesa da Tese de DOUTORADO EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO no. 04, área de concentração MODELAGEM DA GERAÇÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO - DIFUSÃO DO CONHECIMENTO: INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E GESTÃO, do(a) candidato(a) MARIA DAS GRAÇAS BITTENCOURT FERRERA, de matrícula 2021127503, intitulada EMPREENDEDORES SOCIAIS E APRENDIZAGEM COLABORATIVA NO PORTAL DA INOVAÇÃO E QUALIDADE-InQ.Ifba, EM INSTITUIÇÃO FEDERAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA-BRASIL: UMA MODELAGEM DE AVALIAÇÃO DE PROJETOS INOVATIVOS. Às 15:00 do citado dia, VIRTUAL, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof.ª Dra. URANIA AUXILIADORA SANTOS MAIA DE OLIVEIRA que apresentou os outros membros da banca: Prof. Dr. ANTONIO CARLOS DOS SANTOS SOUZA, Prof. Dr. DANTE AUGUSTO GALEFFI, Prof. Dr. RÔMILSON LOPES SAMPAIO, Prof. Dr. ARGEMIRO RIBEIRO DE SOUZA FILHO e Prof.ª Dra. LÚZIA MATOS MOTA. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(a) examinado(a) para apresentação do trabalho de Doutorado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

  
Dr. ARGEMIRO RIBEIRO DE SOUZA FILHO

Examinador Interno à Instituição



Documento assinado digitalmente  
LÚZIA MATOS MOTA  
Data: 02/10/2024 08:43:50-0330  
verifique em <https://validar.ufba.br>

Dra LÚZIA MATOS MOTA, IFBA

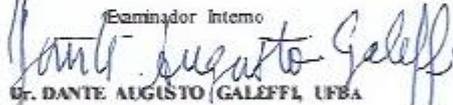
Examinadora Externa à Instituição



Documento assinado digitalmente  
ANTONIO CARLOS DOS SANTOS SOUZA  
Data: 02/10/2024 13:01:36-0330  
verifique em <https://validar.ufba.br>

ANTONIO CARLOS DOS SANTOS SOUZA, IFBA

Examinador Interno

  
Dr. DANTE AUGUSTO GALEFFI, UFBA

Examinador Interno



Universidade Federal da Bahia

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO  
(DMMDC)**

**ROMILSON LOPES SAMPAIO, UFBA**

Examinador Interno

Documento assinado digitalmente  
**ROMILSON LOPES SAMPAIO**  
Data: 02/10/2024 17:52:43 -0300  
Verifique em <https://validar.ufba.gov.br>



Documento assinado digitalmente  
**URANIA ALMEIDA DOS SANTOS MAIA DE OLIVEIRA**  
Data: 04/10/2024 17:52:50 -0300  
Verifique em <https://validar.ufba.gov.br>

**Dra. URANIA AÚXILIADORA SANTOS MAIA DE OLIVEIRA, UFBA**

Presidente



Documento assinado digitalmente  
**MARIA DAS GRAÇAS BITTENCOURT FERREIRA**  
Data: 04/10/2024 19:25:32 -0300  
Verifique em <https://validar.ufba.gov.br>

**MARIA DAS GRAÇAS BITTENCOURT FERREIRA**

Doutorando(a)

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu PAI

## AGRADECIMENTOS

À liberdade de poder iniciar meus agradecimentos rendendo glórias a **Deus**, seu filho **Jesus Cristo** e nossa Mãe: **Maria Santíssima**... obrigada ao Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC), que orgulho em ter realizado um sonho neste espaço!

À medida que esta etapa da minha vida profissional se concretiza, deixo aqui o meu agradecimento. À minha família: ao meu PAI, querido Almiro, amado e admirado, e que, apesar da distância física, está presente nas horas mais difíceis e solitárias onde só a escrita é a melhor saída. Àquele que sempre se esforçou para fazer da cultura a herança mais preciosa da nossa família, agradeço com muita saudade e orgulho de ser sua filha; à minha mãe Waldete, pela fé em Deus acima de tudo; à minha irmã Liz, pela força transmitida em cada dificuldade encontrada nesta jornada, e que não mediu esforços para exigir que este trabalho chegasse ao fim, apesar de todos os obstáculos; ao meu marido Evandro, meu companheiro em todos os momentos, me apoiando em todas as partidas desde o início do Doutorado, respeitando minhas escolhas, falta de tempo, cansaço. À toda minha família, obrigada.

À Universidade Federal da Bahia (UFBA), pela oportunidade de fazer parte do grupo de alunos desta prestigiada Instituição de Ensino, bem como as demais Instituições presentes neste conceituado programa de Doutorado: UNEB, IFBA, UEFS, LNCC e SENAI CIMATEC. À equipe de funcionários do PPGDC que sempre estiveram disponíveis para nos atender e esclarecer dúvidas, e especialmente aos amigos feitos através deste programa, os sempre disponíveis e queridos: Abílio, Deysiane, David, Daniel, Lyvia, Lorena Richardson e Regina (sem palavras para expressar minha gratidão e admiração). Um carinho especial aos queridos amigos conquistenses, sem os quais a jornada seria ainda mais árdua: Cleidinha, Dartilene, Giêdra, Marquinhos, Maurício, Mônica e Silvana, à “Galera do Piquenique”.

Aos meus locais profissionais desde o início da minha carreira, mas especialmente ao berço dessa investigação: o Instituto Federal da Bahia (IFBA), *Campus* de Vitória da Conquista. Um agradecimento muito especial a todos os meus alunos, eles são a razão de todo o meu esforço. Aos meus queridos que fizeram ou fazem parte do Portal de Inovação e Qualidade (InQ.Ifba), minha eterna gratidão por acreditarem que nossos sonhos podem ser transformados em uma doce realidade. Ao Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Tecnologias Inovadoras (GITI), e em especial aos queridos Pesquisadores: Élvio, Edmilson, Rafael, Roberto Hugo e Polyane (querida amiga de todas as horas-minha gratidão e admiração).

Para trilhar o caminho do Doutorado, muitas fontes são necessárias, mas os Doutores elencados a seguir serão inesquecíveis na minha vida: Anibal de Freitas Santos Junior (UNEB),

Eudaldo Francisco dos Santos Filho (UNEB), José Washington de Moraes Medeiros (IFPB) e Maria Raidalva Nery Barreto (IFBA). Na oportunidade, agradeço imensamente à minha Banca de Qualificação e de Defesa: Dr. Argemiro Ribeiro de Souza Filho, Dra. Luzia Matos Mota, Dr. Antonio Carlos dos Santos Souza e Dr. Romilson Lopes Sampaio, que juntamente com meus orientadores me permitiram ir além na minha investigação.

Aqui não consigo traduzir em palavras toda minha gratidão e admiração à Dra. Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira, minha Orientadora de todos os dias e horas, e meu Coorientador Dr. Dante Augusto Galeffi. Obrigada!

Muitos contribuíram para que hoje eu estivesse finalizando esse trabalho, mas minha maior gratidão vai para DEUS.

## RESUMO

Este estudo objetivou a elaboração de um Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos, empreendendo socialmente a partir das ações do Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba com a Aprendizagem Colaborativa, no Instituto Federal da Bahia – Brasil. Para a base conceitual às argumentações desenvolvidas ao longo da investigação, pensando a parametrização de temas, foi feita, a princípio, uma pesquisa documental no *Manual de Oslo*, documento internacional, e nos documentos nacionais: Sociedade da Informação no Brasil – O *Livro Verde*, *Livro Branco*: Tecnologia e Inovação e no *Livro Azul* da 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável. Demais teóricos acerca do tema (Drucker, Kotler e Bes); o Empreendedorismo Social (Lacerda e Oliveira, Yunus), e a Aprendizagem Colaborativa (Derry, Irala e Torres, Lopes da Silva e Sá), também foram estudados. Foi realizada uma pesquisa classificada como aplicada, de abordagem quantitativa e qualitativa, de tipologia participante, bibliográfica, descritiva e documental, subsidiada pela direcionalidade temporal, com o estudo de coorte retrospectivo (GRUPO A) e prospectivo (GRUPO B e C). Para a coleta de dados, utilizou-se da escala ARCS de Motivação (Keller): Atenção, Relevância, Confiança e Satisfação, e, para esta investigação, foi inserida a Gestão aos estudos. O universo contemplou o Instituto Federal da Bahia (IFBA), *Campus Vitória da Conquista*, e a amostra constituiu-se por gestores respondentes do Portal da Inovação e Qualidade (InQ.Ifba). O ápice da pesquisa apontou para a apresentação de um “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos (MAPI)” viabilizado da percepção do “Indivíduo Aprendiz Multiplicador”, a partir da parametrização dos temas: Inovação, Empreendedorismo Social e Aprendizagem Colaborativa.

**Palavras-chave:** Aprendizagem Colaborativa; Empreendedorismo Social; Inovação.

## ABSTRACT

This study aimed to develop an Assessment Model for Innovative Projects, undertaking socially based on the actions of the Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba with Collaborative Learning, at the Instituto Federal da Bahia – Brazil. For the conceptual basis in the arguments developed throughout the investigation, thinking about the parameterization of themes, a documentary research was initially carried out in the Oslo Manual, an international document, and in national documents: Information Society in Brazil – The Green Book, White Book: Technology and Innovation and in the Blue Book of the 4th National Conference on Science, Technology and Innovation for Sustainable Development. Other theorists on the topic (Drucker, Kotler and Bes); Social Entrepreneurship (Lacerda and Oliveira, Yunus), and Collaborative Learning (Derry, Irala and Torres, Lopes da Silva and Sá), were also studied. The research was classified as applied and carried out with a quantitative and qualitative approach, with a participant, bibliographic, descriptive and documentary typology, supported by temporal directionality, with a retrospective (GROUP A) and prospective (GROUP B and C) cohort study. For data collection, the ARCS Motivation scale (Keller) was used: Attention, Relevance, Confidence and Satisfaction, and, for this investigation, Management was included in the studies. The universe included the Instituto Federal da Bahia (IFBA), *Campus Vitória da Conquista*, and the sample consisted of managers responding to the Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba. The culmination of the research pointed to the presentation of an “Innovative Project Assessment Model (MAPI)” made possible by the perception of the “Individual Learning Multiplier”, based on the parameterization of the themes: Innovation, Social Entrepreneurship and Collaborative Learning.

**Keywords:** Collaborative Learning; Social Entrepreneurship; Innovation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	A estrutura de mensuração da Inovação.....	43
<b>Figura 2</b>	Fontes para conhecimento e transferência de tecnologia.....	45
<b>Figura 3</b>	Fatores relacionados aos objetivos e efeitos da Inovação.....	48
<b>Figura 4</b>	Fatores que dificultam as atividades de Inovação.....	49
<b>Figura 5</b>	Convergência de conteúdo, computação e comunicações.....	51
<b>Figura 6</b>	Ambiente de negócios eletrônicos.....	55
<b>Figura 7</b>	Obstáculos para a penetração e uso de Internet.....	57
<b>Figura 8</b>	Modelo linear – <i>Livro Branco</i> .....	59
<b>Figura 9</b>	Desenho de Pesquisa.....	94
<b>Figura 10</b>	Modelo ARCS, John Keller.....	101
<b>Figura 11</b>	O modelo ARCS ou modelo motivacional Keller.....	116
<b>Figura 12</b>	Motivação e Desempenho.....	117
<b>Figura 13</b>	Conceitos, imagens e verbos nucleares da Avaliação Polilógica..	122
<b>Figura 14</b>	Uma Empresa Redondinha (Carlos Eduardo Palhano).....	123
<b>Figura 15</b>	Fluxograma de Processo do Sistema MAPI.....	136
<b>Figura 16</b>	Marca do Sistema MAPI.....	146

## GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Evolução do primeiro acesso ao uso intensivo.....	56
<b>Gráfico 2</b>	Idade dos Respondentes (questão 1).....	124
<b>Gráfico 3</b>	Gênero dos Respondentes (questão 2).....	124
<b>Gráfico 4</b>	Questão “7” do Questionário.....	126
<b>Gráfico 5</b>	Questão “8” do Questionário.....	126
<b>Gráfico 6</b>	Questão “9” do Questionário.....	126
<b>Gráfico 7</b>	Questão “10” do Questionário.....	127
<b>Gráfico 8</b>	Questão “11” do Questionário.....	128
<b>Gráfico 9</b>	Questão “12” do Questionário.....	128
<b>Gráfico 10</b>	Questão “13” do Questionário.....	129
<b>Gráfico 11</b>	Questão “15” do Questionário.....	130
<b>Gráfico 12</b>	Questão “16” do Questionário.....	131
<b>Gráfico 13</b>	Questão “17” do Questionário.....	131
<b>Gráfico 14</b>	Questão “21” do Questionário.....	133
<b>Gráfico 15</b>	Questão “22” do Questionário.....	133

## QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Dimensões do Empreendedorismo Social.....	29
<b>Quadro 2</b>	Parametrização do Empreendedorismo Social.....	34
<b>Quadro 3</b>	Definições de Inovação.....	36
<b>Quadro 4</b>	Inovação segundo diversos autores.....	38
<b>Quadro 5</b>	As 7 fontes de Inovação.....	38
<b>Quadro 6</b>	Complexidade na Compreensão da Inovação.....	39
<b>Quadro 7</b>	Definição dos tipos de Inovação.....	40
<b>Quadro 8</b>	Difusão Intrafronteiras.....	44
<b>Quadro 9</b>	Difusão Extrafronteiras.....	44
<b>Quadro 10</b>	Gestão do Conhecimento.....	44

<b>Quadro 11</b>	Atividades de Inovação.....	46
<b>Quadro 12</b>	Impacto da Inovação sobre o faturamento.....	49
<b>Quadro 13</b>	Parametrização do <i>Manual de Oslo</i> .....	59
<b>Quadro 14</b>	Parametrização do Manual Nacional 1.....	58
<b>Quadro 15</b>	Parametrização do Manual Nacional 2.....	59
<b>Quadro 16</b>	Parametrização do Manual Nacional 3.....	65
<b>Quadro 17</b>	Parâmetros da Inovação.....	66
<b>Quadro 18</b>	O Desenvolvimento da <i>RICA</i> e os estudos de Freitas.....	68
<b>Quadro 19</b>	Conceitos acerca de Cooperação e Colaboração.....	69
<b>Quadro 20</b>	Parametrização da Aprendizagem Colaborativa.....	71
<b>Quadro 21</b>	Alunos contemplados com bolsas no InQ.Ifba, de 2015 a 2023....	78
<b>Quadro 22</b>	Equipe do PORTAL, em janeiro de 2024.....	80
<b>Quadro 23</b>	Quantidade de Treinamentos, Palestras, <i>Podcasts</i> ou <i>Lives</i> apresentadas pelo InQ.Ifba, levantamento feito em 15/01/2024.....	82
<b>Quadro 24</b>	Ações definidas para a Pesquisa.....	96
<b>Quadro 25</b>	Tipo de Pesquisa por Objetivo Específico.....	99
<b>Quadro 26</b>	Instrumento de Coleta de Dados.....	100
<b>Quadro 27</b>	Etapas do Design Motivacional (Keller, 2009) .....	101
<b>Quadro 28</b>	Adaptação da Análise ARCS com a Inserção da “Gestão” por nível de prioridade.....	103
<b>Quadro 29</b>	Base para o “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos”.....	104
<b>Quadro 30</b>	Avaliação Aprendente Multiplicador Voluntário Inquiano.....	105
<b>Quadro 31</b>	Parametrização de temas .....	118
<b>Quadro 32</b>	Detalhamento da expressão algébrica.....	135

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDI	Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial
ASKADE	Associação de Karatê Denilson
ARINTER	Assessoria de Relações Internacionais
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
C&T	Ciência e Tecnologia
CIS	<i>Community Innovation Survey</i>
CLP	Centro de Liderança Pública
C,T&I	Ciência, Tecnologia e Inovação
CEIS	Complexo Econômico Industrial da Saúde
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia
CENTEC	Centro de Educação Tecnológica da Bahia
COVID	Doença do Corona vírus
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social
EAD	Ensino à Distância
EPCL	Empreendimento, Projetos e Construções LTDA
ETFBA	Escola Técnica Federal da Bahia
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
FNDCT	Fundo de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
GITI	Grupo Interdisciplinar em Tecnologias Inovadoras
IBC	Instituto Brasileiro do Café
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICT	Instituição Científica e Tecnológica
IFBA	Instituto Federal da Bahia
MAPI	Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MPE	Micro e Pequenas Empresas
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PDI	Planos Diretores de Informática
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PIB	Produto Interno Bruto
PITCE	Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PME	Plano Municipal de Educação
PMVC	Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PPGDC	Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento
PROTEC	Pró Inovação Tecnológica
PROEX	Pro-Reitoria de Extensão do IFBA
PRPGI	Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação
R&D	<i>Research and Development</i>
RICA	<i>Revista Interdisciplinar Científica Aimoré</i>
SCN	Sistema de Contas Nacionais
SICTI	Seminário de Iniciação Científica, Tecnológica e Inovação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 – CAMINHOS PARA PESQUISA</b>	15
1.1 INTRODUÇÃO.....	15
1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	24
<b>1.2.1 Objetivo geral.....</b>	25
<b>1.2.2 Objetivos específicos.....</b>	26
1.3 HIPÓTESES.....	26
1.4 ORGANIZAÇÃO DA TESE.....	27
<b>CAPÍTULO 2 – PARÂMETROS PARA PENSAR O EMPREENDEDORISMO SOCIAL, A INOVAÇÃO E A APRENDIZAGEM COLABORATIVA</b>	28
2.1 EMPREENDEDORISMO SOCIAL.....	28
<b>2.1.1 Dinâmicas do conceito de Empreendedorismo.....</b>	31
<i>2.1.1.1 Empreendedorismo: raízes teóricas.....</i>	31
<i>2.1.1.2 Empreendedorismo Social e seus Parâmetros.....</i>	32
2.2 INOVAÇÃO.....	34
<b>2.2.1 Path Teórico da Inovação: <i>Manual de Oslo</i>, Sociedade da Informação no Brasil – <i>O Livro Verde, Livro Branco: Tecnologia e Inovação e Livro Azul</i> da 4ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável. Em busca da Parametrização na apresentação do Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos.....</b>	41
2.3 APRENDIZAGEM COLABORATIVA.....	67
<b>CAPÍTULO 3 – “PORTAL DA INOVAÇÃO E QUALIDADE” E SEU <i>LOCUS</i></b>	72
3.1 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA (IFBA) – <i>CAMPUS</i> DE VITÓRIA DA CONQUISTA	72
3.2 NASCE O PORTAL DA INOVAÇÃO E QUALIDADE NA DIFUSÃO DO CONHECIMENTO.....	73
<b>3.2.1 Quem faz o Portal da Inovação e Qualidade.....</b>	78
<b>3.2.2 Intercensões do Portal da Inovação e Qualidade com o Social.....</b>	82
<b>3.2.3 Definindo os Grupos de Pesquisa.....</b>	86
3.3 VITÓRIA DA CONQUISTA, JÓIA DO SERTÃO BAIANO.....	89
<b>CAPÍTULO 4 – ABORDAGENS METODOLÓGICAS</b>	93
4.1 DESENHO DA PESQUISA – PROPOSIÇÃO.....	93
4.2 TRAJETÓRIA DE AÇÕES DESENVOLVIDAS NO InQ.Ifba DEFINIDAS PARA A PESQUISA.....	94
4.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA (POPULAÇÃO, AMOSTRA, COLETA, TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS).....	96
4.4 INDIVÍDUO APRENDENTE MULTIPLICADOR: RUMO AO MODELO DE AVALIAÇÃO DE PROJETOS INOVATIVOS.....	100

4.5	APRESENTAÇÃO DO “MODELO DE AVALIAÇÃO DE PROJETOS INOVATIVOS” .....	107
<b>CAPÍTULO 5 – RESULTADOS PRELIMINARES E DISCUSSÕES</b>		109
5.1	INDIVÍDUO PROTAGONISTA DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E OS PARÂMETROS CONSOLIDADOS.....	109
5.2	INDIVÍDUO APRENDENTE MULTIPLICADOR.....	120
5.2.1	<b>Percurso Inicial. Resultado da Pesquisa: Grupos A, B e C.....</b>	123
5.3	O MODELO DE AVALIAÇÃO DE PROJETOS INOVATIVOS: UM APARATO EXPERIMENTAL.....	135
<b>CONCLUSÕES PROPOSTAS</b>		138
<b>REFERÊNCIAS.....</b>		147
<b>ANEXOS.....</b>		159

## **CAPÍTULO 1**

### **CAMINHOS PARA A PESQUISA**

#### **1.1 INTRODUÇÃO**

No sistema atual tudo gira em torno de fazer dinheiro. Nós esquecemos que somos seres humanos. Os governos vêm com seus textos e ficam tentando empurrá-los uns para os outros. Eles ficam apegados a suas posições. Mas são os indivíduos, especialmente os jovens, que podem levantar as questões que não estão nos documentos (Yunus, 2012).

Na Parte I da obra de Drucker (1998, p. 25): “Inovação e Espírito Empreendedor”, o teórico apresenta que a Inovação é o instrumento específico dos Empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade, os Empreendedores precisam buscar, com propósito deliberado, as fontes de Inovação, as mudanças e seus sintomas que indicam oportunidades para que uma Inovação tenha êxito. Nessa perspectiva, entende-se que o Empreendedorismo Social perpassa por barreiras onde outros saberes não conseguem. É necessário, então, desenvolver uma investigação que evidencie os resultados alcançados em obras em que o social possui uma grande capilaridade, transformando o meio ambiente: a pesquisa científica precisa avançar em soluções rápidas que mudem a vida de pessoas que nunca teriam oportunidades iguais frente a pessoas com maior acesso à informação.

Neste estudo, usando a Inovação como ferramenta, é necessário refletir sobre o consequente desenvolvimento de fatores inovadores: estes não podem ser vistos apenas como sinônimos do crescimento de alguns setores modernos da economia, mas como uma possibilidade de transformação, uma proposta de melhoria contínua dos múltiplos fatores que influenciam o bem-estar humano, as condições de vida e a sociabilidade das pessoas (Fischer; Comini, 2012).

Administradora de formação, esta pesquisa teve, como sua mola impulsionadora, minha experiência de mais de vinte anos em cargos de gestão e docência em faculdades, onde se detectava, dia a dia, a falta ou a inexistência de trabalhos com caráter social - tema abordado por estudantes de maneira superficial. Os ambientes em que eu transitava eram públicos e privados e, de forma diminuta, via-se um ou outro projeto da área de Direito ou de Saúde, quando muito, que se aproximava ao Empreendedorismo Social, mas, mais direcionado à visibilidade empresarial do que a preocupação, de fato, em entender causas geradoras dos problemas sociais – às vezes apenas aliviando seus sintomas, apresentando-se como uma forma de impulsionar o desenvolvimento regional.

Mair e Noboa (2006), advogam que, para promover um empreendimento social, o julgamento moral e a empatia influenciam muito em sua criação, assim como a percepção de viabilidade facilitada pelo apoio social e pela crença na auto-eficácia. Nessa perspectiva tem-se alguns pontos a serem ratificados na justificativa desta investigação:

- a) Enquanto Administradora, e adentrando num programa de Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, me senti instigada em tornar científicas ações que, apesar de importantes, não tinham longevidade ou até mesmo visibilidade no âmbito social;
- b) Como servidora pública e ciente da minha obrigatoriedade em contribuir com a sociedade, comecei a me inteirar mais acerca da pesquisa científica, não aprofundada na iniciativa privada, gênese da minha carreira profissional;
- c) Apesar de trabalhar, por quase nove anos, em projetos onde o fomento financeiro é quase inexistente, observei que a iniciativa do indivíduo para com o lado social era algo que se destacava, a partir do que, observei a necessidade de melhor entender essa motivação, surgindo, então o “Indivíduo Aprendente Multiplicador” protagonista de algo que seria a proposição de um “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos” para viabilizar melhores resultados.

Segundo Cardona (2011), ainda em construção, existem fortes vínculos entre Inovação e responsabilidade social. O ponto de encontro é que a aplicação da Inovação em outras áreas, além da empresa tradicional, tem o potencial de gerar benefícios tanto para as empresas tradicionais quanto para as organizações da sociedade civil e populações de baixa renda. Com esta proposta, será possível uma pesquisa mais apurada, sob o ponto de vista científico e dentro de ações inovadoras, a princípio, na comunidade de Vitória da Conquista, na Bahia, uma vez que, pensando na emancipação do indivíduo, espera-se, que esse trabalho seja um sinalizador para os atuais e futuros empreendedores sociais – aqui destaca-se os membros do Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, <http://inq.conquista.ifba.edu.br>.

Para os empreendedores sociais atuais de sucesso, segue a proposta de que, com o conhecimento de novas pesquisas científicas, o resultado do todo pode melhorar de forma não imaginada. Para aqueles que apenas são simpatizantes do tema, surge uma possibilidade de envolvimento através do conhecimento que pode desvendar caminhos menos tortuosos em busca de uma sociedade mais igualitária. E, para aqueles futuros Empreendedores Sociais que desejam inovar em suas carreiras, “É necessário haver tolerância, caso se pretenda que

permaneça intacto o fundamento do respeito recíproco das pessoas do direito umas pelas outras” (Habermas, 2002, p. 312).

A evolução da tecnologia e da ciência permitiu à humanidade um conjunto de avanços em vários aspectos, excepcionais, porém, essas conquistas não atingiram a todos igualmente; no Brasil, e no mundo, existe o debate sobre crescimento econômico. As economias perseguem a competitividade, e os países que procuram uma inserção internacional ampla, investem em tornar seus indicadores cada vez mais competitivos, com medidas apuradas e severas em relação ao modo de produção. O mercado segue absurdamente exigente, contudo, apesar de produtos descartáveis e multidões guiadas por meros modismos, ressalta-se há algum tempo mudanças largas em nível mundial: novas formas de trabalho e de representação política.

Existe uma necessidade de mudança do mundo atual, questionando o real propósito da vida, trazendo transformações positivas para a sociedade. Faz-se necessário, então, soluções sistêmicas, e que atuem na raiz dos problemas. Deve-se enfrentar as estruturas mercadológicas postas, que criam os problemas que querem solucionar com apenas um único objetivo, o ganho financeiro.

Em seu livro *A Conquista da América*, Tzvetan Todorov (1984, p. 6), colocou precisamente “o problema do outro” e, perguntou: “como se comportar em relação ao outro”? Nessa inquietação, no que se refere às definições e conceitos acerca da Inovação, que teve como berço os países industrializados e de primeiro mundo – com uma realidade econômica diferente da nossa, **Empreendedores Sociais e Aprendizagem Colaborativa no Portal da Inovação e Qualidade-InQ.Ifba, em Instituição Federal de Vitória da Conquista, Bahia-Brasil: uma modelagem de avaliação de projetos inovativos**, surge num momento em que o Empreendedorismo Social cresce, em meio a um entorno econômico difícil, mas, permeado de pessoas que tiveram a oportunidade de desenvolver a empatia e são vistas como agentes de transformação social que, com ferramentas de Inovação, trazem soluções para o coletivo, com modelos colaborativos de trabalho para gerar mais impacto positivo à sociedade.

Nessa perspectiva e ao longo desta investigação, deflagra-se uma crise econômica global sem precedentes num curto espaço de tempo: a Pandemia da COVID-19. Sem dúvida, este impacto também atingiu polos de Inovação, tecnologia e empreendedorismo de todo o mundo. Entretanto, as maiores empresas de tecnologia já estavam preparadas com antecedência para esta crise, mas, e o Empreendedorismo Social? Seria a colaboração o legado da Pandemia? E os países em desenvolvimento como o Brasil, e em especial o Estado da Bahia?

Uma das economistas mais influentes do mundo atualmente, Mariana Mazzucato, conseguiu demonstrar que o verdadeiro motor da Inovação não provém de algumas mentes

geniais, como a maioria pensa. Ela ressalta que, se antes era o Estado, e não o setor privado, que tradicionalmente assumia os riscos de empresas tecnológicas focadas no desenvolvimento da aviação, energia nuclear, computadores, nanotecnologia, biotecnologia e internet, como então encontraríamos a próxima onda de tecnologias para enfrentar desafios urgentes, como mudanças climáticas catastróficas, epidemia de resistência a antibióticos, aumento da demência na população? Para a economista, “A história nos diz que a Inovação é resultado de um grande esforço coletivo – não apenas de um grupo restrito de jovens da Califórnia, e, se queremos resolver os problemas mais desafiadores do mundo, temos que entender melhor isso” (Mazzucato, 2019). Sabe-se que, apesar de economista e num mundo capitalista, a fala de Mariana Mazzucato remete à necessidade que temos de fazer algo diferente, e para todos, num esforço coletivo.

Mais recentemente, a economista asseverou que a crise da COVID-19 expõe ainda mais os defeitos nas estruturas econômicas, em particular a crescente precariedade do trabalho, devido ao surgimento da economia de plataforma, e décadas de deterioração do poder de negociação dos trabalhadores (Mazzucato, 2020). Para a maioria das pessoas, por exemplo, o teletrabalho simplesmente não é uma opção, e, embora os governos tenham dado alguma ajuda aos trabalhadores com contratos formais (com altos custos posteriores), os autônomos podem estar abandonados à sua própria sorte. Temos que evitar os erros da era pós-2008 quando os programas de resgate permitiram às corporações aumentar ainda mais seus lucros, assim que a crise terminou - ainda citando Mazzucato (2020).

Nesta direção, a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), em parceria com o Observatório de Inovação e Competitividade do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, elaborou um estudo sobre as estratégias de Inovação adotadas no Brasil e em outros sete países (Canadá, Estados Unidos, Finlândia, França, Inglaterra, Irlanda e Japão) (Arbix *et al.*, 2010). Essas experiências internacionais, para além de uma contribuição conceitual ao acervo de conhecimentos acerca da Inovação, alavancaram o debate sobre o assunto, envolvendo órgãos públicos, empresas, entidades empresariais, universidades, instituições de pesquisa, etc. Os países pesquisados neste estudo, mostram-se preocupados com a promoção da Inovação e experimentam importantes mudanças institucionais, reflexo de uma ordem econômica na qual o conhecimento é recurso chave e para o qual são necessários novos desenhos institucionais; as conclusões e propostas dos pesquisadores sugerem, de um lado, que estamos no rumo certo para o desenvolvimento do País quando enfatizamos a Inovação; por outro, que é necessário ter pressa e aprofundar as transformações institucionais em curso, agora, mais que nunca. A pressa aumenta o risco diante do novo, e a reconstrução, às vezes não

acontece com a rapidez necessária. É essa falta de rapidez que faz com que aumentem as diferenças entre países de primeiro mundo e o Brasil, deixando a desigualdade social ainda mais acentuada.

Dentro da proposta deste trabalho, faz-se necessário entender o que são “Políticas Públicas”, visto que estas definem a realidade de comunidades inteiras, e são consideradas uma parte fundamental do funcionamento e desenvolvimento de uma sociedade e suas desigualdades. A maneira como os recursos e investimentos são alocados para fins específicos, da forma mais eficiente possível, com foco na melhoria da qualidade de vida da população, são definidas pelas Políticas Públicas. A realidade, contudo, frente às desigualdades socioeducacionais, é insuficiente.

Política Pública, ou *policy sciences* surgiu nos Estados Unidos em 1951, nos estudos de Harold Lasswell. Entretanto, apenas em 1975, Thomas Dye (1975, p. 2), sucintamente apresentou a sua definição: “o que o governo escolhe fazer ou não fazer”, ou seja, o Governo é o protagonista deste processo. Smith e Larimer (2009, p. 4), afirmam que “Não há definição de políticas públicas precisa e universal; política pública é uma resposta a um problema percebido”. Se as definições do tema fossem tratados de maneira séria, então não teríamos desigualdades. Partindo desta reflexão, entende-se que o Empreendedorismo Social, surge na perspectiva de preencher lacunas que, ressaltadas na crise da pandemia vivenciada, sobretudo em 2020 e 2021, procuram minimizar as dificuldades de uma esmagadora parcela da população que não tem condições de enfrentamento com fins de equacionar as desigualdades sociais.

Embora considerada recente, a ciência das Políticas Públicas, segundo Peters e Pierre (2006), pode ser considerada complexa, visto que na sua elaboração tem-se como resultado um exercício de diversos atores com pensamentos, objetivos e crenças muitas vezes colidentes. Tal complexidade se aprofunda quando, em período de eleições, atores de partidos diferentes (ou não) assumem cargos que interferem na construção de mudanças, com abordagens e quererem diversos.

Em Farah (2018), tem-se um estudo panorâmico acerca de abordagens teóricas das Políticas Públicas e seus aspectos centrais. Há de se levar em consideração “Teorias sobre formação da agenda”, onde destaca-se: a própria definição do problema é objeto de disputa política, ou seja, o objetivo primordial que seria um *path* a ser percorrido na forma como os recursos e investimentos seriam alocados para fins específicos, com foco na melhoria da qualidade de vida da população, fica difuso.

Adentrando ao *locus* da pesquisa (exemplificando o quanto teríamos de mudanças caso as Políticas Públicas, de fato trabalhassem a desigualdade social), no Instituto Federal de

Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), onde se destina a referida investigação, foi lançada uma chamada pública: 02/2019 – PROEX / IFBA SELEÇÃO DE PROPOSTAS DE PROJETOS E CURSOS DE EXTENSÃO INSTITUTO FEDERAL DE BAHÍA (IFBA), PRO-RECTORADO DE EXTENSÃO (PROEX), Processo nº 23278.000940 / 2019-62, cujo principal objetivo era:

Comprometer-se com o segmento de estudantes do IFBA, com o objetivo de atender às demandas sociais, principalmente as de populações em risco, colaborando com a inclusão social, gerando oportunidades e melhorando as condições de vida, favorecendo o desenvolvimento local e regional.

Todos os projetos inscritos nesse Edital teriam que, obrigatoriamente, estar voltados para o lado social; oportunidades assim são bem escassas, e com condições financeiras quase inexistentes.

No dia 14 de abril de 2020, a Pró-Reitoria de Extensão do IFBA lança: EDITAL PROEX 01/2020, CHAMADA INTERNA PARA CADASTRAMENTO NO SUAP DAS AÇÕES DE EXTENSÃO ESTRATÉGICAS E EMERGENCIAIS PARA AÇÕES DE ENFRENTAMENTO E DIFUSÃO DE INFORMAÇÕES REFERENTES AO COVID-19, cujo principal objetivo era:

Cadastrar e acompanhar as ações de extensão desenvolvidas por servidores do quadro permanente do IFBA, que visem contribuir para o enfrentamento e difusão de informações sobre a emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus (COVID-19).

No Brasil, o chamado tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, não se desenvolve de maneira igualitária. Os projetos de Extensão estão bem aquém no que diz respeito a financiamentos e visibilidade. A pesquisa no Brasil é avançada, com fomentos nacionais e internacionais, assim como o Ensino. A Extensão além de não ser remunerada, como é o caso do *locus* desta investigação, tem imensa dificuldade em usar instrumentos de Inovação, devido, justamente, à falta de condições financeiras. No que tange aos trabalhos sociais, o nosso cenário é ainda muito complexo e com poucos resultados longevos para uma realidade tão necessitada.

Tem-se em Drucker (2003), as três dimensões diferentes para a tarefa econômica: a primeira é o momento em que a empresa precisa tornar-se eficaz; na segunda dimensão, o seu potencial precisa ser identificado e realizado; e por fim, ela precisa ser transformada numa empresa diferente, para um futuro diferente. Nessa perspectiva, é o Empreendedor Social, através de sua mobilização e confiabilidade, que segue com sua inegável função transformadora num processo transversal e naturalmente descentralizado, mas, com objetivos claros,

solucionando problemas, sempre levando em consideração uma revolução na redistribuição do poder dito democrático, perpassando por searas notadamente difíceis de serem penetradas.

O Comportamento Empreendedor pode estar fortemente relacionado ao Comportamento Inovador, tendo em vista que os desenvolvimentos do espírito empreendedor e da Inovação já não podem ser vistos como uma escolha e sim, como uma necessidade na realidade do mercado atual. Nesse âmbito, este trabalho se concretizará a partir da vivência acadêmica construída no IFBA – *campus* de Vitória da Conquista, que se apropria do Empreendedorismo Social enquanto meta, visto que até a sua criação física – IFBA – foi concebida para mudar o entorno de bairros em que a iniciativa privada não investiria, pela dificuldade de acesso, falta de embelezamento ou mesmo de atrativos; o IFBA recebe alunos com dificuldades diversas que jamais encontrariam oportunidades em outras instituições, sejam elas públicas ou privadas.

O IFBA – *campus* de Vitória da Conquista, possui uma atuação estratégica no estado, oferecendo para a sociedade local, em todo o sudoeste da Bahia e também no norte de Minas Gerais, cursos de educação tecnológica profissional em todos os níveis do sistema educacional, conforme estabelece a legislação pertinente: básico, técnico e superior (graduação e pós-graduação). O Instituto, hoje, “consolida-se como um espaço vivo e dinâmico de educação tecnológica, possibilitando a realização e desenvolvimento dos saberes humanísticos, técnicos e científicos, no sentido da formação profissional e da consolidação da cidadania” (IFBA-PDI 2009-2013). Essa proposta, construída no IFBA, foi desenvolvida dentro do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão Continuada, o **Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba**, criado em novembro de 2015, no *Campus* de Vitória da Conquista – Bahia, que sediará essa investigação.

Além do exposto, o foco na busca de soluções para os problemas sociais, se utilizando da Inovação, poderá ser percebido no entorno da comunidade, gerando ondas de grande alcance – ressalta-se que a “Aprendizagem Colaborativa” foi inserida no contexto de “Inovação” e “Empreendedorismo Social”, por se tratar de uma construção sempre coletiva no ambiente escolhido para esta pesquisa. Faz-se necessário, então, entender as nuances acerca dos termos Colaboração e Cooperação. O simples fato de diversas pessoas atuarem em conjunto não significa que se esteja, necessariamente, perante uma situação de colaboração.

Os trabalhos realizados em período de afastamento, fizeram-nos entender que a “Aprendizagem Colaborativa” pode ser entendida como algo muito maior que simplesmente uma técnica empregada em grupos de aprendizes, sempre destacando as habilidades e contribuições individuais de cada membro do grupo; dessa forma, buscou-se inseri-la no

processo de construção e operacionalização teórica e metodológica, com um ganho incontestável de passagens colaborativas vivenciadas pelos pares deste trabalho.

Tratando-se da relevância deste trabalho, foi proposto (ao final), a apresentação de um “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos (MAPI)”, fruto de uma análise minuciosa dos parâmetros do Empreendedorismo Social, da Inovação e também da Aprendizagem Colaborativa, o que posicionou o indivíduo partícipe enquanto sujeito Aprendiz Multiplicador, tendo, este sujeito, a motivação como apoio, de forma assertiva e visando resultados perceptíveis comprovados – daí a necessidade desse processo tornar-se científico. Assim, partindo do pensamento da epistemologia kantiana, o grande esforço desse trabalho foi a transformação da empiria (InQ.Ifba) em racionalismo (MAPI).

Antes, contudo, tem-se, pois, que chegar à problemática de estudo deste trabalho. Fez-se necessário conceitualizações acerca do tema. Para Köche (1997, p. 108):

A delimitação do problema é resultado de um trabalho mental, de construção teórica, com o objetivo de estruturar peças soltas do quebra-cabeça, procurando entender a malha de relações de interdependência que há entre os fatos.

Dada a necessidade de responder a uma questão maior, faz-se necessário aprofundar-se na realidade científica e mercadológica do Empreendedorismo Social, Inovação e também, a Aprendizagem Colaborativa.

Nesta perspectiva, entende-se que empreender socialmente, com ferramentas inovadoras, poderia preencher uma importante lacuna numa sociedade com as características do Brasil. Surge, então, uma vontade de melhor compreender de que forma o empreendedorismo social aliado à Inovação, pode obter um resultado exitoso para uma classe menos abastada da população. Na tentativa de compreender aspectos lacunares, pautados na literatura, sobre Empreendedorismo Social relacionado à Inovação, trabalhado de forma Colaborativa, surge a pergunta que guiou a produção desse estudo: **Como um Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos, Empreendendo Socialmente, pode viabilizar melhores resultados, a partir das ações do Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, com a Aprendizagem Colaborativa, no Instituto Federal da Bahia – Brasil?**

Não há como separar reflexões e ações - neste caso específico, Ciência e Inovação. A necessidade de as instituições inovarem para obterem sucesso sustentável nos mercados em que decidiram atuar é clara, ratificada na necessidade desta investigação. Ao trazer o Empreendedorismo Social, a Inovação, trabalhados de forma Colaborativa para o centro das discussões, é inevitável buscar conceitos para potencializar as inovações já implementadas e

seguir em frente buscando propostas que deixem os indivíduos com melhores possibilidades no mercado. Espera-se que esse trabalho, com o objetivo principal de “**Elaborar um Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos, Empreendendo Socialmente a partir das ações do Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba com a Aprendizagem Colaborativa, no Instituto Federal da Bahia – Brasil**”, seja um sinalizador para os atuais e futuros multiplicadores do tema.

Na operacionalização desta investigação, buscou-se bases conceituais dos temas Empreendedorismo Social, Inovação e Aprendizagem Colaborativa, parametrizando-os. O **Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba**, que teve a sua gênese no IFBA - *campus* de Vitória da Conquista, no interior da Bahia, teve a sua trajetória exposta, ressaltando os projetos desenvolvidos cujas ações dimensionam o Empreendedorismo Social, levando-se em consideração a rede colaborativa desde sempre criada (sem percepções científicas até então) nas ações do Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, na mudança na vida dos sujeitos envolvidos e, notadamente, no seu entorno, chegando-se às hipóteses: **H1**: Sem ações colaborativas, não há Empreendedorismo Social. **H2**: As ações de Empreendedorismo Social e Inovação, relacionadas à Aprendizagem Colaborativa no trabalho desenvolvido pelo Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, impactam e promovem melhores resultados no trabalho. **H3**: As ações do InQ.Ifba podem fundamentar dados para a construção de modelos avaliativos de Empreendedorismo e Inovação. **H4**: Existem parâmetros mensuráveis para quantificar a experiência da Inovação e Empreendedorismo. **H5**: O estabelecimento de modelos que possam quantificar e qualificar a experiência da Inovação no empreendimento, reduzem a subjetividade do processo.

Com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de número: 68361523.1.0000.5031 e imbricada na Linha 02 de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento (PPGDC), donde se propõe a “Difusão do Conhecimento, Informação, Comunicação e Gestão”, esta investigação corrobora com a proposta aqui criada levando-se em consideração as hipóteses citadas. Deve-se então tornar científico trabalhos consolidados ao longo de quase nove anos difundindo o conhecimento na sociedade, tal qual o propósito da citada linha de pesquisa, utilizando-se de ações que relacionam tais processos com modos de informação, comunicação e gestão, que dão transferência e apreensão do conhecimento; foi realizada, então, uma pesquisa classificada como aplicada, de abordagem quantitativa e qualitativa, de tipologia participante, bibliográfica, descritiva e documental, subsidiada pela direcionalidade temporal, visto que acompanhou a população ao longo do tempo, buscando assim uma associação entre exposição e desfecho, com

o estudo de coorte retrospectivo, onde a Pesquisadora colheu informações progressas e acompanhou, durante todo o período, os indivíduos, também chamado de “GRUPO A” ou “Acompanhamento Pedagógico da turma de Jovens Aprendizes” e também coorte prospectivo, quando a pesquisadora esteve presente no momento da exposição dos fatores, acompanhando posteriormente, ao longo de um período de tempo, para a observância de desfechos, com os “GRUPOS B e C”, ou “Publicação de Artigos Semanais no InQ.Ifba” e “Desenvolvimento da *Revista Interdisciplinar Científica Aimoré*”, respectivamente.

Para alcançar o objetivo maior e as hipóteses propostas, foram criados objetivos específicos. Para o primeiro Objetivo Específico **“Apresentar teoricamente o Empreendedorismo Social e a Aprendizagem Colaborativa, parametrizando-os”**, foi desenvolvida uma pesquisa Bibliográfica, Documental e Descritiva, dando início às parametrizações necessárias propostas.

Para o segundo Objetivo Específico, **“Construir um compêndio conceitual parametrizado da Inovação contextualizando-o à realidade investigada”**, foi desenvolvida uma pesquisa Descritiva, Bibliográfica e Documental, com fins de parametrizar os dados acerca da Inovação entre os principais teóricos e documentos da área: *Manual de Oslo* (documento internacional), Sociedade da Informação no Brasil – *O Livro Verde, Livro Branco: Tecnologia e Inovação* e *Livro Azul* da 4ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável (documentos nacionais).

No terceiro Objetivo Específico, **“Relatar a trajetória Inovadora do Empreendedorismo Social trabalhado colaborativamente no locus Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba”**, ainda de característica Descritiva, foi realizada uma Pesquisa Documental no acervo do IFBA e do InQ.Ifba.

No quarto Objetivo Específico, **“Identificar a contribuição do Indivíduo Aprendiz Multiplicador na apresentação do Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos”**, foi realizada uma Pesquisa Bibliográfica, Documental, Quantitativa e Qualitativa e, dada a necessidade de se descrever um tempo vivido, utilizou-se de coortes retrospectivos e prospectivos. No quinto e último Objetivo Específico **“Apresentar um Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos a partir das ações de Empreendedorismo Social, trabalhadas Colaborativamente”**, foi desenvolvida uma pesquisa Bibliográfica e Documental, tendo em vista a importância de todo o percurso para se obter o modelo final.

Na pesquisa documental realizada em um dos livros nacionais, *Livro Azul* da 4ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável, assevera-se que a busca por novas possibilidades de transformar o conhecimento em Inovação

– e em riqueza, por consequência – envolve hoje inúmeros atores, sendo preciso repetir isso ao longo de toda essa caminhada. Não é tarefa apenas de governos, mas do conjunto da sociedade, representada pela academia, pelo setor empresarial, entidades de categorias profissionais, entidades do terceiro setor, entre outros. Entende-se então, que por mais escassas que as pesquisas sejam nas intercessões desses atores em prol de uma sociedade mais justa, tratar a Inovação como estratégia, tanto nas empresas como na academia e no governo, incentivando e financiando o desenvolvimento de competência na gestão da Inovação, é uma necessidade. Essa competência está diretamente relacionada com a ampliação da formação de mão de obra qualificada e com o estabelecimento de um melhor ambiente de negócios. Do que adianta um avanço tecnológico com uma população faminta, desigual e sem educação?

A entrada, mais recentemente, do desenvolvimento social na agenda da ciência e tecnologia, foi um importante passo político no Brasil; possibilitou avanços, ainda que limitados, como o crescimento das atividades de popularização da Ciência & Tecnologia, uma maior difusão de tecnologias sociais e da economia solidária, bem como a ampliação do uso de tecnologias assistivas.

Na Sociedade da Informação no Brasil – o *Livro Verde* existe o que chamamos de “Universalização do acesso”, ou busca para o combate à desigualdade e a promoção à cidadania; as tecnologias de informação e comunicação ainda não chegam a uma grande parte da população e, no Brasil, percebe-se, que, mesmo quem as utiliza muitas vezes não o faz de forma plena, por falta de conhecimento; caminhemos, então, na possibilidade de, através das nossas pesquisas, instrumentos e estudos podermos fazer algo que minimize a confirmada, porém reversível, desigualdade social.

## 1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

### 1.2.1 Objetivo Geral

Elaborar um Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos, Empreendendo Socialmente a partir das ações do Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba com a Aprendizagem Colaborativa, no Instituto Federal da Bahia – Brasil.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

1. Apresentar teoricamente o Empreendedorismo Social e a Aprendizagem Colaborativa, parametrizando-os.
2. Construir um compêndio conceitual parametrizado da Inovação, contextualizando-o à realidade investigada.
3. Relatar a trajetória Inovadora do Empreendedorismo Social trabalhado colaborativamente no *locus* “Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba”.
4. Identificar a contribuição do Indivíduo Aprendente Multiplicador na apresentação do Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos.
5. Apresentar um Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos, a partir das ações de Empreendedorismo Social trabalhadas Colaborativamente.

### 1.3 HIPÓTESES

As hipóteses são consideradas formulações provisórias e, obviamente, admissíveis, podendo posteriormente ser confirmadas ou refutadas. Ynoub (2007) afirma que mesmo o investigador científico, formulando hipóteses somente no resultado da investigação, deverá ter alguma hipótese no momento da criação do tema de investigação e de acordo com os problemas desenvolvidos, pois se não existirem as hipóteses, inviabilizará o campo a ser explorado.

Tem-se, portanto, delineadas cinco hipóteses:

**H1:** Sem ações colaborativas, não há Empreendedorismo Social.

**H2:** As ações de Empreendedorismo Social e Inovação, relacionadas à Aprendizagem Colaborativa no trabalho desenvolvido pelo Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, impactam e promovem melhores resultados no trabalho.

**H3:** As ações do InQ.Ifba podem fundamentar dados para a construção de modelos avaliativos de Empreendedorismo e Inovação.

**H4:** Existem parâmetros mensuráveis para quantificar a experiência da Inovação e Empreendedorismo.

**H5:** O estabelecimento de modelos que possam quantificar e qualificar a experiência da Inovação no empreendimento, reduzem a subjetividade do processo.

#### 1.4 ORGANIZAÇÃO DA TESE

Quanto à sua organização, a tese encontra-se disposta em cinco capítulos.

O primeiro capítulo buscou proporcionar um esclarecimento maior quanto à motivação e a relevância da investigação, chegando à problematização, na sequência tem-se os objetivos propostos e as hipóteses.

O segundo capítulo inicia-se com o marco teórico da tese, aprofundando o tema Empreendedorismo Social, Inovação, culminando na Aprendizagem Colaborativa e a sedimentação de seus parâmetros. No terceiro capítulo, apresentar-se-á o *locus* da pesquisa com a apresentação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) - *campus* de Vitória da Conquista, onde nasceu o Portal da Inovação e Qualidade para a difusão do conhecimento, cidade brasileira localizada no sudoeste baiano, encerra este capítulo. Dando seguimento, tem-se o quarto capítulo com as Abordagens Metodológicas e o detalhamento dos instrumentos de pesquisa. No quinto capítulo tem-se os Resultados Preliminares e Discussões. Ao final, nas Conclusões Propostas, demonstram-se proposições mediante explanação de toda a tese, bem como a apresentação de Trabalhos Futuros.

## CAPÍTULO 2

### PARÂMETROS PARA PENSAR EMPREENDEDORISMO SOCIAL, A INOVAÇÃO E A APRENDIZAGEM COLABORATIVA

#### 2.1 EMPREENDEDORISMO SOCIAL

Num contexto de crise e desafios sociais, econômicos e ambientais surge o “Empreendedorismo Social”, campo de análise e intervenção emergente em termos políticos e científicos, estando o fenômeno a expandir-se rapidamente e a atrair atenção crescente dos vários setores da sociedade (Martin; Osberg, 2007; Nicholls, 2006). Os Empreendedores Sociais, e suas ações, são encontrados em trabalhos desde Nicholls (2006).

Parente *et al.* (2011), fizeram uma importante retrospectiva acerca do Empreendedorismo Social citando uma lista de pessoas que, historicamente identificadas com o fenômeno, quer pelo trabalho desenvolvido, quer pelos impactos criados no setor de cidadania, destacaram-se:

- a) A inglesa **Florence Nightingale**, fundadora da primeira escola de enfermagem que desenvolveu práticas de enfermagem modernas na Segunda Guerra Mundial através de reformas profundas nos hospitais do exército inglês (Strachey *apud* Bornstein, 2007, p. 76; Nicholls, 2006).
- b) **Michael Young**, fundador do “*Institute for Community Studies*”, em 1953, e da “*School for Social Entrepreneurs*” (SSE), em 1997, no Reino Unido, apontado como tendo desempenhado um papel central na promoção e legitimação do campo do Empreendedorismo Social (Leadbeater, 1996).
- c) **Maria Montessori**, a médica italiana que, nos anos 60 do século XX, criou um método de educação revolucionário que consistia na defesa de que cada criança tinha um desenvolvimento único. O sucesso do seu método conduziu à criação de diversas Escolas Montessori (Nicholls, 2006).

Tem-se que, a apropriação do conceito de Empreendedorismo pelo Empreendedorismo Social, não envolve acumulação de riqueza ou lucro. O Empreendedorismo Social propõe a criação de ideias inovadoras para solucionar problemas sociais e a identificação de oportunidades oriundas do mercado para financiar uma missão social (Mendonça; Miranda; Ferraz, 2015); em Sousa e Gandolfi (2011), Empreendedorismo Social no contexto atual

emerge como uma via promissora da renovação da intervenção social, ao gerar tanto valor social quanto valor econômico, a partir da geração de trabalho e renda.

De forma mais aprofundada, em Cardona (2011), ressalta-se que, na maioria dos casos, os empreendedores sociais, tanto individuais quanto coletivos, tinham origens e experiências que lhes permitiam criar vínculos efetivos com atores muito diversos; o sucesso das iniciativas depende da capacidade dos líderes para trabalhar e construir pontes entre os diversos intervenientes. Para algumas iniciativas, o principal cenário de impacto da transformação social é econômico; em outros casos, a principal transformação é política e, em outros, a transformação fundamental é cultural.

Adentrando no cenário deste propósito, ainda citando Cardona (2011), existem quatro vínculos entre Inovação e responsabilidade social corporativa: Inovação social, Inovação organizacional, relação entre Inovação e empreendedorismo e o conceito de Inovação disruptiva. O ponto de encontro mais desenvolvido entre Inovação e responsabilidade social é justamente no conceito de Inovação disruptiva (Garriga; Melé, 2004, p. 55), através do qual, teoricamente, os benefícios são transferidos para cidadãos de países em desenvolvimento, através de empresas multinacionais que realizam atividades na base da pirâmide (Prahalad; Hart, 2002).

Há de se levar em consideração também as “Dimensões do Empreendedorismo Social”, vide **Quadro 1**, em Melo Neto e Fróes (2002): Psicossocial, Cultural, Econômica, Política, Ambiental e Regulatória/Institucional.

**Quadro 1** – Dimensões do Empreendedorismo Social.

<b>Dimensão</b>	<b>Desafio</b>	<b>Objetivo</b>
Psicossocial	1. Mudar comportamentos; 2. Instituir processos de participação; 3. Inovar (vinculada à inserção social); 4. Engajamento da comunidade; 5. Incentivar processos responsáveis e éticos.	Desenvolver o sentido de pertencimento à comunidade, com a valorização da cultura e do meio ambiente.
Cultural	1. Preservar a cultura local; 2. Incentivar e criar cultura de autossustentabilidade.	Preservar a cultura local e desenvolver a cultura de autossustentação.
Econômica	1. Gerar renda; 2. Criar emprego; 3. Criar mecanismos de benefícios e financiamento.	Melhorar a qualidade de vida da população.
Política	1. Criar novas, e desenvolver as atuais organizações sociais.	Posicionar as organizações sociais junto à sociedade.
Ambiental	1. Assegurar o uso sustentável dos recursos naturais; 2. Reduzir o impacto e criar critérios para sua utilização.	Assegurar as iniciativas de preservação do meio ambiente local.
Regulatória/Institucional	1. Incentivar a criação de políticas públicas para o empreendedorismo social.	Salvaguardar os direitos e deveres das organizações sociais.

Fonte: Melo Neto e Fróes (2002).

Com objetivos claros nas Dimensões do Empreendedorismo Social, formatadas por Melo Neto e Fróes (2002), percebe-se objetivos como: “Desenvolver o sentido de pertencimento à comunidade, com a valorização da cultura e do meio ambiente”, “Preservar a cultura local e desenvolver a cultura de auto sustentação”, “Melhorar a qualidade de vida da população”, “Posicionar as organizações sociais junto à sociedade”, “Assegurar as iniciativas de preservação do meio ambiente local”, e “Salvaguardar os direitos e deveres das organizações sociais”.

Como forma de contextualizar o tema, foi desenvolvido um trabalho entre voluntários do Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba na Pandemia da COVID-19, vivenciada também entre os estudantes do IFBA. Percebeu-se uma grande quantidade de indivíduos com a necessidade de Empreender para sobreviver – também chamado de “Empreendedorismo por Necessidade”. Essa necessidade era de sobrevivência: muitos profissionais ficaram desempregados, ou não tinham como entregar seus produtos. Assim, sem um plano de partida, sem recurso, mas, com sonhos e ideias inovadoras que fluíram, o sustento chegou e o objetivo foi alcançado: a subsistência das famílias. Dessa forma, muitas matérias semanais publicadas pelo InQ.Ifba, demonstraram esses novos empreendimentos à sociedade, e através de “Lives” (*Via Internet*), temas foram abordados nessa perspectiva, sejam elas: em 09/04/2020, o tema “Inovação para Serviços”, foi apresentado pelo especialista em Marketing Digital Heryck Almeida; em 16/04/2020, o tema “Novas Tendências para Empresas e Empreendedores Pós Covid-19”, foi apresentado pelo Gestor e Consultor Tayrone Félix; em 23/04/2020, o tema “Entendendo o mundo das Franquias” foi apresentado pela Empresária Mariane Florina; em 30/04/2020, o tema “Associativismo e Empreendedorismo: Juntos Somos + Fortes” foi apresentado pelo gestor paulistano Marcos Marthos.

Em fase de construção, e apresentando o Empreendedorismo sob um aspecto social e contextualizado com um exemplo real criado pelo InQ.Ifba, um *E-book* sobre Empreendedorismo para indivíduos com pouco letramento foi construído e, assim como também o seu game está sendo desenvolvido a pleno vapor, para o lançamento ainda em 2024. A obra, construída de forma colaborativa, com ações contundentes de Inovação, atuando com o Empreendedorismo Social, intitulada **EMPREENDA! DO PLANO DE NEGÓCIO AO MÍNIMO PRODUTO VIÁVEL (Anexo V)**; contextualizando na prática as “Dimensões do Empreendedorismo Social”, este *E-book* foi desenvolvido por indivíduos de áreas diferentes (Uma Engenheira Eletricista, uma Administradora, um Desenvolvedor de *Games* e uma *Designer* de *Games*) podendo, então: “Desenvolver o sentido de pertencimento à comunidade, com a valorização da cultura e do meio ambiente”, visto que o texto foi totalmente voltado para

a realidade de Vitória da Conquista, mas, que se adequaria às mais diversas cidades e realidades; “Preservar a cultura local e desenvolver a cultura de auto sustentação”, desde quando a “cara” do *E-book*, assim como o *game*, tem sido meticulosamente estudados e apresentados, de forma a conduzir a cultura local de maneira séria, com respeito e orgulho de pertencimento; “Melhorar a qualidade de vida da população”, visto que, desde o começo da obra, os autores pensaram em algo que desse vazão às ideias do leitor ou do jogador, se utilizando de uma realidade vivenciada no interior da Bahia, mas que, como ressaltado antes, poder-se-á aplicar a diversas e distintas realidades.

Nesta dimensão “Posicionar as organizações sociais junto à sociedade”, os autores relembram a necessidade de as organizações entenderem as dificuldades daqueles que não tem inclusão em grandes instituições, para se qualificarem ou participarem de realidades que estão longe de um dia a dia difícil; sem expertises nas áreas mais básicas do dito Empreendedorismo tão alardeado, mas que, às vezes, ventila sonhos que não são contextualizados na realidade.

Por fim, na contribuição de Melo Neto e Fróes (2002), quanto às **Dimensões do Empreendedorismo Social**, os últimos objetivos: “Assegurar as iniciativas de preservação do meio ambiente local”, e “Salvaguardar os direitos e deveres das organizações sociais”, percebeu-se que, em sendo um *E-book*, consegue-se uma capilaridade sem maiores custos; e, no que tange à gamificação do *E-book*, tanto melhor, visto que o contexto do assunto vem de maneira agradável e com alta jogabilidade, ainda que para aqueles que não têm tanto conhecimento na área. Segue o último objetivo: “Salvaguardar os direitos e deveres das organizações sociais”, a maior preocupação desta construção coletiva.

## 2.1.1 Dinâmicas do conceito de Empreendedorismo

### 2.1.1.1 Empreendedorismo: raízes teóricas

O Empreendedor é uma figura robusta que caminha a passos largos rumo à mudança, com uma complexidade de quem ouve os impulsos interiores. A iniciativa empreendedora é alardeada como forma de aumentar a produtividade e melhorar modelos de negócios (Drucker, 1970). Tem-se ainda, que os governos valorizam essa iniciativa como um caminho seguro para o crescimento econômico. Estamos na era do Empreendedorismo – nunca se repercutiu tanto sobre o “empreender”. O precursor de maior destaque nas teorizações sobre o conceito de empreendedor é, sem dúvida, Joseph Schumpeter (1883-1950). Para o autor, o indivíduo promotor de novas combinações produtivas e causador de choques e desequilíbrios na lógica

vigente do sistema econômico, impulsionando assim surtos de desenvolvimento econômico, é considerado Empreendedor. Ainda citando Schumpeter (1944), o Empreendedorismo seria gerado pelas inovações, caracterizadas pela adoção de instrumentos tais como a introdução de novos métodos de produção, a abertura de mercados, a conquista de novas fontes de matérias-primas, a criação de uma nova posição de monopólio, etc. No entanto, entende-se como algo considerado fugaz, visto que a Inovação geradora de desequilíbrio é reproduzida posteriormente pelos concorrentes, fato que proporciona o retorno ao equilíbrio e a desconstituição do diferencial empreendedor até aquele momento explorado, ratifica Schumpeter (1944). Logo, entende-se que o indivíduo considerado Empreendedor é visto como revolucionário, fugindo, assim, dos padrões tradicionais.

Pode-se, então, considerar algumas perspectivas para o empreendedor, em Portela *et al.* (2008):

(a) empreendedor como iniciador, capitalizador ou gerenciador de negócios, via mudanças adaptativas; (b) empreendedor como articulador de redes e detentor de capital social; (c) empreendedor como inovador e provocador de mudanças radicais no mercado; (d) empreendedor como líder dotado de traços comportamentais específicos, como criatividade, propensão ao risco, ambição, automotivação, etc.

A perspectiva neo-schumpeteriana, entretanto, chamou a atenção para o caráter social e sistêmico-interativo do processo de Inovação, conforme (Freeman; Soete, 1991; Lundvall, 1992 *apud* Guimarães, 2011). Levar-se-á, em consideração, uma rede de relações entre agentes sociais, não importando se a infraestrutura é pública e/ou privada, economia nacional ou internacional. Existe algo muito maior a se considerar.

#### 2.1.1.2 Empreendedorismo Social e seus Parâmetros

Para se alcançar os parâmetros necessários acerca do Empreendedorismo Social ressalta-se a importância de melhor entender o comportamento humano, contudo, sem fazermos distinção ainda entre o Empreendedor por Oportunidade, ou por Necessidade, ou ainda o foco do estudo que reside no Empreendedorismo Social.

Em McClelland (1971), os empreendedores são avaliados em função da ação de realização e algumas características são de grande importância, tudo convergindo para um comportamento inovativo. Na obra de Mogollón e Vaquero (2004), eles consideraram o

indivíduo fator determinante da capacidade inovadora da instituição, quer em termos de idade, quer em termos de espírito empreendedor.

Conforme Sarkar (2008), o comportamento inovador pode estar fortemente relacionado ao comportamento empreendedor, tendo em vista que os desenvolvimentos do espírito empreendedor e da Inovação já não podem ser vistos como uma escolha e sim, como uma necessidade. As características comportamentais que diferenciam indivíduos não empreendedores, daqueles que possuem características empreendedoras, perpassam pela Inovação. Segundo Hisrich e Peters (2004), são elas: controle interno e de disciplina, capacidade de correr riscos, Inovação, orientação para mudanças, persistência, liderança visionária e habilidade para administrar mudanças. Ainda existindo coincidências, para McClelland (1971), os empreendedores são avaliados em função da ação de realização e algumas características são de grande importância, a se ressaltar:

- Busca de oportunidade e iniciativa (se antecipar aos fatos e criar novas oportunidades de negócios), persistência (enfrentar os obstáculos decididamente).
- Correr riscos calculados (assumir desafios ou riscos moderados e responder pessoalmente por eles).
- Exigência de qualidade e eficiência (decisão de fazer sempre as expectativas de prazos e padrões dentro da qualidade).
- Comprometimento (com o cliente e com o próprio empresário).
- Busca de Informações (consulta a especialistas).
- Estabelecimento de metas (a longo e curto prazos mensuráveis).
- Planejamento e monitoramento sistemáticos (planeja e aprende a acompanhá-lo sistematicamente a fim de atingir as metas a que se propôs).
- Persuasão e rede de contatos (saber persuadir e utilizar sua rede de contatos, atuando para desenvolver e manter relações comerciais).
- Independência e autoconfiança (busca autonomia em relação a normas e procedimentos para alcançar o sucesso).

Ressalta-se ainda em McClelland (1971), três necessidades também importantes para o entendimento do comportamento inovativo: a necessidade de realização, afiliação e a necessidade de poder.

Conforme Dornelas (2008), autor que apresenta quatro fases no processo empreendedor: identificar e avaliar oportunidade; desenvolver o plano de negócios; determinar e captar os recursos necessários e gerenciar a empresa criada. Há de se levar em consideração semelhanças e diferenças em relação às características comportamentais empreendedoras citadas pelos autores. Logo, três aspectos são sempre citados nas definições sobre o empreendedorismo: possuir iniciativa para criar um novo negócio e ter paixão pelo que faz; utilizar os recursos disponíveis, utilizando a criatividade; e por último, aceitar assumir riscos calculados, reconhecendo a possibilidade de fracassar (Dornelas, 2008). Percebe-se a ligação existente entre Inovação e empreendedorismo, conforme Sarkar (2008). A Inovação está ligada ao empreendedorismo como ferramenta específica para a obtenção do novo.

Tem-se no **Quadro 2**, os Parâmetros do “Empreendedorismo Social” que adiante consubstanciará, juntamente com os “Parâmetros da Inovação”, e da “Aprendizagem Colaborativa”, a apresentação de um Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos com fins de reconhecer as perspectivas Inovativas, a partir das ações de Empreendedorismo Social, trabalhadas Colaborativamente.

**Quadro 2** – Parametrização do Empreendedorismo Social

<b>EMPREENDEDORISMO SOCIAL</b> McClelland (1971)
Autoconfiança, Busca de Informações, Busca de Oportunidade, Comprometimento, Correr Riscos Calculados, Eficiência, Estabelecimento de Metas, Exigência da Qualidade, Independência, Iniciativa, Monitoramento Sistemático, Persistência, Persuasão, Planejamento e Rede de Contatos.

Fonte: elaborado pela autora.

Ressalta-se que, de nenhuma forma, a pesquisadora priorizou temas, mas, é interessante ressaltar também que “Inovação”, o próximo item, mereceu um maior detalhamento por estar notadamente imbricado nos outros dois temas: “Empreendedorismo Social” e “Aprendizagem Colaborativa”. Ao final, será perceptível tal afirmação.

## 2.2 INOVAÇÃO

Em busca da parametrização da Inovação, na apresentação do ‘Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos’, tem-se a necessidade de um maior aprofundamento acerca do tema; a princípio, com diversos teóricos, sempre buscando trazer para a realidade do pensar coletivo, nos debruçaremos no resultado de um estudo em documentos que são a base da Inovação, em nível Internacional (*Manual de Oslo*), e Nacional (Sociedade da Informação no Brasil – *O Livro Verde*), (*Livro Branco: Tecnologia e Inovação*) e (*Livro Azul* da 4ª Conferência Nacional de

Ciência e Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável), chamado de *Path Teórico da Inovação*.

Qualquer mudança no potencial produtor de riqueza de recursos já existentes constitui Inovação; “A Inovação, de fato, cria um recurso” (Drucker, 2003) nessa obra, o autor apresenta passagens interessantes como os exemplos onde a Inovação fez-se presente:

- Alexander Fleming, analisando os bacteriologistas que faziam tudo que era possível para proteger suas culturas de bactérias da contaminação pelo fungo, percebeu que essa “praga” era exatamente o assassino de bactérias – e o fungo da penicilina tornou-se um recurso de valor;
- No caso do Japão visto como um país que imita e não inova – o seu sucesso está baseado na Inovação Social.

Tidd, Bessant e Pavitt (2008) clarificam ainda que a Inovação é movida pela habilidade de estabelecer relações, detectar oportunidades e conseguir tirar proveito das mesmas, e seus pilares básicos são: conhecimento (científico, tecnológico ou empírico), informação e criatividade. Dessa forma, entende-se que a Inovação está relacionada à mudança, podendo assumir diversas formas, como evidenciado nos “4 Ps da Inovação” propostos pelos autores:

- 1 Inovação de Produto/Serviço – mudança nas coisas (produtos/serviços) que uma empresa oferece.
- 2 Inovação de Processo – mudanças na forma em que os produtos/serviços são criados e entregues.
- 3 Inovação de Posição – mudanças no contexto em que os produtos/serviços são introduzidos.
- 4 Inovação de Paradigma – mudanças nos modelos mentais subjacentes que orientam o que a empresa faz.

No quadro abaixo tem-se definições de diversos autores, sem ordem ou prioridades. Temas como aumento de competitividade, novas ideias implementadas com sucesso, incrementos implementados paulatinamente, reinvenção contínua e até mesmo uma definição que coloca a Inovação como limite do caos, dentre outras; vide definições abaixo; há de se levar em consideração, conforme o quadro, que a linha tênue entre a razão e o caos, muitas vezes, promove mudanças nos ambientes, com resultados bem gratificantes.

**Quadro 3 – Definições de Inovação**

<b>Autor</b>	<b>Definição</b>
<b>C. K. Prahalad (Universidade de Michigan)</b>	Inovação é adotar novas tecnologias que permitem aumentar a competitividade da companhia.
<b>Chris Freeman (The economics of industrial innovation, 1982)</b>	A Inovação industrial inclui técnica, design, fabricação, gerenciamento e atividades comerciais pertinentes ao marketing de um produto novo (ou incrementado) ou do primeiro uso comercial de um processo ou equipamento novo (ou incrementado).
<b>Ernest Gundling (3M)</b>	Inovação é uma nova ideia implementada com sucesso, que produz resultados econômicos.
<b>Políticas Operacionais FINEP (2011)</b>	Inovação é a introdução, com êxito, no mercado, de produtos, serviços, processos, métodos e sistemas que não existiam anteriormente, ou contendo alguma característica nova e diferente do padrão em vigor. Compreende diversas atividades científicas, tecnológicas, organizacionais, financeiras, comerciais e mercadológicas. A exigência mínima é que o produto/serviço/ processo/método/sistema inovador deva ser novo ou substancialmente melhorado para a empresa em relação aos seus competidores.
<b>Fritjof Capra (Universidade de Berkeley)</b>	As organizações inovadoras são aquelas que se aproximam do limite do caos.
<b>Gary Hamel (Strategos)</b>	Inovação é um processo estratégico de reinvenção contínua do próprio negócio e da criação de novos conceitos de negócios.
<b>Giovanni Dosi (Universidade de Pisa)</b>	Inovação é a busca, descoberta, experimentação, desenvolvimento, imitação e adoção de novos produtos, novos processos e novas técnicas organizacionais.
<b>Guilherme Ary Plonski (Instituto de Pesquisas Tecnológicas)</b>	Inovação pode ter vários significados e a sua compreensão depende do contexto em que ela for aplicada. Pode ser ao mesmo tempo resultado e processo ou ser associada à tecnologia ou marketing.
<b>Joe Tidd, John Bessant e Keith Pavitt (Gestão da Inovação, 2008)</b>	Inovação é algo novo que agregue valor social ou riqueza, é o desenvolvimento de novos valores que mantêm ou aumentam a posição competitiva de uma empresa (gerando lucro).
<b>Joseph Schumpeter (economista)</b>	O que conta é a concorrência pelo novo bem de consumo, nova tecnologia, nova fonte de fornecimento, novo tipo de organização, concorrência que não atinge a margem dos lucros e dos resultados das empresas existentes, mas os seus fundamentos e suas próprias vidas.
<b>Martin Bell e Keith Pavitt (Universidade de Sussex)</b>	A Inovação pode ser vista como um processo de aprendizagem organizacional.
<b>Michel Porter (The Competitive Advantage of Nations, 1990)</b>	As empresas alcançam vantagem competitiva através de ações de Inovação. Abordam a Inovação em seu sentido mais amplo, incluindo tantas novas tecnologias, quanto novas formas de fazer as coisas.
<b>Peter Drucker (Universidade de Claremont) – Innovation and entrepreneurship, 2003.</b>	Inovação é o ato de atribuir novas capacidades aos recursos (pessoas e processos) existentes na empresa para gerar riqueza. É o esforço para criar mudanças objetivamente focadas no potencial econômico ou social de um empreendimento. A Inovação é a ferramenta específica de empreendedores, por meio da qual exploram a mudança como uma oportunidade para diferentes negócios ou serviços. É passível de ser apresentada como uma disciplina, passível de ser aprendida, passível de ser praticada.
<b>Philip Kotler e Fernando Trías de Bes (A Bíblia da Inovação, 2011)</b>	De fato, a Inovação nem sempre acarreta saltos gigantes adiante. A Inovação gradual, passo a passo, também é Inovação – e é tão necessária, ou até mais, que a versão radical. Isso é o que realmente torna o negócio sustentável. A Inovação também deve ser entendida como o desenvolvimento de uma cultura de Inovação dentro da empresa, que é aquilo que permite produzir e levar ao mercado um fluxo constante de inovações menores e incrementais.
<b>Price Pritchett (Consultoria Price Pritchett)</b>	Inovação é como nós nos mantemos à frente do nosso ambiente. As inovações fora da nossa organização vão acontecer “quando elas quiserem” – estejamos prontos ou não.

<b>Autor</b>	<b>Definição</b>
<b>Richard Branson</b> ( <i>DTI Innovation Lecture</i> )	Um negócio inovador é aquele que vive e respira fora dos padrões. Não se trata apenas de boas ideias, mas de uma combinação das mesmas, com uma equipe motivada e uma compreensão instintiva sobre o que seu cliente necessita.
<b>Ronald Jonash e Tom Sommerlatte (consultores)</b>	Inovação é um processo de alavancar a criatividade para criar valor de novas maneiras, através de novos produtos, novos serviços e novos negócios.
<b>Roy Rothwell e Paul Gardier</b> ( <i>Invention, reinnovation and the rol of the user, 1985</i> )	A Inovação não implica, necessariamente, apenas a comercialização de grandes avanços tecnológicos (Inovação radical), mas também inclui a utilização de mudanças de know-how tecnológico em pequena escala (melhoria ou Inovação por incremento).
<b>Steve Jobs (Ex-CEO na Apple)</b>	A Inovação só conhece um limite: a imaginação. Quem quiser ganhar um lugar de destaque tem que pensar de forma original, além dos quatro cantos do seu escritório. A Inovação não precisa ser tecnológica, pode ser um novo meio de fazer as coisas, com mais simplicidade e eficiência, uma abordagem diferente em relação ao cliente, uma linha de design mais elegante.
<b>Tom Kelley (Ideo)</b>	Inovação é o resultado de um esforço de time.
<b>Tony Davila, Marc J. Epstein e Robert Shelton</b> <i>As regras da Inovação (2007)</i>	Inovação é o poder de redefinir a indústria.
<b>Unidade de Inovação, Department of Trade and Industry, Reino Unido (2004)</b>	Inovação é a exploração de novas ideias.

Fonte: Simantob e Lippi (2003), Tidd, Bessant e Pavitt (2008), Davila, Epstein e Shelton (2007), FINEP (2011) e Trías de Bes e Kotler (2011).

No quadro acima, as definições acerca da Inovação são apresentadas sem contextualização. A parametrização proposta nesta investigação (nos Temas: Empreendedorismo Social, Inovação e Aprendizagem Colaborativa), busca um contexto dentro do *locus* eleito: o Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, ou seja, observar-se-á o entorno, suas peculiaridades e indivíduos. Segundo as definições explicitadas por alguns dos autores apresentados, a Inovação pode ser, ao mesmo tempo, resultado e processo, ou ser associada à tecnologia ou marketing ou, claro, ser adotada através de implantação de novas tecnologias que permitam aumentar a competitividade da companhia.

No **Quadro 4**, tem-se alguns autores e suas proposições sobre o que é a Inovação, complementando o **Quadro 3**.

**Quadro 4 – Inovação segundo diversos autores**

Schumpeter (1944)	Existem cinco tipos de Inovação: introdução de novos produtos, de novos métodos de produção, de novos mercados, desenvolvimento de novas fontes provedoras de matérias-primas e outros insumos e criação de novas estruturas de mercado em uma indústria.
Kline e Rosemberg (1986)	Chain-link. Modelo Linear, sustentado pelas teorias clássica e neoclássica, considerado superado por se apoiar excessivamente na pesquisa científica como fonte de novas tecnologias, além de implicar em uma abordagem sequencial.
Lundvall (1992) e Nelson (1993) <i>apud</i> Mota e Albuquerque (1996)	A Inovação como um sistema, bem próximo à evolucionista: estuda a influência das instituições externas, definidas de forma ampla, sobre as atividades inovadoras de empresas e outros atores. A Inovação é vista como um processo dinâmico em que o conhecimento é acumulado por meio do aprendizado e da interação.
Rosenberg (1994 <i>apud</i> FINEP, 2011)	A decisão de inovar ocorre sob grande incerteza.
Tirole (1995)	Importância do posicionamento competitivo, no âmbito da organização industrial.
Rogers (1995)	Visões sociológicas: decisões de adotar novos conhecimentos e tecnologias, tais como a vantagem relativa de uma nova tecnologia, sua compatibilidade com as formas existentes de realizar as tarefas, sua complexidade e a aptidão com a qual a empresa avalia a nova tecnologia.
Howells e Tether (2004)	Inovação em Serviços. O setor de serviços é diverso e está dividido em 4 grupos: lidam com Produtos, Informações, Conhecimento e Pessoas.
Nelson e Winter (2005)	Abordagens evolucionistas: a Inovação é um processo dependente da trajetória, por meio do qual o conhecimento e a tecnologia são desenvolvidos a partir da interação entre vários atores e fatores.
Lam (2005)	A Inovação organizacional centrada no papel das estruturas organizacionais, dos processos de aprendizado e da adaptação a mudanças na tecnologia e no meio-ambiente.
Perreault Junior e McCarthy (2005)	Implementação de práticas de Marketing: “4 Ps do Marketing”. Produto, Preço, Promoção e Posicionamento.

Fonte: Elaborado pela autora.

A imaginação é o limite para a Inovação. Nos anos 80, Drucker (2003) apresentou as sete fontes de Inovação, vide Quadro a seguir: o inesperado, as incongruências, a necessidade de pensamento, as estruturas de indústria e de mercado, a demografia, as mudanças de percepções e o novo conhecimento. Ressalta-se, também que o autor já entendia a gestão como função social, daí a razão de buscarmos sempre esse teórico.

**Quadro 5 – As 7 fontes de Inovação**

<b>O inesperado</b>	<b>A Inovação é trabalho organizado, sistemático e racional, intuição apenas, não basta. O inesperado é uma oportunidade, mas, exige pessoas preparadas, seriedade – a oportunidade é considerável. Ressalta-se, que, os fracassos, diferentemente dos sucessos, não podem ser postos de lado e raramente são desconhecidos, mas, poucas vezes são vistos como sintomas de oportunidades.</b>
<b>As incongruências</b>	Uma incongruência é um sintoma de uma oportunidade para inovar, sintoma de mudança já ocorrida, ou mudança que se pode fazer acontecer: geralmente disponível somente para quem está dentro de um determinado setor ou serviço.
<b>A necessidade de pensamento</b>	A oportunidade é a fonte de Inovação.
<b>As estruturas de indústria e de mercado</b>	A mudança na estrutura da indústria oferece oportunidades bem visíveis e bem previsíveis.
<b>A demografia</b>	O que faz a mudança demográfica uma oportunidade tão recompensadora para o empreendedor é, precisamente, o fato de ser negligenciada pelos tomadores de decisões,

	sejam eles homens de negócios, dirigentes públicos ou governantes que formulam políticas.
<b>As mudanças de percepções</b>	Por haver tanta incerteza em saber se a mudança na percepção é uma novidade passageira ou algo permanente, e quais são realmente as consequências, a Inovação baseada na percepção deve começar pequena e ser bem específica.
<b>O novo conhecimento</b>	As demandas sobre os inovadores baseados em conhecimentos são grandes e diferem de outras áreas da Inovação, além de retorno financeiro, ganham fama, com riscos maiores obviamente.

Fonte: Drucker (2003).

No **Quadro 6** a seguir, tem-se abordagens acerca da Inovação, numa perspectiva mais contemporânea, com temas como a vantagem competitiva sustentável, em Souza e Carvalho (2017), a dinâmica competitiva de mercado em Silva, Weschenfelder e Esteves (2016), o funcionamento de empresas em economias emergentes e a influência das capacidades resultantes na Inovação, citado por Zawislak *et al.* (2014), e a preocupação da Inovação não ser tratada como algo espontâneo e desarticulado da organização, em Fuck e Vilha (2011). A complexidade será abordada mais adiante.

**Quadro 6 – Complexidade na Compreensão da Inovação**

Fuck e Vilha (2011)	A gestão da Inovação possui o propósito de elaborar uma estrutura sistemática de rotinas e ferramentas, tendo como base uma perspectiva estratégica para que a Inovação não seja espontânea e desarticulada da organização.
Anthony (2012)	Inovar hoje é mais fácil que nunca, o momento parece ser ideal para abrir um negócio, afinal, a fartura de ferramentas gratuitas ou de baixo custo na internet e mercados hiperconectados colocam recursos de Inovação nas mãos de qualquer um e permitem a rápida disseminação de ideias.
Wilson e Doz (2012)	Muitas empresas têm dificuldade para explorar o potencial de Inovação de suas redes globais, principalmente porque tendem a gerenciar um projeto global como se fosse um tradicional.
Schreiber <i>et al.</i> (2013)	A competência em organizar os recursos de forma inovadora e tomar decisões com vistas à otimização dos recursos internos propicia às organizações assumir posições mais competitivas no mercado.
Zawislak <i>et al.</i> (2014)	Propõem um “Quadro de Análise de Capacidades” com o objetivo de analisar o funcionamento de empresas em economias emergentes e a influência das capacidades resultantes na Inovação. Neste modelo, a empresa é composta por dois condutores: um condutor tecnológico e um condutor de negócios. O condutor tecnológico é o que leva ao desenvolvimento de novos produtos e a sua futura produção e, por meio do condutor de negócios a empresa desempenha outras duas funções importantes: a integração das diferentes áreas da empresa e a integração da empresa com fornecedores e clientes.
Silva, Weschenfelder e Esteves (2016)	A medição da capacidade de Inovação promove um claro entendimento da dinâmica competitiva do mercado e pode contribuir para a criação de políticas públicas adequadas às necessidades das empresas.
Souza e Carvalho (2017)	A geração de valor vai além do desempenho financeiro e lucratividade, promovendo a perpetuidade da empresa, sua reputação e credibilidade no mercado e a Inovação pode promover essa vantagem competitiva sustentável.

Fonte: Elaborado pela autora.

Dada a necessidade de posteriormente consolidar o “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos”, tem-se a preocupação com a perfectibilidade de ideias, buscando caminhos que

facilitem a montagem posterior do instrumento, quando findadas as investigações. No Quadro abaixo observam-se 04 tipos de Inovação: de Produto, Processo, Organizacional e Marketing.

**Quadro 7 – Definição dos tipos de Inovação**

<b>Tipo de Inovação</b>	<b>Definição</b>
<b>Inovação de Produto</b>	Introdução de um bem ou serviço novo ou significativamente melhorado com relação aos produtos existentes, tanto de características funcionais, como de usos previstos. As inovações de produto podem utilizar novos conhecimentos ou tecnologias, ou podem basear-se em novos usos ou novas combinações para conhecimentos ou tecnologias existentes.
<b>Inovação de Processo</b>	Implementação de um método de produção ou distribuição novo ou significativamente melhorado. Os métodos de produção envolvem técnicas, equipamentos e/ou softwares utilizados para produzir bens e serviços. Já os métodos de distribuição dizem respeito à logística da empresa. Além de produção e distribuição, esse tipo de Inovação também envolve as atividades de compras, contabilidade, computação e manutenção e a implementação de tecnologias da informação e da comunicação (TIC) novas ou significativamente melhoradas, caso vise a melhoria de eficiência.
<b>Inovação Organizacional</b>	Implementação de um novo método organizacional, que pode ser uma nova prática da empresa, uma nova organização do local de trabalho ou nas relações externas. Os aspectos distintivos da Inovação organizacional comparada com outras mudanças organizacionais, está no fato de não ter sido usada anteriormente na empresa e que seja o resultado de decisões estratégicas tomadas pela gerência.
<b>Inovação de Marketing</b>	Implementação de novos métodos de marketing, como mudanças no <i>design</i> do produto e na embalagem, na promoção do produto e sua colocação no mercado, e de métodos de estabelecimento de preços de bens e de serviços. Implementação de um novo método de marketing, voltado para as necessidades dos consumidores, abrindo novos mercados, ou reposicionando o produto no mercado, com o objetivo de aumentar as vendas. Deve representar mudanças significativas na concepção do produto ou em sua embalagem, no posicionamento do produto, em sua promoção ou na fixação de preços. Deve fazer parte de um novo conceito ou estratégia de marketing que representa um distanciamento substancial dos métodos de marketing existentes na empresa.

Fonte: Carvalho (2009). Adaptado da OECD (2005, p. 47-52).

Entende-se que a Inovação ainda não é uma prática usual nas empresas brasileiras, segundo Zawislak (2004), algo em torno de 3% do PIB brasileiro é investido em programas, sem, contudo, gerar a riqueza que se vê em países como China e Índia; em 2022, segundo dados do Banco Mundial e do próprio Ministério de Ciência e Tecnologia, o Brasil tem investido 1,2% do PIB nessa área.

Ainda citando Zawislak (2004), existe uma prática gerencial pouco atrelada à Inovação, o que pode ser explicado, em parte, por conta da história recente, marcada pela instabilidade econômica, pela economia fechada e por uma cultura que sempre privilegiou a visão de curto prazo. Isso acontece em Instituições públicas ou privadas, logo, o papel de cada instituição é sistematizar o processo inovativo e permitir que haja a captação do resultado do aprendizado, ou seja, adquirir novo conhecimento a aplicá-lo de modo a gerar novas soluções, que levarão à Inovação sistematizada com a difusão deste conhecimento.

Dada a necessidade de buscar parâmetros para elucidar pontos acerca da investigação, quatro documentos foram eleitos, pela importância dos mesmos, para o que assim denominaremos, daqui por diante, de ‘*Path Teórico da Inovação*’, vide item a seguir.

**2.2.1 Path Teórico da Inovação: *Manual de Oslo*, Sociedade da Informação no Brasil – O Livro Verde, Livro Branco: Tecnologia e Inovação e Livro Azul da 4ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável. Em busca da parametrização**

Neste item adentrar-se-á mais aprofundadamente nos documentos estudados, de forma detalhada, por representarem a base teórica incontestável da Inovação, sejam eles: o *Manual de Oslo*, o *Livro Azul* da 4ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável, o *Livro Branco: Tecnologia e Inovação* e, finalizando, a Sociedade da Informação no Brasil – O *Livro Verde*.

***Manual de Oslo***

O *Manual de Oslo* tem, como objetivo, a orientação e padronização de conceitos e metodologias e a construção de estatísticas e indicadores de Pesquisa & Desenvolvimento (P&D) de países industrializados, daí a razão de sua escolha para consubstanciar o tema Inovação. Muito embora o Brasil não faça parte deste seleto grupo, temos criado documentos respeitados advindos do Manual de Oslo. A primeira edição do *Manual de Oslo* data de 1990. A primeira tradução para o português foi produzida e divulgada pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) em meio eletrônico, em 2004. A terceira edição agrega atualizações apresentadas em 2005. O *Manual* tornou-se referência para diversas pesquisas que examinaram a natureza e os impactos da Inovação no setor comercial, tais como a *Community Innovation Survey* (CIS); atualmente o *Manual de Oslo* está em sua quarta edição, com dados atualizados em 2018.

São 38 os membros que compõem a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE): Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Chile, Colômbia, Coreia do Sul, Costa Rica, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Irlanda, Islândia, Israel, Itália, Japão, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, México, Noruega, Nova Zelândia, Polônia, Portugal, Reino Unido, República Checa, Suécia, Suíça e Turquia, infelizmente, até o momento (como dito anteriormente) o Brasil ainda não faz parte da OCDE. No *Manual de Oslo*, estes governos

podem comparar experiências políticas, buscar respostas para problemas comuns, identificar boas práticas e trabalhar para coordenar políticas domésticas e internacionais. Entende-se entretanto, que são realidades distintas do nosso país mas, faz-se necessário buscar padrões reconhecidos no tema. Ressalta-se ainda a relação entre o *Manual de Oslo* e outros padrões e conceitos relacionados à Inovação. Tem-se famílias básicas de indicadores:

- de Ciência e Tecnologia (C&T), que são relevantes para a mensuração deste tema;
- recursos direcionados à P&D - os dados sobre P&D são coletados por pesquisas nacionais com conformidade com o *Manual Frascati* (OCDE, 2007); tais dados mostram-se válidos em vários estudos, exemplo: os efeitos da P&D na produtividade foram estimados por técnicas econométricas, tanto para países como para setores e instituições. Como a P&D não abarca todos os esforços das empresas e governos nessa área, pois, existem outras formas de mudanças técnicas, como o aprendizado pela prática, tais não são tratados por essa definição restrita.

Existe, então, entre os países que formam a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), um consenso de opiniões sobre a demanda de indicadores de Inovação e as necessidades fundamentais de políticas e teoria econômica, conseqüentemente também sobre as definições e a abrangência da Inovação sobre as lições a serem aprendidas a partir de outras pesquisas. Dessa forma, pode-se refletir, em dados, porquê as instituições inovam, quais são as forças que conduzem à Inovação e os fatores que a obstruem e explorar como os processos de Inovação são desenvolvidos no âmbito da indústria e nas esferas regionais ou nacionais.

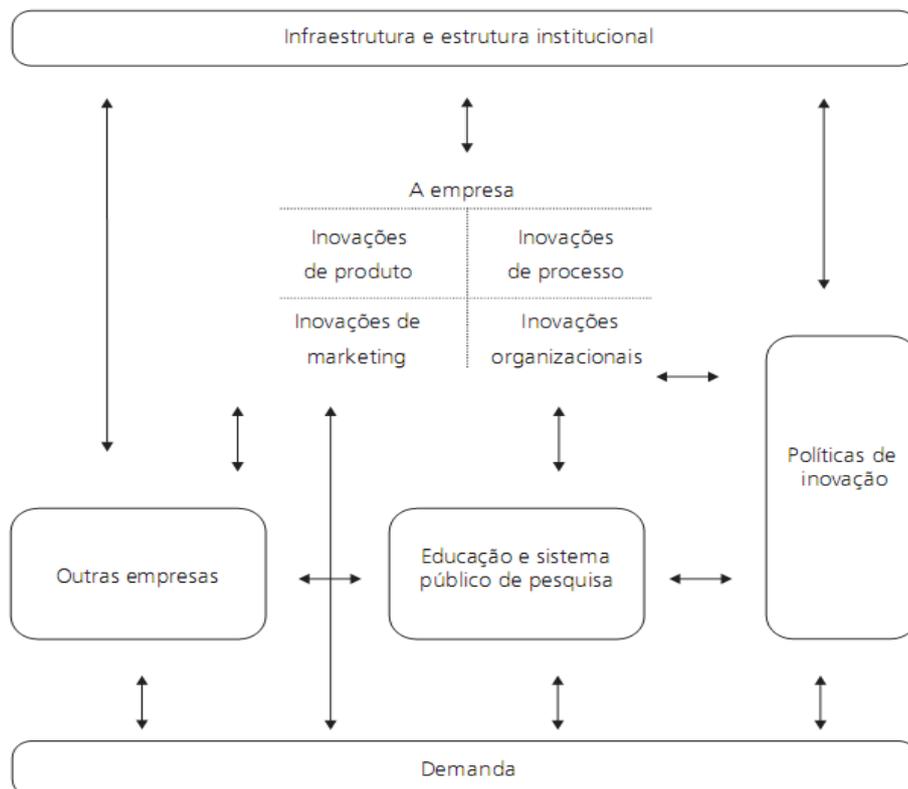
Faz-se necessário entender o perfil do processo de mensuração da Inovação, levando-se em consideração as interações entre empresas e instituições de pesquisa, bem como a estrutura institucional nas quais as empresas operam, e o papel da demanda. A estrutura utilizada no *Manual de Oslo* representa, pois, uma integração de visões de várias teorias da Inovação baseadas na empresa, com as abordagens que assumem a Inovação como um sistema.

A estrutura *chain-link*, ou Modelo Linear, sustentada pelas teorias clássica e neoclássica, é considerada superada por se apoiar excessivamente na pesquisa científica como fonte de novas tecnologias, além de implicar em uma abordagem sequencial, Kline e Rosenberg (1986). Existe uma complexidade (a princípio já ressaltada no **Quadro 6**: Complexidade na

Compreensão da Inovação), muito maior nas instituições da atualidade, sobretudo, no mercado pós COVID-19.

Na figura a seguir tem-se a estrutura de mensuração da Inovação, proposta pelo *Manual de Oslo*, onde as principais características dessa estrutura são: a Inovação na empresa; as interações com outras empresas e instituições de pesquisa; a estrutura institucional nas quais as empresas operam; e o papel da demanda.

**Figura 1** – A estrutura de mensuração da Inovação



Fonte: *Manual de Oslo*.

No futuro, o resultado para as qualificações deste estudo, ainda que vislumbrando algumas dificuldades, consistirá na absorção dos processos inovativos e das pesquisas sobre Inovação, oferecendo dados sobre esses temas por meio de questões a respeito dos obstáculos à Inovação e dos métodos de apropriação usados por instituições inovadoras, estejam elas localizadas onde estiverem, em nível nacional ou internacional. Trabalhar de forma sistêmica contribui de forma contundente para o processo inovativo, ajudando a determinar a influência de programas governamentais para a promoção do compartilhamento de conhecimentos e consequente difusão da tecnologia.

Nos Quadros 8 e 9 a seguir, ressaltam-se a Difusão Intrafronteiras e Extrafronteiras, com os tipos de interações e a coleta de dados sobre as interações no processo de Inovação.

**Quadro 8 – Difusão Intrafronteiras**

Tipos de interações: fontes de informações abertas, Inovação cooperativa, que, permite que as empresas tenham acesso ao conhecimento e à tecnologia que elas não estariam aptas a utilizar sozinhas – os parceiros aprendem uns com os outros.
Coleta de dados sobre as interações no processo de Inovação: fontes abertas (informações disponíveis que não exigem a compra de tecnologia ou de direitos de propriedade intelectual); aquisição de conhecimentos e tecnologia (compra de conhecimento externo e/ou conhecimentos e tecnologias incorporados em bens de capital e serviços, que não envolvem interação com a fonte); Inovação cooperativa (cooperação ativa com outras empresas ou instituições públicas de pesquisa para atividades de Inovação, que podem incluir compras de conhecimento e de tecnologia).
Outros indicadores de interação: pode-se coletar informações adicionais sobre as formalidades que regulam a cooperação, a disponibilização de conhecimentos específicos no campo dos acordos de cooperação, e informações econômicas mais gerais sobre cada parceiro; as informações sobre as atividades empresariais que visam melhorar o capital social podem ser obtidas por meio de questões sobre a Inovação organizacional; perguntando se as empresas implementaram novas práticas e rotinas para introduzir uma nova cultura de negócios e novos valores.

Fonte: Adaptado do *Manual de Oslo*.

Na Difusão Extrafronteiras, que é relevante para identificar os efeitos econômicos da Inovação e para estabelecer os contornos de uma rede de comunicação de empresas, tem-se as interações muito intensas. A difusão extrafronteiras, é influenciada pelos transbordamentos de conhecimento e pelos métodos usados pelas empresas para proteger sua propriedade intelectual.

**Quadro 9 – Difusão Extrafronteiras**

É difícil para as empresas estimar o impacto de suas inovações fora dos seus limites ou rastrear o uso de algum tipo de conhecimento novo. Isso pode ser realizado com a identificação dos principais usuários de suas inovações para as seguintes classificações: mercados consumidores, domésticos, estrangeiros, insumos para outras empresas, domésticos e estrangeiros.
--

Fonte: Adaptado do *Manual de Oslo*.

No **Quadro 10**, apresenta-se a Gestão do Conhecimento, com a constante preocupação na obtenção de novos conhecimentos e métodos – algo bem estudado lá fora e clara e amplamente explicitado no *Manual de Oslo*. Corroborando com essa perspectiva, tem-se a seguir a **Figura 2**, onde as Fontes para a transferência de Conhecimento e Tecnologia tão bem representam a questão das parcerias, as fontes abertas e as compras de conhecimento.

**Quadro 10 – Gestão do Conhecimento**

Envolve as atividades relativas à apreensão, uso e compartilhamento de conhecimentos pela organização; gestão das interações externas e dos fluxos de conhecimento no interior da empresa, incluindo métodos e procedimentos de busca de conhecimento externo e o estabelecimento de relacionamentos mais estreitos com outras empresas, consumidores ou instituições de pesquisa; práticas de obtenção de novos conhecimentos e métodos para o compartilhamento e o uso dos conhecimentos, incluindo a implantação de sistemas de valores para a codificação de rotinas. Exemplos: as bases de dados sobre as “melhores práticas” dos trabalhadores; a educação regular ou os programas de treinamento; os grupos de trabalho formais e informais para promover a comunicação entre os trabalhadores e sua interação; as atividades de integração, que promovem a interação entre os empregados de diferentes áreas, por exemplo, engenheiros e operários da produção.
---

Fonte: Adaptado do *Manual de Oslo*.

Na **Figura 2**, ressalta-se a preocupação que as 38 nações tiveram, no *Manual de Oslo*, no que diz respeito aos inventos e patentes, sobretudo, no setor *público*, como em Institutos e Universidades, notadamente celeiros de descobertas que marcaram a humanidade; nessa perspectiva, aqui no Brasil o cenário não é diferente.

**Figura 2** – Fontes para conhecimento e transferência de tecnologia

	Fontes abertas de informação	Fontes para compras de conhecimentos e tecnologia	Parceiros para cooperação
<b>Fontes no interior da empresa:</b>			
P&D	•		
Produção	•		
Marketing	•		
Distribuição	•		
Outras empresas no grupo empresarial	•	•	•
<b>Mercado externo e fontes comerciais:</b>			
Concorrentes	•	•	•
Outras empresas na indústria	•	•	•
Clientes ou consumidores	•		•
Consultores/empresas de consultoria		•	•
Fornecedores de equipamentos, materiais, componentes			
Softwares ou serviços	•	•	•
Laboratórios comerciais	•	•	•
<b>Fontes do setor público:</b>			
Universidades e outras instituições de ensino superior	•	•	•
Institutos de pesquisa governamentais/públicos	•	•	•
Institutos de pesquisa privados e sem fins lucrativos	•	•	•
Serviços especializados públicos/semipúblicos de suporte à inovação	•	•	•
<b>Fontes de informações gerais:</b>			
Divulgação de patentes			
Conferências profissionais, encontros, publicações especializadas e jornais	•		
Feiras e exposições	•		
Associações profissionais, sindicatos trabalhistas	•		
Outras associações locais	•		
Contatos informais ou redes	•		
Padrões e agências de padronização	•		
Regulações públicas (ambiente, segurança)	•		

Fonte: *Manual de Oslo*.

No *Manual de Oslo*, para permitir a comparabilidade com os resultados de pesquisas sobre Inovação, todas as atividades de Inovação, exceto a P&D (compreende o trabalho criativo realizado de forma sistemática com o objetivo de aumentar o estoque de conhecimentos, incluindo os conhecimentos do homem, da cultura e da sociedade, e o uso desse estoque de conhecimentos para antever novas aplicações, como define o *Manual Frascati*), são divididas entre inovações de produto e de processo, de um lado, e de marketing e organizacionais, de outro, conforme **Quadro 7**, apresentado anteriormente. As atividades para as inovações de

produto e de processo compreendem a aquisição de outros conhecimentos externos; além da P&D, as instituições podem adquirir tecnologia e *know-how* de diversas formas e de várias fontes, juntamente com o desenvolvimento e a implementação de inovações.

Ainda, tem-se para inovações de produto e de processo, atividades internas relacionadas com o desenvolvimento e a implementação de inovações de produto e de processo não englobadas na P&D, sejam elas: o desenho industrial, a engenharia e a colocação em funcionamento, e a produção para testes. Ou totalmente excluídas dessa ótica, como patentes e licenças, a fase inicial da produção e os testes. Para as inovações de *marketing*, pode-se relacionar o desenvolvimento à implementação dos quatro tipos de instrumentos:

- Preparação para a introdução de novos métodos de marketing na concepção ou na embalagem de um produto;
- Métodos de formação de preços;
- Posicionamento do produto;
- Promoção do produto (aqui cabe ressaltar o *design*, que se preocupa com a aparência dos produtos e não a suas especificações técnicas ou outras características funcionais).

**Quadro 11** – Atividades de Inovação

P&D – Pesquisa e desenvolvimento experimental intramuros (interna)	P&D – Pesquisa e desenvolvimento experimental extramuros (externa)
Atividades adquiridas de instituições de pesquisa públicas ou privadas ou de outras; atividades para as inovações de produto e de processo.	Aquisição de máquinas, equipamentos e outros bens de capital; outras preparações para inovações de produto e de processo; preparações de mercado para inovações de produto; treinamento; preparações para inovações de marketing; preparações para inovações organizacionais.

Fonte: Adaptado do *Manual de Oslo*.

Conforme o *Manual de Oslo*, existe a necessidade de se avaliar o processo das Políticas Públicas acerca da Inovação, bem como da internacionalização neste processo, levando-se em consideração as fontes externas de financiamento, que podem ser separadas em fontes de financiamento domésticas e internacionais.

- Próprio;
- Originário de empresas relacionadas (subsidiárias ou associadas);
- De outras instituições (não-financeiras);
- De instituições financeiras (empréstimos bancários, capitais de risco, etc.);

- Do governo (empréstimos, subvenções, etc.);
- De organizações supranacionais ou internacionais e outras fontes.

De uma forma geral, então, os objetivos precisam ser muito bem definidos para que os obstáculos rumo à Inovação sejam minimizados. Na figura a seguir (**Figura 3**), tem-se os fatores relacionados aos objetivos e efeitos da Inovação. O que é relevante para uma Inovação de produto, por exemplo, pode não ser relevante para uma Inovação de processo, organizacional ou de *marketing*. Na **Figura 3**, observam-se os fatores relacionados aos objetivos e efeitos da Inovação: competição, demanda e mercados, a produção e distribuição e a organização do local de trabalho.

**Figura 3** – Fatores relacionados aos objetivos e efeitos da Inovação

Relevante para:	Inovações de produto	Inovações de processo	Inovações organizacionais	Inovações de marketing
<b>Competição, demanda e mercados</b>	•			
Reposição de produtos tomados obsoletos	•			
Aumento da gama de bens e serviços	•			
Desenvolvimento de produtos não agressivos ao meio ambiente	•			
Aumento ou manutenção da parcela de mercado	•			•
Entrada em novos mercados	•			•
Aumento da visibilidade ou da exposição dos produtos				•
Tempo reduzido de resposta às necessidades dos consumidores		•	•	
<b>Produção e distribuição</b>				
Aumento da qualidade dos bens e serviços	•	•	•	
Aumento da flexibilidade de produção ou provisão de serviços		•	•	
Aumento da capacidade de produção ou de provisão de serviços		•	•	
Redução dos custos unitários de produção		•	•	
Redução do consumo de materiais e energia	•	•	•	
Redução dos custos de concepção dos produtos		•	•	
Redução dos tempos de produção		•	•	
Obtenção dos padrões técnicos industriais	•	•	•	
Redução dos custos operacionais para a provisão de serviços		•	•	
Aumento da eficiência ou da velocidade do fornecimento e/ou distribuição de bens ou serviços		•	•	
Melhoria das capacitações de TI		•	•	
<b>Organização do local de trabalho</b>				
Melhoria da comunicação e da interação entre as diferentes atividades de negócios			•	
Melhoria do compartilhamento e da transferência de conhecimentos com outras organizações			•	
Melhoria da capacidade de adaptação às diferentes demandas dos clientes			•	•
Desenvolvimento de relações fortes com os consumidores			•	•
Melhoria das condições de trabalho		•	•	
<b>Outros:</b>				
Redução de impactos ambientais ou melhoria da saúde e da segurança	•	•	•	
Execução de exigências regulatórias	•	•	•	

Fonte: *Manual de Oslo*.

No **Quadro 12**, observa-se o impacto da Inovação sobre o faturamento, fonte de objetivos empresariais e levando-se em consideração o ciclo de vida de um produto; faz-se necessário que uma estimativa assertiva seja feita no que tange à dimensão média dos ciclos de vida de seus produtos. Essa informação pode ser usada para ponderar os indicadores de resultado com as parcelas de faturamento, tão cobrado em apresentações de *Startups* e suas derivações.

**Quadro 12 – Impacto da Inovação sobre o faturamento**

PROCESSO: estima-se o percentual do faturamento afetado pelas inovações de processo. Isso pode fornecer uma indicação da extensão das inovações de processo em termos das operações totais das empresas.	MARKETING: estima-se o percentual das vendas decorrente dos bens e serviços com melhorias significativas na concepção do produto ou na sua embalagem e estima-se da parcela de vendas afetada por novos métodos de marketing em formulação de preços, promoção e posicionamento.
PROCESSO SOBRE OS CUSTOS E O EMPREGO: se o emprego aumentou ou diminuiu com, e, em que medida.	PRODUTIVIDADE: se as inovações de processo ou as inovações organizacionais conduzem à melhoria da eficiência.

Fonte: *Manual de Oslo*.

Na **Figura 4** a seguir, são apresentados os fatores que dificultam as atividades de Inovação. Se, por exemplo, as instituições não estão aptas a proteger suas inovações da imitação dos concorrentes, elas terão menos incentivo para inovar.

**Figura 4 – Fatores que dificultam as atividades de Inovação**

Relevante para:	Inovações de produto	Inovações de processo	Inovações organizacionais	Inovações de marketing
<b>Fatores relativos ao custo:</b>				
Riscos percebidos como excessivos	•	•	•	•
Custo muito elevado	•	•	•	•
Carência de financiamento interno	•	•	•	•
Carência de financiamento de outras fontes fora da empresa:	•	•	•	•
– capital de risco	•	•	•	•
– fontes públicas de financiamento	•	•	•	•
<b>Fatores relativos aos conhecimentos:</b>				
Potencial inovador (P&D, design, etc.) insuficiente	•	•		•
Carência de pessoal qualificado:	•	•		•
– no interior da empresa	•	•		•
– no mercado de trabalho	•	•		•
Carência de informações sobre tecnologia	•	•		
Carência de informações sobre os mercados	•			•
Deficiências na disponibilização de serviços externos	•	•	•	•
Dificuldade de encontrar parceiros para cooperação em:	•	•		•
– desenvolvimento de produto ou processo	•	•		
– parcerias em marketing	•	•		•
Inflexibilidades organizacionais no interior da empresa:	•	•		•
– atitude do pessoal com relação a mudanças	•	•	•	•
– atitude da gerência com relação a mudanças	•	•	•	•
– estrutura gerencial da empresa	•	•	•	•
Incapacidade de direcionar os funcionários para as atividades de inovação em virtude dos requisitos da produção	•	•		
<b>Fatores de mercado:</b>				
Demanda incerta para bens ou serviços inovadores	•			•
Mercado potencial dominado pelas empresas estabelecidas	•			•
<b>Fatores institucionais:</b>				
Carência de infra-estrutura	•	•		•
Fragilidade dos direitos de propriedade	•			•
Legislação, regulações, padrões, tributação	•	•		•
<b>Outras razões para não inovar:</b>				
Não necessidade de inovar decorrente de inovações antigas	•	•	•	•
Não necessidade decorrente da falta de demanda por inovações	•			•

Fonte: *Manual de Oslo*.

No Quadro a seguir, então, tem-se a Parametrização do *Manual de Oslo*, que posteriormente será apresentado de forma uníssona com os Manuais Nacionais.

**Quadro 13** – Parametrização do *Manual de Oslo*

<b>MANUAL DE OSLO</b>
Implementação de um produto, bem ou serviço novo ou significativamente melhorado; um novo método de marketing ou um novo método organizacional nas práticas de negócios no ambiente interno ou externo; técnicas avançadas de gerenciamento; introdução de estruturas organizacionais significativamente modificadas; implantação de orientações estratégicas corporativas novas ou substancialmente modificadas.

Fonte: elaborado pela autora.

### **Sociedade da Informação no Brasil – O Livro Verde**

“Na sociedade da informação, o cenário econômico transforma-se de tal modo que inovar e converter conhecimento em vantagem competitiva passam a constituir importantes diferenciais” (*Livro Verde*).

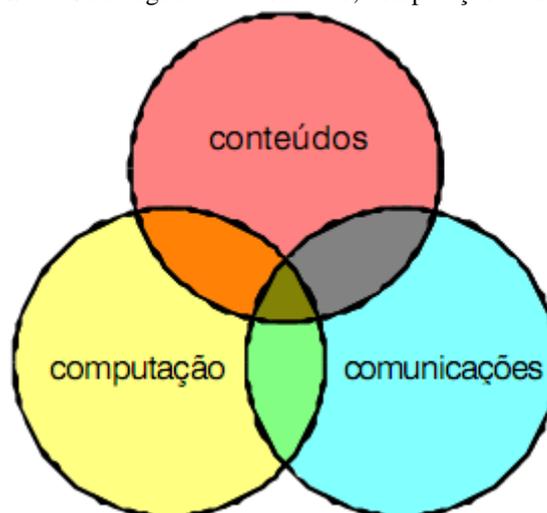
O conhecimento tornou-se, hoje, mais do que no passado, um dos principais fatores de superação de desigualdades, de agregação de valor, criação de emprego qualificado e de propagação do bem-estar. Nessa perspectiva, fica claro a razão da escolha do *Livro Verde* para a parametrização da Inovação. Na leitura do referido Manual, percebe-se que em vários momentos a realidade do *locus* da investigação se confunde com a proposta do Livro Verde, lançado para divulgação e debate entre os Ministérios, o setor empresarial e a comunidade científica; as ideias nele apresentadas devem ser debatidas nos segmentos interessados da sociedade brasileira. Esse documento perpassa por um conjunto de ações para que seja impulsionada a Sociedade da Informação no Brasil em todos os seus aspectos: ampliação do acesso, meios de conectividade, formação de recursos humanos, incentivo à pesquisa e desenvolvimento, comércio eletrônico, desenvolvimento de novas aplicações. Esta meta é um desafio para o Governo e para a sociedade assim como a busca pela difusão do conhecimento e do desenvolvimento científico e tecnológico constantes para impulsionar pesquisas rumo à melhoria do coletivo.

Em setembro de 2000, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) entrega à sociedade o *Livro Verde*, que contém as metas de implementação do Programa Sociedade da Informação e constitui uma súmula consolidada de possíveis aplicações de Tecnologias da Informação. O documento que lhe deu origem foi elaborado pelo Grupo de Implantação do Programa, composto por representantes do MCTI, da iniciativa privada e do setor acadêmico, sob a coordenação de Tadao Takahashi.

A reflexão persiste: existe a necessidade de inserção de outros países na sociedade internacional, e, conseqüentemente, no sistema econômico mundial? Novas demandas são percebidas, e países emergentes, como o Brasil, com realidades e demandas diferentes precisam ser tratados de forma diferente como asseverou o *Manual de Oslo*. A chamada “alfabetização digital”, por exemplo, sai de meros ensaios jornalísticos, filmes de ficção ou comerciais premiados, para uma realidade necessária e posta. Na era da *Internet*, o Governo deve promover a universalização do acesso e o uso crescente dos meios eletrônicos de informação para gerar uma administração eficiente e transparente em todos os níveis. E isso posto num Livro de 2000; vinte e quatro anos depois, tem-se a realidade cruel de exclusão, por falta de *Internet* confiável e constante, por exemplo.

Percebe-se que o *Livro Verde* propõe a criação e manutenção de serviços equitativos e universais de atendimento ao cidadão, cabendo sempre ao governo uma política de inclusão social, para que o salto tecnológico tenha paralelo quantitativo e qualitativo nas dimensões humana, ética e econômica. Nas premissas do *Livro Verde*, tem-se o que chamamos de convergência da base tecnológica, conforme ilustrado na **Figura 5**, a seguir. Dá-se, portanto, a condição de representar quaisquer tipos de informações de apenas uma forma, a digital: a computação (a informática e suas aplicações), as comunicações (transmissão e recepção de dados, voz, imagens etc.) e os conteúdos (livros, filmes, pinturas, fotografias, música etc.). Portanto, possibilidades crescem diante dessas aplicações.

**Figura 5** – Convergência de conteúdo, computação e comunicações.



Fonte: Sociedade da Informação no Brasil – O *Livro Verde*.

A sociedade da informação não é um modismo, mas, uma realidade, um novo paradigma tecno-econômico: um fenômeno global. Ressaltando-se que 90% da população, em outros

tempos, jamais teve acesso ao telefone, então, como não deixar que essa popularização de meios tecnológicos fique apenas nas mãos de alguns? A inserção favorável nessa nova onda requer, entretanto, além de base tecnológica e de infraestrutura adequadas, um conjunto de condições e de inovações nas estruturas produtivas e organizacionais, no sistema educacional e nas instâncias reguladoras, normativas e de governo em geral.

Logo no princípio da apresentação do *Livro Verde*, foi colocada a importância em se levar em consideração na sociedade da informação o cenário econômico, se transformando através da Inovação, para posteriormente se obter a vantagem competitiva, tão importante diferencial. O processo inovador, então, supõe cada vez mais a produção e aplicação de informações e conhecimentos e a sua gestão, nos moldes do que hoje se denomina inteligência coletiva, empresarial e organizacional. Como despertar, então, o empreendedorismo dos brasileiros? O ponto de partida é o lançamento de projetos inovadores, com a iniciativa privada, conforme o *Livro Verde*. Ressalta-se, também, a necessidade de oportunidades de trabalho para todos (mais e melhores empregos), educação e aprendizado ao longo da vida, desenvolvendo competência e universalização do acesso; combatendo desigualdades e promovendo a cidadania, valorização de conteúdos e identidade cultural.

A Administração transparente e centrada no cidadão, certamente está pautada no *Livro Verde*, que também perpassa pela pesquisa e desenvolvimento, onde o conhecimento é a riqueza das nações e o desenvolvimento sustentável é a preservação do futuro, ou seja, uma total integração ou intercessão, vista na figura anterior, unindo conteúdo, computação e comunicações. Nestas passagens, percebe-se claramente que os parâmetros inovativos já vão se consolidando dentro da realidade investigada. Novas competências e saberes são requeridos nessa perspectiva da nova economia. Particularmente estratégico, nesse contexto.

Tratando-se de algo mais complexo, na realidade do Brasil, país agraciado com reservas naturais, a perspectiva do desenvolvimento sustentável constitui uma referência básica a ser incorporada em seu projeto de sociedade da informação; tem-se, então, a ótica da sustentabilidade ecológica, com o apoio das tecnologias da informação e comunicação - é possível criar sistemas e serviços avançados de informação e de prevenção de riscos sobre o meio ambiente; assim, com as novas mídias e redes eletrônicas, criam-se também condições mais favoráveis para a informação e conscientização públicas a respeito do meio ambiente, como alerta e suporte às políticas públicas, estratégias empresariais e ações sociais.

Outro ponto importante tratado no *Livro Verde* foi a necessidade da tecnologia ser um elemento integrador, por reduzir distâncias, tempo e custos; por meio desta tão buscada tecnologia, pequenos negócios podem desenvolver afinidades econômicas, ganhar visibilidade

global e conquistar mercados, realidade percebida na Pandemia. Novos negócios são viabilizados proporcionando condições para que pessoas e empresas possam se estabelecer onde desejarem e tirar partido das características e potencialidades regionais.

Alguns itens clarificados no *Livro Verde*, como ‘Linhas de Ação’, têm seu compartilhamento sob responsabilidades de três setores: governo, iniciativa privada e sociedade civil. Para tanto, irá se desdobrar nas seguintes grandes Linhas de Ação:

- 1) **Mercado, trabalho e oportunidades** – promoção da competitividade das empresas nacionais e da expansão das pequenas e médias empresas, apoio à implantação de comércio eletrônico e oferta de novas formas de trabalho, por meio do uso intensivo de tecnologias de informação e comunicação.
- 2) **Universalização de serviços para a cidadania** – promoção da universalização do acesso à Internet, buscando soluções alternativas com base em novos dispositivos e novos meios de comunicação, promoção de modelos de acesso coletivo ou compartilhado à Internet, bem como fomento a projetos que promovam a cidadania e a coesão social.
- 3) **Educação na sociedade da informação** – apoio aos esquemas de aprendizado, de educação continuada e a distância baseados na Internet e em redes, mediante fomento a escolas, capacitação dos professores, auto-aprendizado e certificação em tecnologias de informação e comunicação em larga escala; implantação de reformas curriculares visando ao uso de tecnologias de informação e comunicação em atividades pedagógicas e educacionais, em todos os níveis da educação formal.
- 4) **Conteúdos e identidade cultural** – promoção da geração de conteúdos e aplicações que enfatizem a identidade cultural brasileira e as matérias de relevância local e regional; fomento a esquemas de digitalização para a preservação artística, cultural, histórica e de informações de ciência e tecnologia, bem como a projetos de P&D para geração de tecnologias com aplicação em projetos de relevância cultural.
- 5) **Governo ao alcance de todos** – promoção da informatização da administração pública e do uso de padrões nos seus sistemas aplicativos; concepção, prototipagem e fomento às aplicações em serviços de governo, especialmente os que envolvem ampla disseminação de informações; fomento à capacitação em gestão de tecnologias de informação e comunicação na administração pública.
- 6) **P&D, tecnologias-chave e aplicações** – identificação de tecnologias estratégicas para o desenvolvimento industrial e econômico e promoção de projetos de P&D aplicados a essas tecnologias nas universidades e no setor produtivo; concepção e indução de mecanismos de difusão tecnológica; fomento a aplicações-piloto que demonstrem o uso de tecnologias-chave; promoção de formação maciça de profissionais, entre eles os pesquisadores, em todos os aspectos das tecnologias de informação e comunicação.
- 7) **Infraestrutura avançada e novos serviços** – implantação de infraestrutura básica nacional de informações, integrando as diversas estruturas especializadas de redes – governo, setor privado e P&D; adoção de políticas e mecanismos de segurança e privacidade; fomento à implantação de redes, de processamento de alto desempenho e à experimentação de novos protocolos e serviços genéricos; transferência acelerada de tecnologia de redes do setor de P&D para as outras redes e fomento à integração operacional das mesmas.

Ressalta-se no *Livro Verde*, que o setor privado é o que dispõe da maior capacidade de investimento e de Inovação, do dinamismo e das condições de ação abrangente e ao mesmo tempo capilarizada, que são necessários para converter a proposta do “Programa Sociedade da Informação” em realidade; o governo, nos níveis federal, estadual e municipal, tem o papel de

assegurar o acesso universal às tecnologias de informação e comunicação e a seus benefícios, independentemente da localização geográfica e da situação social do cidadão, garantindo níveis básicos de serviços, estimulando a interoperabilidade de tecnologias e de redes, fazendo essa realidade mais orgânica entre o público e o privado.

O cenário já complexo entre o público e o privado, ainda apresenta as minorias sociais e outros segmentos marginalizados, os pequenos negócios, bem como as organizações sem fins lucrativos, de modo a que esses segmentos possam ter acesso aos benefícios que a sociedade da informação possa proporcionar; uma luta pelas condições igualitárias de competição entre os diferentes agentes econômicos, sem inibir as iniciativas de investimento e de novos negócios e implementar não só políticas públicas, mas também um aparato regulador e legal, harmônico e flexível, que proteja os interesses dos cidadãos e estimule o desenvolvimento do setor privado.

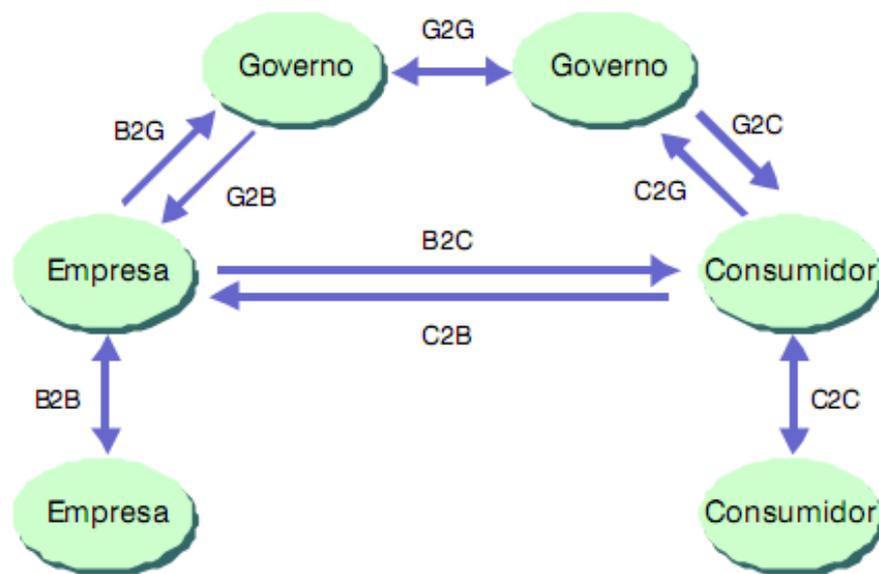
Chamado no *Livro Verde* de uma onda de “destruição criadora” em todo o sistema econômico, ou seja, reconstrução total de novos paradigmas, pois, além de promover o aparecimento de novos negócios e mercados, a aplicação das tecnologias de informação e comunicação vem propiciando, também, a modernização e revitalização de segmentos maduros e tradicionais; em contrapartida está ameaçando a existência de setores que já não encontram espaço na nova economia, contudo, o fato de encontrarmos mais facilmente tais informações, iniciativas, inclusive científicas, tem sido percebidas rumo à Difusão do Conhecimento, e sem dúvida a Internet é a mais revolucionária; o surgimento dessa Inovação teve o poder de promover uma onda de renovação em praticamente toda a economia. Com a explosão da rede global – *World Wide Web* – em meados da década de 90, as empresas passaram a contar com uma nova mídia, um meio eficiente de comunicação entre clientes e fornecedores, um veículo mais ágil de acesso a informações e ainda um processo inovador para a operação de negócios. Sempre lembrando que o acesso a essa revolução ainda não se faz de forma tão democrática quanto mereceríamos.

Na figura a seguir, tem-se o que se chama “Ambiente de Negócios Eletrônicos” (*e-business*). Conforme ilustra a **Figura 6** estão envolvidos três tipos de agentes: o governo, as empresas e os consumidores:

- B2B (*business-to-business*): transações entre empresas (exemplos: EDI, portais verticais de negócios);
- B2C/C2B (*business-to-consumer/consumer-to-business*): transações entre empresas e consumidores (exemplos: lojas e *shoppings* virtuais);
- B2G/G2B (*business-to-government/government-to-business*): transações envolvendo empresas e governo (exemplos: EDI, portais, compras);

- C2C (*consumer-to-consumer*): transações entre consumidores finais (exemplos: sites de leilões, classificados *on-line*);
- G2C/C2G (*government-to-consumer/consumer-to-government*): transações envolvendo governo e consumidores finais (exemplos: pagamento de impostos, serviços de comunicação);
- G2G (*government-to-government*): transações entre governo e governo.

**Figura 6** – Ambiente de negócios eletrônicos



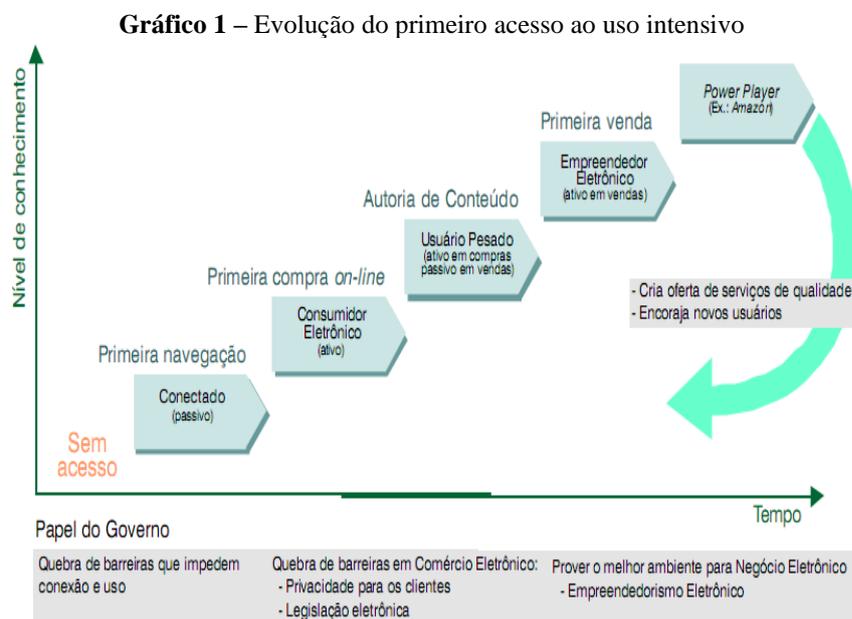
Fonte: Sociedade da Informação no Brasil – O Livro Verde.

Faz-se necessário ressaltar uma vez mais a realidade de “Ambiente de Negócios Eletrônicos” dado a época da Pandemia e seu consequente confinamento. As transações efetuadas por meio de redes eletrônicas trazem vantagens tanto para os consumidores quanto para as empresas: a Internet torna-se também um meio muito eficiente de fazer publicidade direcionada ao mercado-alvo das empresas. Nessa perspectiva, é de suma importância que os serviços prestados por essas novas e inovadoras empresas sejam de qualidade, pois a difusão dos negócios eletrônicos está modificando a estrutura das cadeias de suprimento, o conjunto de elos sucessivos entre fornecedores e compradores, e, contudo a regulamentação e autorregulamentação. Fatores essenciais para a difusão do comércio eletrônico são necessários, e muitas vezes vistos como polêmicos, sejam eles: validação das transações eletrônicas, particularmente quanto à certificação de assinaturas e documentos; proteção da privacidade de pessoas e instituições; adoção de padrões para os serviços de comércio eletrônico; taxaço de

transações eletrônicas e de bens e serviços; regulamentação do modelo de arrecadação das transações eletrônicas.

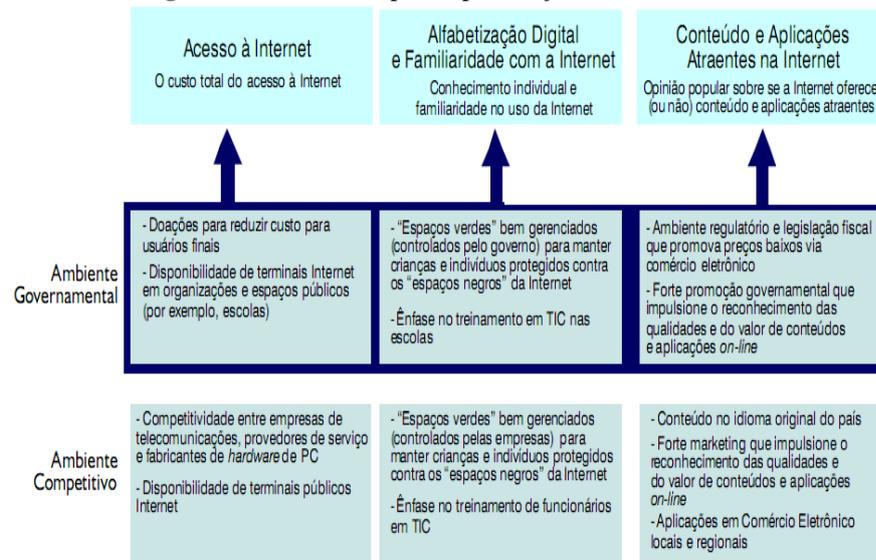
O combate à desigualdade e a promoção à cidadania são de fácil percepção na leitura do *Livro Verde*, “Universalização do acesso”, ou seja, as tecnologias de informação e comunicação ainda não chegam a uma grande parte da população e, no Brasil, percebe-se, que, mesmo quem as utiliza muitas vezes não o faz de forma plena, por falta de conhecimento. Enquanto o mundo economicamente mais desenvolvido encontra-se envolto em um complexo de redes digitais de alta capacidade, uma parcela considerável da população dos demais países não tem acesso sequer à telefonia básica, algo certamente inimaginável.

Aqui destaca-se o trabalho realizado pelo Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, *locus* desta investigação, que, desde a sua gênese, desloca-se com passos largos rumo ao “empreendedorismo eletrônico”, citado no *Livro Verde*. É flagrante ressaltar, no entanto, que é papel do Estado dedicar especial atenção à incorporação dos segmentos sociais menos favorecidos e de baixa renda à sociedade da informação. No **Gráfico 1**, tem-se a evolução do primeiro acesso ao uso intensivo.



Fonte: Sociedade da Informação no Brasil – O *Livro Verde*.

O crescimento da oferta de acesso gratuito à Internet por parte dos provedores comerciais, como consequência do acirramento da competição, é elemento importante, mas não suficiente, para garantir o que chamamos de “Universalização” de um serviço. Como modelo geral, a **Figura 7** ilustra a proposta feita em relatório da Booz-Allen e Hamilton para o governo britânico, apresentado no *Livro Verde*.

**Figura 7 – Obstáculos para a penetração e uso de Internet**

Fonte: Sociedade da Informação no Brasil – O Livro Verde.

A Educação, conforme o *Livro Verde*, é o elemento-chave; parte considerável do desnível entre indivíduos, organizações, regiões e países deve-se à desigualdade de oportunidades relativas ao desenvolvimento da capacidade de aprender e concretizar inovações. Nas perspectivas atuais, é preciso aumentar drasticamente o nível de alfabetização digital do país; buscar um modelo de conectividade amplo de escolas públicas e privadas; qualificar minimamente novos profissionais de nível técnico e superior de todas as áreas nas novas tecnologias. Nessa longa jornada de modificações e adaptações, o quadro de mudanças estruturais pelas quais o mundo vem passando e a disseminação de padrões culturais globalizados assume proporções sem limites e interfere poderosamente nos processos econômicos, políticos e culturais das sociedades nacionais. A maior parte dos conteúdos nacionais, infelizmente, ainda são produzidos nas grandes cidades e nas corporações localizadas no Centro-Sul do País.

O *Livro Verde* corrobora com a ideia de se “Conceituar Inovação”, posto que o que se encontra é totalmente direcionado, na maioria vezes, a uma realidade que não é a que se busca. Desde a década de 70, a informatização dos serviços governamentais consta da pauta de preocupações do Governo Federal. Sucessivas administrações se detiveram sobre o tema e lançaram ações de diversas naturezas a respeito, incluindo o uso explícito do poder de compra do Estado para colocar prioridade em determinados tipos de equipamentos e sistemas e a estruturação de Planos Diretores de Informática (PDI) em todo o setor público.

O *Livro Verde* perpassa, então, por um conjunto de ações para que seja impulsionada a Sociedade da Informação no Brasil em todos os seus aspectos: ampliação do acesso, meios de

conectividade, formação de recursos humanos, incentivo à pesquisa e desenvolvimento, comércio eletrônico, desenvolvimento de novas aplicações. A seguir, no **Quadro 14**, tem-se a Parametrização do Livro Verde que posteriormente será apresentado de forma uníssona com os demais Manuais Nacionais, e o Internacional, já Parametrizado *Manual de Oslo*.

**Quadro 14** – Parametrização do Manual Nacional 1

<b>LIVRO VERDE</b>
Universalização do acesso à Internet; implantação de comércio eletrônico; oferta de novas formas de trabalho, por meio do uso intensivo de tecnologias de informação e comunicação; tecnologias estratégicas para o desenvolvimento industrial e econômico, levando-se em consideração a identidade cultural; conhecimento: riqueza.

Fonte: elaborado pela autora.

### ***Livro Branco: tecnologia e Inovação***

Desenvolvimento e Inovação são indissociáveis.

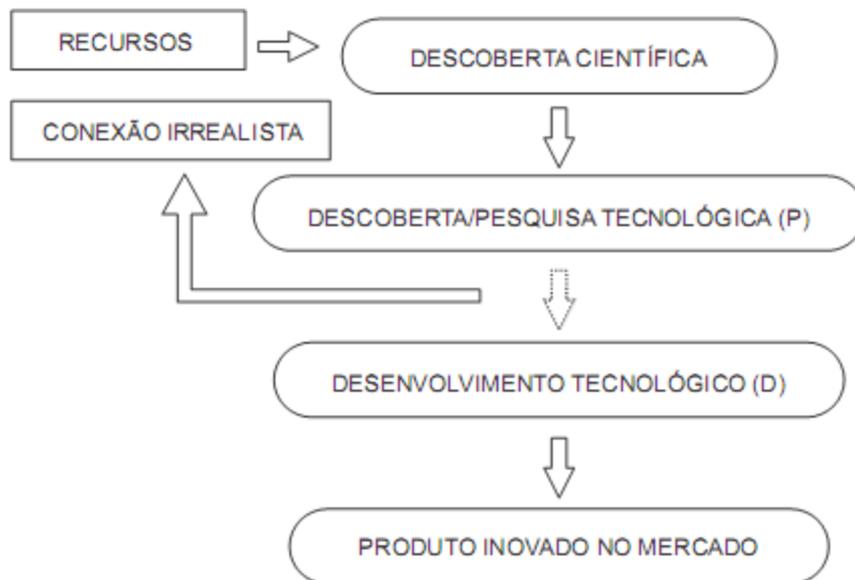
O *Livro Branco* da Inovação Tecnológica procura refletir o esforço, por meio de memórias, documentos, depoimentos de pessoas que alavancam o objetivo proposto: tecnologia e informação. João Carlos Basílio, o então Presidente da Protec (Pró-Inovação Tecnológica), faz a apresentação do *Livro Branco*, ressaltando, que não são apenas as grandes indústrias de tecnologia de ponta que têm direito às políticas públicas – um fabricante de telhas pode, também, inovar e se diferenciar no mercado. O Acordo de Bretton Woods (firmado nos EUA em julho de 1944, em reunião com a presença de 45 países), abriu um novo horizonte até mesmo para os países derrotados na segunda Grande Guerra. Países como Alemanha, Itália e Japão, criaram políticas públicas, objetivando a saúde financeira própria e desenvolvimento de suas indústrias, e certamente até hoje colhem louros de uma situação antes devastada, inclusive psicologicamente. Ressalta-se ainda, que países ditos emergentes, ou até mesmo colônias, obtiveram êxito no próprio desenvolvimento tecnológico, gerando e agregando inovações tecnológicas.

A realidade brasileira, especificamente no interior do Nordeste, infelizmente é dura. Não houve o desenvolvimento tecnológico sistêmico nos anos de 50 a 70, e não se criou nas décadas de 80 e 90, um sustentáculo de políticas públicas de fomento efetivo à nossa indústria inovadora. Nota-se, entretanto, que a oportunidade em se pleitear uma mudança de atitude em relação à Inovação tecnológica e à competitividade do manufaturado no cenário mundial, perpassou pelas dificultosas situações econômicas que o Brasil viveu nos anos 80. Em 94, com a bem-sucedida implantação do Plano Real e conseqüente estabilização econômica no país, cria-se a consciência de criação de novas políticas públicas para o fomento ao desenvolvimento

tecnológico. Hoje, em 2024, num país pós-pandemia, muitas são as agruras para seguir firme junto às ações ditas inovativas.

Uma edição do relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) *World Science Report 1993*, apresentou um amplo panorama do que internacionalmente é chamado de R&D (*Research and Development*), objeto de estudo com exemplos claros sobre as influências exercidas pelas políticas públicas de fomento às atividades de Pesquisa e Desenvolvimento. Em 1994, Linsu Kim, no artigo intitulado *Industry and Innovation*, página 168 do *Livro Branco*, ressalta na **Figura 8**, um Modelo Linear de utilização de recursos públicos adotado pelo Brasil.

**Figura 8** – Modelo linear – *Livro Branco*



Fonte: *Livro Branco: Tecnologia e Inovação*.

Neste modelo, os recursos são destinados basicamente para as Universidades. Contudo, no caso do Brasil, o parque industrial está bem aquém das pesquisas que as Universidades poderiam desenvolver, causando assim, um descompasso nesta dita linearidade. A Inovação tecnológica deve ser a base da estratégia competitiva das empresas. Leva-se em consideração, então, o estímulo das políticas públicas, tais como incentivos fiscais para os seus investimentos de risco tecnológico.

O Fundo de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), com a subvenção econômica, começou a induzir o desenvolvimento tecnológico, ao possibilitar a aplicação de uma pequena parcela dos seus recursos nas empresas, e não somente na pesquisa acadêmica. Com a criação da Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior (PITCE), a linha de

estímulo à Inovação foi implementada em forma de financiamento com juros limitados a 6% ao ano, subsidiados por uma parcela dos lucros do banco; hoje a taxa de juros preferencial já é de 3,5% ao ano para alguns projetos. Apesar de transferir o risco integralmente para as empresas, a linha de apoio obteve êxito.

Conforme o *Livro Branco*, os vários momentos da história do Marco Legal da Inovação revelam que o Brasil começa a compreender um conceito mais simples, direto e abrangente; não são apenas as grandes indústrias de tecnologia de ponta que têm direito às políticas públicas para P&D, mas, quaisquer empresas que, contextualizadas no seu ambiente, precisem e tenham que inovar para terem continuidade no mercado. O *Livro Branco* buscou a sobrevivência e a longevidade empresarial e a melhoria das condições de trabalho, alavancando, assim, a melhoria da economia; estampa a complexidade para se construir uma economia alavancada pela Inovação tecnológica, a partir da consciência da indispensabilidade de políticas públicas.

A seguir no **Quadro 15**, tem-se a Parametrização do *Livro Branco* que posteriormente será apresentado de forma uníssona com os demais Manuais Nacionais, e o Internacional, já Parametrizado *Manual de Oslo*

**Quadro 15** – Parametrização do Manual Nacional 2

<b>LIVRO BRANCO</b>
Diálogo permanente com a comunidade científica e tecnológica; estratégia, mediante projetos estruturantes e mobilizadores; criar ambiente favorável à Inovação; reconceituação de cooperação internacional; estruturação financeira.

Fonte: elaborado pela autora.

### ***Livro Azul* da 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável**

Publicado em 2010, o *Livro Azul* apresenta as principais contribuições da 4ª Conferência, que têm como principais itens: o desenvolvimento sustentável e a Inovação. A Consolidação das Recomendações da Conferência Nacional, das Conferências Regionais e Estaduais e do Fórum Municipal de C,T&I, é objeto de outra publicação, que acompanha este volume analisado.

Entende-se que a ordem de apresentação dos *Livros: Verde, Branco e Azul*, após o *Manual de Oslo*, nesta Tese, facilita o entendimento do leitor científico, donde o que chamou-se de ‘Path Teórico’ da Inovação, ressaltou a visão estratégica do país, um desenvolvimento científico e tecnológico inovador calcado em uma política de redução de desigualdades regionais e sociais, de exploração sustentável das riquezas do território nacional e de

fortalecimento da indústria, agregando assim, valor à produção e à exportação através da Inovação e reforçando o protagonismo internacional em ciência e tecnologia, também visto aqui na IV Conferência.

A Ciência, a Tecnologia e a Inovação são importantes motores da transformação econômica e social dos países. A busca por novas possibilidades de transformar o conhecimento em Inovação – e em riqueza, por consequência – envolve hoje inúmeros atores; não é tarefa apenas de governos, mas do conjunto da sociedade, representada pela academia, pelo setor empresarial, entidades de categorias profissionais, entidades do terceiro setor, entre outros, conforme apresentado anteriormente no *Livro Branco*. Surge então, mais um documento, *Livro Azul*, que servirá de sustentáculo para a criação de uma base conceitual de Inovação.

Desde 1985, quando aconteceu a primeira Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável, discute-se modelos de financiamento para a área, baseados nos fundos setoriais. Alguns desafios são apresentados neste *Livro Azul*:

- dar continuidade ao processo de ampliação e aperfeiçoamento das ações em C,T&I, tornando-as políticas de Estado;
- expandir com qualidade e melhorar a distribuição geográfica da ciência e melhorar a qualidade da ciência brasileira e contribuir, de fato, para o avanço da fronteira do conhecimento;
- proporcionar que a Ciência, Tecnologia e Inovação se tornem efetivos componentes do desenvolvimento sustentável, com atividades de pesquisa, desenvolvimento e Inovação nas empresas e incorporação de avanços nas políticas públicas;
- intensificar as ações, divulgações e iniciativas de CT&I para o grande público e melhorar o ensino de ciência nas escolas e atrair mais jovens para as carreiras científicas.

Há de se ressaltar que, passados dois anos da I Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável, em 1987, no famoso *Relatório Bruntland*, houve a sistematização de princípios do que veio a se denominar de Desenvolvimento Sustentável; no atual contexto histórico, a Inovação emerge como uma das contribuições mais determinantes na busca de um desenvolvimento sustentável efetivo em suas múltiplas dimensões. A Inovação deve buscar sempre as melhores soluções do ponto de vista ecológico, tendo a sustentabilidade como um de seus pressupostos elementares. O desenvolvimento sustentável requer uma presença crescente da ciência e da tecnologia na

produção de alimentos, por exemplo, na melhoria das condições de saúde, na exploração e preservação de recursos naturais, na agregação de valor à produção industrial, na redução da desigualdade social e do desequilíbrio regional, no desenvolvimento de tecnologias sociais.

O *Livro Azul* assevera que a Inovação representa o principal motor do desenvolvimento, tendo a educação como fundamento; a ideia de que o mercado constituiria o único motor da Inovação é limitada. Muitas inovações que transformaram o mundo surgiram de instituições públicas ou de setores sem fins lucrativos. A *internet*, por exemplo. As inovações sociais – soluções novas, mais efetivas, sustentáveis e justas, para problemas sociais, e cujos resultados beneficiam mais a sociedade como um todo do que indivíduos particulares – são geradas e aplicadas em resposta a demandas diversificadas da sociedade. Vale a reflexão sempre de que as políticas públicas devam ser estimuladas, colhendo informações entre instituições criadoras de Inovação, com a inserção de camadas intermediárias – parques tecnológicos, centros de Inovação, redes de extensão tecnológica, institutos tecnológicos, para uma melhoria contínua da coletividade.

Dada a enorme disparidade regional prevalecente e da grande diversidade regional do Brasil, o apoio das políticas públicas e a elevação dos níveis de investimentos devem ser considerados como uma leitura da realidade regional brasileira; apesar dos avanços, como o reconhecimento do papel das instituições de ensino e pesquisa privadas, em especial as comunitárias, que demandam um marco legal e uma legislação específica, no âmbito da Lei da Inovação, cujo foco são as instituições de ensino superior públicas, tem-se, ainda, um longo caminho a percorrer. O próprio conceito de Instituição Científica e Tecnológica (ICT), como definido nessa lei, deve ser ampliado, incorporando as Instituições privadas. A seguir, tem-se algumas recomendações do *Livro Azul* quanto à Inovação como componente sistêmico da estrutura produtiva nacional.

- Tratar a Inovação como estratégia, tanto nas empresas como na academia e no governo, incentivando e financiando o desenvolvimento de competência na gestão da Inovação. Essa competência está diretamente relacionada com a ampliação da formação de mão de obra qualificada e com o estabelecimento de um melhor ambiente de negócios.
- Fomentar um maior protagonismo privado no processo de Inovação e nas discussões relativas às políticas públicas para a área, em especial por meio de entidades empresariais representativas dos diversos segmentos de negócios.
- Ampliar os investimentos públicos e estimular os investimentos de empresas em P&D (que, juntos, correspondem a 1,24% do PIB em 2009) de modo que o investimento total alcance, em 2020, uma faixa entre 2,0% e 2,5% do PIB, próxima do padrão dos países líderes mundiais.
- Diversificar as opções de financiamento mediante: o alinhamento de mecanismos públicos voltados a apoiar os empreendedores em estágio inicial (como o Programa Prime e Seed Fórum da Finep, entre outros); a mitigação dos riscos inerentes aos processos e produtos inovadores; o estímulo, por meio do BNDES, do Banco Central

e do mercado de capitais à criação de Fundos de Risco para financiar empreendimentos inovadores em estágio inicial; a adoção de critérios e conceitos mais abrangentes de Inovação na definição das linhas de financiamento (Inovação em marketing, em serviços, em modelos e gestão de negócios, plantas piloto, plantas industriais pré-competitivas, etc.).

- Estimular estados e municípios a criar condições locais favoráveis para Inovação por meio de incentivos tais como desoneração fiscal, tributária, impostos territoriais, impostos de serviço, demais tributos municipais e cessão de áreas.
- Criar ambientes de Inovação, atuando em rede, com destaque para os Parques Científicos e Tecnológicos de classe mundial, distribuindo no País, ambientes de Inovação que atraiam investimentos privados nacionais e internacionais e gerem novas empresas e produtos inovadores, tanto para os mercados internos como para exportação, atuando de forma articulada com os Arranjos Produtivos Locais (APLs) e outras iniciativas regionais, interagindo dinamicamente com os atores públicos e privados envolvidos.
- Fomentar o desenvolvimento de empresas inovadoras nascentes por meio de pré-incubadoras, incubadoras e parques tecnológicos, como instrumento de promoção do desenvolvimento tecnológico e socioeconômico local e regional, estimulando a ampliação da interação entre as ICTs, as empresas e o governo.
- Preparar as empresas e o País para um ambiente de competição global crescente, por meio de apoio e incentivos dos atores públicos (BNDES, Finep, MDIC) e privados (CNI, Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos [Apex] –, entre outros) envolvidos, visando a estimular a internacionalização e preparação para a competição global das empresas, em especial aquelas produtoras de bens e serviços de alto valor agregado.
- Incrementar os mecanismos de apoio à Inovação nas pequenas e médias empresas, fomentando em especial programas de ação integrada entre empresas-âncora e suas cadeias produtivas, e também os programas de extensionismo tecnológico.
- Dar tratamento especial às regiões menos desenvolvidas do País, com foco na redução das assimetrias intra e inter-regionais, tanto no estímulo às empresas como no desenvolvimento de competências para a produção e difusão de conhecimentos.
- Reexaminar a Lei de Inovação quanto à segurança jurídica e as contradições legais existentes, gerando subsídios para uma reestruturação dos marcos legais na área de C,T&I, tanto para os segmentos públicos como para os privados, de modo que os órgãos de fiscalização governamentais e agências de fomento atuem de forma alinhada com a política nacional na área de C,T&I.
- Revisar e expandir a Lei da Inovação, de modo a: incluir as IES comunitárias e privadas no conceito de ICT; contemplar as tecnologias sociais; facilitar o ingresso no mercado dos produtos e serviços derivados dos benefícios concedidos no contexto da lei.

Ressalta-se, ainda, a importância da contribuição de diversas áreas da C,T&I para a construção desse novo padrão de desenvolvimento, expressa na Conferência, cabendo aqui destacar algumas delas: a agricultura, a bioenergia, as tecnologias da informação e comunicação, a saúde, a exploração das reservas de petróleo e gás do pré-sal, tecnologia nuclear, espaço e defesa, e as tecnologias portadoras de futuro e outras energias. A agricultura, por exemplo, é elemento estratégico nas políticas econômicas, ambientais e de segurança alimentar, componente de maior impacto na elevação da produção científica do País, tornando o Brasil uma liderança mundial no setor. A Bioenergia é um setor caracterizado como parte da chamada economia verde, porque cria oportunidades para o crescimento, a geração de empregos e renda, e simultaneamente contribui para a preservação do meio ambiente.

O *Livro Azul* apresenta a saúde como área estratégica por apresentar um denso e articulado conjunto de oportunidades que podem combinar, a um só tempo, desenvolvimento científico, tecnológico, social e econômico. O Complexo Econômico Industrial da Saúde (CEIS), com ênfase na indústria farmacêutica, engloba atividades que se destacam internacionalmente entre as de mais elevada intensidade em pesquisa, desenvolvimento, conhecimento e Inovação.

Sobre a tecnologia nuclear, espaço e defesa, a energia nuclear passa por uma forte retomada no mercado mundial. Nesta nova fase, ela se distancia de suas origens associadas a finalidades bélicas e sua principal credencial decorre do fato de essa ser uma fonte de energia que pode dar contribuição efetiva para a redução do aquecimento global. Neste conjunto de tecnologias estão incluídas a nanotecnologia, a biotecnologia e outras formas de energia que, embora já presentes em algumas aplicações, terão papel relevante na indústria do futuro. Entre as que terão participação crescente na matriz energética brasileira podem ser consideradas a energia fotovoltaica, a eólica, a utilização do hidrogênio nas células combustíveis e a energia nuclear.

Os recursos limitados e o número reduzido de políticas para a incorporação da C, T&I a ações ligadas às necessidades da população, particularmente da enorme parcela ligada à informalidade – tendo como um dos objetivos sua conversão à economia formal – são empecilhos para um desenvolvimento econômico, social e ambientalmente justo e sustentável. Em se tratando de desafios, leva-se em consideração a valorização da sustentabilidade neste início do século XXI, colocando como um dos grandes desafios para o Brasil a utilização do patrimônio nacional constituído por sua biodiversidade, que possui um enorme valor estratégico com importância equivalente à do pré-sal. Apesar de toda a riqueza nacional, tem-se como fator dificultador a desigualdade econômica e regional.

Em 2024, ou catorze anos depois da criação do *Livro Azul*, e apesar de toda a diversidade brasileira, a necessidade de investimento em tecnologia persiste; percebe-se que até existem áreas que tem destaque, mas, que muitas vezes, não são administradas como se deveria. Num país tão extenso, percebe-se que tratamentos diferenciados precisam ser levados em consideração. Por exemplo, o parque fabril e/ou o fator climático devem ser pontos de reflexão para os investimentos e planejamentos a serem adotados. Corroborando com essa linha de pensamento, ressalta-se que o Brasil deve estar consciente de que sua matriz industrial é e continuará sendo fortemente lastreada na produção e beneficiamento de produtos agrícolas e que, sem uma defesa consistente do meio ambiente e uma produção científica forte que respalde tal crescimento, seu futuro sustentável estará seriamente comprometido.

Levando-se em consideração a extensão do oceano brasileiro, bem como a riqueza da Amazônia, deve-se promover sinergia entre instituições, projetos e recursos humanos para a ciência e a tecnologia, e essa sinergia é essencial não só para impedir o desperdício de recursos como, sobretudo, porque é básica para a Inovação, que depende de interações e trocas.

Cabe aqui uma reflexão no final desta etapa: do que adianta um avanço tecnológico com uma população faminta, desigual e sem estudo? A entrada recente do desenvolvimento social na agenda da ciência e tecnologia foi um importante passo político; possibilitou avanços, ainda que limitados, como o crescimento das atividades de popularização da C&T, uma maior difusão de tecnologias sociais e da economia solidária, bem como a ampliação do uso de tecnologias assistivas.

A seguir no **Quadro 16**, tem-se a Parametrização do *Livro Azul* que posteriormente será apresentado de forma uníssona com os demais Manuais Nacionais, e o Internacional, já Parametrizado *Manual de Oslo*

**Quadro 16** – Parametrização do Manual Nacional 3

<b>LIVRO AZUL</b>
Tratar a Inovação como Estratégia; mitigação dos riscos inerentes aos processos e produtos inovadores; conhecimento tributário; criar Ambientes de Inovação; reduzir as assimetrias intra e inter-regionais, no desenvolvimento de competências para a produção e difusão de conhecimentos.

Fonte: elaborado pela autora.

Para a concretização do segundo Objetivo Específico **Construir um compêndio conceitual parametrizado da Inovação contextualizando-o à realidade investigada**, tem-se a necessidade de parametrizar os três temas escolhidos enquanto balizadores: Empreendedorismo Social, Inovação e Aprendizagem Colaborativa. Logo, no **Quadro 17**, é apresentada a parametrização da Inovação, sob o ponto de vista dos principais Manuais (Internacional e Nacional) escolhidos como referências de estudo da pesquisadora.

Quadro 17 – Parâmetros da Inovação

<i>MANUAL DE OSLO</i>	<i>LIVRO VERDE</i>	<i>LIVRO BRANCO</i>	<i>LIVRO AZUL</i>
<b>Implementação de um produto, bem ou serviço novo ou significativamente melhorado.</b>	Universalização do acesso à Internet.	Diálogo permanente com a comunidade científica e tecnológica.	Tratar a Inovação como Estratégia.
<b>Um novo método de marketing ou um novo método organizacional nas práticas de negócios no ambiente interno ou externo.</b>	Implantação de comércio eletrônico.	Estratégia, mediante projetos estruturantes e mobilizadores.	Mitigação dos riscos inerentes aos processos e produtos inovadores.
<b>Técnicas avançadas de gerenciamento.</b>	Oferta de novas formas de trabalho, por meio do uso intensivo de tecnologias de informação e comunicação.	Criar ambiente favorável à Inovação.	Conhecimento tributário.
<b>Introdução de estruturas organizacionais significativamente modificadas.</b>	Tecnologias estratégicas para o desenvolvimento industrial e econômico, levando-se em consideração a identidade cultural.	Reconceituação de cooperação internacional.	Criar Ambientes de Inovação.
<b>Implantação de orientações estratégicas corporativas novas ou substancialmente modificadas.</b>	Conhecimento: riqueza.	Estruturação financeira.	Reduzir as assimetrias intra e inter-regionais, no desenvolvimento de competências para a produção e difusão de conhecimentos.

Fonte: elaborado pela autora.

A Inovação vem sendo utilizada para pensar a economia, a cultura e as redes de trocas em todo o planeta. Não se trata de algo novo. O que se entende por novo é a intensidade com que esse processo vem acontecendo, provocando mudanças inimagináveis, haja vista a necessidade de se entender rapidamente de processos inovativos no período da pandemia que assolou o mundo. A Inovação traz possibilidades e, também, insegurança, dada a rapidez com que as informações se alastram. O processo globalizado e os regionalismos provocam a dinâmica das transformações econômicas no contexto internacional e nacional. Na atualidade, dada a condição da pandemia da COVID-19, percebida mais de perto a partir de março de 2020, pôde-se perceber a necessidade de se melhor entender a Inovação em um contexto sem fronteiras.

Levando-se em consideração Rosenberg (1994 *apud* FINEP, 2011): a decisão de inovar ocorre sob grande incerteza; nessa perspectiva e lembrando sempre da trajetória do Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba desde o seu início em novembro de 2015, as ações sempre foram delineadas em meio a incertezas, muitas vezes sem condições de continuidade.

### 2.3 APRENDIZAGEM COLABORATIVA

As Teorias Educacionais que embasam a Aprendizagem Colaborativa, estão imbricadas em um conjunto de tendências pedagógicas claramente difundidas no contexto escolar, sejam elas: Movimento da Escola Nova de Dewey, Teorias da Epistemologia Genética de Piaget, a Teoria Sociocultural de Vygotsky, e até mesmo a Pedagogia Progresssista de Snyders, logo, faz-se necessário um aprofundamento acerca de um tema tão rico, para melhor apropriar-se de seu longo cabedal de conhecimento quando, certamente, frutos doces serão colhidos em quaisquer áreas que se utilizarem da Aprendizagem Colaborativa, comprovado aqui nesta vivência interdisciplinar do Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba.

A Aprendizagem Colaborativa pode ser entendida como algo muito maior que simplesmente uma técnica empregada em grupos de aprendizes, em Panitz (1996, p. 1) “uma maneira de lidar com as pessoas que respeita e destaca as habilidades e contribuições individuais de cada membro do grupo”, ainda tem-se “os praticantes da Aprendizagem Colaborativa aplicam essa filosofia na sala de aula, nas reuniões de comitê, com grupos comunitários, dentro de suas famílias e, geralmente, como um modo de viver e lidar com outras pessoas”.

Em estudo realizado por Freitas, L. V. e Freitas, C. V. (2003, p. 21), com resultados de centenas de pesquisas de diversos autores sobre Aprendizagem Colaborativa, percebe-se similitudes e intercessões no trabalho realizado pelos desenvolvedores do Portal da Inovação e Qualidade - InQ.Ifba, *locus* da investigação. Como forma de exemplificar e contextualizar o tema Aprendizagem Colaborativa, um dos grupos eleitos desta investigação foi a *Revista Interdisciplinar Científica Aimoré (RICA)*.

A história de vida de todo organismo é uma história de mudanças estruturais coerente com a história de mudanças estruturais do meio em que ele existe, realizada através da contínua e mútua seleção das respectivas mudanças estruturais (Maturana; Varela, 2007, p. 64). Dessa forma, como estruturar algo complexo que tenha como composição experiências próprias vividas em ambientes distintos? Assim é o conhecimento: percebe-se quão rico e também difícil é tornar algo dessa natureza possível de ser norteado (Davenport, 2002). Essa materialização de conceitos é um grande desafio para que elementos conceituais possam auxiliar no que se entende acerca das conexões mentais (Lima, 2003).

Conforme Jorge (2012, p. 115), “o Analista Cognitivo é um profissional que estuda os meios de aprendizagem de como os objetos (coisas) e fenômenos do mundo real são captados, percebidos, compreendidos e explicados pela mente humana”. Nessa perspectiva, busca-se sob

a ótica da Aprendizagem Colaborativa, contribuir para que a liberdade de expressão pessoal possa, ainda em ambientes com opiniões colidentes, ter incrementos substanciais na aprendizagem.

A proposta deste item 2.3 APRENDIZAGEM COLABORATIVA transita, sem dúvida em “Ambientes Multirreferencias de Aprendizagem (AMA)”, conforme estudos de Ana Maria Casnati Guberna (2020). Ressalta-se que a ideia primordial da construção da *RICA* surgiu a partir de um grupo de pesquisa, certificado pelo IFBA, nominado “Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Tecnologias Inovadoras (GITI)”, composto a princípio por uma Administradora, uma Matemática, um Físico e um Engenheiro Eletricista, que teceram o seu nascedouro em período de afastamento e que floresceu com ideias interdisciplinares, culminando em trabalhos científicos importantes, com destaque para I Revista Científica do IFBA - *campus* de Vitória da Conquista, donde o pioneirismo sempre foi algo que se expandiu numa chamada interdisciplinar.

No **Quadro 18**, a seguir, foram percebidas similitudes em Freitas, L. V. e Freitas, C. V. (2003), ao longo de toda a criação da *RICA* em meio a dificuldades como o afastamento físico, prazos impostos pelos pares e perfis diametralmente opostos de comportamento, saberes e dinâmicas de trabalho, obteve-se um resultado perceptivelmente exitoso em toda a construção: seja no lançamento da ideia do projeto no *campus*, design da logomarca, ou nas reuniões de tomada das melhores decisões acerca do *path* dos desenvolvedores.

**Quadro 18** – O Desenvolvimento da *RICA* e os estudos de Freitas.

<b>Freitas, L.V. e Freitas, C.V.</b>	<b>Desenvolvimento <i>RICA</i></b>
1. Melhoria das aprendizagens na escola.	Grupo envolvido em aprender a aprender na construção da <i>RICA</i> , com a conseqüente publicização de trabalhos realizados a partir do IFBA- <i>Campus</i> de Vitória da Conquista.
2. Melhoria das relações interpessoais.	Valorização de trabalhos realizados entre discentes e docentes, desde a concepção da <i>RICA</i> .
3. Melhoria da autoestima.	A região de Vitória da Conquista leva seu nome, cultura e trabalhos científicos para além muros.
4. Melhoria das competências no pensamento crítico.	Diversos trabalhos poderão ser conhecidos, potencializando os pontos positivos, trabalhando sempre de forma melhorada na visão crítica dos temas tratados ao longo do desenvolvimento da <i>RICA</i> e futuramente nos temas interdisciplinares publicados na mesma.
5. Maior capacidade em aceitar as perspectivas dos outros.	A forma interativa com que os pares trabalham desde a concepção primeira da <i>RICA</i> , e, o fato de tornar público os trabalhos realizados na região, faz com que surjam novas perspectivas, inclusive em âmbito internacional, quando os trabalhos são publicados e incrementem novos estudos.
6. Maior motivação intrínseca	A partir de uma criação do próprio <i>campus</i> , a motivação já pode ser percebida.

Freitas, L.V. e Freitas, C.V.	Desenvolvimento <i>RICA</i>
7. Maior número de atitudes positivas para com as disciplinas estudadas, a escola, os professores e os colegas.	Diversas disciplinas foram percebidas neste projeto. Os trabalhos realizados em sala de aula tomarão proporções de grande seriedade na Comunidade Científica.
8. Menos problemas disciplinares, uma vez que mais tentativas de resolução dos problemas de conflitos pessoais.	A união em torno do projeto tem proporcionado o conhecimento entre discentes e docentes e o espírito de equipe para levar adiante tal projeto, o que é gratificante para todos. Um ambiente desta natureza não permite que problemas floresçam.
9. Aquisição das competências necessárias para trabalhar com os outros.	A forma de conduzir o trabalho em grupo, as competências, sejam elas: como trabalhar em grupo, como lidar com prazos, dificuldades no comportamento, limitações expertise em outras línguas emergiram nessa construção.
10. Menos tendência para faltar à escola.	À medida que os próprios trabalhos são reconhecidos, os autores tornam-se mais responsáveis de ter algo publicizado, o moral se eleva, bem como a autoestima; consequentemente a responsabilidade se torna uma prioridade.

Fonte: Adaptação da autora.

Na construção do objetivo maior deste trabalho, fez-se necessário, antes, entender nuances acerca dos termos Colaboração e Cooperação. O simples fato de diversas pessoas atuarem em conjunto não significa que se esteja, necessariamente, perante uma situação de colaboração” (Boavida; Ponte, 2002, p. 3). No **Quadro 19**, tem-se uma percepção de que, muitas vezes utilizados como se tivessem o mesmo significado, e embora ambos os termos rejeitem o autoritarismo, o “Cooperar”, que tem uma percepção de executar algo, não se configura algo de uma maior complexidade como o encorajamento do indivíduo em trabalhar em conjunto na construção de aprendizagens e desenvolvimento do conhecimento, como percebido no “Colaborar”.

**Quadro 19** – Conceitos acerca de Cooperação e Colaboração

CONTRIBUIÇÃO	AUTOR
Embora Colaboração e Cooperação tenham o mesmo prefixo (co), que significa ação conjunta, “os termos se diferenciam porque o verbo cooperar é derivado da palavra <i>operare</i> – que, em latim, quer dizer operar, executar, fazer funcionar de acordo com o sistema” – enquanto que “o verbo colaborar é derivado de <i>laborare</i> – trabalhar, produzir, desenvolver atividades tendo em vista determinado fim”.	Damiani (2008, p. 214).
Na colaboração, ao trabalharem juntos, os membros de um grupo se apoiam, visando atingir objetivos comuns negociados pelo coletivo, estabelecendo relações que tendem à não hierarquização, liderança compartilhada, confiança mútua e corresponsabilidade pela condução das ações.	Damiani (2008).
No trabalho colaborativo, os alunos assumem diferentes papéis ao resolverem a tarefa proposta, ficando cada um encarregado de uma certa parte, onde o elemento – competição – torna-se, por vezes, uma variável com muito peso e com efeitos psicossociais não muito salutares.	Damon e Phelps (1989 <i>apud</i> Fernández, 1997).
Apesar de suas diferenças teóricas e práticas, ambos os termos (cooperação e colaboração) derivam de dois postulados: rejeição ao autoritarismo e promoção da socialização, não só pela aprendizagem, mas, principalmente, na aprendizagem.	Irala e Torres (2004).
Sobre o ambiente colaborativo, é possível entendê-lo como um ambiente social, cultural, intelectual e psicológico que promove e sustenta a aprendizagem enquanto processo social,	Neto e Queiroz (2014).

CONTRIBUIÇÃO	AUTOR
baseado na partilha de recursos e construção solidária de saberes. Além disso, é formado por um conjunto de pessoas em interação, que partilham de um sentimento de pertença.	
Grupos colaborativos são aqueles em que todos os componentes compartilham as decisões tomadas e são responsáveis pela qualidade do que é produzido em conjunto, conforme suas possibilidades e interesses. Assim, atividades realizadas em grupo, isto é, colaborativamente, permitem a socialização, adaptação às normas, troca de experiência e de aprendizagem.	Parrilla e Daniels (2004).
Os processos e estratégias colaborativas integram uma abordagem educacional na qual os alunos são encorajados a trabalhar em conjunto na construção das aprendizagens e desenvolvimento do conhecimento. A aprendizagem colaborativa é baseada num modelo orientado para o aluno e o grupo, promovendo a sua participação dinâmica nas atividades e na definição dos objetivos comuns do grupo.	Dias (2001, p. 1).
“[...] colaboração não é apenas uma questão de técnica, e sim de atitude”. Para o autor, a colaboração implica [...] a criação de um novo valor ao fazer alguma coisa [...] é o desejo ou a necessidade de criar ou de descobrir algo novo, enquanto pensamos ou trabalhamos com outros, que distingue a ação. [...] pessoas que colaboram são aquelas que identificam uma possibilidade e reconhecem que o seu próprio ponto de vista, perspectiva ou talento não é o bastante para torná-la uma realidade [...] veem as outras como colegas que podem ajudá-las a desenvolver seus talentos e habilidades.	Hargrove (2006, p. 19-26).

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao longo de todas as etapas da construção da *RICA* foram percebidas atitudes de colaboração na construção de objetivos comuns, onde os docentes e discentes envolvidos, diuturnamente assumiam diferentes papéis, dada as contingências; mesmo todos sabendo de suas próprias *expertises*, perfis técnicos e necessidades, não sendo percebido, em nenhum momento, a competição, mas a colaboração na construção de algo de valor, para o bem da comunidade acadêmica.

A sociedade aprendente, citada em Assmann (1999), ressalta o conhecimento como forma de inclusão social e transformação – essa transformação precisa ser uma premissa básica à adequação aos novos tempos, levando-se em consideração que, para a longevidade de projetos como esse, tem-se como consequência a realização de um trabalho de maneira colaborativa.

Para que o processo da Aprendizagem Colaborativa ocorra, há de se levar em consideração os diversos ambientes que a aprendizagem acontece; em Abbagnano (2003), a expressão ambiente refere-se a um complexo de relações entre o mundo natural e o ser vivo, que influi na vida e no comportamento desse mesmo ser; então, faz-se necessário perceber as especificidades de cada espaço, bem como os que nele habitam, seus valores sociais, sua cultura. Conforme Raichvarg (1994), a palavra ambiente foi utilizada primeiramente pelos geógrafos que consideravam a palavra “meio” insuficiente para incluir os seres humanos no contexto; assim, uma vez mais, observa-se a complexidade na interação dos sujeitos com seu *habitat* natural.

Ao longo dos estudos realizados acerca do tema “Aprendizagem Colaborativa”, tem-se no **Quadro 20**, os “Parâmetros da Aprendizagem Colaborativa”, que adiante consubstanciará,

juntamente com os “Parâmetros do Empreendedorismo Social” e os “Parâmetros de Inovação”, a apresentação do Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos com fins de apresentar as perspectivas Inovativas, a partir das ações de Empreendedorismo Social, trabalhadas colaborativamente.

**Quadro 20** – Parametrização da Aprendizagem Colaborativa

<b>APRENDIZAGEM COLABORATIVA</b>
Damiani, Damon e Phelps, Irala e Torres, Neto e Queiroz, Parrilla e Daniels, Dias, Hargrove (1997 a 2015)
Produzir atividades tendo em vista determinado fim.
Assume diferentes papéis ao resolverem a tarefa proposta, cada um encarregado de uma certa parte, onde o elemento – competição – torna-se, por vezes, uma variável com muito peso e com efeitos psicossociais não muito salutareos.
<b>Rejeição ao autoritarismo e promoção da socialização, não só pela aprendizagem, mas, principalmente, na aprendizagem.</b>
Ambiente social, cultural, intelectual e psicológico que promove e sustenta a aprendizagem enquanto processo social, baseado na partilha de recursos e construção solidária de saberes. Formado por um conjunto de pessoas em interação, que partilham de um sentimento de pertença.
Todos os componentes compartilham as decisões tomadas e são responsáveis pela qualidade do que é produzido em conjunto, conforme suas possibilidades e interesses. As atividades realizadas, colaborativamente, permitem a socialização, adaptação às normas, troca de experiência e de aprendizagem.
Os alunos são encorajados a trabalhar em conjunto na construção das aprendizagens e desenvolvimento do conhecimento. Modelo orientado para o aluno e o grupo, promovendo a sua participação dinâmica nas atividades e na definição dos objetivos comuns do grupo.
Atitude. Criação de um novo valor ao fazer alguma coisa, desejo ou a necessidade de criar ou de descobrir algo novo, enquanto pensamos ou trabalhamos com outros, que distingue a ação. Identificam uma possibilidade e reconhecem que o seu próprio ponto de vista, perspectiva ou talento não é o bastante para torná-la uma realidade, veem as outras como colegas que podem ajudá-las a desenvolver seus talentos e habilidades.

Fonte: elaborado pela autora.

### CAPÍTULO 3 – “PORTAL DA INOVAÇÃO E QUALIDADE” E SEU *LOCUS*

#### 3.1 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA (IFBA) – *CAMPUS* DE VITÓRIA DA CONQUISTA

O IFBA – *campus* de Vitória da Conquista, “consolida-se como um espaço vivo e dinâmico de educação tecnológica, possibilitando a realização e desenvolvimento dos saberes humanísticos, técnicos e científicos, no sentido da formação profissional e da consolidação da cidadania” (IFBA-PDI 2009-2013). Esta proposta, construída no IFBA, foi desenvolvida dentro do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão Continuada: Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, criado no *Campus* de Vitória da Conquista, que sediou essa pesquisa.

Dada a instalação da Escola de Aprendizes Artífices da Bahia, em 2 de junho de 1910, no Edifício do Centro Operário da Bahia, nasce o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia, oferecendo cursos nas oficinas de alfaiataria, encadernação, ferraria, sapataria e marcenaria. No ano de 1926, em funcionamento no Bairro do Barbalho (endereço até os dias atuais), na cidade de Salvador, Bahia, a Escola, com nova estrutura predial, passou a contar com novas oficinas sejam elas: tipografia, pautação, encadernação e fototécnica, na Seção de Artes Gráficas; oficinas de marcenaria, carpintaria e vimaria, na Seção de Trabalhos em Madeira; oficinas de mecânica, fundição e serralheria, na Seção de Trabalhos em Metais; e com as oficinas de sapataria, artes decorativas e alfaiataria; a Escola de Aprendizes Artífices da Bahia passou a ser denominada, então, Liceu Industrial de Salvador.

Posteriormente, no ano de 1942, a Escola de Aprendizes Artífices da Bahia passou a ser chamada de Escola Técnica de Salvador, implantando-se os seus primeiros cursos técnicos: Curso de Desenho de Arquitetura e Desenho de Máquinas e o Curso de Eletrotécnica.

Com a reforma do ensino industrial, as Escolas Técnicas foram transformadas em autarquias educacionais e, em 1965, com a Lei nº 4.759/65 a Instituição passou a ser denominada de Escola Técnica Federal da Bahia (ETFBA). No ano de 1976, com a reforma universitária, através da Lei 6.344/76, foi criado o Centro de Educação Tecnológica da Bahia (CENTEC); surgindo assim o Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia (CEFET-BA) em 1993, por força da Lei nº 8.711/93, com a união da ETFBA e o CENTEC. A partir de então, percebeu-se uma nova dimensão acadêmica e conseqüentemente administrativa e institucional. Com a intenção, por parte do Governo, de interiorizar o ensino, houve a descentralização de unidades, criando-se assim o CEFET-BA, em Barreiras (1995), e em Vitória da Conquista, Eunápolis e Valença (1996)

Ainda com a denominação de CEFET, embora em outros estados ainda tenhamos esta nomenclatura, ao completar 100 anos de existência a Rede passou por mais um processo de transformação com a criação de um novo modelo estruturado, surgindo assim os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, por meio da Lei nº. 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Assim deu-se a criação do IFBA, *campus* Vitória da Conquista; ressalta-se que no desenvolvimento da sua ação acadêmica, o IFBA, em cada exercício, deverá garantir o mínimo de 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para a educação profissional técnica de nível médio, e o mínimo de 20% (vinte por cento) das vagas para cursos de licenciatura e/ou programas especiais de formação pedagógica.

Atualmente o Instituto Federal da Bahia (IFBA), conforme <https://portal.ifba.edu.br/> (portal próprio acessado em 10.01.2024), possui 33 unidades no estado, sendo 21 *campi* em pleno funcionamento, 2 *campi* em construção, 1 núcleo avançado, 6 centros de referência, um Polo de Inovação e uma Reitoria. Ressalta-se ainda que, para uma maior capilaridade do saber, além das 33 unidades que possui, o IFBA atua em muitas cidades baianas, com a oferta de cursos EAD (ensino à distância) ou capacitação e apoio técnico a projetos estratégicos com foco no desenvolvimento socioeconômico do estado.

O *Campus* Vitória da Conquista do IFBA completará, em novembro de 2024, 30 anos de existência atendendo várias áreas do conhecimento, desde o Ensino Médio ao Ensino Superior; com a modalidade integrada, são ofertados cursos em Eletromecânica, Eletrônica, Informática e Meio Ambiente; no ensino subsequente são oferecidos os cursos de Informática, Edificações, Eletromecânica e Segurança do Trabalho; no Ensino Superior são oferecidos Engenharia Civil, Engenharia Ambiental, Engenharia Elétrica, Bacharel em Sistemas de Informação e Licenciatura em Química.

### 3.2 NASCE O PORTAL DA INOVAÇÃO E QUALIDADE NA DIFUSÃO DO CONHECIMENTO

A Difusão do Conhecimento esteve presente no InQ.Ifba desde a sua criação, esse é o seu extrato e a primordial razão de sua existência. Em Galeffi, Marques, Rocha-Ramos, (2020, p. 281), tem-se em Burnham (2016, p. 28):

[...] se é imprescindível a ampliação dos estudos e das condições necessárias para a difusão do conhecimento no espaço acadêmico, ainda mais imperativo é a distribuição do conhecimento na sociedade de forma igualitária e sua apropriação pelos diversos grupos sociais.

Sem o compartilhamento de conhecimentos, o crescimento fica hermeticamente fechado, e é interessante ressaltar que, desde o princípio, na postagem de matérias inéditas semanais no InQ.Ifba, ou nos games e afins, o linguajar empregado sempre objetivou alcançar as comunidades científica e não científica, levando-se em consideração sempre a teoria e suas fontes; essa queda de barreiras é salutar para o crescimento de uma sociedade. Fala-se tanto em investimento na educação, e temos percebido o aumento de vagas em escolas e Universidades, mas, a Difusão de todo esse conhecimento, infelizmente, ainda é questionável; se o indivíduo tem iniciativas na busca do conhecimento, o caminho é tortuoso, mas, se ele não tem tal iniciativa, jamais alcançará a casta dos Grupos de Pesquisa, Editais, etc.

Ainda citando Galeffi, Marques e Rocha-Ramos (2020, p. 281), em um dos artigos construídos naquela obra, sobre Difusão do Conhecimento, os autores: José Francisco Barretto Neto e Ana Maria Ferreira Menezes (professores do PPGDC), explanam que o termo difundir, que tem sua origem etimológica do latim *di*, “embora, para longe, afastado” e *fundere*, (derramar, verter), significa publicar, expandir, propalar, divulgar, revelar, disseminar, irradiar, espalhar e o termo conhecimento, do latim *cognoscere*, (ato de conhecer), significa o domínio, teórico ou prático, de uma arte, uma ciência, uma técnica, ou seja, é a capacidade de atribuir uma finalidade, um propósito às informações, gerando um potencial de ação humana.

Potencial de ação humana, o InQ.Ifba, aqui representando o campo empírico desse trabalho, entrega uma base de dados importante de quase nove anos, levando e construindo o conhecimento para locais inimagináveis. Em Galeffi (2011), tem-se que o compartilhamento pode ser considerado a base da inovação e da produção de novos conhecimentos, conforme afirma o autor:

A difusão do conhecimento pode ser descrita como a disponibilização pragmática de um processo produtivo sistematizado tendo em vista a operação de apropriação da parte de todos os que possam acessar o que está sendo difundido como conhecimento do fazer e do saber fazer, ou do conhecer e do saber conhecer próprios de um determinado setor das atividades humanas. A difusão, assim, responde ao imperativo do conhecimento implicado com o desenvolvimento humano sustentável [...]. (Galeffi, 2011, p. 30).

Ainda citando o autor:

A difusão do conhecimento em educação está relacionada aos meios proeminentes dominantes de construção do conhecimento. A difusão pura e simples não existe, ela está marcada por processos complexos e por interesses políticos já instituídos e atuantes no controle dos meios produtivos e reprodutivos de conhecimento (Galeffi, 2011, p. 33).

Os professores Francisco Barretto Neto e Ana Maria Ferreira Menezes ainda ressaltaram, em uma de suas aulas da disciplina “Gestão do Conhecimento e Aprendizagem Colaborativa”, do PPGDC, que a Difusão do Conhecimento, utilizando-se da tecnologia da informação e da comunicação como ferramentas facilitadoras, deve ser socialmente contextualizada, e assim o InQ.Ifba fez desde a sua gênese, sempre numa perspectiva inclusiva e plural:

[...] Difusão do Conhecimento deve ser compreendida na perspectiva de tornar o conhecimento em ferramenta de empoderamento do cidadão, que proporcione a sua participação ativa e dialógica com vistas à transformação e redução das desigualdades sociais.

O Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba se concretizou em novembro de 2015, com o objetivo de ser um instrumento de Difusão do Conhecimento na intercessão das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão, dando oportunidade e visibilidade aos trabalhos realizados no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) – *campus* de Vitória da Conquista. Os primeiros contatos acerca deste projeto se deram no dia 14 de abril de 2015, quando os Professores Fernando Cardeal, Marcela Alves e Maria das Graças Bittencourt Ferreira decidiram colocar em prática tal projeto. A princípio, discentes dos cursos de “Técnico em Informática” e “Bacharel em Sistemas de Informação”, que envolvem Tecnologia e Inovação, foram buscados. Voltado para o social, o Portal de Inovação e Qualidade – InQ.Ifba dedicou-se a uma maior promoção do desenvolvimento local, levando-se em consideração que tantos projetos já desenvolvidos no *campus* jamais chegaram ao conhecimento público.

Em Dolabela (2006, p. 20): “[...] na minha experiência de ensino do empreendedorismo, uma coisa me chama a atenção: o fascínio despertado nos alunos (e em mim também) pelos empresários convidados para a sala de aula”. Como afirma o autor, muitas das oportunidades em contextualizar diversos trabalhos realizados em sala de aula despertam novas possibilidades, porém, estudos científicos mais aprofundados (onde sempre residiu minha inquietude) são necessários para que o resultado final das experiências vividas seja continuamente aprimorado, consequentemente científicizado e, portanto, reconhecido.

Ainda citando Dolabela (2006 p. 20): “Os empreendedores sempre falam sobre sua vida, tendo a empresa apenas como pano de fundo, falam sobre como desenvolveram uma ideia, como foram afetados pela empresa, seus novos amigos, sua nova forma de ver o mundo”. Portanto, é necessário trabalhar por uma cultura empreendedora para promover ideias inovadoras, sistematizando-as.

No Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, esforços são construídos para que a longevidade de projetos aconteça, na tentativa de fomento financeiro, quer em formato de criação de *Startups*, Empresas, Produtos, ou como já concretizado, estágios e empregos para os discentes. Hoje, o InQ.Ifba trabalha com 30 alunos voluntários, dos quais seis são egressos e permaneceram desenvolvendo trabalhos de caráter científico/social, incentivando e dando visibilidade a trabalhos competitivos em nível nacional e internacional.

No **Anexo A**, percebe-se uma grande quantidade de discentes que se interessaram pelo projeto na época, quando apresentado nos cursos de Sistemas de Informação e Técnico em Informática do IFBA – *campus* de Vitória da Conquista. Nos dias 09/06/2015 e 24/08/2015, as ideias foram se sedimentando e o grupo que realmente atuaria operacionalmente no InQ.Ifba foi se configurando, visto que a área de desenvolvedores seria primordial para que o ambiente virtual fosse robusto e de qualidade, desde a sua criação.

Dada a dificuldade de se conseguir profissionais para desenvolver o InQ.Ifba, três turmas de Bacharel em Sistemas de Informação (BSI) foram visitadas, sem sucesso (primeiro obstáculo na operacionalização da criação do InQ.Ifba). Na turma de “Técnico em Informática” a ideia tomou corpo e com todas as dificuldades enfrentadas no contexto da época, no dia 23/11/2015, às 18:30h, no Auditório do IFBA – *campus* de Vitória da Conquista, Bahia, nasceu o Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, no ambiente virtual, vide **Anexos B e C**, no endereço: <https://inq.conquista.ifba.edu.br> (endereço do InQ.Ifba), na ABA “Games”, encontra-se a história do InQ.Ifba, contada em formato de game, nomeado “GINQ”.

Na primeira formação do InQ.Ifba, apenas dois alunos (do curso “Técnico de Informática”) que se comprometeram com a ideia de começar o Projeto com uma gestão enxuta, assertiva e com vistas ao crescimento local: Misael Bonfim, hoje egresso do Curso Técnico de Informática, que desenvolvia o papel de divulgador do InQ.Ifba no *Campus* (**Anexo C**), e Luquian Prado Novaes, outro aluno egresso do curso Técnico de Informática, que foi o primeiro desenvolvedor do Portal. Ambos iniciaram os trabalhos sob a Coordenação da Professora Maria das Graças Bittencourt Ferreira, com apoio do Professor Fernando Cardeal, vide **Anexo D**, consultor da área técnica que atuou no Portal até a sua morte (fato ocorrido no dia 24 de abril de 2020), e que teve um papel importante na captação dos talentos no *Campus*, assim como a Professora Marcela Alves, também Professora do IFBA – *Campus* de Vitória da Conquista.

Os discentes da área de tecnologia são considerados profissionais de alto nível, porém, muitas vezes nem mesmo atuam na própria área no mercado, desenvolvem outras funções para a sobrevivência; dessa forma, algo valioso se perde, por falta de incentivos, oportunidades e visibilidade. Desde sempre as ideias foram de pensar no coletivo, logo, na primeira exposição

pública do InQ.Ifba, na data da inauguração, essa premissa não poderia ser diferente. Em conjunto com a “Semana Nacional de Segurança do Trabalho”, foram apresentados projetos dos alunos do Curso Técnico de “Segurança do Trabalho” com propostas de melhorias para pequenas empresas, visando o bem-estar do trabalhador, tudo documentado pelo já existente Portal da Inovação & Qualidade.

Ressalta-se, ainda, que o InQ.Ifba, além de levar o nome do IFBA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, possui uma hierarquia de funcionamento que sempre foi respeitada e documentada. Em Vitória da Conquista, o Prof. Alberto dos Santos Rebouças, Coordenador de Pesquisa e Extensão que atuava na época, sempre apoiou de forma contundente as ações do Portal. Atualmente, a Prof<sup>ª</sup> Polyane Alves (Coordenadora do Portal da Inovação e Qualidade) e o Prof. Élvio Prado são os Coordenadores de Extensão e Pesquisa, respectivamente.

Em Salvador, na Reitoria, o Prof. Henrique José Caribé Ribeiro, Chefe do Departamento de Inovação da época, ligado à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPGI), teve um papel importante durante todo o processo de solicitação (**Anexo AB**), reconhecimento (**Anexo AC**) e patente da marca do Portal da Inovação e Qualidade, publicado na Revista de Propriedade Industrial do INPI (RPI 2479) no dia 10/07/2018, com o deferimento do pedido nº 912154225 – marca: InQ.Ifba Portal da Inovação & Qualidade. Ressalta-se que a marca foi criada pela discente do Curso de Bacharel em Sistemas de Informação (BSI), hoje egressa e atual *Designer* Gráfica e Web Designer, Ivick Roberta Leite Ferreira.

O Inq.Ifba realizou ações, antes mesmo de o ambiente virtual ser inaugurado. Nessas oportunidades, apresentações prévias na comunidade acadêmica conquistense aconteceram. No dia 12/11/2015, a convite do Departamento de Inovação da Reitoria, de Salvador, a Prof<sup>ª</sup> Maria das Graças Bittencourt Ferreira apresentou o tema “Inovação Tecnológica”, no XII Seminário de Iniciação Científica, Tecnológica e Inovação – SICTI 2015, que aconteceu no IFBA, *Campus* de Ilhéus, vide **Anexo E**. Na oportunidade, o Portal da Inovação e Qualidade foi apresentado pela primeira vez à comunidade Científica, e a partir deste momento a credibilidade no ambiente acadêmico foi se consolidando, pois, as pessoas que lá estavam participando da capacitação eram também da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPGI). Esse momento foi de extrema importância para o alicerce do que ainda estaria por vir pois, em se tratando de um Instituto Público Federal, todas as ações nele contidas precisam ter um perfil científico e sem fins lucrativos – uma vez mais, consolidando as ações de Ensino, Pesquisa e Extensão, o Portal da Inovação e Qualidade ratificou esse propósito. No **Anexo E**, as colegas Evelyn Seilhe e Anete Santos, as profissionais do Departamento de Inovação, em Salvador, que

viabilizaram a consolidação, registro e reconhecimento da marca: InQ.Ifba Portal da Inovação & Qualidade.

### 3.2.1 Quem faz o Portal da Inovação e Qualidade

Acredito que cada cidadão deve ter as mesmas oportunidades na educação para poder se desenvolver, ter igualdade de oportunidades e que deve ser ele quem decide se aproveita ou pode enfrentar esse desafio (Contreras, 2014, p. 68-78).

Desde o seu lançamento virtual, o InQ.Ifba sempre buscou parceria no *Campus*, visto que os custos para lançamentos e o desenvolvimento de cursos, capacitações e demais ações são muito altos. Desde então, em todos os eventos que acontecem dentro e fora de Vitória da Conquista, o InQ.Ifba procurou participar, para que dentro do seu portfólio de possibilidades, os seus objetivos fossem alcançados. Com um grupo ainda muito pequeno, e em vias de se formarem, os únicos alunos que faziam parte do InQ.Ifba, começaram a dar sinais de que em breve estariam fora do IFBA, e a busca por Editais locais foi inevitável para que as novas seleções dessem sangue novo ao Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, sempre ressaltando que o InQ.Ifba não tem fomento financeiro, salvo quando existem Editais com bolsas e os mesmos são conquistados.

Os Editais do próprio IFBA contemplam alunos que possuem baixa renda financeira no seu seio familiar, ou que não tenham emprego formal e com Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) formalizada (Quadro 21). Dentro deste perfil o InQ.Ifba não apenas conquistou bolsas de estudo para os alunos de baixa renda, como também captou talentos que continuaram a trabalhar de forma voluntária, dando uma robustez técnica e um visual moderno ao ambiente virtual. Termos jurídicos, **Anexo AD**, foram confeccionados pelo Advogado e Professor do *campus*, o Prof. Fernando Azevedo, salvaguardando os direitos de imagem e intelectuais ao InQ.Ifba, dando uma dimensão ainda mais séria aos trabalhos do Portal da Inovação e Qualidade. Desde as primeiras reuniões as listas de presença e atas sempre foram um costume da Coordenação, visto que tudo deve ser documentado dentro da proposta do IFBA.

**Quadro 21** – Alunos contemplados com Bolsas no InQ.Ifba, de 2015 a 2023

Edital	Bolsista	Perfil	Trabalho Realizado	Tempo de Bolsa
001/COPEX-2015	Luquian Prado Novaes	Técnico em Informática	Desenvolvedor	4 MESES
001/PROEX-2016	Jenifer Nogueira Leite	Engenharia Elétrica	Colunista/Instrutora	4 MESES
001/PROEX-2016	Lidiana Vieira Oliveira	Sistemas de	Colunista/Instrutora	4 MESES

Edital	Bolsista	Perfil	Trabalho Realizado	Tempo de Bolsa
	Santos	Informação		
001/PROEX-2016	Augusto Cesar Meira Marino Rocha	Sistemas de Informação	Desenvolvedor/Instrutor	4 MESES
008/COPEX-2016	Bruno Faria da Silva	Técnico em Eletrônica	Desenvolvedor/Instrutor	4 MESES
007/COPEX-2017	Augusto Cesar Meira Marino Rocha	Sistemas de Informação	Desenvolvedor/Instrutor	4 MESES
007/COPEX-2017	Lidiana Vieira Oliveira Santos	Sistemas de Informação	Colunista/Instrutora	4 MESES
011/UNIVERSAIS-2018	Lidiana Vieira Oliveira Santos	Sistemas de Informação	Colunista/Instrutora	4 MESES
011/UNIVERSAIS-2018	Paulo Roberto Freire Lima	Sistemas de Informação	Desenvolvedor de Games/Instrutor	4 MESES
PROGRAMA DE APRENDIZAGEM PROFISSIONAL InQ.Aprendiz	Lidiana Vieira Oliveira Santos	Sistemas de Informação	Colunista/Instrutora	3 MESES
PROGRAMA DE APRENDIZAGEM PROFISSIONAL InQ.Aprendiz	Ricardo da Silva Lima	Sistemas de Informação	Desenvolvedor/Instrutor	3 MESES
PROGRAMA DE APRENDIZAGEM PROFISSIONAL InQ.Aprendiz	Lorena Leal Silva	Sistemas de Informação e Administração	Colunista/Instrutora	2 ANOS
PROGRAMA DE APRENDIZAGEM PROFISSIONAL InQ.Aprendiz	Maria das Graças Bittencourt Ferreira	Professora do <i>Campus</i>	Coordenadora do Projeto	2 ANOS
007/COEXT-2018	Daniel Espirito Santo Correia	Sistemas de Informação	Desenvolvedor	4 MESES
007/COEXT-2018	Samella Gomes Pereira	Engenharia Civil	Colunista/Instrutora	4 MESES
004/UNIVERSAIS-2019	Samella Gomes Pereira	Engenharia Civil	Especialista em Certificados e Colunista	4 MESES
004/UNIVERSAIS-2019	Isabela Gusmão Rocha	Sistemas de Informação	Designer	4 MESES
005/COEXT-2019	Giovanna do Nascimento Novato Silva	Engenharia Ambiental	Colunista e Instrutora	4 MESES
07/2020/EXTENSÃO /PESQUISA/ENSINO/IFBAVDC	Brenno Souza de Oliveira	Engenharia Civil	Pesquisador e InQ.Internacional	3 MESES
07/2020/EXTENSÃO /PESQUISA/ENSINO/IFBAVDC	Ian Pedro Oliveira Souto	Engenharia Civil	Pod Cast	3 MESES
07/2020/EXTENSÃO /PESQUISA/ENSINO/IFBAVDC	Vitor Oliveira Rocha dos Santos.	Engenharia Civil	Pod cast	3 MESES
09/2021/EXTENSÃO /PESQUISA/IFBAVDC	Felipe Ferreira Rocha	Sistemas de Informação	Desenvolvedor	3 MESES
08/2022/UNIVERSAIS/IFBAVDC	Vitor Oliveira Rocha dos Santos	Engenharia Civil	ABA InQ.Empreendedor	4 MESES (o discente abandonou o projeto)

Fonte: acervo documental do InQ.Ifba.

O quadro acima abrange todos os Editais contemplados com bolsas (até o ano de 2023) que o InQ.Ifba participou desde a sua formação. Ressalta-se, entretanto, que os componentes do InQ.Ifba (aqui carinhosamente chamados de “Inquianos”), trabalham de forma voluntária. Nunca houve uma quantidade de bolsas suficientes para os discentes, então, desde o início os voluntários são informados, embora a necessidade de um auxílio financeiro seja clara. A cada momento que o InQ.Ifba recebe um novo integrante, percebe-se o crescimento do mesmo com os ensinamentos e oportunidades que o ambiente propicia. Hoje, no ano de 2024, o Portal se tornou ainda mais robusto, com quatro Coordenadores, escolhidos entre componentes que se destacam em seus trabalhos (Quadro 22).

**Quadro 22** – Equipe do PORTAL, em janeiro de 2024

<b>NOME</b>	<b>FUNÇÃO QUE EXERCE NO PORTAL</b>	<b>PERFIL</b>	<b>CH SEMANAL</b>	<b>DESDE</b>
Adelson Sousa Barbosa	Colunista, Instrutor e Colaborador dos Projetos Científicos.	Química	5 H	25.10.23
Ana Luiza Farias Alves	Colunista, Colaboradora do Instagram @inqportal e dos Projetos Científicos.	Química	5 H	10.11.23
Augusto Cézar Meira Marinho Rocha	Consultor	BSI	5 H	30.05.16
Beatriz Ferraz Lourenço	Colunista, Instrutora e Tradutora da Língua Inglesa	Engenharia Ambiental	5 H	10.05.21
Brenda Santos Moreira	Colunista, Colaboradora do Instagram @inqportal e dos Projetos Científicos.	Engenharia Elétrica	5 H	11.11.23
Brenno Souza de Oliveira	Consultor e Instrutor	Engenharia Civil	5 H	24.05.18
<b>Camila Nunes Dantas</b>	<b>Coordenadora de Conteúdo e Serviços, Colunista e Instrutora</b>	<b>Engenheira Ambiental</b>	<b>10 H</b>	<b>12.05.18</b>
Daniel Flores Santos	Desenvolvedor	BSI	10 H	17.12.21
Davi Aguiar dos Santos	Desenvolvedor	BSI	10 H	30.10.23
Danyella Santos Silveira	Colunista, Instrutora e Colaboradora do Instagram @inqportal	Engenharia Ambiental	5 H	21.06.22
<b>Demétrius Araujo Dias Segundo</b>	<b>Coordenador de Desenvolvimento e Instrutor</b>	<b>BSI</b>	<b>10 H</b>	<b>10.12.19</b>
Emerson Gean Sousa Vieira	Colunista, <i>Designer</i> e Instrutor	Engenharia Elétrica	5 H	25.10.21
Felipe Ferreira Rocha	Desenvolvedor	BSI	10H	18.08.21
Gabriel Viana Morais	Desenvolvedor	BSI	10H	01.12.22
Geovane Chaves	Consultor (SP)	Empresarial	5 H	23.02.17
<b>Henrique Almeida Rocha Xavier</b>	<b>Coordenador do Instagram @inqportal e Colunista</b>	<b>Engenharia Civil</b>	<b>5 H</b>	<b>08.03.21</b>
Hugo Costa Prado	Colunista e Colaborador do Instagram @inqportal	Engenharia Ambiental	5 H	17.05.22

NOME	FUNÇÃO QUE EXERCE NO PORTAL	PERFIL	CH SEMANAL	DESDE
Igor Vinícius de Oliveira Marcelino	Desenvolvedor e Instrutor	BSI	5 H	24.06.19
Isabela Gusmão Rocha	<i>Designer e Game Artist</i>	BSI	10 H	25.04.19
<b>Jonas Souza Pinto</b>	<b>Coordenador de Projetos Científicos, Colunista, Instrutor e Colaborador do Instagram @inqportal</b>	<b>Engenharia Elétrica</b>	<b>5 H</b>	<b>01.04.22</b>
Jonathan Santos Matos	Pod Cast e Colaborador dos Projetos Científicos.	Engenharia Elétrica	5 H	05.11.21
Kiara Bonella Scaramussa	Colunista, Instrutora e Colaboradora dos Projetos Científicos.	Engenharia Elétrica	5 H	28.10.23
Lorena Leal Silva	Consultora e Instrutora	Administração	5H	25.03.17
Luan Correia Silva	Desenvolvedor	BSI	10H	30.10.23
Maria Clara Santos Queiroz	<i>Designer</i>	Engenharia Elétrica	5 H	20.03.23
Mayara Alexandre	Consultora e Instrutora	Engenheira Elétrica	5 H	21.11.17
Paulo Roberto Freire Lima	Desenvolvedor e <i>Game Designer</i>	BSI	10 H	05.12.17
<b>Polyane Alves Santos</b>	<b>Coordenadora Geral</b>	<b>Professora do Campus</b>	<b>10 H</b>	<b>19.08.22</b>
Rennan Souza Ribeiro	Colunista, Instrutor e Colaborador dos Projetos Científicos.	Engenharia Elétrica	5 H	21.03 .22
<b>Ricardo da Silva Lima</b>	<b>Coordenador de Infra - Estrutura e Redes</b>	<b>BSI</b>	<b>10 H</b>	<b>30.05.16</b>
Thallys Viana Lemos	Desenvolvedor	BSI	10 H	10.06.22

Fonte: acervo documental do InQ.Ifba.

Dentre os objetivos do InQ.Ifba, quando trabalhando de forma plena e científica, tem-se a interação 24 horas com os usuários, visto que o ambiente foi totalmente desenvolvido para mudar o entorno, no sentido de esclarecer dúvidas acerca das mais diversas áreas estudadas no IFBA, bem como o aprimoramento nas capacitações, treinamentos, *lives*, cursos *on-line*, *podcasts*, palestras e seminários. No **Quadro 23**, onde apresenta-se a Quantidade de Treinamentos, Palestras, *Podcasts* ou *Lives* desenvolvidas pelo InQ.Ifba, tem-se em destaque a quantidade de atividades realizadas até 2023. Outrossim, essas atividades não podem ser enquadradas apenas em atividades realizadas no IFBA, dentro ou fora de Vitória da Conquista, visto que, em meio a Pandemia da COVID-19, o Portal da Inovação & Qualidade se destacou em lançamento de matérias e atividades que facilitaram a interação entre a comunidade e alunos, mesmo em período de afastamento social. Uma quantidade grande de discentes e docentes participaram de ações com os mais diferentes temas, interagindo com pessoas de mais

de quatro países e 12 cidades, em apenas uma única “Live” (apenas exemplificando). Faz-se necessário, ainda, ressaltar que existem treinamentos internos com os voluntários do Portal e demais treinandos, que não estão neste cômputo, e que acontecem de maneira colaborativa desde a gênese do InQ.Ifba.

Até o último levantamento, tem-se a quantidade de 1.060 pessoas que foram certificadas pelo InQ.Ifba. Em mais de oito anos de funcionamento, o Portal treinou mais de 1.600 pessoas. Apenas em 2020, de forma virtual, 2.167 pessoas foram alcançadas pelos trabalhos realizados. Dada a versatilidade das oportunidades que se configuraram para o InQ.Ifba, pôde-se aprofundar na área de formação, a ação de cunho social.

**Quadro 23** – Quantidade de Treinamentos, Palestras, Podcasts ou *Lives* apresentadas pelo InQ.Ifba, levantamento feito em 15/01/24.

AMBIENTE	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	TOTAL
Eventos no IFBA ou virtuais	-	139	96	49	231	36	503	120	29	1203
Eventos em Vitória da Conquista, fora do IFBA	47	-	180	74	44	-	-	-	30	375
Eventos fora de Vitória da Conquista	15	93	-	-	-	-	-	-	-	108
<b>TOTAL DE CERTIFICADOS</b>	<b>62</b>	<b>232</b>	<b>276</b>	<b>123</b>	<b>275</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>92</b>	<b>-</b>	<b>1.060</b>
Pessoas que participaram de ações durante a Pandemia	-	-	-	-	-	2.167	-	-	-	2.746

Fonte: acervo documental do InQ.Ifba.

No período da Pandemia, as matérias inseridas semanalmente no InQ.Ifba tiveram alguma alteração devido às condições de trabalhos dos voluntários, contudo, devido à capilaridade do InQ.Ifba, as ideias foram compartilhadas e temas de grande relevância para o contexto foram apresentados.

### 3.2.2 Intercessões do Portal da Inovação e Qualidade com o Social

Desde a sua inauguração o Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, sempre teve como objetivo primordial, contribuir com a melhoria do entorno, levando-se em consideração o social, se utilizando do ferramental inovativo e trabalhando de forma colaborativa, então, faz-se necessário citar, dentre algumas situações, ações sociais que se destacaram no InQ.Ifba, sem eleger a mais importante mas, respeitando a cronologia dos fatos, destacando a complexidade e crescimento das ações em termos de expertises dos indivíduos envolvidos, e, sobretudo, a necessidade da região.

### **SITUACÃO 1 (em 2015):**

Na primeira situação de intercessão do InQ.Ifba com o Social tem-se que no dia 25 de abril de 2015, a Secretaria Municipal de Educação de Vitória da Conquista (SMED), fez a sensibilização do Plano Municipal de Educação (PME), e o Auditório do IFBA - *campus* de Vitória da Conquista, serviu de local para que os Grupos de Trabalho fossem montados. Na oportunidade, a Prof<sup>a</sup> Maria das Graças Bittencourt Ferreira ingressou nas discussões sobre políticas públicas, culminando no convite feito pelo então Secretário de Educação, o Sr. Valdemir Oliveira Dias (**Anexos F e G**). De forma estratégica a Prof<sup>a</sup> Maria das Graças Bittencourt Ferreira lançou o Portal da Inovação e Qualidade como promotor de cursos e capacitações; nesta oportunidade, a primeira palestra (ressaltando o cunho extensionista do Portal, em novembro de 2015) ministrada e certificada, ainda manualmente, pelo InQ.Ifba, foi: “Gestão na Educação: Planejamento e Metas”, apresentada no “I Seminário de Coordenadores do Fundamental II da Rede Municipal de Ensino”.

A palestra foi realizada sem custos, como todas as ações do Portal - 47 Coordenadores de Escolas Municipais das zonas Urbana e Rural começaram a dispor das atividades que este espaço poderia proporcionar, no cunho social e, conseqüentemente, os alunos dessas escolas se beneficiariam de gestões atualizadas, em virtude do treinamento proporcionado. Depois desta oportunidade, tendo uma visibilidade crescente na comunidade, outras ações se consolidaram.

### **SITUACÃO 2 (em 2016):**

Em trabalho construído ainda no ano de 2016, em 16/12/2016 (**Anexo H**), o Portal da Inovação e Qualidade reuniu os discentes: Alex Oliveira dos Santos (discente do Curso Técnico em Edificações), Alessandra Paiva e Brenda Moraes (discentes do Curso Técnico em Meio Ambiente) e Daniel Padre (discente do curso de Engenharia Ambiental e também professor de Karatê), e os professores Caio Cesar de Aguiar Cirino (Sociólogo) e Maria das Graças Bittencourt Ferreira (Doutoranda) praticantes da arte marcial “Karatê” e juntos viabilizaram à comunidade o Curso “Educação Física e Mental: Artes Marciais, em pauta, o Karate”. Na oportunidade o médico urologista, praticante de Karatê e também palestrante, Dr. Geraldo Barbosa, da Associação de Karatê Denilson (ASKADE), propiciou ensinamentos valiosos à comunidade acerca deste esporte.

Ressalta-se que esta Associação é reconhecida na cidade de Vitória da Conquista pelo trabalho social (**Anexos H, I**) realizado na Região Sudoeste. Alunos sem condições financeiras

chegaram à conquista de medalhas em diversos campeonatos, dentro e fora do estado. Essa ação deu visibilidade ao projeto e propiciou uma melhoria curricular aos treinandos, que foram certificados pelo InQ.Ifba. Uma matéria foi postada no ambiente InQ.Ifba, no dia 20/03/2017.

A palestra teve uma intercessão do InQ.Ifba com a Associação de Karatê Denilson (ASKADE), que tem como seu gestor principal o Sensei Hudson Castro, pioneiro no Karatê Conquistense, o qual acumula conquistas já reconhecidas dentro e fora do Brasil. O mesmo possui uma larga experiência na área de esporte com cunho social. Na oportunidade, os karatecas puderam aprender um pouco mais sobre a importância da educação física e mental, princípios ou normas que denotam boa educação e bom comportamento para uma convivência social harmoniosa e respeitosa dentro do ambiente da prática do esporte, dentre outros destaques da área. Todos os alunos foram certificados pelo Portal.

### **SITUAÇÃO 3 (em 2018):**

No dia 17 de julho de 2018, o InQ.Ifba, organizou o “I Ciclo de Startups”, um evento que teve como finalidade dar visibilidade e tentar conseguir investidores para as *Startups* criadas pelos discentes do *Campus*. Os alunos são altamente capazes nas suas ideias, contudo, existe uma dificuldade grande com a visibilidade e captação de recursos para tais ideias. Na “I Apresentação Pública de *Startups*”, todas criadas por alunos dos cursos de Sistemas de Informação, Engenharia Elétrica e Engenharia Ambiental, foi possível receber um investidor hoje vivendo na Alemanha (ressalta-se que, ainda hoje, continua com contratos com 02 desenvolvedores do InQ.Ifba).

Após a apresentação, diversos contatos foram realizados e posteriormente dois projetos foram desenvolvidos entre o investidor alemão e alunos do *Campus* – destaca-se aqui a então Coordenadora de Conteúdo e Serviço, da época, sócia do investidor, Mayara Alexandre. Dois novos Ciclos também foram desenvolvidos pelo InQ.Ifba, na perspectiva de informarem e contextualizarem cada vez mais as *StartUps* construídas pelos alunos: o II Ciclo foi o “StartUp, boa ideia, e agora”, que aconteceu no dia 20/08/2018, que contou com Mayara Alexandre (a então Coordenadora de Conteúdo e Serviços do Portal, já sócia do investidor alemão citado anteriormente), palestrando sobre “Abertura de Empresas” (**Anexo J**).

#### **SITUAÇÃO 4 (em 2018):**

O InQ.Ifba sempre teve a necessidade de oferecer uma metodologia inovadora onde os alunos tivessem a condição física e técnica de participar de uma forma mais ativa nas organizações estudantis, estagiando e conscientizando-se diuturnamente do seu papel enquanto cidadãos. O desenvolvedor de *games*, Paulo Roberto Freire Lima, voluntário do InQ.Ifba, especialista em *Games* e Instrutor, com a ajuda da discente e *Designer* Isabela Gusmão Rocha, também voluntária do Portal, ambos do curso de Sistemas de Informação, construíram o Primeiro Game Educativo do InQ.Ifba. Na oportunidade uma pesquisa virtual foi feita no *Campus*, onde o tema que envolve a consciência ecológica foi o mais votado. Dessa forma, o projeto tomou corpo pela conquista de um Edital local: 011/UNIVERSAIS-2018, propiciando uma bolsa ao criador do *Game*, Paulo Roberto.

Apoiadas na *expertise* em projetos sociais adquirida no InQ.Aprendiz, as ações do *Game* puderam ser revertidas de maneira ampla e irrestrita ao *Campus* de Vitória da Conquista e demais escolas públicas, estimulando o estudante a assumir o seu papel no contexto institucional com visibilidade aos trabalhos desenvolvidos. Ressalta-se ainda, que a primeira parte deste projeto, **Anexo K**, atingiu resultados acima da expectativa com o *Game* “EcoDivertidos”, em parte, graças ao senso de familiaridade espacial, proporcionado pelo trabalho de pesquisa e identidade visual desenvolvido pela *designer* de jogos, Isabela Gusmão, discente do IFBA *Campus* Vitória da Conquista, que recriou virtualmente as principais avenidas do entorno do *Campus*, bem como, boa parte dos prédios situados nas mesmas.

Com a área temática de INCENTIVO À FORMAÇÃO DA CIDADANIA, no Edital conquistado, o *Game* Educativo “EcoDivertidos” respondeu aos anseios dos alunos e da sociedade local e regional, no momento em que incentivou a conquista dos direitos e deveres que, teoricamente, todo cidadão tem. O fator dificultador para a prática da cidadania foi minimizado com uma linguagem atualizada e de capilaridade comprovada: jogos educativos. Nessa perspectiva, os saberes necessários para o estímulo do aluno ao tema tiveram uma ampla divulgação e penetração não somente no IFBA – *campus* de Vitória da Conquista, mas, também em outros espaços escolares (**Anexos L e M**).

Projetos como este multiplicam a viabilização de novos cenários, potencializam os saberes discentes e divulgam os direitos e deveres políticos, civis e sociais, que estão disponíveis a qualquer tempo, **Anexo Y**, pois, quando na pandemia, ações foram feitas para que as pessoas se utilizassem da ferramenta para entretenimento – sem custos.

Ressaltam-se alguns pontos de grande importância a partir desse projeto: o desenvolvedor do Game, além de instrutor, participa, quando possível de eventos com este tema; o mesmo mostrou a sua *expertise* em games a um empresário no *Campus Party* 2019, em São Paulo, onde demonstrou um vasto potencial para possíveis lançamentos de produtos, ou seja, esse projeto nasceu com grandes perspectivas. Para o lançamento do *Game* entre alunos, a primeira turma que testou o projeto foi a do Jovem Aprendiz (**Anexos N e O**) projeto cuja parte pedagógica foi conduzida pelo InQ.Ifba.

### 3.2.3 Definindo os Grupos de Pesquisa

Na tentativa de trilhar os melhores caminhos para a investigação dentro do Empreendedorismo Social relacionado à Inovação, tendo em vista a obtenção das melhores estratégias na Aprendizagem Colaborativa, três serviços do portfólio desenvolvido pelo InQ.Ifba foram eleitos para o aprofundamento da pesquisa: a) Acompanhamento Pedagógico da turma de Jovens Aprendizes; b) Publicação de Artigos Semanais no InQ.Ifba e c) Desenvolvimento da *Revista Interdisciplinar Científica Aimoré (RICA)*.

#### a) Acompanhamento Pedagógico da turma de Jovens Aprendizes

No dia 21/11/2017, o Portal da Inovação e Qualidade foi convidado a participar de um importante Projeto, onde o IFBA – *Campus* de Vitória da Conquista, a Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, o Ministério do Trabalho, o Ministério Público e a Empresa EPCL (Empreendimentos, Projetos e Construções Ltda) juntos, desenvolveriam o “Projeto Especial da Aprendizagem Profissional – Cidadão Aprendiz em Vitória da Conquista”. Na oportunidade houve a exposição do projeto para o então Prefeito de Vitória da Conquista, Hérzem Gusmão, Secretários e demais representantes do IFBA. No dia 04-05-18, um novo encontro com a Prefeitura, selou o compromisso de lançamento do referido projeto para o dia 20/06/2018 (**Anexo P**).

Conquista com larga repercussão na sociedade, a inserção do InQ.Ifba no “Projeto Especial de Aprendizagem: Jovem Aprendiz”, sem dúvida, alavancou este estudo por envolver Empreendedorismo Social, Inovação e Aprendizagem Colaborativa. Para dar andamento ao Projeto, ficou acertado um ponto imprescindível na formação da Equipe IFBA de trabalho: a presença de um desenvolvedor e duas instrutoras (Coordenadores do Projeto) [**Anexo Q**].

Ressalta-se que durante dois anos, esse quadro se encarregou de treinar 30 jovens, de baixa renda e em situação de risco e alta vulnerabilidade social, previamente selecionados pela Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista (PMVC). Após o treinamento, até o final deste projeto, em abril de 2020 (durante a Pandemia), os jovens foram treinados pelo InQ.Ifba, em uma sala do IFBA, usufruindo de toda a estrutura do *Campus* – para não perderem a oportunidade de estar neste projeto, os Jovens Aprendizes obrigatoriamente deveriam estar formalmente matriculados em uma escola e não poderiam faltar às aulas do projeto, que aconteceram no turno oposto. Durante os dois anos correntes, o treinamento não teve interrupção, com a parte Pedagógica desenvolvida pelo InQ.Ifba.

No dia 21/06/2018 deu-se início, vide **Anexo R**, ao trabalho Pedagógico do Portal com trabalhos de qualidade e interdisciplinares entre os Jovens. Após os três primeiros meses de aulas diárias e intensas e sem interrupções, os jovens foram inseridos no mercado de trabalho. O acerto técnico conduziu os jovens às secretarias da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, em 13/09/2018 (**Anexo S**). Tal feito foi acompanhado por profissionais como: psicólogos, pedagogos e assistentes sociais da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, por se tratar de um público extremamente carente e que requeria um cuidado especial.

O InQ.Ifba seguiu com a parte pedagógica, documentando (listas de presenças, ementas das disciplinas, ações como palestras, cursos, etc.) e dialogando com as partes acerca dos problemas encontrados ao longo do processo. Dentre ações feitas com os jovens no projeto, os mesmos participaram de projetos de Extensão especialmente apresentados para eles, tais como cursos certificados pelo InQ.Ifba e apresentados pelos voluntários: “Eficiência Energética”, “Consciência Ecológica” e “Gestão na Qualidade” (**Anexo T**). Os Jovens Aprendizes começaram uma montagem curricular para competirem posteriormente no mercado de trabalho. Com a Pandemia da COVID-19, e em se tratando de um público vulnerável (sem condições técnicas para aulas virtuais), não restou outra alternativa, senão suspendermos as aulas. O acontecido não tirou o brilho da tão sonhada Formatura que foi realizada de forma híbrida com todos os pares presentes (**Anexo U**).

b) Publicação de Artigos Semanais no InQ.Ifba.

Desde a sua criação, o Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba sempre teve a preocupação em levar para a comunidade um conteúdo de qualidade e com responsabilidade. Desde a sua criação, matérias foram desenvolvidas pelos voluntários (**Anexo W1**). Os links são enviados virtualmente via grupos de *WhatsApp* e desde o mês de outubro de 2022, o Instagram

@inqportal, também se tornou um canal para difundir o conhecimento onde, às segundas-feiras, matéria inédita é postada, às quintas-feiras, as antigas são lembradas e, as sextas-feiras são usadas para as “memórias” do InQ.Ifba; tudo isso sem custo.

Em tempos de Pandemia, matérias como: “A importância do desenvolvimento de novas habilidades em tempos de Pandemia”, “Empreendedorismo Social: Máscaras Para Doação”, “Lives: potencializando temas no mundo virtual”, “Alimentos que auxiliam na imunidade”, “A importância do desenvolvimento de novas habilidades em tempos de Pandemia”, foram construídas e sempre revisadas pelos voluntários. Tem-se destaque para duas matérias, nesta fase de afastamento: “Você conhece a técnica Pomodoro?”, publicada em 09/06/2022, referindo-se a uma técnica de leitura para auxiliar os jovens com dificuldades de concentração devido ao confinamento – houveram elogios e depoimentos nas redes sociais acerca da ajuda, por meio deste tema. Ainda, no dia 24/06/2020, a matéria “Primeiros passos na prática da educação ambiental” foi postada e houve a solicitação de que o texto fosse apresentado em inglês e espanhol, meta desde a criação do InQ.Ifba. A referida matéria retrata uma escola com práticas de educação ambiental para crianças, que é filiada à Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) – o link deste trabalho foi enviado a Paris, sede mundial da UNESCO. Desta oportunidade, três selos foram consolidados no InQ.Ifba (**Anexo W2**). A matéria foi posteriormente publicada na revista italiana *Pedagogika.it – Rivista di Educazione, Formazione e Cultura*, 2021-25/1.

A crescente interação com a Comunidade impulsionou a publicação de matérias escritas por leitores, havendo uma intercessão de ideias e propósitos; nessa perspectiva um leitor pode se habilitar a escrever algo para a postagem no InQ.Ifba. Ainda em tempos de pandemia, duas voluntárias assumiram estes Selos Internacionais: Giselle Muniz (em Espanhol) e Beatriz Lourenço (em Inglês), impulsionando o estudo de novas línguas, viagens e estudos no exterior.

Aqui ressalta-se um projeto de cunho social também desenvolvido no InQ.Ifba, durante a pandemia: “Experiência Internacional, Agente de Transformação Social”, desenvolvido pelo voluntário Brenno Oliveira, nomeando assim mais uma ABA: InQ.Internacional, conquistando posteriormente o Edital 07/2020 CPPGI, **Anexo X** – Experiência Internacional, Agente de Transformação Social.

O voluntário do InQ.Ifba desenvolveu quatro matérias construídas no intuito de informar desde a preparação de uma viagem, até os caminhos a serem percorridos para concorrer a um Edital Internacional. E, contextualizando as matérias, três *lives* foram apresentadas: a primeira com a convidada Paula Oliveira, componente da Assessoria de Relações Internacionais (ARINTER) do IFBA, e mais duas, com as discentes Andressa

Delafiori e Amanda Coqueiro, que viveram a experiência internacional, assim como o próprio Brenno Oliveira (todos egressos do IFBA).

Tais exemplos servem apenas para ratificar as ações colaborativas implementadas pelo InQ.Ifba, se utilizando de ações inovativas para que a sociedade (ressalta-se a área social) tenha conhecimento de conteúdos com fácil acesso, e sem custo algum (**Anexo Y**).

c) Desenvolvimento da *Revista Interdisciplinar Científica Aimoré (RICA)*

No ano de 2021, o InQ.Ifba deu continuidade a uma meta antiga: tornar suas ações científicas, dando apoio ao lançamento da primeira Revista Científica do *campus*, proveniente de um dos trabalhos realizados pelo Grupo de Pesquisa certificado pelo IFBA, o GITI - Grupo Interdisciplinar em Tecnologias Inovadoras (**Anexo Z**). Esse grupo – formado ainda na Pandemia, pelos Professores do IFBA – *Campus* de Vitória da Conquista, Élvio Prado (Coordenador de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação), Maria das Graças Bittencourt Ferreira (Discente do DMMDC), Polyane Alves (Coordenadora de Extensão e atual Coordenadora do InQ.Ifba) e Rafael Rocha (Coordenador de EAD) - montou a *Revista Interdisciplinar Científica Aimoré (RICA)*, **Anexo AA**, o que lançou o InQ.Ifba a um nível científico de maior respeito para a conquista de novos Editais, dando maior visibilidade aos trabalhos desenvolvidos pelos discentes, tornando-se contundente o trabalho de intercessão com o Empreendedorismo Social e Inovação.

Apenas para exemplificar, trabalhando de maneira colaborativa, os desenvolvedores do InQ.Ifba estão operacionalizando a *RICA*, e como tudo tem sido documentado e testado, um artigo foi desenvolvido sobre a *RICA*, que será publicado no livro organizado por Camila Nunes Dantas (Coordenadora de Conteúdo e Serviços, Colunista e Instrutora do InQ.Ifba), Maria das Graças Bittencourt Ferreira e a sua Orientadora, a Profa. Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira, já tramitando na Editora do IFBA para um posterior lançamento, dez artigos construídos por voluntários do InQ.Ifba apresentam temas provenientes das matérias postadas no próprio InQ.Ifba.

### 3.3 VITÓRIA DA CONQUISTA, JOIA DO SERTÃO BAIANO

O hino do município de Vitória da Conquista, com a letra de Euclides Dantas, tem na sua primeira estrofe: “Conquista, joia do sertão baiano...”, inspirando assim, muitas produções. A cidade de Vitória da Conquista está distante de Salvador em 512 km e do Porto de Ilhéus em 278 km, está posicionada a 14 graus 50’ 53” de latitude sul e 40 graus 50’ 19” de longitude

oeste, com uma altitude que varia entre 900 e 1200 metros do nível do mar. Vitória da Conquista apresenta as seguintes convergências rodoviárias: BR-116 (Rio-Bahia), BR-425 (Ilhéus-Conquista) e BA-262 (Conquista-Brumado), onde está a conexão ferroviária para o sul e o nordeste do país.

Com a expansão da criação de gado e, como ponto fundamental, a criação de conexões urbanas que interligassem o interior com o litoral, no século XVI, por incentivo da coroa portuguesa, surge o arraial de Nossa Senhora da Vitória, posteriormente Vila da Vitória em 9 de novembro de 1840 e, mais tarde, passando a chamar-se Vitória da Conquista.

Considerado o terceiro município mais populoso do Estado da Bahia, segundo estimativas do IBGE de 2022, o município conta uma população de 343.643 pessoas, numa área de 3.254,186km<sup>2</sup>. Segundo Silva (1995, p. 18), em virtude de sua posição geográfica, pelo seu crescimento geopolítico, e o fato de a Rio-Bahia estar inserida na cidade, Vitória da Conquista tornou-se um importante entreposto comercial, que proporciona suporte logístico para muitas empresas distribuidoras e atacadistas, além de empresas de transporte de cargas rodoviárias, que movimentam um considerável volume de mercadorias e rebanhos animais no sentido sul-norte e norte-sul do país.

Em 2006, foi dado início ao processo de revitalização da rodovia Rio-Bahia, no trecho que corta Vitória da Conquista; tal obra foi longamente esperada pelos micro e pequenos empresários da Região Sudoeste, visto que, antes, pelas más condições do referido trecho, este sempre foi visto como fator impeditivo de desenvolvimento da Região.

A descentralização econômica do estado da Bahia, discutida mais profundamente em 1970, teve o seu impulso na possibilidade de criação de um modelo de soluções para o fluxo migratório das zonas rurais para os grandes centros, diante da dificuldade surgida com a improdutividade das monoculturas agrícolas e o crescimento populacional.

O município de Vitória da Conquista representava a sede de uma microrregião que cobria oito municípios e possuía quatro distritos totalizando uma população em 1970, de 173.312 habitantes; apresentado em Silva (1995, p. 18):

Embora tenha a sua maior expressão na pecuária, com destaque para a bovinocultura, seguida de suinocultura, o município conta com diversificado setor agrícola [...] destacando-se as culturas de mandioca, milho e feijão. Além dessas ganham importância localizada as culturas de algodão, de laranja e de arroz.

Em 1970, o café passou a fazer parte da agricultura conquistense, incluindo o município entre as áreas beneficiadas por incentivos do governo federal, através do antigo Instituto Brasileiro do Café (IBC). Ressalta-se, entretanto, que a cultura do café, antes impulsionadora

da economia Conquistense, tornou-se uma monocultura perigosa por muitos anos, o que mais tarde veio a tornar-se a razão maior do surgimento de outras possibilidades econômicas como o comércio e, por conseguinte, os serviços.

Pode-se, ainda, citar que, além dos recursos agropecuários de antes, a região também se destaca na importância mineralógica que, de acordo com pesquisas realizadas pelos órgãos da Secretaria de Minas e Energia, é composta, em especial, por ocorrências diversas, das quais se destacam: magnesita, talco, manganês, berilo, mica (Sic, 1980 *apud* Silva, 1995).

O surgimento dos distritos industriais baianos, como o Centro Industrial de Aratu (CIA), em Simões Filho, o de Subaé, em Feira de Santana, e dos Imborés, em Vitória da Conquista, e outros, consolidaria um plano governamental dirigido para a descentralização industrial do Estado da Bahia. Tal fato alavancou, pois, a vinda de investidores, e, mesmo ainda sem destaque industrial em nível nacional, demonstra que a cidade de Vitória da Conquista caminha a passos largos para um crescimento destacável, o que certamente poderá mudar sua configuração socioeconômica.

A Vitória da Conquista considerada na atualidade, apesar do passado de cafeicultura e de um Distrito Industrial crescente, é tida como a cidade da região do Sudoeste da Bahia com o comércio mais forte e destacado. Para Cordeiro (2005, p. 62), o maior destaque de crescimento de segmento econômico ficou por conta do setor terciário, seguindo uma tendência nacional, com uma participação de 50% na renda mensurada e gerando maior contingente de novos empregos.

Numa visão mais atual, em dados atualizados do site da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista (PMVC), tem-se o comemorado 219º lugar num *ranking* nacional de competitividade, entre os 411 municípios brasileiros com mais de 80 mil habitantes pela estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). A atual prefeita ‘Sheila Lemos’ asseverou que tais resultados refletem o esforço comum entre o poder público, a iniciativa privada e os conquistenses de modo geral, o que, de alguma forma nos remete a alguma modernidade; consolidando o posicionamento do município no Nordeste e na Bahia. Datado de 2020, o “Ranking de Competitividade dos Municípios”, realizado pelo Centro de Liderança Pública (CLP), mapeia 65 indicadores, distribuídos em 13 pilares temáticos (Sustentabilidade Fiscal, Funcionamento da Máquina Pública, Meio Ambiente, Acesso à Saúde, Qualidade da Saúde, Acesso à Educação, Qualidade da Educação, Segurança, Saneamento e Meio Ambiente, Inserção Econômica, Inovação e Dinamismo Econômico, Capital Humano e Telecomunicações), e três dimensões (Instituições, Sociedade e Economia) consideradas

fundamentais para a promoção da competitividade e melhoria da gestão pública dos municípios brasileiros.

Acresce-se então que, ainda com muitas possibilidades a serem desenvolvidas futuramente, a região em questão tem proporcionado boas oportunidades de negócios, concentrados em sua maioria em Micro e Pequenas Empresas (MPE), como, por exemplo: unidades fabris, comerciais e de serviço. Percebe-se na região que, independentemente das dificuldades vivenciadas pelos munícipes, sobretudo em período de afastamento com a pandemia da COVID-19, os investimentos na região permanecem.

À luz do pensamento de Lucato (2003), algumas pequenas e médias empresas brasileiras sentiram a necessidade de se adequar aos padrões competitivos vigentes o mais rápido possível; outras empresas, porém, continuam a atuar no mercado como se o ambiente competitivo não fosse uma realidade. “O efeito dessa miopia gerencial não se faz demorar” (Lucato, 2003, p. 17).

Neste sentido, a miopia gerencial de alguns empreendimentos se contrapõe a outros tantos que, mesmo sem lastro financeiro, se colocam no mercado conquistense de forma agressiva, por entenderem que é uma região com um futuro promissor, aí vivenciando tais mudanças com a “ajuda” da tecnologia; ressalta-se o surgimento de grande quantidade de novas lojas no centro comercial da cidade e ruas adjacentes, franquias, serviços na área de saúde e educação e empresas voltadas ao comércio de construção civil, comprovadamente aquecida, o que representa um indicador de crescimento.

Investidores de cidades circunvizinhas, de capitais e multinacionais, introduzem empresas em Vitória da Conquista de forma estudada, com pesquisas de mercado bem elaboradas e, sobretudo, com Plano de Negócio pronto antes da implantação de qualquer empreendimento; o crescimento conquistense diversificado possibilita a chegada de novos empreendimentos, seja no segmento industrial – indústria de transformação e extração mineral – seja no setor de serviços – escolas, universidades, hospitais.

## CAPÍTULO 4 – ABORDAGENS METODOLÓGICAS

A minha intenção não é substituir um conjunto de regras gerais por outro conjunto semelhante. A minha intenção é, pelo contrário, convencer o leitor de que todas as metodologias, mesmo as mais óbvias, têm os seus limites (Feyeraben, 1977).

### 4.1 DESENHO DA PESQUISA – PROPOSIÇÃO

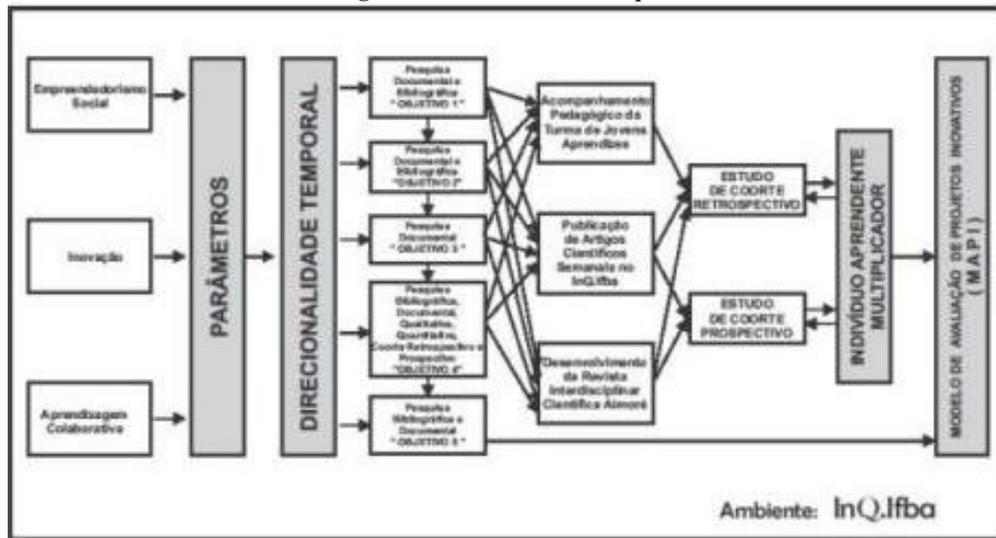
Em Melo (2022), tem-se que nenhum modelo pode ser perfeitamente igual ao sistema que foi base para sua concepção. Nessa perspectiva, ao buscar o melhor caminho para a apresentação de um “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos (MAPI)”, ressalta-se que o modelo construído deverá representar a visão do modelador acerca da realidade material ou abstrata que este consegue captar, dependente de seu repertório ferramental, de restrições éticas, das características observáveis do sistema físico (Karam-Filho, 2019; Burnham, 2012; Maturana; Varela, 2007; Boaventura Netto; Jurkiewicz, 2017), ainda citando Melo (2022). Em Karam e Almeida (2003), nenhum modelo pode ser perfeitamente igual ao sistema que foi base para sua concepção, sendo dependente do processo de construção escolhido, o modelador pode conceber sua estratégia, sujeito a restrições de tempo, acessibilidade a dados e pessoas, recursos financeiros e computacionais, entre outros, conforme o caso e o domínio de estudo.

A trajetória de ações desenvolvidas pelo Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, determinou o desenho da pesquisa (Boaventura Netto; Jurkiewicz, 2017, p. 36). Em Melo (2022), assevera-se que um modelo é uma simplificação da realidade com a qual nos interessa trabalhar, construído de modo a conter aquilo que mais nos interessa e de forma que nos permita obter as respostas de que necessitamos; dessa forma, faz-se necessário entender a Figura 9 e, posteriormente, adentrar nas ações desenvolvidas pelo InQ.Ifba, a serem pesquisadas, chegando aos instrumentos de pesquisa e finalizando com a apresentação do “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos (MAPI)”.

Na figura abaixo, tem-se quatro retângulos que se destacam (fundo em cinza): os **PARÂMETROS**, construídos ao longo de toda a Tese, com os temas Empreendedorismo Social, Inovação e Aprendizagem Colaborativa; A **DIRECIONALIDADE TEMPORAL**, que encaminha os cinco objetivos propostos com seus procedimentos técnicos: **Objetivo 1:** apresentar teoricamente o Empreendedorismo Social e a Aprendizagem Colaborativa, parametrizando-os; **Objetivo 2:** construir um compêndio conceitual parametrizado da Inovação contextualizando-o à realidade investigada; **Objetivo 3:** relatar a trajetória Inovadora do Empreendedorismo Social trabalhado colaborativamente no *locus* “Portal da Inovação e

Qualidade: InQ.Ifba; **Objetivo 4:** identificar a contribuição do Indivíduo Aprendiz Multiplicador na apresentação do Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos e **Objetivo 5:** apresentar um Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos, a partir das ações de Empreendedorismo Social, trabalhadas Colaborativamente.

Figura 9 – Desenho de Pesquisa



Fonte: Elaborado pela Autora.

Após os Objetivos traçados, tem-se os serviços do portfólio desenvolvido pelo InQ.Ifba que foram eleitos para o aprofundamento da pesquisa: “Acompanhamento Pedagógico da turma de Jovens Aprendizes”; “Publicação de Artigos Semanais no InQ.Ifba” e “Desenvolvimento da *Revista Interdisciplinar Científica Aimoré (RICA)*”. Os retângulos posteriores, retratados na Figura 9, apresentam a investigação que se classifica como uma pesquisa aplicada, de abordagem quantitativa e qualitativa, de tipologia participante, bibliográfica, descritiva e documental, subsidiada pela direcionalidade temporal, com o estudo de coorte retrospectivo e prospectivo. Dando continuidade, tem-se o Indivíduo Aprendiz Multiplicador, caminho percorrido para se alcançar a proposição final que é o “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos (MAPI)”.

#### 4.2 TRAJETÓRIA DE AÇÕES DESENVOLVIDAS NO InQ.IFBA DEFINIDAS PARA A PESQUISA

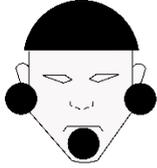
A pesquisa científica precisa avançar em soluções rápidas que mudem a vida de pessoas que nunca teriam oportunidades iguais frente a pessoas com melhores condições. Surgiu, então, a possibilidade de construir uma investigação que evidenciasse os resultados alcançados em obras em que o social possui uma grande capilaridade, transformando o meio ambiente; neste

estudo, usando a Inovação como ferramenta, portanto, foi necessário refletir sobre o consequente desenvolvimento de fatores inovadores: estes não podem ser vistos apenas como sinônimos do crescimento de alguns setores modernos da economia, mas como uma possibilidade de transformação, uma proposta de melhoria contínua dos múltiplos fatores que influenciam o bem-estar humano, as condições de vida e a sociabilidade das pessoas (Fischer; Comini, 2012).

Dentre as ações desenvolvidas pelo Portal da Inovação e Qualidade, três foram escolhidas por se configurarem pertinentes aos temas estudados, pela formação dos grupos na operacionalização das atividades, e também pela acessibilidade das informações. Logo, as ações que compuseram os grupos pesquisados foram:

- **GRUPO A – Com 03 Respondentes: (Acompanhamento Pedagógico da turma de Jovens Aprendizizes):** A trajetória do “Jovem Aprendiz” desenvolvido sob a Coordenação de **Lorena Leal Silva**, atual Consultora e Instrutora do InQ.Ifba; **Ricardo da Silva Lima**, atual Coordenador de Infraestrutura e Redes do InQ.Ifba e **Lidiana Vieira Oliveira Santos**, egressa do Curso de Bacharel em Sistema de Informações que atuava como Gestora de Conteúdo e Colunista, na época, hoje Arquiteta formada.
- **GRUPO B – Com 01 Respondente (Publicação de Artigos Semanais no InQ.Ifba):** A postagem semanal de artigos de opinião no endereço: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>, e também divulgada no @inqportal, sob a Coordenação de **Camila Nunes Dantas**, atual Coordenadora de Conteúdo e Serviços, Colunista e Instrutora do InQ.Ifba.
- **GRUPO C – Com 01 Respondente (Desenvolvimento da Revista Interdisciplinar Científica Aimoré-RICA):** O desenvolvimento da 1ª Revista Científica do IFBA - *campus* de Vitória da Conquista, *Revista Interdisciplinar Científica Aimoré (RICA)*, sob a Coordenação de **Demétrius Araujo Dias Segundo**, atual Coordenador de Desenvolvimento e Instrutor do InQ.Ifba

Quadro 24 – Ações definidas para a pesquisa

GRUPO A “Acompanhamento Pedagógico da turma de Jovens Aprendizes” 3 respondentes	GRUPO B “Publicação de Artigos Semanais no InQ.Ifba” 1 respondente	GRUPO C “Desenvolvimento da Revista Interdisciplinar Científica Aimoré (RICA)” 1 respondente
		 Revista Interdisciplinar Científica Aimoré

Fonte: Elaborado pela autora com base nos acervos documentais do InQ.Ifba.

A partir de agora, adentrar-se-á aos instrumentos de pesquisa, numa primeira fase: antes de alcançar o MAPI, ou Metodologia de Análise de Projetos Inovativos.

#### 4.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA (POPULAÇÃO, AMOSTRA, COLETA, TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS)

Realizada sob uma pesquisa aplicada de abordagem quantitativa e qualitativa, tem-se que a tipologia foi participante, dado o envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas, Gerhardt e Silveira (2009). Juntamente com a tipologia participante, tem-se também a pesquisa bibliográfica, descritiva e documental subsidiada pela direcionalidade temporal, visto que acompanhou a população ao longo do tempo, buscando, assim, uma associação entre exposição e desfecho: com o estudo de coorte retrospectivo, quando a Pesquisadora colheu informações pregressas e, durante todo o período, acompanhou, os indivíduos, também chamado de “GRUPO A” ou “Acompanhamento Pedagógico da Turma de Jovens Aprendizes” e também coorte prospectivo, quando a pesquisadora esteve presente no momento da exposição dos fatores, acompanhando posteriormente, ao longo de um período de tempo, para a observância de desfechos, com os “GRUPOS B e C”, ou “Publicação de Artigos Semanais no InQ.Ifba” e “Desenvolvimento da Revista Interdisciplinar Científica Aimoré”, respectivamente.

Para alcançar os objetivos e as hipóteses propostas, fez-se necessário a adoção de procedimentos e classificação da pesquisa quanto aos seus objetivos específicos. Para o primeiro Objetivo Específico **Apresentar teoricamente o Empreendedorismo Social e a Aprendizagem Colaborativa, parametrizando-os**, foi desenvolvida uma pesquisa Descritiva, Bibliográfica e Documental, com fins de parametrizar os dados acerca do Empreendedorismo Social e da Aprendizagem Colaborativa, entre os principais teóricos. Para o segundo Objetivo

Específico **Construir um compêndio conceitual parametrizado da Inovação contextualizando-o à realidade investigada**, foi desenvolvida uma pesquisa Descritiva, Bibliográfica e Documental, com fins de parametrizar os dados acerca da Inovação entre os principais teóricos e documentos da área: *Manual de Oslo* (documento internacional), Sociedade da Informação no Brasil – *O Livro Verde, Livro Branco: Tecnologia e Inovação e Livro Azul* da 4ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável (documentos nacionais). Asseverando-se em Fonseca (2002, p. 32):

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.

No terceiro Objetivo Específico **Relatar a trajetória Inovadora do Empreendedorismo Social trabalhado colaborativamente no locus “Portal da Inovação e Qualidade:InQ.Ifba**, ainda de característica Descritiva, foi realizada uma Pesquisa Documental no acervo do InQ.Ifba. No quarto Objetivo Específico **Identificar a contribuição do Indivíduo Aprendiz Multiplicador na apresentação do Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos**, foi desenvolvida uma pesquisa Descritiva, Bibliográfica, Quantitativa, Qualitativa e Documental e, dada a necessidade de se descrever um tempo vivido, subsidiada pela direcionalidade temporal, foi desenvolvido o estudo de coorte retrospectivo e também prospectivo, para a coleta de dados. O “Acompanhamento Pedagógico da Turma de Jovens Aprendizes”, aqui chamado de “Grupo A”, se adapta a alguns traços do estudo de coorte retrospectivo, tendo em vista que na época que aconteceu o projeto, em 2018, não havia a intenção de ser feita uma pesquisa e, por isso, não foram coletados dados e nem feitos registros sistematizados do objeto de estudo. Havendo, então, um distanciamento temporal, não foi possível fazer inferências no processo acontecido, a fim de controlar ou modificar os dados e os resultados.

Nesta perspectiva, a pesquisa de coorte retrospectivo tornou-se viável pelo composto documental do programa “InQ.Aprendiz”, levando-se em consideração que o **GRUPO A** esteve assistido pedagogicamente pelo InQ.Ifba em todas as suas ações, ao longo dos três anos de sua existência, com início em 20/06/2018 e término em 17/07/2021. Para a investigação no **GRUPO B** – “Publicação de Artigos Semanais no InQ.Ifba”, subsidiada pela direcionalidade

temporal, tem-se o estudo de coorte retrospectivo, com início dos trabalhos desde a criação do InQ.Ifba em 23/11/2015, funcionando até os dias atuais com publicação de artigos de opinião (matérias) inéditos semanalmente.

O último grupo investigado foi o **GRUPO C**, quando criada a primeira comissão de trabalho para a construção da 1ª Revista Científica do IFBA - *campus* de Vitória da Conquista: a *Revista Interdisciplinar Científica (RICA)*, com a data da primeira portaria instalada em 19/04/2021; ressalta-se que este grupo também permanece trabalhando, visto que a *RICA* está em fase de teste, e possivelmente será lançada, em novembro deste ano, com o primeiro Edital público de artigos e trabalhos científicos.

No quinto e último Objetivo Específico **Apresentar um Modelo de Avaliação de projetos Inovativos a partir das ações de Empreendedorismo Social, trabalhadas Colaborativamente**, foi desenvolvida uma pesquisa Bibliográfica e Documental, e, em sendo uma pesquisa de estudo contemporâneo, utilizou-se a pesquisa prospectiva ou de seguimento (*follow up*), com base no modelo ARCS, base de criação do “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos”.

Para a apresentação do Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos (MAPI), atendendo ao último Objetivo, foi eleito o “Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação (Presencial e à Distância): Reconhecimento e Renovação de Reconhecimento”, do Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), na versão de outubro de 2017 (a mais nova até então). Após pesquisas realizadas, entendeu-se que tal instrumento entrega pontos importantes buscados na apresentação do “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos”, sejam eles:

- É um instrumento confiável e inquestionável no mundo científico;
- A pesquisadora já manuseou por vários anos e em várias versões tal instrumento, visto que em cargos exercidos ao longo de sua vida profissional, a mesma deveria perseguir tal instrumento na conquista de êxito em Faculdades públicas e privadas onde trabalhou;
- O acesso a tal instrumento é fácil e sem custo;
- A forma como as “Dimensões” são analisadas, suscitou a complementariedade após eleito o “Indivíduo Aprendente Multiplicador”.

Dessa forma, entendeu-se que os objetivos propostos foram descritos com procedimentos técnicos apropriados, sempre levando em consideração que a definição dos sujeitos (todos Coordenadores, Gestores portanto) da pesquisa foi realizada mediante critérios determinados pela pesquisadora com o cenário da investigação nascido no IFBA – *campus* de Vitória da Conquista, denominado: Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba.

No Quadro 25, tem-se o resumo do Tipo de Pesquisa adotado, ratificando assim o caminho percorrido para o alcance dos Objetivos.

**Quadro 25 – Tipo de Pesquisa por Objetivo Específico**

<b>Objetivo</b>	<b>Procedimentos técnicos da pesquisa</b>	<b>Caracterização do tipo de pesquisa</b>
<b>Apresentar teoricamente o Empreendedorismo Social e a Aprendizagem Colaborativa, parametrizando-os.</b>	Bibliográfica e Documental	Descritiva
<b>Construir um compêndio conceitual parametrizado da Inovação contextualizando-o à realidade investigada.</b>	Bibliográfica e Documental	Descritiva
<b>Relatar a trajetória Inovadora do Empreendedorismo Social trabalhado colaborativamente no <i>locus</i> “Portal da Inovação e Qualidade - InQ.Ifba”.</b>	Documental	Descritiva
<b>Identificar a contribuição do Indivíduo Aprendente Multiplicador na apresentação do Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos.</b>	Bibliográfica, Documental, Quantitativa, Qualitativa, Coorte Retrospectivo e Prospectivo	Descritiva
<b>Apresentar um Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos, a partir das ações de Empreendedorismo Social, trabalhadas Colaborativamente.</b>	Bibliográfica, Documental	Descritiva

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro a seguir, tem-se a forma com que a pesquisadora buscou se instrumentalizar para atender aos procedimentos técnicos propostos acerca dos temas.

Quadro 26 – Instrumento de Coleta de Dados

Objetivo Específico	Procedimentos técnicos da pesquisa	Tipologia documental	Instrumento
1	Bibliográfica e Documental	Bibliografias e Documentos dos temas.	Análise teórica e documental acerca dos temas.
2	Bibliográfica e Documental	<i>Manual de Oslo, Livros Branco, Azul e Verde</i> , bibliografia do tema.	Análise teórica e documental acerca dos temas.
3	Documental	Acervo documental do IFBA, InQ.Ifba, Editais.	Análise de documentos cedidos pelo InQ.Ifba/IFBA com base nas bibliografias estudadas acerca dos temas, bem como a história Conquistense.
4	Bibliográfica, Documental, Quantitativa, Qualitativa Coorte Retrospectivo e Prospectivo	Acervo documental do IFBA, InQ.Ifba, bibliografia do tema.	Análise retrospectiva e prospectiva de documentos cedidos pelo InQ.Ifba/IFBA com base nas bibliografias estudadas acerca dos temas.
5	Bibliográfica, Documental	Acervo documental do IFBA, InQ.Ifba, bibliografia do tema, Escala ARCS, e o Documento “Instrumento de Avaliação de Cursos”	Apresentação de um Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos, com fins de apresentar as perspectivas Inovativas.

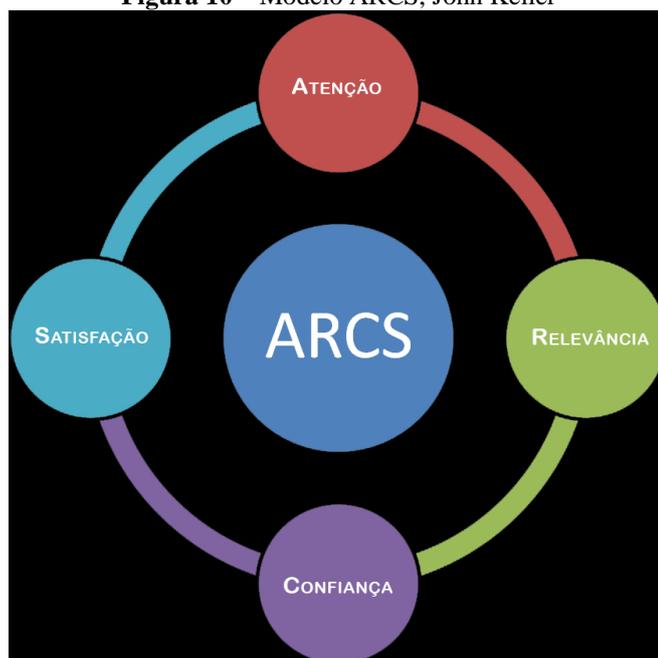
Fonte: Elaborado pela autora.

Há de se levar em consideração, no quadro acima, que, perpassando pela análise retrospectiva de todo o documental do InQ.Ifba (que teve seu início em novembro de 2015), e demais documentos do IFBA, foi necessário uma pesquisa mais apurada, desde o histórico das escolas técnicas federais, que têm uma história de 115 anos de existência, passando aos “Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs)”, em 2006, com a maioria dos CEFETs, entre eles o CEFET-BA, transformando-se em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, configurando sua verticalização para o ensino superior. Isto posto, o “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos” foi se consolidando.

#### 4.4 INDIVÍDUO APRENDENTE MULTIPLICADOR: RUMO AO MODELO DE AVALIAÇÃO DE PROJETOS INOVATIVOS

Para a proposta do “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos (MAPI)”, levou-se em consideração o *design* motivacional da Escala ARCS, em Keller (2009), da **Figura 10**, que considera entender a motivação dos Respondentes/Aprendentes, o principal fator para proporcionar uma experiência de aprendizagem significativa.

**Figura 10** – Modelo ARCS, John Keller



Fonte: Modelo ARCS de John Keller.

Disponível em: <http://arcm101.uncw.edu/erg1602/Glossary.html>.

Neste instrumento proposto, contudo, outras nuances não foram observadas, o que instigou a busca por algo mais aprofundado, entendendo melhor os objetivos e, até mesmo, o comportamento de cada respondente. Questionários foram propostos pela pesquisadora para que um instrumento quantitativo e qualitativo fosse alcançado, inserindo uma nova ETAPA: a Gestão.

**Quadro 27** – Etapas do Design Motivacional (Keller, 2009)

ETAPAS	DESCRIÇÃO
<b>Definir</b>	Classificar o problema motivacional a ser resolvido e preparar os objetivos motivacionais.
<b>Projetar</b>	Criar uma lista de potenciais estratégias para os objetivos motivacionais definidos.
<b>Desenvolver</b>	Criar os materiais necessários
<b>Avaliar</b>	Julgar as consequências motivacionais do que foi proposto em termos de medidas diretas de persistência, intensidade de esforço, emoção e atitude.

Fonte: ARCS Model (2009).

No quadro acima e ainda levando-se em consideração apenas as Etapas originais:

**Definir**, ao classificar o problema motivacional a ser resolvido e a preparação dos objetivos motivacionais;

**Projetar**, com a criação de uma lista de potenciais estratégias para os objetivos motivacionais definidos;

**Criar** os materiais necessários com o encerramento

**Avaliar**, julgando, então, as consequências motivacionais do que foi proposto em termos de medidas diretas de persistência, intensidade de esforço, emoção e atitude.

A pesquisadora propôs, então, a questão da “Gestão”.

No **Modelo ARCS de Motivação de Keller** (1983), que afirma que o esforço do indivíduo em uma ação, seu empenho para conseguir alcançar aquele objetivo e a energia para acionar um sistema intrínseco e extrínseco se traduzem em motivação, tem-se a **ATENÇÃO**, para se obter o interesse dos aprendentes, estimulando a curiosidade para aprender, a **CONFIANÇA**, para conjugar interesses pessoais e objetivos do aprendente com a relevância do assunto ensinado, a **RELEVÂNCIA**, para ajudar os indivíduos a perceber e sentir que eles obterão sucesso com a aprendizagem e poderão construir este sucesso e a **SATISFAÇÃO**, para reforçar a segurança dos mesmos à medida que atingem os objetivos, mostrar-lhes exemplos de recompensas e satisfação pessoal, como diplomas, empregos, melhoria de vida; ratificando-se os diferentes tipos de aprendizagem dos indivíduos.

A partir de agora, e colhendo as cores originais do Modelo ARCS de John Keller, tem-se os tons em vermelho, verde, lilás e azul, em sentido horário. Para a viabilização da apresentação do MAPI, inseriu-se a GESTÃO, mas, as cores originais serão preservadas com a inserção de uma nova cor – o laranja, o que facilitará no entendimento posterior do MAPI.

Na parametrização dos temas Empreendedorismo Social, Inovação e Aprendizagem Colaborativa, percebeu-se em todo o processo a necessidade da “Gestão”, na construção de um Instrumento que auxiliasse o “Aprendente Multiplicador”, muito embora entenda-se que é um tema complexo, e com mudanças de pessoa para pessoa. Foi delineado, para tanto, um questionário para atribuição de notas, onde o “Aprendente Multiplicador” é avaliado, surgindo então, o quadro abaixo, construído através da Adaptação da Análise ARCS, com a parte da “Gestão” sedimentada a partir dos Parâmetros, apresentados mais aprofundadamente no Capítulo 5.

Ressalta-se ainda, que, como apresentado anteriormente, sou Administradora de formação e esta pesquisa teve, como uma de suas molas impulsionadoras, a minha experiência de mais de vinte anos em cargos de gestão. Aliado a essa condição pessoal, tem-se a ‘Linha 02’ de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento (PPGDC), donde se propõe a “Difusão do Conhecimento, Informação, Comunicação e Gestão”, escolhida desde a inscrição deste Doutorado. Em tempo, Drucker (2003), importante autor por muitas vezes citado neste trabalho, destaca que, desde os anos 80 do século passado, já entendia a gestão como função social, daí a razão de buscarmos sempre este tema. Por fim, e não menos importante, o campo empírico (InQ.Ifba), sempre teve ênfase na Gestão, desde o primeiro treinamento oferecido.

**Quadro 28** – Adaptação da Análise ARCS com a Inserção da “Gestão” por nível de prioridade.

	5 ATENÇÃO ↓	4 RELEVÂNCIA ↓	3 CONFIANÇA ↓	2 GESTÃO ↓	1 SATISFAÇÃO ↓
	Para se obter o interesse dos aprendentes, estimular a curiosidade para aprender.	Para ajudar os aprendentes a perceberem e sentirem que eles obterão sucesso com a aprendizagem, e poderão construir este sucesso.	Para conjugar interesses pessoais e objetivos do aprendente com a relevância do assunto ensinado.	Para dar ênfase aos objetivos definidos, construídos estrategicamente, criando um ambiente favorável à Inovação. Partilhar uma construção solidária de saberes, com um sentimento de pertença dos aprendentes; decisões responsáveis e colaborativas, criando um novo valor.	Para reforçar a segurança dos aprendentes à medida que atingem os objetivos, mostrar-lhes exemplos de recompensas e satisfação pessoal, ratificando-se os diferentes tipos de aprendizagem dos indivíduos.
<b>Mínimo</b>	7,0	7,0	7,0	7,0	7,0
<b>Máximo</b>	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0
<b>Média</b>	<b>7,0</b>	<b>7,0</b>	<b>7,0</b>	<b>7,0</b>	<b>7,0</b>
<b>IDEAL</b>	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro acima, buscou-se uma média de nota, onde o “Indivíduo Aprendiz Multiplicador” é avaliado através dos Parâmetros construídos sob os temas: Inovação, Empreendedorismo Social e Aprendizagem Colaborativa. Neste sentido, optou-se pela “Média Aritmética”, que representa o centro de gravidade da distribuição, isto é, o ponto de qualquer distribuição em torno do qual se equilibram as discrepâncias positivas e negativas, em Feijoo (2010). Entende-se que não pode ser inferior ou superior ao valor mínimo e ao máximo proposto pela pesquisadora. A média aritmética é um valor que pretende ser o resumo de todos os valores da distribuição, ainda em Feijoo (2010).

Ressalta-se ainda, que, muito embora tenha buscado a “Gestão” no processo, a Pesquisadora (com formação em Administração), nas pesquisas realizadas nos GRUPOS A, B e C, ratificou a necessidade do agir sem preconceitos:

- 1) A Formação do “Indivíduo Aprendiz Multiplicador” não precisa ser necessariamente da área de Gestão, ao contrário; os saberes de outras áreas são valiosos e salutares para a consubstanciação de um bom multiplicador;
- 2) As experiências pessoais importam muito dentro de todo o processo;

- 3) O multiplicador pode ou não ser graduado;
- 4) O cômputo geral precisa ter ao menos uma média de 7,0 para que o indivíduo tenha o perfil multiplicador;
- 5) Entende-se que o “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos” não deve ser engessado pois, um trabalho dessa natureza pode existir em quaisquer ramos: público, privado, terceiro setor;
- 6) Nos questionários que são avaliados de 0 a 10, tem-se questões abertas, o que tornou enriquecedor o processo, abrindo para inserção de experiências outras. Sabe-se que essa subjetividade poderia dificultar uma escolha mas, pode ser um critério de desempate, visto que no cômputo geral busca-se a média 7,0.

Para um melhor entendimento do Questionário construído para os Respondentes, tem-se abaixo a tabela construída sob os temas desta Pesquisa: Empreendedorismo Social, Inovação e Aprendizagem Colaborativa, perpassando pelas Variáveis da Escala ARCS e as Subvariáveis extraídas dos Parâmetros buscados.

**Quadro 29** – Base para o “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos (MAPI)”

TEMAS	VARIÁVEIS ARCS + GESTÃO	SUBVARIÁVEIS POR ORDEM ALFABÉTICA (Definição nas teorias)
<b>Empreendedorismo social</b>	ATENÇÃO RELEVÂNCIA CONFIANÇA SATISFAÇÃO GESTÃO	<u>Clareza</u> – Ashoka e Mckinsey (2001) <u>Confiança pessoal</u> – Ashoka e Mckinsey (2001) <u>Consciência social</u> – Ashoka e Mckinsey (2001) <u>Criatividade</u> – Lacerda e Oliveira (2012) CCSE – Canadian Center Social Entrepreneurship <u>Determinação</u> – Lacerda e Oliveira (2012) CCSE – Canadian Center Social Entrepreneurship <u>Paixão pelo que faz</u> – Ashoka e Mckinsey (2001) <u>Persistência</u> – Lacerda e Oliveira (2012) – SSE – School Social Entrepreneurship, UK – Reino Unido <u>Sinceridade</u> – Ashoka e Mckinsey (2001) <u>Sonho</u> – Ashoka e Mckinsey (2001) <u>Visão</u> – Lacerda e Oliveira (2012) CCSE – Canadian Center Social Entrepreneurship
<b>Inovação</b>	ATENÇÃO RELEVÂNCIA CONFIANÇA SATISFAÇÃO GESTÃO	<u>Caos</u> – <i>Livro Verde</i> <u>Esforço de time</u> – <i>Livro Verde</i> <u>Geração de riqueza</u> – Drucker (2003) <u>Melhoria gradual / incremental</u> – Kotler e Trías de Bes (2011) <u>Nova cultura</u> – Kotler e Trías de Bes (2011) <u>Novos valores</u> – <i>Livro Azul</i> <u>Oportunidade</u> – Drucker (2003) <u>Recurso</u> – Drucker (2003) <u>Reinvenção</u> – <i>Livro Verde</i> <u>Vantagem Competitiva</u> – <i>Livro Branco</i>
		<u>Aprendizagem enquanto processo social</u> – Neto e Queiroz (2014). <u>Assumir papéis, competitividade</u> – Damon e Phelps (1989 <i>apud</i> FERNÁNDEZ, 1997).

TEMAS	VARIÁVEIS ARCS + GESTÃO	SUBVARIÁVEIS POR ORDEM ALFABÉTICA (Definição nas teorias)
<b>Aprendizagem colaborativa</b>	ATENÇÃO RELEVÂNCIA CONFIANÇA SATISFAÇÃO GESTÃO	<u>Atitude, novo valor, pensar no todo</u> – Hargrove (2006, p. 19-26). <u>Decisões compartilhadas, produção em conjunto</u> – Parrilla e Daniels (2004). <u>Objetivo Comum</u> – Dias (2001, p. 1). <u>Objetivo proposto</u> – Damiani (2008). <u>Promoção da socialização</u> – Irala e Torres (2004). <u>Rejeição ao autoritarismo</u> – Irala e Torres (2004). <u>Sentimento de pertença</u> – Neto e Queiroz (2014).

Fonte: Elaborado pela autora.

O Questionário abaixo foi construído e aplicado somente entre os Coordenadores Voluntários que trabalham no Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, na escolha do “Indivíduo Aprendiz Multiplicador”. A partir do **Quadro 30**, tem-se o **ANEXO AF**, na perspectiva de futuras pesquisas, para a captação de novos “Indivíduos Aprendizes Multiplicadores”.

**Quadro 30** – Avaliação Aprendiz Multiplicador Voluntário Inquiato

QUESTIONÁRIO – AMBIENTE InQ “Inquiato Voluntário”	AValiação (0 A 10)	SUBVARIÁVEIS
O InQ.Ifba contribui para o desenvolvimento do IFBA?		Consciência Social, Esforço de time, Nova cultura, Oportunidade.
O InQ.Ifba contribui para o desenvolvimento da sua cidade?		Consciência Social, Visão, Esforço de time, Nova cultura, Oportunidade.
Você gosta das atividades que realiza no InQ.Ifba?		Confiança Pessoal, Paixão pelo que faz.
Você é uma pessoa criativa?		Criatividade.
Você assume riscos nas suas ações.		Determinação, Persistência.
Você já cursou alguma disciplina relacionada ao tema “Empreendedorismo”?		Confiança Pessoal, Geração de riqueza, Recurso.
Você se considera um indivíduo Empreendedor?		Confiança pessoal, Paixão pelo que faz, Sonho, Geração de Riqueza, Recurso.
Você se preocupa com o social?		Clareza, Confiança pessoal, Paixão Pelo que Faz, Sinceridade, Sonho, Novos Valores, Recurso.
Você sabe o que é Empreendedorismo Social?		Clareza, Confiança pessoal, Paixão Pelo que Faz, Sinceridade, Sonho, Novos valores, Recurso.
Você já desenvolveu algum projeto social? Se a resposta for afirmativa, poderia descrever?		Clareza, Confiança Pessoal, Paixão Pelo que Faz, Sinceridade, Sonho, Novos Valores, Recurso.
O InQ.Ifba desenvolve atividades com cunho social?		Clareza, Confiança Pessoal, Paixão Pelo que Faz, Sinceridade, Sonho, Novos Valores, Recurso, Reinvenção.
Você já cursou alguma disciplina relacionada ao tema “Inovação”. Se a resposta for afirmativa, o que considera ser Inovação?		Caos, Esforço de Time, Geração de Riqueza, Melhoria Gradual / Incremental, Nova Cultura, Novos Valores, Oportunidade, Recurso, Reinvenção, Vantagem Competitiva.
Você se considera um indivíduo “Inovador”?		Caos, Esforço de Time, Geração de Riqueza, Melhoria Gradual / Incremental, Nova Cultura, Novos Valores, Oportunidade, Recurso, Reinvenção, Vantagem Competitiva.

QUESTIONÁRIO – AMBIENTE InQ “Inquiato Voluntário”	AVALIAÇÃO (0 A 10)	SUBVARIÁVEIS
O InQ.Ifba desenvolve atividades inovadoras?		Caos, Esforço de Time, Geração de Riqueza, Melhoria Gradual / Incremental, Nova Cultura, Novos Valores, Oportunidade, Recurso, Reinvenção, Vantagem Competitiva.
Na sua opinião, é possível trabalhar com Inovação em ações de cunho social? Poderia explicar a sua resposta?		Clareza, Confiança Pessoal, Consciência Social, Criatividade, Determinação, Paixão Pelo que Faz, Persistência, Sinceridade, Sonho, Visão. Caos, Esforço de Time, Geração de Riqueza, Melhoria Gradual / Incremental, Nova Cultura, Novos Valores, Oportunidade, Recurso, Reinvenção, Vantagem Competitiva.
Que ações inovadoras voltadas para o social você poderia realizar no InQ.Ifba?		Clareza, Confiança pessoal, Consciência Social, Criatividade, Determinação, Paixão Pelo que Faz, Persistência, Sinceridade, Sonho, Visão. Caos, Esforço de Time, Geração de Riqueza, Melhoria Gradual / Incremental, Nova Cultura, Novos Valores, Oportunidade, Recurso, Reinvenção, Vantagem Competitiva.
Você se considera um líder?		Clareza, Confiança pessoal, Consciência Social, Criatividade, Determinação, Paixão pelo que faz, Persistência, Sinceridade, Sonho, Visão. Caos, Esforço de Time, Geração de Riqueza, Melhoria Gradual / Incremental, Nova Cultura, Novos Valores, Oportunidade, Recurso, Reinvenção, Vantagem Competitiva.
A sua gestão no grupo trabalhado é participativa?		Clareza, Confiança pessoal, Consciência Social, Criatividade, Determinação, Paixão pelo que faz, Persistência, Sinceridade, Sonho, Visão. Esforço de time, Geração de riqueza, Melhoria gradual / incremental, Nova cultura, Novos valores, Oportunidade, Recurso, Reinvenção, Vantagem Competitiva.
Faça as considerações que você julgar necessário sobre o tema respondido.		-

Fonte: Elaborado pela autora.

Sabe-se que, a partir desta Pesquisa, levando-se em consideração novos ambientes ou variáveis, poder-se-á agregar, aos instrumentos existentes, novas possibilidades para a captação de talentos aqui chamados “Indivíduo Aprendente Multiplicador”. Novas pesquisas poderão ser desenvolvidas na perspectiva Social, com um ganho mensurável dentro dos objetivos propostos em cada projeto.

No que tange aos trabalhos sociais, o nosso cenário é ainda muito complexo e com poucos resultados positivos para uma realidade tão necessitada. A partir desta pesquisa, surgirão

possibilidades para novas pesquisas, a partir de uma realidade beneficiada com novos projetos, que poderão ser multiplicados nas mais diversas áreas.

#### 4.5 APRESENTAÇÃO DO MODELO DE AVALIAÇÃO DE PROJETOS INOVATIVOS

Intitulado de “limiar do caos”, Kauffman (1995), asseverou que uma das características extraordinárias dos Sistemas Complexos é a existência de momentos limite que, assim como a própria Inovação e o Empreendedorismo, deflagram mudanças de comportamento e são de grande importância para criação de fluxos inovativos; em Capra (1982), organizações são consideradas inovadoras, aquelas que se aproximam do limite do caos. Diante da incapacidade do homem de descrever ou captar a lógica das interdependências desses Sistemas, na busca de percorrer caminhos menos tortuosos para, respeitando a métrica, e tornando público algo de extrema necessidade dentro do contexto mercadológico da atualidade, construir a pergunta de pesquisa desta Tese: **Como um Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos, Empreendendo Socialmente, pode viabilizar melhores resultados, a partir das ações do Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, com a Aprendizagem Colaborativa, no Instituto Federal da Bahia – Brasil?** Ressalta-se ainda que a modelagem aqui proposta, se ratifica no quinto e último Objetivo Específico **Apresentar um Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos a partir das ações de Empreendedorismo Social, trabalhadas Colaborativamente.**

Em Prigogine (1996, p. 19), tem-se que “todos sabem que a física newtoniana foi destronada no século XX pela mecânica quântica e pela relatividade. Mas os traços fundamentais da Lei de Newton, seu determinismo e sua simetria temporal, sobreviveram”. Como, então, adentrar em tamanha complexidade, tornando o método escolhido palatável, mensurável e entendido por pessoas sem tanto letramento? Ainda citando Prigogine (1996, p. 19), “Evidentemente, a mecânica quântica já não descreve trajetórias, mas, sim funções de onda; sua equação de base, porém, a equação de Schrödinger, também é determinista e de tempo reversível”; na obra *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*, o citado autor assevera que: “Nesse processo de construção de um caminho estreito entre as leis cegas e os eventos arbitrários, descobrimos que grande parte do mundo ao nosso redor havia até então “escorregado entre as malhas da rede científica (p. 199)”.

Na Disciplina “Sistemas de Representação do Conhecimento” do PPGDC, que prepara o indivíduo para a realização dos processos de análise e representação epistemológica a partir de modelos formais e/ou informais de criação, organização, gestão e difusão do conhecimento

baseados em fundamentos da Lógica e da Matemática, tem-se a fala do Prof. Dr. Eudaldo Francisco dos Santos Filho em aula do dia 25.08.2021: “O conhecimento humano precisa do reducionismo do Modelo, pois através dele, teremos um contato com um *frame*, um momento da manifestação do Conhecimento”. Fez-se necessário, então, um estudo nos temas Empreendedorismo Social, Inovação e Aprendizagem Colaborativa, base desta Tese, parametrizando-os; posteriormente, realizou-se uma pesquisa aplicada, de abordagem qualitativa e quantitativa, de tipologia participante, bibliográfica, descritiva e documental, subsidiada pela direcionalidade temporal, com o estudo de coorte retrospectivo e prospectivo; para a coleta desses dados, utilizou-se da escala ARCS de Motivação (Keller): Atenção, Relevância, Confiança e Satisfação, e, para esta investigação, foi inserida a Gestão aos estudos. Ressalta-se ainda que, foi eleito também o “Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação (Presencial e à Distância): Reconhecimento e Renovação de Reconhecimento”, do Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), após pesquisas realizadas.

O universo contemplou o Instituto Federal da Bahia (IFBA), *Campus* Vitória da Conquista, e a amostra constituiu-se por cinco sujeitos respondentes e gestores, do ambiente virtual do Portal da Inovação e Qualidade (InQ.Ifba). O ápice da pesquisa apontou, então, para a apresentação de um “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos” viabilizado da percepção do “Indivíduo Aprendiz Multiplicador”, ratificado na citada Pesquisa.

## CAPÍTULO 5 – RESULTADOS PRELIMINARES E DISCUSSÕES

Dentro da necessidade de se parametrizar os temas aqui trabalhados – **Empreendedorismo Social, Inovação e Aprendizagem Colaborativa** – fez-se necessário entender a dinâmica do Comportamento Inovador e da Capacidade Inovadora, pois entende-se que, ainda que exista uma forte motivação para desenvolver algo, espera-se, ou não, que o ambiente produza uma condição para as ações inovativas de cada indivíduo. Ressalta-se que o Ambiente aqui pesquisado é o Portal da Inovação e Qualidade, chamado durante todo este trabalho de InQ.Ifba.

Para entender o protagonismo do processo de construção do que chamamos de “Aprendente Multiplicador”, fez-se necessário adentrar em verbos nucleares utilizados na “Avaliação Polilógica”, em Oliveira, Marques e Galeffi (2020), pois a avaliação se desenvolve sob uma perspectiva de construção, e não de punição: avaliar, aprender, avaliar e ensinar (vide adiante no item 5.2); ainda citando o autor, o princípio basilar da educação humana para a “Avaliação Polilógica” se constitui como um instrumento da ação transdisciplinar aprendente, “sendo o meio de acompanhamento do desenvolvimento ontológico de cada aprendiz em sua singularidade situada no mundo da vida, importando “valorar”, reconhecer, afirmar o valor do aprendiz em seu florescimento único”. Dessa forma, faz-se necessário, ao percorrermos os caminhos na apresentação do “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos (MAPI)”, entender de que forma se dará o comportamento do Indivíduo Aprendiz Multiplicador.

### 5.1 INDIVÍDUO PROTAGONISTA DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E OS PARÂMETROS CONSOLIDADOS

Nos caminhos desta investigação, buscou-se uma escala científica que melhor se adequasse às condições necessárias da apresentação do MAPI, posteriormente detalhado em seus pormenores; entende-se que é necessário, entretanto, percorrer um caminho rumo a um procedimento científico dando respostas ao fenômeno observado. Nessa perspectiva, houve a necessidade de buscar uma escala já consolidada, onde se ressaltasse o esforço do indivíduo em uma determinada ação, e aqui, há de se levar em consideração a importância da motivação, que tanto necessitamos para iniciar um projeto.

Os psicólogos laboratoriais Watson, Pavlov e Skinner, interessados em um enfoque científico do comportamento, com o intuito de encontrar os princípios que relacionavam variáveis do ambiente, e variáveis do comportamento, iniciaram um trabalho de estudo

comportamental que, depois, foi ampliado para o comportamento humano complexo por outros psicólogos (Bion, 1970 *apud* Meireles; Paixão, 2003, p. 129). Levando-se em consideração o comportamento inovativo do indivíduo, Rogers (1995) define comportamento inovador como o nível que um indivíduo alcança a Inovação antes de outros membros de um sistema social - desta forma ele é considerado um indivíduo com comportamento inovador.

Em Midgley e Dowling (1978), uma das técnicas mais usadas para comportamento inovador é o método transversal, por meio da posse e consumo de novos produtos. O método em questão é uma variação do tempo de adoção, que define como inovadores os indivíduos que compram um produto nas primeiras semanas ou meses após seu lançamento, ou ainda um percentual de pessoas que são as primeiras a adquirir um produto de um dado mercado. O comportamento inovador do indivíduo, sendo ele proprietário da empresa ou não, imprime um ritmo de Inovação, advindo dos seus atos, sejam eles em nível operacional, tático ou estratégico.

Levando-se em consideração estudos feitos por Skinner (1981), também conhecido como tríplice contingência, tem-se mais um estudioso, Foxall (2010), criador do modelo teórico conhecido como BPM, ou *Behavioral Perspective Model*, base para um melhor entendimento acerca do comportamento inovador. Enquanto Skinner (1981) aponta a existência de estímulos antecedentes a um determinado comportamento e reforços posteriores a esse comportamento, Foxall (2010) estuda o comportamento de consumo, identificando variáveis antecedentes e consequentes, na ação de consumir.

Cabe, aqui, na busca da apresentação do “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos (MAPI)”, uma passagem acerca do Comportamento Organizacional para posteriormente alcançarmos o Comportamento Inovador do Indivíduo. As indústrias americanas, na virada para o século XX, iniciaram um processo onde fora detectado alguma preocupação com o controle da dimensão humana nas empresas, tais como: o bem-estar dos trabalhadores e seus familiares, planos de saúde ou benefícios econômicos, a preocupação com a comunidade do entorno das empresas, situação antes não detectada, corroborando com Barley e Kunda (1992), que reforçam que a ética humanista religiosa deveria anteceder às regras econômicas vigentes.

Entre 1920 e 1930, houve uma sistematização com as variáveis humanas, na experiência de Hawthorne e o trabalho de Elton Mayo, considerado “o pai das relações humanas”, cientista social que desenvolveu uma pesquisa longa e complexa (Caravantes; Panno; Kloeckner, 2005, p. 80). Em 1940, percebe-se a preocupação com os fatores humanos, já com tratamento científico nas experimentações laboratoriais, com apoio nos EUA. Nesta época foram criados institutos e grupos de trabalho em diferentes universidades: o Centro de Pesquisas para dinâmica de grupo no Massachusetts Institute of Technology (MIT) e o Instituto de Pesquisas

Sociais da Universidade de Michigan, além do surgimento do Laboratório Nacional de Treinamento. Todos com a função de estudar e também treinar gestores em técnicas de relações humanas, conforme Barley e Kunda (1992).

Em 1950, as empresas começam, então, a implementar tais conhecimentos, de forma ainda diminuta, levando-se em consideração fatores como: motivação, satisfação e até mesmo a participação nas tomadas de decisão, alavancando, assim, programas acadêmicos dedicados ao estudo das relações de trabalho e de negociações coletivas. A disciplina Comportamento Organizacional, surge, então, nos cursos de Administração, juntamente com o que conhecemos como as consultorias e demais treinamentos para gestores com o foco nas variáveis humanas nas empresas, aqui também estudado nesta investigação.

Com o objetivo primordial de **Elaborar um Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos, Empreendendo Socialmente a partir das ações do Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba com a Aprendizagem Colaborativa, no Instituto Federal da Bahia – Brasil**, fez-se necessário adentrar na Teoria da Relação Humana, tendo como base experiências vivenciadas nos estudos das Teorias da Administração: “A racionalidade do grupo é profundamente afetada pelas emoções e sentimentos irracionais de seus membros, e o pleno potencial do grupo só se libera pelo reconhecimento e enfrentamento deste fato” (Bion, 1970 *apud* Meireles; Paixão, 2003, p. 129).

Nesse sentido, a partir deste momento, estuda-se, pois, os melhores resultados dentro da instituição, porém, com a preocupação com os indivíduos e suas motivações. A escola das relações Humanas foi considerada, portanto, a antítese das escolas anteriores: ao *homo economicus* contrapôs-se o *homo social*, cujo comportamento não pode ser reduzido a termos mecanicistas.

Para Gilbreth (1921, p. 42), estudiosa da obra de Taylor, aspectos humanos do trabalho, como a seleção do funcionário, o recrutamento e treinamento de pessoal, eram mais importantes que aspectos que salientassem apenas “a melhor maneira de realizar um trabalho”, ratificando uma vez mais os aspectos humanistas que não podem ser esquecidos, sob pena de termos uma produção em ritmo decrescente, quando não levado em consideração a importância do ser humano.

Para Vergara (2004, p. 45), entretanto, “a maior parte dos conceitos e ferramentas foi desenvolvida em contextos alheios ao nosso. As organizações brasileiras os importaram e implementaram em profusão, algumas sendo bem-sucedidas, outras nem tanto”. Faz-se necessário, portanto, a adequação da instituição ao ambiente no qual ela está inserida e a análise profunda de qual ferramenta utilizar, e onde se quer chegar usando tal ferramenta. Na

Administração Contemporânea, um fator que se deve levar em consideração é a Cultura Organizacional. Nas décadas de 1980 e 1990 o tema foi massificado e o hino foi “cantado”: mudar a cultura; neste momento os empresários advindos de empresas que antes passaram por fusões, desenvolveram configurações organizacionais mais flexíveis, inovadoras e aptas a sobreviver em ambientes turbulentos.

Hoje as instituições podem ser compreendidas como sistemas culturais, e, à luz do pensamento de Lacombe (2005, p. 43), dois fatores foram os responsáveis pelo tema:

Fator interno às organizações: “O esgotamento progressivo da administração científica, com os princípios de organização e métodos e estudos de tempos e movimentos, ou seja, a visão segundo a qual a organização é uma grande máquina, gerenciada por meio de organogramas, cronogramas e normas rígidas”. Fator externo às organizações: “A globalização, com a abertura de novos mercados e a internacionalização das empresas”.

Os executivos, para Lacombe (2005, p. 40-48), “precisam desenvolver a capacidade de administrar ambientes multiculturais, nos quais coexistem, sob uma base comum, diferentes sistemas de valores, processos de decisão e modelos de gestão”. De meados do século XX até a transição para o século XXI, desenvolveram-se novos modelos para explicar as organizações.

Algumas formas de Inovação foram clarificadas por Schumpeter (1997): a introdução de um novo produto ou a mudança de alguma característica em um produto já existente; um novo processo de produção numa determinada indústria; a entrada ou criação de um novo mercado; o desenvolvimento de uma nova fonte de fornecedores de matéria prima; e mudanças na própria organização industrial.

O ambiente pós-pandemia tem se configurado de extrema complexidade; diuturnamente talentos vão se revelando sem quaisquer condições de serem aproveitados pois, simplesmente não fazem parte de um *status quo* posto na sociedade e aceito desde sempre como verdadeiro, e muitas vezes impossível de ser alcançado.

A vitalidade da Inovação em um local – aqui foca-se o Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, com sede em Vitória da Conquista, sudoeste do sertão da Bahia – é moldada pela capacidade nacional de Inovação em Stern, Porter e Furman (2002). A capacidade nacional de Inovação é o potencial de um país – tanto como uma entidade política como econômica – para produzir um fluxo de inovações comercialmente relevantes. Ainda citando Stern, Porter e Furman (2002), a capacidade não é simplesmente o nível de Inovação percebido, mas também reflete as condições fundamentais, os investimentos e as escolhas políticas que criam o Ambiente para a Inovação em um determinado local ou nação. A capacidade nacional de

Inovação também é distinta das realizações puramente científicas ou técnicas de uma economia, que não envolvem necessariamente a aplicação econômica de novas tecnologias.

Levando-se em consideração que qualquer mudança no potencial produtor de riqueza de recursos já existentes constitui Inovação (Drucker (2003)), deve-se entender o que de fato ocorre entre as necessidades do mercado, e as tecnologias necessárias para suprir essas necessidades. Existe a necessidade de um esforço grande para se conseguir uma eficiência operacional, enquanto se realiza mudanças constantes tão necessárias para se alcançar o melhor resultado. A capacidade de Inovação das instituições depende de fatores, tais como: os esforços para criar novos produtos; a melhoria dos processos de produção; a extensão da capacidade da mão de obra; a habilidade para aprender e o ambiente geral dentro do qual as empresas operam (Papaconstantinou, 1997).

Outro ponto importante, e que não deve ser esquecido, é a demanda de mercado, que sinaliza a capacidade e recursos suficientes para a implementação de tal inovatividade, caso contrário, o que pode representar uma oportunidade de negócio, torna-se uma ameaça. Em mercados emergentes, como abordado por Govindarajan e Trimble (2012), tais como Brasil, é necessário entender que nem sempre essa capacidade inovativa acompanha países como os que estão no Primeiro Mundo e conseqüentemente seus consumidores, mas, de alguma forma, muitas vezes a Inovação que nasce nos países emergentes pode ser depois exportada para os desenvolvidos, nomeada, então, de Inovação Reversa. O exemplo abordado por Govindarajan e Trimble (2012), na obra *Inovação reversa*, foi a bebida Gatorade, criada na Índia para o tratamento de pessoas com desidratação (realidade distante para os países de primeiro mundo), depois levada para os países desenvolvidos.

A demanda existe e pode ser desenvolvida dentro da capacidade de Inovação pertinente à realidade local, aproveitando-se as oportunidades que surgem, trabalhando sob uma perspectiva diferente, em um eixo diferente. Segundo os autores, há de se refletir constantemente sobre o que o mercado ressalta como “lógica dominante”, ou seja, toda instituição que vem obtendo grande sucesso é, ao mesmo tempo, sustentada e ameaçada por tudo que aprendeu no passado. Entende-se, então, que a capacidade inovativa é algo extremamente complexo; as ameaças sempre existirão no mercado, nada pode ser colocado como definitivo ou inalcançável.

A competência necessária para alinhar a vontade de se obter o sucesso no mercado e a Capacidade Inovadora, deve ser estudada detalhadamente e se for possível de ser medida, tanto melhor. Deve-se ter uma quantidade de informações necessárias para saber se a instituição tem

esse “lastro de capacidade”, para que a oportunidade de negócio não se torne uma ameaça séria à longevidade da mesma.

Para manter a longevidade institucional, o conhecimento em aferir essa Capacidade Inovadora é essencial, analisando-se, inclusive, até que ponto as equipes são colaborativas, multidisciplinares, dispostas à Inovação e a difundir os conhecimentos, sendo, então multiplicadores; o empenho deve ir mais longe, buscando-se a transdisciplinaridade, ou seja, uma complexidade maior do que simplesmente tratar uma intercessão de conhecimentos entre departamentos, um sistema aberto, mas uma abstração ainda maior de todos os conhecimentos já estudados e percebidos até então, para Nicolescu (1999, p. 2):

A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Nota-se, que o entendimento da transdisciplinaridade, facilita os anseios do mercado, no investimento em produtos que já foram ditos ultrapassados, ou seja, a Capacidade Inovativa de uma instituição busca inovações antes não vistas, ajustes necessários em produtos já existentes ou ao retorno de produtos vistos como ultrapassados, mas que são considerados ótimas oportunidades de ações inovadoras, como por exemplo, a alardeada volta do disco de vinil, esquecido por algum tempo devido às novas tecnologias encontradas na milionária indústria fonográfica, visto em [www.pequenasempresasgrandesnegocios.com](http://www.pequenasempresasgrandesnegocios.com). Cabe aqui, então, sempre a reflexão acerca das mudanças necessárias, para que essa Capacidade Inovativa alcance os objetivos definidos em cada Instituição.

Se as mudanças são as impulsionadoras da Inovação, faz-se necessário uma pequena abordagem destas. Em Motta (2001), a mudança é classificada em dois tipos: incremental-organizacional e a transformacional-institucional. Ambas necessárias, a primeira pode-se caracterizar como uma mudança constante, evolutiva e sempre cumulativa. Aos poucos, novas situações são apresentadas e dia a dia a instituição, mesmo que de forma subliminar, apresenta inovações, avançando cotidianamente. Ao final, a mudança é percebida de forma bem significativa. A transformacional-institucional, ainda citando Motta (2001), trata-se da mudança de missão, natureza e objetivo da organização, tida como uma mudança descontínua e intencional e normalmente acontece em períodos de desequilíbrio, daí a necessidade de mudança.

Analisando-se o potencial do Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba para gerar resultados positivos, pôde-se perceber a inesgotável capacidade inovativa, (Neely; Hii, 1999). A captação constante de novas ideias é vista como prova da capacidade inovativa, afirma Molina-Palma (2004, p. 57):

[...] a capacidade de Inovação como o potencial interno de uma empresa para gerar novas ideias, identificar novos mercados e oportunidades tecnológicas, alavancando recursos e competências. Adota-se a premissa que a capacidade de Inovação está determinada pelas inter-relações da cultura organizacional, pelos processos internos e pelas relações interorganizacionais.

Cabe ressaltar sempre a necessidade de explorar tecnologias disponíveis, comprovado ao longo dos anos pela ação dos voluntários do InQ.Ifba, a infraestrutura e as oportunidades que levam à descoberta de novos conhecimentos ou a possibilidades de ajustes em processos e produtos já existentes. Esses conhecimentos podem ser transformados em invenções, novas tecnologias ou melhorias que podem ser incorporadas ao produto ou aos processos (Molina-Palma, 2004).

Outra forma de se perceber a capacidade inovativa de uma instituição é entender algumas características para que essa capacidade ocorra, conforme Tidd, Bessant e Pavitt (1997, p. 305-337). A Instituição inovadora é composta por componentes que, interligados internamente, caracterizam a Inovação: visão e liderança partilhada para Inovação; estrutura apropriada; indivíduos chaves; times de trabalho efetivo; desenvolvimento individual contínuo; comunicação extensiva; alto envolvimento em Inovação; foco no cliente; ambiente criativo; aprendizagem organizacional.

Entretanto, ainda citando Tidd, Bessant e Pavitt (1997), a Inovação não é simplesmente influenciada pela estrutura, mas por muitas outras dimensões do processo organizacional, tais como liderança, grupos de trabalho e participação. É também importante reconhecer que a Inovação organizacional não está confinada dentro da empresa, mas cada vez mais sendo aplicada nas relações interorganizacionais.

Na construção dos caminhos para a parametrização dos temas, na apresentação do “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos”, buscou-se construir um relato de forma justa, de tudo que já é desenvolvido no InQ.Ifba, desde o seu princípio: um trabalho inovador, com vistas a ressaltar o social dentro de um trabalho colaborativo. Sabe-se, entretanto, que as pessoas são instáveis e se motivam de formas diferentes, ou nem se motivam. Para se alcançar, então, um “Indivíduo Aprendiz Multiplicador”, tem-se que tornar científicas, ações conhecidas para

que posteriormente os trabalhos do InQ.Ifba sejam longevos, reconhecidos e replicados em outros grupos.

Adentrando mais aprofundadamente nos objetivos desta investigação, buscou-se então, uma escala científica que melhor se adequasse às condições necessárias para a posterior apresentação do ‘Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos’, optando-se então pelo **Modelo ARCS de Motivação de Keller** (1983), que afirma que o esforço do indivíduo em uma ação, seu empenho para conseguir alcançar aquele objetivo e a energia para acionar um sistema intrínseco e extrínseco, se traduzem em motivação. Na **Figura 11**, observa-se que a motivação do aprendente, acaba por ser uma intercessão das seguintes definições:

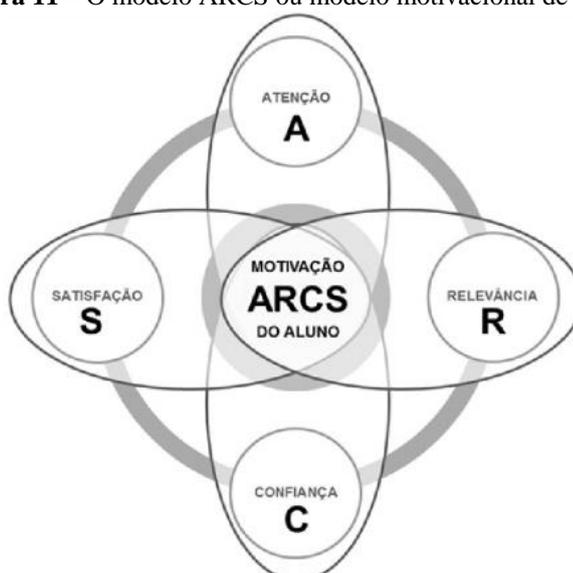
**ATENÇÃO->** para se obter o interesse dos aprendentes, estimular a curiosidade para aprender.

**CONFIANÇA->** para conjugar interesses pessoais e objetivos do aprendente com a relevância do assunto ensinado.

**RELEVÂNCIA->** para ajudar os aprendentes a perceber e sentir que eles obterão sucesso com a aprendizagem e poderão construir este sucesso.

**SATISFAÇÃO->** para reforçar a segurança dos aprendentes à medida que atingem os objetivos. Mostrar-lhes exemplos de recompensas e satisfação pessoal, como diplomas, empregos, melhoria de vida; ratificando-se os diferentes tipos de aprendizagem dos indivíduos.

**Figura 11** – O modelo ARCS ou modelo motivacional de Keller

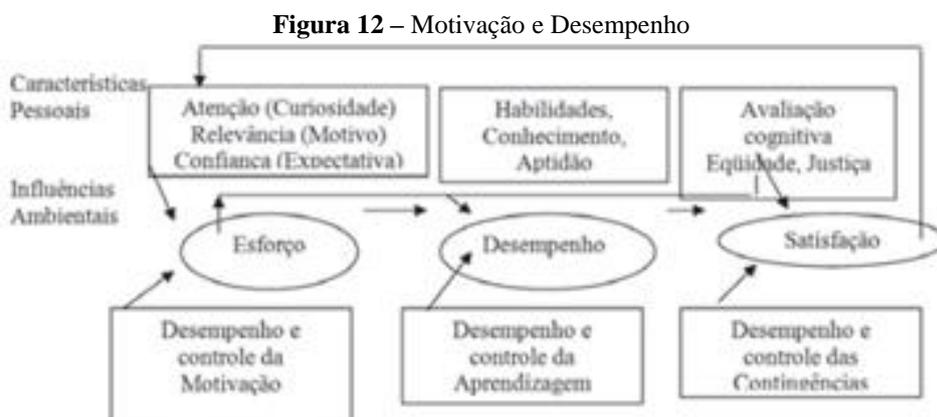


Fonte: Keller (1983).

Ainda ressaltando o modelo ARCS, tem-se a **Figura 12**, que torna mais claro o entendimento da Escala por lançar mão das influências ambientais abrindo uma percepção

orgânica, donde o seu autor assevera que, antes que se possa ensinar qualquer coisa a alguém, é preciso que essa pessoa sinta desejo e curiosidade, isto é, vontade de saber mais; esse é o princípio do Modelo ARCS; para Keller (1983), as condições que influenciam a motivação variam de acordo com a novidade do assunto que é apresentado, a personalidade do indivíduo, sexo, idade e necessidades de realização altas ou baixas. Entende-se, então que o processo se inicia com a atenção e ela depende de outros fatores além da motivação como, por exemplo, envolvimento do ego, experiência e treinamento para prestar atenção.

Na **Figura 12**, observa-se características pessoais, sejam elas: curiosidade, motivo e expectativa, direcionando o esforço do indivíduo; unindo-se a esse esforço, tem-se as habilidades, o conhecimento e a aptidão, determinando o tipo de desempenho e o controle da aprendizagem observa-se, também, a avaliação pessoal do aprendente diante do que está aprendendo e, diante do desenvolvimento que se adquire, produzindo uma satisfação, repercutindo no alcance de objetivos pré-definidos pelo próprio indivíduo ao iniciar uma atividade ou um curso.



Fonte: Keller (1983, p. 393).

Ressalta-se ainda, na **Figura 12**, que a contribuição por parte do aprendente, seu interesse, disponibilidade de seus conhecimentos prévios e de sua experiência, o fato do indivíduo “respondente” sentir-se capaz, com vontade de realizar a ação, disposto a enfrentar desafios, contribuem ainda mais para que o “indivíduo” aprenda a aprender. A representação do aprendizado humano e o conseqüente desempenho incluem fatores internos, de fundo, muitas vezes, psicológico, e fatores externos, ambientais, que influenciam na atuação dos indivíduos no campo profissional. É ímpar ressaltar que nesta escala, o “multiplicador” pode diagnosticar o ambiente de aprendizagem e planejar as melhores e mais efetivas combinações de táticas de motivação, instrução e reforço, muito embora, na contemporaneidade, a

complexidade dos comportamentos e do mercado sejam de difícil mensuração e de uma instabilidade antes não imaginada, daí, fez-se necessário buscar um “Modelo” que melhor avaliasse outras condições, surgindo o: “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos”.

Na **Figura 12**, percebe-se que a motivação influencia o desempenho, que afeta a capacidade de aprendizagem do indivíduo; obviamente baseada em conhecimentos anteriores, fatores ambientais e acesso a diferentes recursos; o esforço é, influenciado por fatores internos e ambientais: fatores internos incluem o nível de atenção do aprendente, curiosidade, percepção de relevância, sentimentos internos de confiança e expectativa de sucesso; percebe-se na **Figura 12**, que quando esses elementos estão em uma direção positiva, existe uma maior probabilidade de altos níveis de esforço, conseqüentemente obtém-se uma atitude favorável: motivação em relação à aprendizagem. Para Keller (1983), o desafio de como estimular a motivação do indivíduo para aprender pode ser feito de forma mais previsível, se considerarmos quatro características: atenção, relevância, confiança e satisfação.

Ao analisarmos abaixo a parametrização construída após estudos (Capítulo 2) acerca do “Empreendedorismo Social”, “Inovação” e “Aprendizagem Colaborativa”, entende-se que, dada a complexidade das necessidades e qualidades encontradas para se entender o “Indivíduo Aprendiz Radical e Protagonista do Processo de Aprendizagem”, faz-se necessário analisá-las conjuntamente, rumo à consolidação do “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos”.

**Quadro 31** – Parametrização de temas.

<b>Empreendedorismo social</b> McClelland (1971)	<b>Inovação</b> <i>Manual de Oslo, Livros Azul, Verde e Branco</i> (1994 a 2010)	<b>Aprendizagem colaborativa</b> Damiani, Damon e Phelps, Torres, Irala e Torres, Neto e Queiroz, Parrilla e Daniels, Dias, Hargrove (1997 a 2015)
Autoconfiança	Conhecimento tributário.	Produzir atividades tendo em vista determinado fim.
Busca de Informações	Conhecimento: riqueza.	Assume diferentes papéis ao resolverem a tarefa proposta, cada um encarregado de uma certa parte, onde o elemento – competição – torna-se, por vezes, uma variável com muito peso e com efeitos psicossociais não muito salutares.
Busca de Oportunidade	Criar ambiente favorável à Inovação.	Rejeição ao autoritarismo e promoção da socialização, não só pela aprendizagem, mas, principalmente, na aprendizagem.
Comprometimento	Criar Ambientes de Inovação.	Ambiente social, cultural, intelectual e psicológico que promove e sustenta a aprendizagem enquanto processo social, baseado na

<b>Empreendedorismo social</b> McClelland (1971)	<b>Inovação</b> <i>Manual de Oslo, Livros Azul, Verde e Branco</i> (1994 a 2010)	<b>Aprendizagem colaborativa</b> Damiani, Damon e Phelps, Torres, Irala e Torres, Neto e Queiroz, Parrilla e Daniels, Dias, Hargrove (1997 a 2015)
		partilha de recursos e construção solidária de saberes. Formado por um conjunto de pessoas em interação, que partilham de um sentimento de pertença.
Correr Riscos Calculados	Diálogo permanente com a comunidade científica e tecnológica.	Todos os componentes compartilham as decisões tomadas e são responsáveis pela qualidade do que é produzido em conjunto, conforme suas possibilidades e interesses. As atividades realizadas, colaborativamente, permitem a socialização, adaptação às normas, troca de experiência e de aprendizagem.
Eficiência	Estratégia, mediante projetos estruturantes e mobilizadores.	Os alunos são encorajados a trabalhar em conjunto na construção das aprendizagens e desenvolvimento do conhecimento. Modelo orientado para o aluno e o grupo, promovendo a sua participação dinâmica nas atividades e na definição dos objetivos comuns do grupo.
Estabelecimento de Metas	Estruturação financeira.	Atitude. Criação de um novo valor ao fazer alguma coisa, desejo ou a necessidade de criar ou de descobrir algo novo, enquanto pensamos ou trabalhamos com outros, o que distingue a ação. Identificam uma possibilidade e reconhecem que o seu próprio ponto de vista, perspectiva ou talento não é o bastante para torná-la uma realidade, veem os demais como colegas que podem ajudá-los a desenvolver seus talentos e habilidades.
Exigência de qualidade	Implantação de comércio eletrônico.	
Independência	Implantação de orientações estratégicas corporativas novas ou substancialmente modificadas.	
Iniciativa	Implementação de um produto, bem ou serviço novo ou significativamente melhorado.	
Monitoramento Sistemático	Introdução de estruturas organizacionais significativamente modificadas.	

<b>Empreendedorismo social</b> McClelland (1971)	<b>Inovação</b> <i>Manual de Oslo, Livros Azul, Verde e Branco</i> (1994 a 2010)	<b>Aprendizagem colaborativa</b> Damiani, Damon e Phelps, Torres, Irala e Torres, Neto e Queiroz, Parrilla e Daniels, Dias, Hargrove (1997 a 2015)
Persistência	Mitigação dos riscos inerentes aos processos e produtos inovadores.	
Persuasão	Oferta de novas formas de trabalho, por meio do uso intensivo de tecnologias de informação e comunicação.	
Planejamento	Reconceituação de cooperação internacional.	
Rede de contatos	Reduzir as assimetrias intra e inter-regionais, no desenvolvimento de competências para a produção e difusão de conhecimentos.	
	Técnicas avançadas de gerenciamento.	
	Tecnologias estratégicas para o desenvolvimento industrial e econômico, levando-se em consideração a identidade cultural.	
	Tratar a Inovação como Estratégia.	
	Um novo método de marketing ou um novo método organizacional nas práticas de negócios no ambiente interno ou externo.	
	Universalização do acesso à Internet.	

Fonte: elaborado pela autora.

A parametrização construída no quadro acima permitiu uma melhor compreensão na apresentação do “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos” para subsidiar o “Indivíduo Aprendiz Multiplicador”, protagonista do processo de aprendizagem.

## 5.2 INDIVÍDUO APRENDENTE MULTIPLICADOR

Retomando todo o histórico desta trajetória, não há como separar reflexões e ações, neste caso específico, Ciência e Inovação. A necessidade de as instituições inovarem para obterem sucesso sustentável nos mercados em que decidiram atuar é clara, ratificada na necessidade desta investigação. Ao trazer o Empreendedorismo Social e a Inovação, trabalhado de forma Colaborativa, é inevitável buscar conceitos para potencializar as inovações já implementadas e seguir em frente buscando propostas que deixem os indivíduos com melhores possibilidades no mercado.

Há de se levar em consideração, entretanto, a complexidade que se tem em um processo em que, ainda que com sustentáculos teóricos contundentes, trabalha-se com pessoas. Buscou-se um lugar onde o sujeito aprendente e o ensinante, processos notadamente imbricados – um em relação ao outro e vice-versa – fossem entendidos. Segundo Fernández (2001, p. 29), tem-se que nesse processo de apropriação do conhecimento, a pessoa ensinante é prioritária por apresentar características singulares, além das qualidades pedagógicas, assim notadas em todo o processo de percepção das ações do InQ.Ifba, desde a sua formulação principal, desde a sua criação.

Torna-se difícil, então, responder separadamente quem é o ensinante e quem é o aprendente. Em Barreto Neta (2009), o sujeito aprendente surge da articulação entre o sujeito cognoscente (da epistemologia genética de Piaget) e o sujeito desejante (da Psicanálise), sobre o organismo herdado. Tal corpo, tendo em vista a cultura e o conhecimento, se constrói a partir da relação com o conceito de sujeito ensinante < - > aprendente, já que são duas posições subjetivas, presentes em uma mesma pessoa em um mesmo momento.

A revisão do aprender do professor (ensinante) possibilita uma melhor análise do aprender dos alunos (aprendente), tornando-o mais apto para compreender e intervir no processo de aprendizagem dos mesmos, assevera Barbosa (2001, p. 67).

Levando-se em consideração que o “Aprendente” é também um multiplicador, fez-se necessário buscar na proposta de Oliveira, Marques e Galeffi (2020), no capítulo “Avaliação Polilógica”, introduzindo o “Aprendente Radical”, onde seu foco é a aprendizagem com sentido: aprendizagem própria e apropriada. Para os autores do artigo, a aprendizagem pode ser realizada em qualquer campo de conhecimento, inclusive de treinamento para situações de risco permanente, desde que conte com educadores realizadores de vida criadora; essa é a única condição proposta: a existência dos que são capazes de cuidar criativamente, amorosamente, do educar viver vivente. Educar com arte na bondade, além de bem e de mal: doação do livre.

Na **Figura 13**, Oliveira, Marques e Galeffi (2020), desenham o horizonte a ser aprendido como desafio da educação humana. Trata-se, então, nessa perspectiva, de oferecer alternativas de ação, em um projeto abrangente e aberto de educação humana que reúna no mesmo âmbito o tradicional e o inovador, os ancestrais e os descendentes, os antepassados e os *antefuturos*.

**Figura 13** – Conceitos, imagens e verbos nucleares da Avaliação Polilógica



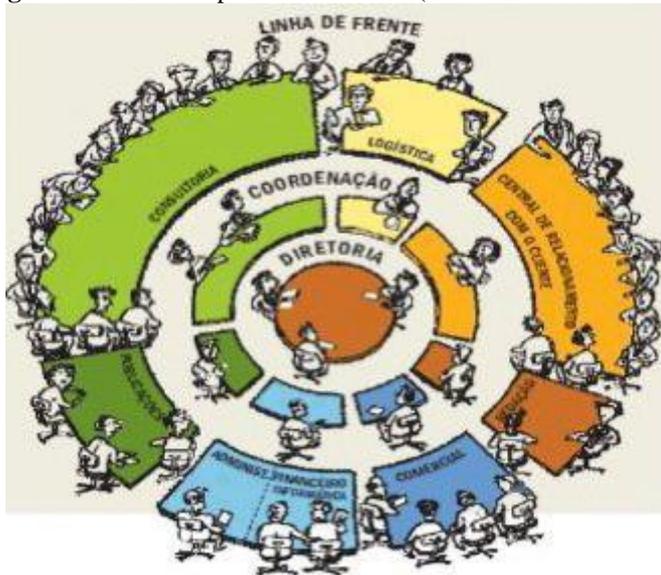
Fonte: Oliveira, Marques e Galeffi (2020).

Três verbos, então se fazem presentes na “Avaliação Polilógica”: ensinar, aprender, avaliar. Ainda citando Oliveira, Marques e Galeffi (2020), essa tríade, óbvia, é o ponto de apoio que move a proposta para sua ação, com um contínuo dialógico, em que o aprender é ensinar e é avaliar simultaneamente, sem e com solução de continuidade, tudo dependendo do conjunto de um acontecimento singular ou coletivo.

Então, como buscar um “Indivíduo Aprendente Multiplicador”, que dentro do seu protagonismo consiga, com tamanha complexidade, e responsabilidade, extrair dos propósitos de um grupo, algo tão necessário, tornando assim, um ambiente menos hierarquizado, ou seja, leve, colaborativo?

A figura a seguir, extraída de uma Empresa de Consultoria de São Paulo (“Iman”), com ideias opostas às Empresas que normalmente tem ambientes hierarquizados e estanques, é uma releitura de um Organograma, batizando-o de “Lidergrama”. Para Reinaldo Moura (um dos Diretores da Iman), as pessoas ficam motivadas e se sentem valorizadas, visto que os tradicionais Organogramas servem para dizer quem manda em quem, e quem obedece quem. Na proposta abaixo, não existe uma área mais importante, todos comungam das mesmas possibilidades, e também dos ganhos advindos de quaisquer conquistas; dessa forma agem os voluntários do InQ.Ifba.

**Figura 14** – Uma Empresa Redondinha (Carlos Eduardo Palhano)



Fonte: “Funcionograma, fluxograma arranjo físico, sistemas de normas e manuais”, apresentação da PUC-Goiás.

Ao protagonizar o seu processo de aprendizagem, tendo em vista que adiante será o multiplicador, o indivíduo imprime características humanizadas e, com seu Comportamento Inovador, também vai conseguindo resultados excepcionais dentro do processo, muito acima da média.

### 5.2.1 Percurso Inicial. Resultado da Pesquisa: Grupos A, B e C

Ao retornar ao item “4.2 TRAJETÓRIA DE AÇÕES DESENVOLVIDAS NO InQ.IFBA DEFINIDAS PARA A PESQUISA”, tem-se uma análise aprofundada das ações desenvolvidas pelo Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, que foram escolhidas por se configurarem pertinentes aos temas estudados, pela formação dos grupos na operacionalização das atividades, e também pela acessibilidade das informações, sejam elas:

**GRUPO A** ou ‘Acompanhamento Pedagógico da turma de Jovens Aprendizizes’;

**GRUPO B** ou ‘Publicação de Artigos Semanais no InQ.Ifba’;

**GRUPO C** ou ‘Desenvolvimento da Revista Interdisciplinar Científica Aimoré’.

No **Anexo AG** – Conteúdo dos Respondentes na íntegra, tem-se que todos os Respondentes são ‘Coordenadores de Trabalhos’, o que já implica em seus labores, um perfil de conhecimento mais elaborado e também, uma responsabilidade percebida na adaptação apresentada anteriormente no **Quadro 28** – Adaptação da Análise ARCS com a Inserção da “Gestão” por nível de prioridade (atenção, relevância, confiança, gestão e satisfação). Os

Respondentes foram comprometidos no retorno dos questionários à pesquisadora, sendo na sua maioria mulheres, entre 25 e 38 anos de idade.

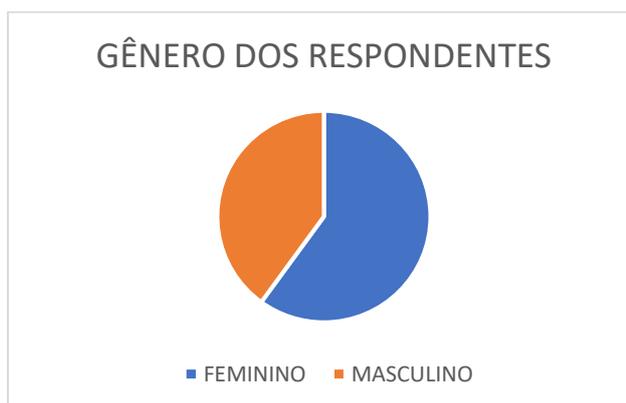
**Gráfico 2 – Idade dos Respondentes (questão 1)**



Fonte: Elaborado pela Autora.

Dando continuidade às análises, e, extraindo das respostas, o possível em termos de dados, em alguns momentos um dos respondentes não atribuiu nota (0 a 10) e priorizou as observações escritas, dessa forma, os gráficos não foram confeccionados. Quando as respostas numéricas não forem de totalidade, ainda assim, todas serão apresentadas na análise, e poderão ser checadas na íntegra no **Anexo AG**.

**Gráfico 3 – Gênero dos Respondentes (questão 2)**



Fonte: Elaborado pela Autora.

Com uma trajetória já sedimentada, os respondentes com o conhecimento do Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, ao serem questionados sobre “**a razão de terem entrado no projeto**”, na Questão “4”, afirmaram que o InQ.Ifba sempre foi referência em Ensino, Pesquisa e Extensão, desenvolvendo atividades de extrema importância para seus voluntários e

comunidade externa; com isso, participando do InQ.Ifba, foi possível aprimorar e desenvolver habilidades importantes, tanto profissionais quanto pessoais, asseverou um dos respondentes; o desenvolvimento de habilidades na gestão também foi destacado; um dos respondentes também ressaltou o interesse em participar do citado projeto através de Editais que o IFBA disponibiliza, bem como a possibilidade de desenvolvimento de habilidades profissionais dentro e fora do âmbito escolar, na contribuição com a criação e aplicação de novos projetos no IFBA.

No questionamento **O InQ.Ifba contribui para o desenvolvimento do IFBA?**, ou Questão “5”, todos os respondentes responderam que sim, com nota máxima, e de forma enfática. Um dos respondentes afirmou que, com toda certeza, o InQ.Ifba contribuiu para a sua passagem no IFBA, de maneira intelectual e interpessoal, sendo possível conhecer pessoas e trocar experiências; (faz-se necessário ressaltar que, de todos os respondentes, este foi o único que saiu do projeto, pois desenvolveu a sua carreira em um curso que infelizmente o IFBA – *campus* de Vitória da Conquista, não oferece, mas, o reconhecimento por ter participado do projeto é claro).

No questionamento “6”, **“O InQ.Ifba contribui para o desenvolvimento da sua cidade?”** apenas um Respondente atribuiu nota “7” em sua resposta, o que destoou dos demais, que atribuíram a nota máxima; ressalta-se, ainda, que um respondente asseverou que as matérias publicadas no InQ.Ifba são trabalhadas de maneira interdisciplinar, tendo relevância não somente no *campus* do IFBA.

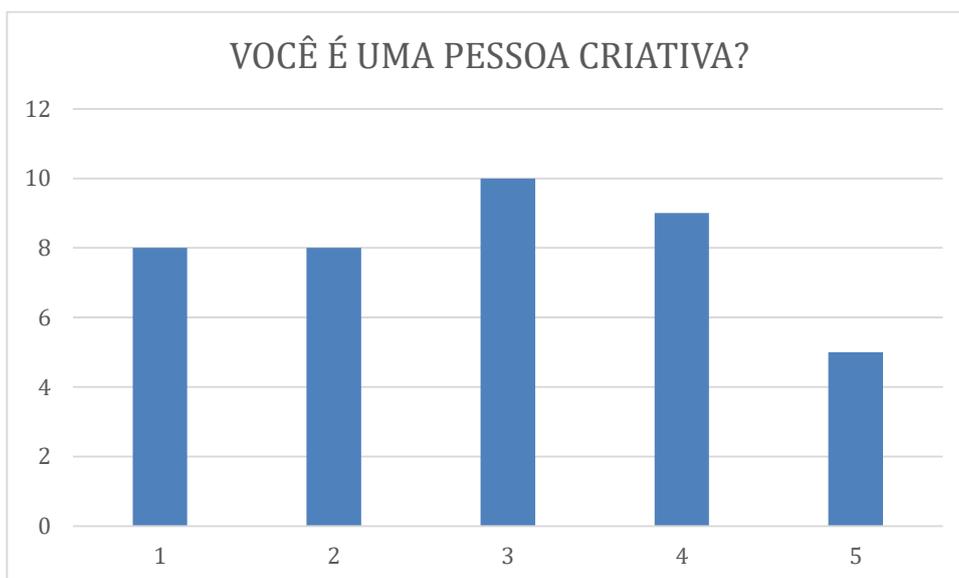
Da sétima à décima sétima questão, foram colhidas notas com *scores* altos, excetuando a “14ª.” questão que não foi respondida numericamente na sua totalidade. Vide questionamentos detalhadamente: **“Você gosta das atividades que realiza no InQ.Ifba?”**, ou questão “7”, observa-se nas notas abaixo que as atividades são desenvolvidas de maneira prazerosa, visto que três dos cinco respondentes atribuíram nota máxima e os demais com nota oito.



Fonte: Elaborado pela Autora.

Na Questão “8”, “**Você é uma pessoa criativa?**” (vide gráfico a seguir), tem-se uma das análises que destoou do cômputo de geral, visto que um dos respondentes atribuiu a nota cinco, abaixo da média; os demais respondentes, entretanto, atribuíram notas compatíveis com o resto da Pesquisa. Há de se levar em consideração que o respondente não se acha criativo, mas, em outras atribuições e medições o mesmo teve desempenho acima do esperado, logo, a capacitação prévia sempre será uma forma de mitigação de possíveis erros no processo “Aprendente Multiplicador”.

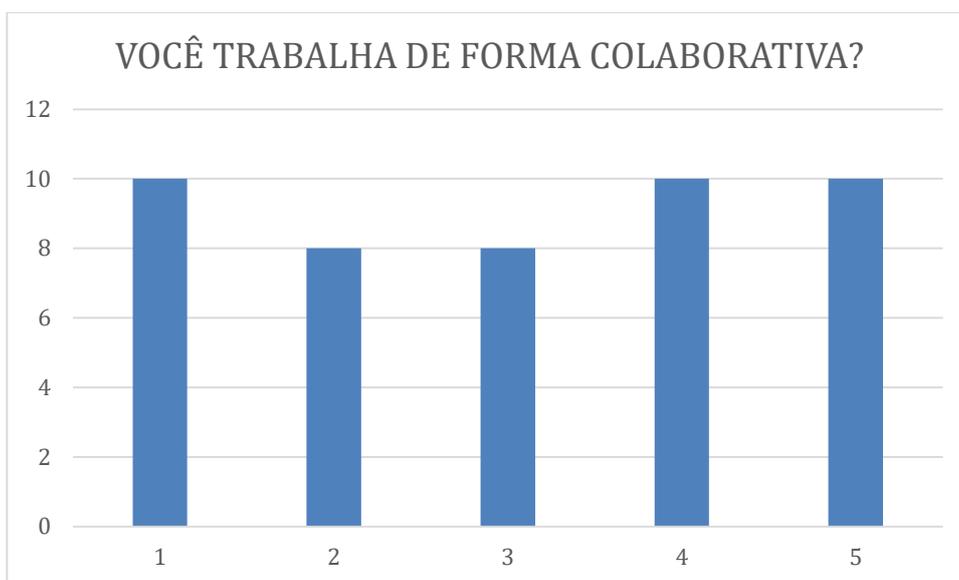
**Gráfico 5** – Questão “8” do Questionário



Fonte: Elaborado pela Autora.

No questionamento “9”, “**Você trabalha de forma colaborativa?**” a maioria dos Respondentes atribuiu nota máxima. Dois Respondentes atribuíram a nota oito (vide gráfico a seguir), o que denota uma capacidade de integração grande entre pares, com destaque às habilidades e contribuições individuais de cada membro do grupo. Sabe-se que as ações são muitas dentro do InQ.Ifba, mas, elas apenas se desenvolvem caso os voluntários trabalhem colaborativamente, e obviamente aceitem isso.

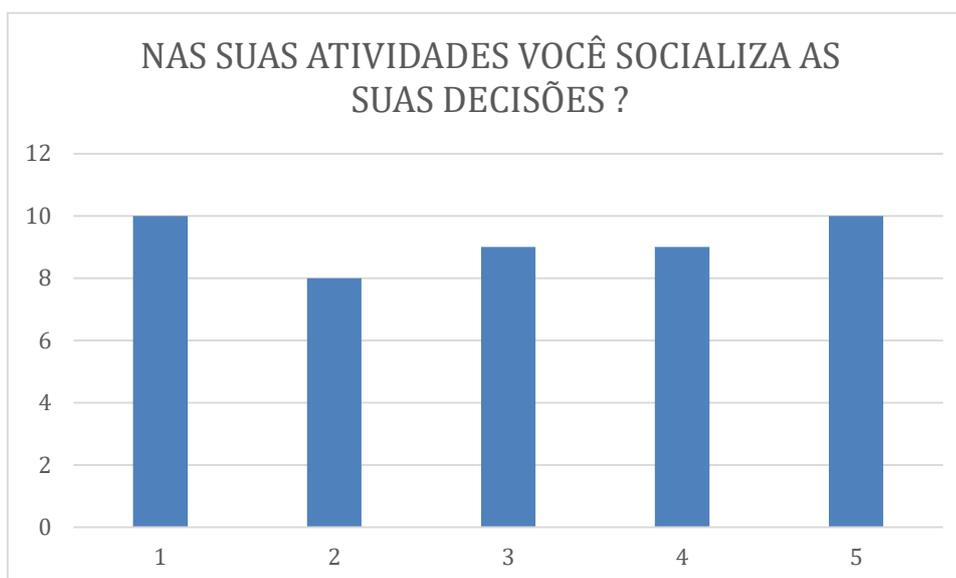
**Gráfico 6** – Questão “9” do Questionário



Fonte: Elaborado pela Autora.

Ratificando as respostas da questão anterior, no questionamento “10”, “**Nas suas atividades você socializa as suas decisões?**” aferiu-se uma resposta que representa a “Colaboração”, visto que os respondentes quase na sua totalidade atribuíram a nota nove e dez ao questionamento; o fluxo de processos é notadamente célere e fluído.

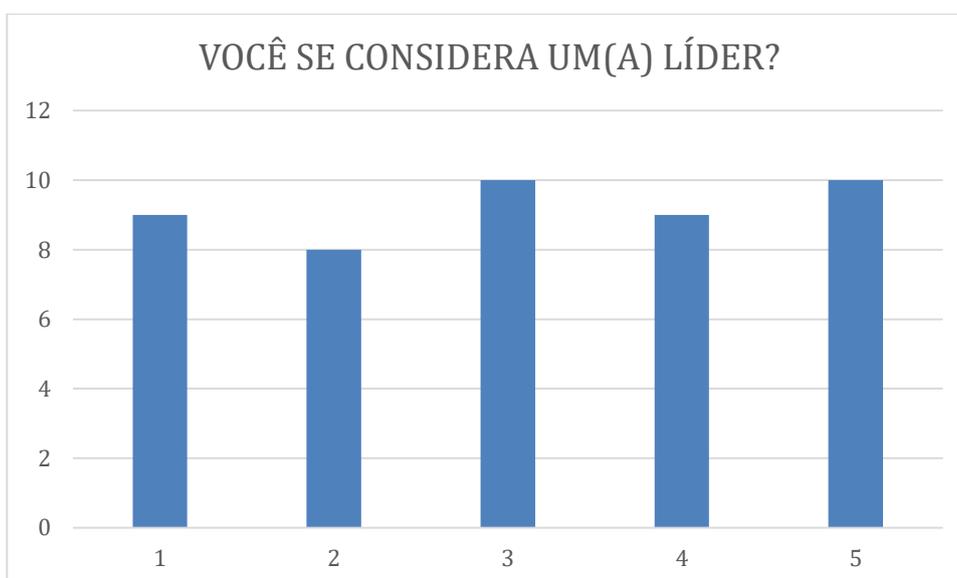
Gráfico 7 – Questão “10” do Questionário



Fonte: Elaborado pela Autora.

É importante ressaltar que o perfil de líder foi percebido e ratificado no questionamento “11”, “**Você se considera um(a) Líder?**”, visto que, na sua maioria, as notas nove e dez foram atribuídas ao questionamento. As responsabilidades com as coordenações assumidas são notadamente assertivas, observando o gráfico abaixo.

Gráfico 8 – Questão “11” do Questionário

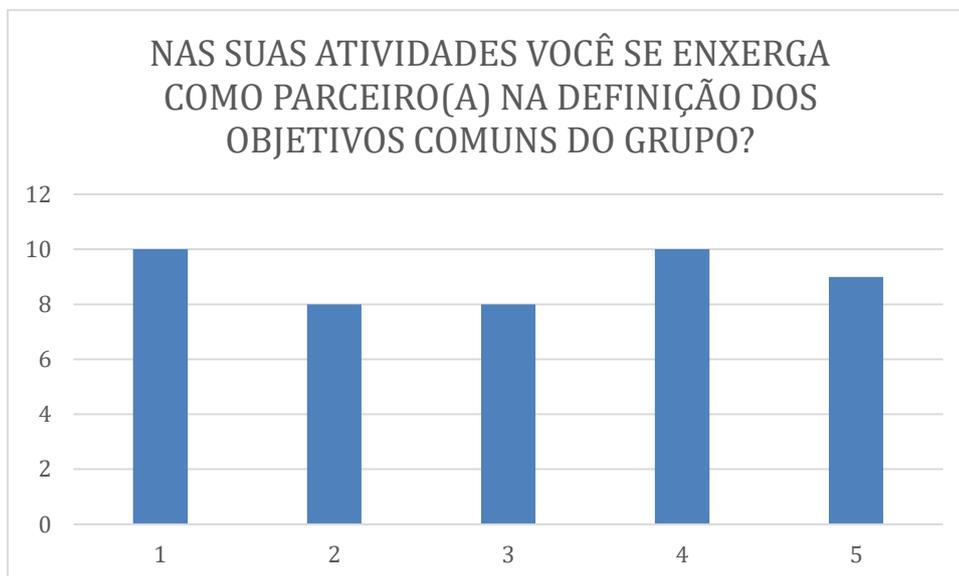


Fonte: Elaborado pela Autora.

No questionamento “12” **Nas suas atividades você se enxerga como parceiro(a) na definição dos objetivos comuns do grupo?**, os Respondentes atribuíram notas bem acima da

média, o que denota um sentimento de pertença aos processos desenvolvidos, visto que os mesmos se enxergam como partícipes nos Objetivos propostos.

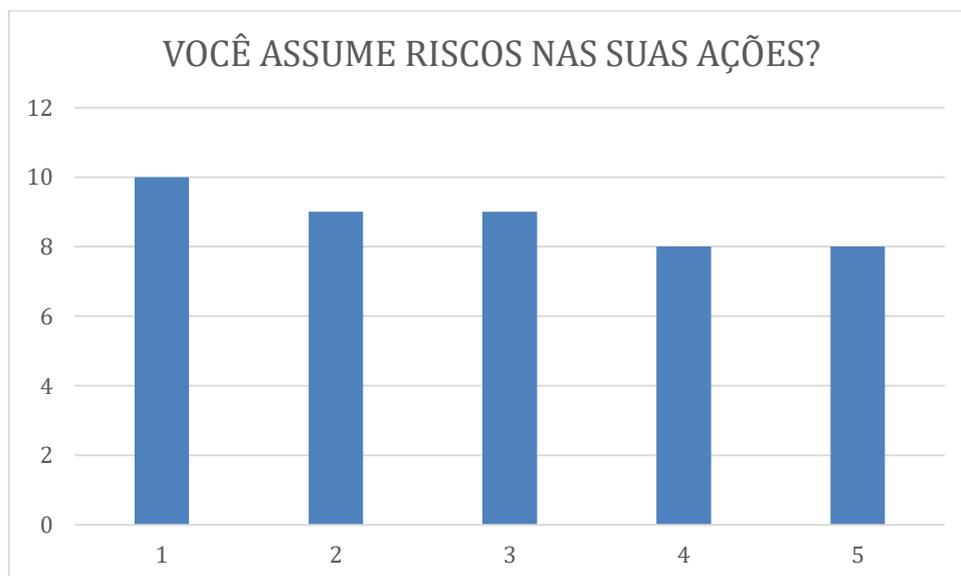
**Gráfico 9** – Questão “12” do Questionário



Fonte: Elaborado pela Autora.

Quem se dispõe a assumir riscos está envolvido com o processo e, uma vez mais, percebe-se que os Respondentes, na sua maioria tendo atribuído as notas nove e dez ao questionamento “**Você assume riscos nas suas ações?**” na questão “13”, ratificam o comprometimento dos mesmos com as ações desenvolvidas no InQ.Ifba.

**Gráfico 10** – Questão “13” do Questionário



Fonte: Elaborado pela Autora.

No questionamento de número “14” **“Você já cursou alguma disciplina relacionada ao tema Empreendedorismo?”**, houve uma mescla de respostas numéricas e de texto: observou-se que todos os Respondentes tiveram contatos com a Disciplina de Empreendedorismo; ressalta-se ainda que os Respondentes são provenientes dos Cursos de Bacharel em Sistemas da Informação e Engenharia Ambiental, do IFBA – campus de Vitória da Conquista, então, entende-se que todos tiveram esse contato.

Adentrando às análises do questionário aplicado aos Coordenadores das ações eleitas para esta parte da Pesquisa, chegou-se a um resultado que requer algumas reflexões (vide Gráfico a seguir na questão 15), acerca do questionamento: **“Você se considera uma pessoa Empreendedora?”**. Um dos respondentes atribuiu a nota “2”, pior nota de toda a Pesquisa e outro respondente atribuiu a nota “5”, ou seja, a autoavaliação é muito baixa se compararmos ao cômputo geral de toda a Pesquisa; há de se ressaltar, entretanto, que subjetivamente não traduz a realidade de suas carreiras pessoais acompanhadas; os outros três respondentes seguiram com notas acima da média, com destaque para um dos Respondentes que atribuiu a nota “9”.

**Gráfico 11** – Questão “15” do Questionário



Fonte: Elaborado pela Autora.

Na questão “16” **“Você se preocupa com o social?”**, apenas um respondente ficou na média e outros três atribuíram nota 10 ao questionamento, denotando trabalhos sociais desenvolvidos pelos mesmos. Nessa perspectiva, os processos seguem com mais sedimentação e expertise na área social.

Gráfico 12 – Questão “16” do Questionário



Fonte: Elaborado pela Autora.

No questionamento de número “17”, “**Você sabe o que é Empreendedorismo Social?**”, observa-se que houve uma ratificação do questionamento “14”, quando o Respondente diz ter contato com a disciplina Empreendedorismo, muito embora, com uma autoavaliação ruim, no que tange a se considerar uma pessoa Empreendedora, no questionamento “15”, vide Gráfico a seguir.

Gráfico 13 – Questão “17” do Questionário

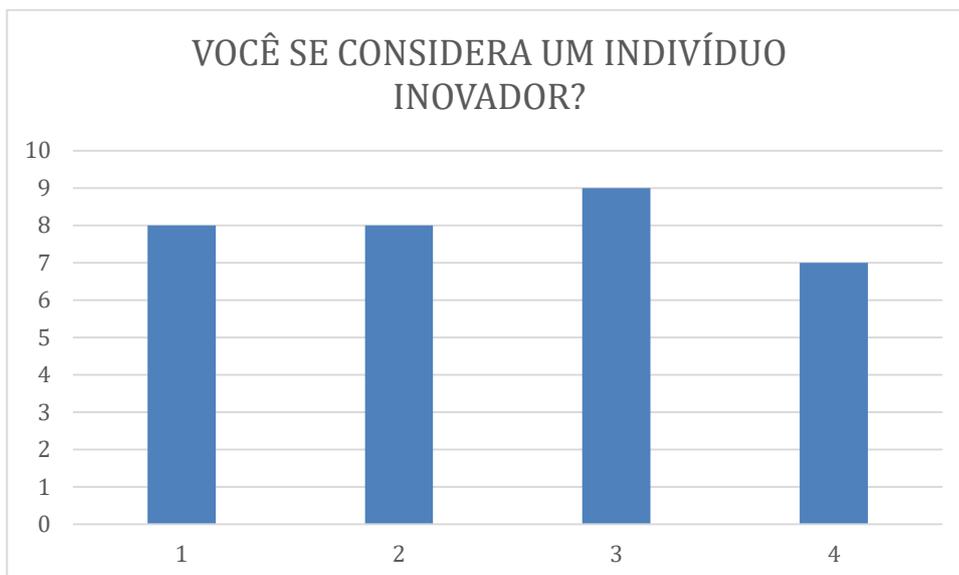


Fonte: Elaborado pela Autora.

Na décima oitava questão **“Você já desenvolveu algum projeto social? Se a resposta for afirmativa, poderia descrever?”**, apesar de um dos respondentes não ter respondido sobre sua experiência no próprio programa que foi Coordenador, observou-se uma riqueza muito grande de detalhes, o que ratifica a existência de alguma expertise na área social, caso o indivíduo tenha vontade de participar em projetos com os quais esta Tese demonstrou. Um dos respondentes informou que já havia participado de projeto na área social, que consistia em um ciclo de palestras sobre o tema **“Gestão de Resíduos na Construção Civil”** para estudantes de graduação dos cursos de Engenharia Ambiental, Engenharia Civil e Arquitetura de Faculdades públicas e privadas do município de Vitória da Conquista; outro respondente também informou positivamente acerca da participação em projetos sociais, quando ajudou a planejar o desenvolvimento da revista científica RICA (Revista Interdisciplinar Científica Aimoré); outro respondente informou a sua participação no **“Jovem Aprendiz”**, projeto social oferecido pela Prefeitura de Vitória da Conquista e pelo InQ.Ifba, onde foi Monitora e Coordenadora de jovens em situação de vulnerabilidade; outro respondente ratificou a sua participação em trabalho voluntário desde a adolescência, inicialmente com distribuição de alimentos para pessoas em situação de rua, depois com palestras para adolescentes sobre a prevenção de DST/AIDS, aulas de reforço escolar no projeto **MAIS EDUCAÇÃO** para alunos da rede pública até o quinto ano, e desenvolvimento e monitoria de aulas no projeto **JOVEM APRENDIZ**, inserindo jovens em situação de vulnerabilidade social no mercado de trabalho.

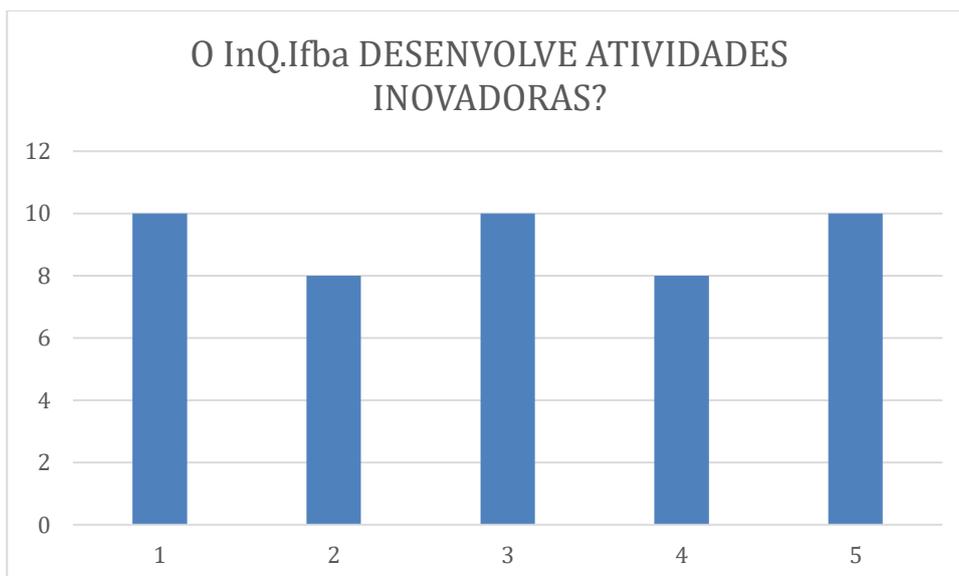
Acerca do questionamento 19, **“O InQ.Ifba desenvolve atividades com o cunho social?”** foi unânime com notas e/ou palavras que o InQ.Ifba desenvolve sim, um trabalho social, no entanto, ao serem questionados sobre: **“Você já cursou alguma disciplina relacionada ao tema Inovação”**. Se a resposta for afirmativa, o que considera ser **Inovação?**”, ou questionamento “20”, infelizmente o retorno foi negativo para a maioria: apenas dois indivíduos responderam positivamente ao questionamento e um ratificou que considera a Inovação toda e qualquer forma de fazer algo novo ou melhorado para algo já existente, novos caminhos, novos usos das tecnologias com a viabilidade real de aplicação.

No questionamento 21: **“Você se considera um indivíduo Inovador?”**, apenas um Respondente se avaliou na média, em termos de se considerar um indivíduo Inovador. Os demais se avaliaram com notas oito e nove, vide gráfico a seguir.

**Gráfico 14** – Questão “21” do Questionário

Fonte: Elaborado pela Autora.

Para a análise do questionamento 22 “**O InQ.Ifba desenvolve atividades inovadoras?**” todas as respostas foram afirmativas, com um média de notas excelente por parte das opiniões dos Respondentes, ou seja, muito embora em seus cursos formais, a Inovação não seja tratada teoricamente, e ou de maneira mais aprofundada, os mesmos buscam esse conhecimento a acreditam ser importante tal expertise, conforme asseverado no Gráfico a seguir.

**Gráfico 15** – Questão “22” do Questionário

Fonte: Elaborado pela Autora.

No questionamento 23 **“Na sua opinião é possível trabalhar com Inovação em ações de cunho social? Poderia explicar a sua resposta?”**, todos os indivíduos responderam positivamente e ainda ratificaram que buscam solucionar de forma efetiva e sustentável problemas/questões que impactam a sociedade como um todo, e ainda asseveraram: “ao inovar nesse tipo de ação, estamos buscando atacar as necessidades, pensando fora da caixa, tentando fugir da mesmice”; “atualmente podemos utilizar de diferentes tecnologias para agregar nas atividades e não seria diferente em ações sociais”; “a Inovação Social consiste exatamente em desenvolver soluções inovadoras para problemas sociais”. Apenas um Respondente não fez maiores considerações, muito embora também tenha respondido positivamente, denotando importância ao questionamento.

Na questão 24 **“Que ações inovadoras voltadas para o social você poderia realizar no InQ.Ifba?”**, houve uma rica exposição de sugestões, sejam elas: “acredito que poderia realizar cursos de Desenvolvimento e Gestão em TI”; “oficinas de aprendizado, cursos profissionalizantes, palestras motivacionais, arrecadações de mantimentos, entre outros”. Ainda foi sugerido: “capacitação profissional através de minicursos e palestras para alunos e comunidade”; “materiais com divulgação *on line* no portal com assuntos que são pertinentes à comunidade local”; “cursos de aperfeiçoamento e direcionamento profissional para alunos do *campus*”.

Encerrando a pesquisa, na questão 25 **“Faça as considerações que você julgar necessário sobre os temas respondidos”**, os Respondentes teceram comentários edificantes acerca do InQ.Ifba: “o InQ.Ifba assume um compromisso de Inovação e transmissão de informações para toda a sociedade, trazendo história e questões atuais de relevância para todos, além de projetos que contribuem para o desenvolvimento da cidade e sua população como um todo, como o projeto ‘Jovem Aprendiz’ em parceria com a Prefeitura do município”; “o InQ.Ifba, de fato faz jus ao slogan “Inovação e Qualidade”, pois consegue associar as duas vertentes e ser relevante não só para a comunidade do IFBA”; “o Portal da Inovação e Qualidade é de suma importância para o corpo estudantil do *campus*, uma vez que consegue suprir as necessidades muitas vezes ignoradas em sala de aula, oferece projetos que impactam tanto os participantes como a comunidade externa, fomenta o desenvolvimento intelectual e contribui com a construção de profissionais que realizam para além da sua formação acadêmica, formando um verdadeiro cidadão político e social”.

Entende-se que os Respondentes investigados estão habilitados a participarem em busca da apresentação do Sistema MAPI, detalhado a seguir.

### 5.3 O MODELO DE AVALIAÇÃO DE PROJETOS INOVATIVOS – UM APARATO EXPERIMENTAL

Para apresentar o MAPI, é importante deixar claro o que é ‘Modelagem’ e ‘Sistema de Representação do Conhecimento’. Esclarecer esses dois campos facilita o entendimento de algo complexo mas, que se pretende buscar uma mensuração. Em Karam-Filho (2019, p. 18), Modelagem é o “procedimento científico de representar matematicamente fenômenos ou problemas, advindos das diversas áreas, em formulações matemáticas adequadas, que sejam tratáveis e que forneçam ideias, respostas e informações sobre o fenômeno real observado”. Dessa forma, faz-se necessário entender o percurso que o método propôs até chegarmos neste ponto. A Representação do Conhecimento, em John (2000), pode ser definida como um conjunto de convenções sintáticas e semânticas que torna possível descrever coisas, consistindo na utilização de linguagens específicas.

A equação:  $IM=X.Y+Z.S$  foi criada na perspectiva de, “através de um reducionismo”, transformar o conhecimento em algo que de fato auxilie um indivíduo, rumo a projetos sustentáveis e longevos. Após o detalhamento da expressão algébrica, a seguir, tem-se o fluxograma de processo do **Sistema MAPI**.

**Quadro 32** – Detalhamento da expressão algébrica

ITEM DA EQUAÇÃO	COMPOSIÇÃO TEÓRICA
<b>IM</b>	Índice MAPI
<b>X</b>	Onde o <b>X</b> com 4 unidades de área é construído com dimensões previamente definidas: PESSOAS, GESTÃO, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA. Neste momento cria-se uma figura que servirá de base para etapas posteriores do Sistema.
<b>Y</b>	O <b>Y</b> , representa a análise da ‘Matriz de SWOT’, analisando o ‘Ambiente’ onde a Empresa será instalada: os Pontos Fortes, os Pontos Fracos, as Ameaças e Oportunidades subsidiarão a criação da figura gerada virtualmente para que o “Preposto Aprendiz Multiplicador” possa dar continuidade, ou não, à entrevista com o “Proponente” e posteriormente obtermos um resultado passível de investimentos.
<b>Z</b>	Nesta fase, de posse das informações do “Proponente”, o tipo de Inovação (vide <b>Quadro 7</b> ) será melhor dimensionado: Inovação de Produto, Processo, Organizacional ou de Marketing, apresentando o <b>Z</b> .
<b>S</b>	O “Preposto Aprendiz Multiplicador” de posse dos dados financeiros, \$, que o “Proponente” inseriu na ao longo das entrevistas, enquadrará a Empresa para dar continuidade ou não ao processo com o “Proponente” e posteriormente obtermos o resultado possível de abertura da empresa.

Fonte: Elaborado pela Autora.

O indivíduo que buscar o MAPI, terá o auxílio de uma ferramenta que o tornará competente na sedimentação de sua Empresa (já existente ou em vias de abertura), visto que o mesmo através dos dados detalhados fornecidos sobre o seu projeto, terá a possibilidade de

transformar as informações de seu futuro negócio em um conhecimento tangível e, espera-se, longo. Com o recebimento de um “Laudo Final” do MAPI, o “Proponente” ou Empresário, caminhará mais assertivamente para a realização de seus anseios, com algo que lhe dê confiabilidade (para possíveis financiamentos), alcançando voos mais altos, rumo ao sucesso no mercado.

No aparato experimental para melhor detalhar a simulação do MAPI, faz-se necessário, então, entender que existe uma hierarquia de importância para o atendimento do Proponente, visto que o melhor manuseio dos dados implicará num trato assertivo das informações, onde o avanço dos processos, na interface entre telas, o que facilitará para o Proponente. Tem-se nas “**Telas do Sistema do MAPI**”, logo no fluxograma de processos do Sistema MAPI, composto de 25 telas, de maneira muito simplificada, o caminho percorrido pelo Empresário, em busca de inovação para a sua Empresa.

**Figura 15** – Fluxograma de Processo do SISTEMA MAPI

**P -> PA -> PAM -> AG-> INDICE MAPI**

Fonte: Elaborado pela Autora.

Onde:

- ➔ O Proponente (P), **aqui compreendido como o Empresário.**
- ➔ O Preposto Atendente (PA), **treinado para tal.**
- ➔ O Preposto Aprendente Multiplicador (PAM), **com um alto nível de conhecimento.**
- ➔ O Administrador Geral (AG), **entendedor de todo o processo.**

Conforme o Fluxograma proposto para a criação do Sistema MAPI, entende-se que tal proposta pode ser realizada através do aparelho celular (ou outro aparato tecnológico) de “P”, via texto, ou voz. A princípio, “P” informará os seus dados qualificativos pessoais, tais como: endereço da Empresa existente (ou da futura Empresa), o CPF, *WhatsApp*, nome da Empresa e o resumo do serviço proposto pela Empresa de “P”, bem como a sua Inovação.

Dando início à expressão algébrica, **IM=X.Y+Z.S**, analisando, a partir de agora, as Dimensões “PESSOAS”, “GESTÃO”, “INOVAÇÃO” e “INFRAESTRUTURA”, “P” deverá, de forma objetiva, informar as suas intenções para com o projeto e quem será o responsável gestor do mesmo, explicar porque essa ‘decisão’ foi considerada a melhor, de que

forma essa decisão será implementada na sua Empresa e quem será o responsável por implementar essa ‘decisão’ na Empresa (O gestor supra mencionado ou não). O proponente (“P”) informará se considera que a Empresa terá uma Inovação, quem vai implementar (se este for o caso) a Inovação na sua Empresa, que Inovação tem a Empresa, como vai implementar a Inovação na Empresa. Também poderá, de forma objetiva, informar suas pretensões quanto à estrutura física necessária para o funcionamento da Empresa, sobre a importância dessa estrutura, se a estrutura necessária para o funcionamento da Empresa é suficiente a longo prazo e, caso necessário, de que forma se dará a ampliação da estrutura necessária para o funcionamento da Empresa.

A partir desta etapa, já com as informações necessárias, a princípio, uma entrevista virtual é agendada. Tendo em mãos as respostas de “P”, um “PA”, depois do agendamento acordado, sanará as possíveis dúvidas para que o “PAM” direcione o “P” às **TIPOLOGIAS** e posterior aprofundamento da entrevista, com visita presencial ou retorno para dirimir possíveis dúvidas. Nesta fase, o “PA” ainda colherá dados como valores necessários para a abertura e/ou o investimento da Empresa existente, sob o conhecimento do “P”. Uma figura é gerada virtualmente para que o “PAM” dê continuidade, ou não, à entrevista virtual, com possibilidades de aceleração no processo, seguindo direto para o “AG”, a depender da situação percebida pelo “PAM”.

A partir desta etapa, caso a proposta seja viável para continuidade, “P” não terá mais acesso ao “PA”, subindo de *status* de atendimento, ou seja, houve um avanço. A partir de agora o “PAM”, após analisar as informações colhidas até então, segue para a segunda entrevista, ainda virtual, donde o “PAM” informará o enquadramento do projeto no que chamamos de **TIPOLOGIAS**, definindo com o “P” que tipo de Inovação o mesmo pretende implementar: Inovação de Produto, Inovação de Processo, Inovação Organizacional ou Inovação de Marketing. A partir de agora, o “PAM” guiará a entrevista (ainda virtual) dentro da Matriz de SWOT, aprofundando na entrevista detalhes do **AMBIENTE**: Pontos Fortes, Pontos Fracos, Ameaças e Oportunidades. Vencida essa fase, o “P” receberá o agendamento efetuado pelo “PAM” e a entrevista presencial se dará com o “AG” do processo.

A conquista do **INDICE MAPI** se dará após findada essa etapa, ou, caso necessário, dar-se-á um retorno para o esclarecimento de mais algum ponto do processo.

## CONCLUSÕES PROPOSTAS

Na obra de Imre Lakatos (1983), tem-se que o importante não é que haja conhecimento, mas crescimento; tal pensamento nos impulsiona a construir um programa de “Pesquisa Progressiva”. Ainda na perspectiva lakatosiana, às vezes o conhecimento cresce mas não nos aproximamos necessariamente da verdade: “as teorias não devem ser simplesmente descartadas na presença de reveses, já que as hipóteses que as circundam podem ser alteradas, mantendo a validade do “programa” em que estão inseridas” (Lakatos, 1983, p. 145). Em meio a tantas complexidades, surgiu a pergunta que guiou toda a investigação **Como um Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos, Empreendendo Socialmente, pode viabilizar melhores resultados, a partir das ações do Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, com a Aprendizagem Colaborativa, no Instituto Federal da Bahia – Brasil?**

Sob essa perspectiva, pensou-se a Pesquisa em um ambiente que trabalhasse, sobretudo, a Inovação com o foco e a preocupação no Social. Devido a gama de documentos e trabalhos realizados desde a sua criação, chegou-se, então, ao “Portal da Inovação e Qualidade” (InQ.Ifba), projeto continuado de Ensino, Pesquisa e Extensão (Anexo AE) criado pela Pesquisadora; ratifica-se que, no processo SEI de nº 23281.003576/2022-39, em 19/08/2022 houve o afastamento da investigadora do Projeto, que passou a contribuir como Consultora até o final do Doutorado, com liberdade ética de Pesquisa no Portal da Inovação e Qualidade-InQ.Ifba.

Desde o desabrochar desta pesquisa, e com o foco cada vez mais definido acerca dos temas Empreendedorismo Social, Inovação e Aprendizagem Colaborativa, refletiu-se, uma vez mais, acerca das receitas prontas vindas de mercados de primeiro mundo, com outra realidade posta, e que não mais representam uma assertividade rumo ao esperado sucesso e sonhos realizados; outras questões precisam ser levadas em consideração para melhor entender a trajetória de tornar científico um espaço construído por alunos e professores. O processo de globalização, e os regionalismos, provocam a dinâmica das transformações econômicas no contexto internacional e nacional; a competitividade é mais do que nunca uma variável a ser respeitada e vivenciada pelos nossos jovens.

Nesse cenário, a experiência factual de quase nove anos de serviços prestados, instigou o metodologizar do fenômeno ‘Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba’, buscando posteriormente um subproduto gerado a partir do conhecimento. Dada a existência do InQ.Ifba, tem-se a interpolação de experiências: o *path* para a apresentação de um Modelo, guiado por

premissas dentre as vivências nos ambientes Público e Privado, com possíveis derivações para trabalhos futuros com vistas no Social. Apresentou-se então, como o Objetivo Geral que guiou toda a Investigação: **Elaborar um Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos, Empreendendo Socialmente a partir das ações do Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba com a Aprendizagem Colaborativa, no Instituto Federal da Bahia – Brasil.** A construção dos Objetivos Específicos tornou-se, então, uma rede de sustentação para o repensar de questões abordadas pelas pesquisas documentais como: inclusão social, universalização de direitos, dentre outros temas que são alardeados em discursos, porém, pouco praticados - aqui segue uma crítica contundente às políticas públicas mal construídas e infelizmente sentidas, observadas e duramente ratificadas em tempos de Pandemia.

No bojo teórico, propôs-se o primeiro Objetivo Específico: **Apresentar teoricamente o Empreendedorismo Social e a Aprendizagem Colaborativa, parametrizando-os.** Dada a necessidade de se aprofundar no tema da Inovação, por demais amplo, pensou-se o segundo Objetivo Específico: **Construir um compêndio conceitual parametrizado da Inovação contextualizando-o à realidade investigada.** Na busca de uma modelagem futura para se avaliar projetos inovadores, desenhou-se o terceiro Objetivo Específico: **Relatar a trajetória Inovadora do Empreendedorismo Social trabalhado colaborativamente no *locus* “Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba”.** Com a trajetória do projeto descrita, buscou-se através do Quarto Objetivo Específico **Identificar a contribuição do Indivíduo Aprendente Multiplicador na apresentação do Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos,** sempre levando em consideração a importância do tornar científico os processos. A pesquisadora, então caminhando pela educação, adentrando à Representação do Conhecimento e se utilizando de uma extrapolação deste Modelo, numa busca inter-teórica, construiu o quinto e último Objetivo Específico: **Apresentar um Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos a partir das ações de Empreendedorismo Social, trabalhadas Colaborativamente.**

Dando continuidade à trajetória deste trabalho, tem-se as hipóteses, consideradas formulações provisórias e, obviamente, admissíveis, podendo posteriormente ser confirmadas ou refutadas. Fez-se necessário então, trabalhar cinco Hipóteses de maneira complementar, dada a complexidade da Tese. A **Hipótese 1: Sem ações colaborativas, não há Empreendedorismo Social,** confirmada, visto que as ações aqui analisadas dentro do InQ.Ifba, muito embora não tenham sido criadas sob o crivo científico a princípio, foram melhor estudadas ao longo deste trabalho, ratificando a necessidade de uma colaboração entre atores, para a obtenção de um trabalho final exitoso. Em Damiani (2008), entende-se que na colaboração, ao trabalharem juntos, os membros de um grupo se apoiam, visando atingir

objetivos comuns negociados pelo coletivo, estabelecendo relações que tendem à não hierarquização, à liderança compartilhada, confiança mútua e corresponsabilidade pela condução das ações, denotando, então, uma clara intercessão com o Empreendedorismo Social, corroborado em Cardona (2011), assevera-se que na maioria dos casos, os Empreendedores Sociais, tanto individuais quanto coletivos, tinham origens e experiências que lhes permitiam criar vínculos efetivos com atores muito diversos.

Na **Hipótese 2: As ações de Empreendedorismo Social e Inovação, relacionadas à Aprendizagem Colaborativa no trabalho desenvolvido pelo Portal da Inovação e Qualidade – InQ.Ifba, impactam e promovem melhores resultados no trabalho**, confirmada; o modo de operação desenvolvido entre os voluntários do InQ.Ifba, desde a sua gênese sempre foi de colaboração e os perfis dos trabalhos são de cunho social com aprofundamento em ações inovativas; os resultados exitosos ao longo da trajetória de quase nove anos de serviços prestados são perceptíveis, nesta e em outras pesquisas já desenvolvidas no próprio *campus*. A **Hipótese 3: As ações do InQ.Ifba podem fundamentar dados para a construção de modelos avaliativos de Empreendedorismo e Inovação**, também foi confirmada, visto que, nos serviços prestados no portfólio do InQ.Ifba, as informações são colhidas e trabalhadas de forma a gerenciar o crescimento das mesmas, logo, é possível transformar dados em modelos avaliativos com os históricos já existentes no projeto.

A **Hipótese 4: Existem parâmetros mensuráveis para quantificar a experiência da Inovação e Empreendedorismo**, parcialmente confirmada, com fortes indícios de vastas possibilidades, visto que são temas parametrizáveis (como apresentado nos estudos) e dessa forma, possíveis de se trabalhar quantitativamente e também qualitativamente, apesar de serem temas complexos: parcialmente confirmada, então. A **Hipótese 5: O estabelecimento de modelos que possam quantificar e qualificar a experiência da Inovação no empreendimento, reduzem a subjetividade do processo**, confirmada; a apresentação do MAPI com o auxílio das parametrizações de temas, alavancou a apresentação de um sistema com um nível alto de compreensão e uso, até mesmo para indivíduos sem letramento, visto que poder-se-á ser utilizado através da voz, caso o usuário (empresário) não saiba escrever, mas, queira empreender, denotando uma inclusão pouco vista em projetos dessa natureza.

A pesquisa realizada foi classificada como aplicada, de abordagem quantitativa e qualitativa, de tipologia participante, bibliográfica, descritiva e documental, subsidiada pela direcionalidade temporal, com o estudo de coorte retrospectivo: GRUPO A ou **Acompanhamento Pedagógico da turma de Jovens Aprendizes**, e prospectivo com os GRUPOS B: **Publicação de Artigos Semanais no InQ.Ifba** e C: **Desenvolvimento da Revista**

**Interdisciplinar Científica Aimoré.** Para a coleta de dados, utilizou-se da escala ARCS de Motivação (Keller): Atenção, Relevância, Confiança e Satisfação e, para esta investigação, foi inserida a Gestão aos estudos. O universo contemplou o Instituto Federal da Bahia (IFBA), *Campus* Vitória da Conquista, e a amostra constituiu-se por cinco sujeitos Respondentes (Coordenadores de Processos) do ambiente virtual do Portal da Inovação e Qualidade (InQ.Ifba). Ressalta-se ainda, que, para a apresentação final do Modelo proposto, foi eleito o “Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação (Presencial e à Distância): Reconhecimento e Renovação de Reconhecimento”, do Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), na versão de outubro de 2017 (a mais nova até então). Após inúmeras pesquisas realizadas, entendeu-se que tal instrumento entrega pontos importantes buscados nesta construção.

Na análise dos gráficos criados a partir dos questionários aplicados nas entrevistas, inúmeros pontos se ressaltaram nas respostas, destacando-se o que se entende ser o principal deles: todos os entrevistados têm o potencial de ser o que se chamou neste trabalho de “**Aprendente Multiplicador**”. Todos os Respondentes são Coordenadores de Trabalhos, o que já implica em seus labores um perfil de conhecimento mais elaborado e também uma maior responsabilidade com os dados inerentes ao objeto de Pesquisa InQ.Ifba. Percebeu-se, no entanto, que ainda falta alguma capacitação teórica dos mesmos, asseverando alguma insegurança no autoconhecimento consequentemente, fato que pode ser mitigado com capacitações assertivas no processo “Aprendente Multiplicador”. A gratidão para com o projeto e o crescimento profissional e pessoal são claros, no que fora colhido em termos de respostas. Ficou claro, também, a importância dos temas: Empreendedorismo Social e Inovação e Aprendizagem Colaborativa, com destaque para a Inovação.

Conforme apresentado anteriormente pela Pesquisadora, as ações do InQ.Ifba, engajadas em ações inovativas de cunho social e trabalhadas colaborativamente, não eram, até então, concretizadas dentro do científico; entende-se que o mesmo foi percebido nos questionários, contudo, a gama de informações colhidas, bem como o histórico do objeto pesquisado proporciona possibilidades de inúmeras pesquisas quantitativas e também qualitativas com destaque para um sentimento de pertença nos processos desenvolvidos, visto que os cinco Coordenadores entrevistados se enxergam como partícipes nos Objetivos propostos. Dessa forma, entendemos que para se apresentar um instrumento como o MAPI, tem-se que elaborar uma seleção com alto nível de detalhes para que esses chamados Multiplicadores tenham a condição de analisar de forma detalhada os dados, com aferição de resultados com propriedade, seriedade e destreza.

Por fim, ressalta-se que todos os Respondentes se destacaram positivamente, e ainda ratificaram que buscam solucionar de forma efetiva e sustentável problemas/questões que impactem a sociedade como um todo. Tal afirmação ratifica a necessidade de se buscar indivíduos que notadamente acreditam num processo de mudança da sociedade. Os respondentes ainda asseveraram: “ao inovar, estamos buscando atacar as necessidades, pensando fora da caixa, tentando fugir da mesmice”; “atualmente podemos utilizar diferentes tecnologias para agregar nas atividades e não seria diferente em ações sociais”.

Perfis de indivíduos dessa natureza, fazem toda a diferença numa modelagem proposta como a do MAPI. Ainda ressaltou-se, em falas dos respondentes: “a Inovação Social consiste exatamente em desenvolver soluções inovadoras para problemas sociais”; “o InQ.Ifba assume um compromisso de Inovação e Difusão do Conhecimento para toda a sociedade, trazendo história e questões atuais de relevância para a sociedade, além de projetos que contribuem para o desenvolvimento da cidade e sua população, fomentando o desenvolvimento intelectual e contribuindo com a formação de profissionais que realizam para além da sua formação acadêmica, verdadeiros cidadãos políticos e sociais”.

O ápice da pesquisa apontou para a apresentação de um “Modelo de Avaliação de Projetos Inovativos” (MAPI), viabilizado da percepção do “Indivíduo Aprendiz Multiplicador”, a partir da parametrização dos temas: Inovação, Empreendedorismo Social e Aprendizagem Colaborativa. Os programas que prometem o sucesso empresarial, na sua grande maioria, são falhos, pois, além de não levarem em consideração detalhes como a cultura local ou, às vezes, até mesmo o clima da região, definem metas improváveis, mesmo que, em outras empresas, tenham sido exitosas - ora, se vemos um procedimento ter sucesso em determinada região, eu devo entender o processo como um todo, e aí sim, beber da fonte onde o sucesso é perene.

Enquanto se solidifica o **MAPI**, parece ser consensual a necessidade de modelos desenvolvidos para serem utilizados por quaisquer pessoas, de modo a melhorar continuamente os processos; nessa perspectiva, buscou-se, a princípio, parametrizar os temas aqui trabalhados – Empreendedorismo Social, Inovação e Aprendizagem Colaborativa. De forma clara, percebeu-se que, em muitos momentos, enquanto estaríamos falando do InQ.Ifba, na realidade tratávamos de “Parâmetros Científicos da Inovação”.

Terminada a parametrização de temas, levou-se em consideração o *design* motivacional do ARCS, que considera entender a motivação dos aprendentes, o principal fator para proporcionar uma experiência de aprendizagem significativa. Contudo, neste instrumento proposto, outras nuances não foram observadas, o que instigou a busca por algo mais

aprofundado, buscando melhor entender os objetivos e, até mesmo, o comportamento de cada indivíduo. Questionários foram propostos para que um instrumento quantitativo fosse alcançado, inserindo uma etapa: a Gestão. No **Modelo ARCS de Motivação de Keller** (1983),

Ressalta-se que, para a aplicação do questionário na busca do “Indivíduo Aprendiz Multiplicador”, faz-se necessário entender que o AMBIENTE é o Portal da Inovação e Qualidade (InQ,Ifba). Pesquisas posteriores darão conta de mudanças de Ambiente para uma seleção de novos indivíduos multiplicadores, destinado para o mesmo fim: projetos inovadores com intercessão no social e trabalhados de forma colaborativa.

Há de se levar em consideração que a Modelagem do MAPI exigiu ainda a inserção da Matriz de SWOT para um maior detalhamento na equação proposta:  $IM = X \cdot Y + Z \cdot S$ , criada na perspectiva de transformar o conhecimento em algo que de fato auxilie um indivíduo, rumo a projetos sustentáveis e longevos: O **X**, com 4 unidades de área, é construído com dimensões previamente definidas: PESSOAS, GESTÃO, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA. Neste momento cria-se uma figura que servirá de base para etapas posteriores do Sistema.

O **Y**, representa a análise da ‘Matriz de SWOT’, analisando o ‘Ambiente’ onde a Empresa será instalada: os Pontos Fortes, os Pontos Fracos, as Ameaças e Oportunidades subsidiarão a criação da figura gerada virtualmente para que o “Preposto Aprendiz Multiplicador” possa dar continuidade, ou não, à entrevista com o “Proponente” e posteriormente obtermos um resultado passível de investimentos.

No **Z**, de posse das informações do “Proponente”, o tipo de Inovação será melhor dimensionado: Inovação de Produto, Processo, Organizacional ou de Marketing. Por fim e como o ponto nevrálgico: no **S** o “Preposto Aprendiz Multiplicador”, de posse dos dados financeiros, os quais o “Proponente” previamente inseriu ao longo das entrevistas, enquadrará a Empresa para dar continuidade ou não ao processo, diagnosticando a possível abertura da empresa. Conquistando o que chamou-se de **INDICE MAPI**, o Indivíduo estará apto a seguir na sua empreitada.

As dificuldades sempre existirão: falta de financiamento, exclusão, pandemias, burocracia (um legado de dificuldades políticas que vem se arrastando desde a colonização do Brasil, considerado um país de economia emergente, ou o país do futuro, mas, cuja realidade mostra um cenário inóspito para a classe menos privilegiada da população). Seria prematuro dizer que o MAPI descolonializa (Rosevics, 2017, p. 191), uma vez que reflete “sobre a colonização como um grande evento prolongado e de muitas rupturas e não como uma etapa histórica já superada”?

Deste modo deve-se salientar que a intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo: é superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. A intenção é provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua (Colaço, 2012, p. 8).

Fazendo uma analogia com um dos temas deste trabalho – a colaboração, em (Wolff, 1950) – tem-se a “Tríplice Hélice”, abordagem colaborativa que busca promover a Inovação por meio da interação entre três pilares fundamentais: universidade, empresa e governo, conforme análise clássica de Georg Simmel. Com a investigação desenvolvida, percebeu-se que a Universidade está deixando de ter um papel social secundário, ainda que muito importante, de prover ensino e pesquisa, e está assumindo um papel primordial equivalente ao da indústria e do governo, como geradora de novas indústrias e empresas, aqui com o MAPI representado. Essa perspectiva precisa ser aceita pelo mercado, visto que as pesquisas fomentam o desenvolvimento econômico e alavancam possibilidades entre pares que eram literalmente esquecidos pela sociedade. Entende-se que o Empreendedorismo Social, aqui vivenciado pelo IFBA, vai se tornando um formato acadêmico cada vez mais significativo, desde quando a sociedade industrial é suplantada por uma era baseada no conhecimento. Percebe-se aqui, a necessidade de intercessões para colher frutos exitosos.

Immanuel Kant, na sua obra *Crítica da Razão Pura*, assevera que “todo o conhecimento que possui um fundamento *a priori* anuncia-se pela exigência de ser absolutamente necessário” (Kant, 2001 p. 33). Buscando um caminho rumo aos trabalhos futuros e partindo da premissa de que o racionalismo de René Descartes – que afirmava que o conhecimento é inteiramente dominado pela razão – se contrapõe à empiria de John Locke, que afirmava que o conhecimento era proveniente da experiência, tem-se, ainda em pensamentos Kantianos:

[...] apenas convém apresentar razões e não decidir dos efeitos delas sobre os juízes. Contudo, para que nada possa, inocentemente, ser causa de que se enfraqueçam estas razões, seja permitido ao autor que ele próprio assinale as passagens que poderiam ocasionar alguma desconfiança, embora apenas tenham importância secundária, a fim de prevenir a influência que o mais leve escrúpulo do leitor poderá exercer mais tarde no seu juízo, relativamente ao fim principal (Kant, 2001, p. 33).

Quando escolhido o campo empírico InQ.Ifba, tinha-se em mente, *à priori*, algo que transitasse entre a racionalidade (devido a processos internos absolutamente necessários para o seu funcionamento), e também, e claramente, que se encontrasse formado e vivenciado dentro da empiria (ricas experiências passíveis de críticas, sim, mas, com um resultado exitoso e sendo reconhecido) ainda que sem cunho científico. Na obra Kantiana, tem-se que ambos estão corretos – racionalidade e/ou empiria – tendo este percurso atendido ao problema da Pesquisa.

Percebeu-se então que, ambas as visões postas, é correto afirmar que, apesar da complexidade dos temas, a sociedade pode receber um sistema como o MAPI, e que este possa ser utilizado por quaisquer pessoas. Então, o objetivo foi alcançado, ou seja, é flagrante a necessidade de estar envolto em certezas que não maculem o sentido central aqui definido, desde a gênese da pesquisa; por mais complexo, é preciso ser claro, e que qualquer um possa usar, entender, degustar.

Charles Darwin afirmou que não é o mais forte que sobrevive, e nem o mais inteligente, mas, o que melhor se adapta às mudanças. Rodrigo Hübner Mendes, autor do livro “O Potencial da Mudança”, parafraseia Darwin e complementa que não é o mais forte que sobrevive nem o mais inteligente, mas o que melhor navega pelas continuidades e rupturas inerentes à vida: de rupturas inerentes à vida, o nordestino entende bem. Fazemos com pouco, somos pouco reconhecidos e alcançamos pouco, mas, não paramos, então, segue uma possibilidade de aumentarmos esse alcance, tendo a humildade de parafrasear Darwin e Mendes: é necessário transgredir para sobreviver.

## TRABALHOS FUTUROS

O ápice da pesquisa apontou para a apresentação do sistema **MAPI** (vide proposta de marca a seguir), contudo, dentre outras possibilidades advindas deste projeto, poderá ser introduzido paulatinamente no mercado, o que chamaremos de PSSP ou “Projeto de Seleção Sofisticada de Pessoal”, uma forma de colocar a pessoa certa no cargo certo, o que é tão alardeado no mercado atual, mas que é permeado de problemas que impactam no objetivo final empresarial. A percepção desse novo projeto surgiu das experiências vivenciadas ao longo da investigação e que tratam de temas importantes que nunca serão esgotados: Empreendedorismo Social, Inovação e Aprendizagem Colaborativa. Ainda no escopo do MAPI e com o seu vanguardismo em termos de sistema, é possível, ainda, apresentar o MAPA (Modelo de Avaliação de Projetos Acadêmicos), e o YMAPI (que é a versão original do MAPI, só que para jovens Empreendedores).

Outro trabalho proposto para o futuro, consistirá na construção de ferramentas de análise e leitura do ambiente de Inovação; a possibilidade de modelar um ambiente virtual que simule e proponha ações de Inovação e Empreendedorismo também se configura como uma realidade dentro dos trabalhos futuros, assim como o aprimoramento dos parâmetros analíticos do universo da Inovação, que adotem ferramentas passíveis de propostas Empreendedoras. Por fim, vincular a tecnologia de representação e análise às agências de fomento.

**Figura 16 – Marca do Sistema MAPI**

Fonte: contribuição do Prof. Dr. Eudaldo Francisco dos Santos Filho (PPGDC).

Conforme ressaltado na Introdução desta Tese, a evolução da tecnologia e da ciência permitiu à humanidade um conjunto de avanços em vários aspectos, excepcionais, porém, essas conquistas não atingiram a todos igualmente. O mercado segue absurdamente exigente, contudo, o que se percebe é a inegável necessidade de trabalhar com profissionais que de fato amem o seu posto, acreditem num futuro promissor e busquem a felicidade para o coletivo. Se isso é querer demais, ou imaginar um mundo de “conto de fadas”, então ao menos propusemos um sistema consubstanciado em dados e fatos que atendam a uma necessidade real. O “Aprendente Multiplicador” pode ser o ator em muitos fronts. Um recrutamento com alto nível de detalhes, para esses chamados Multiplicadores, propiciará, à instituição, a condição de analisar precisamente os dados, com aferição de resultados com muita propriedade, seriedade e destreza. Dessa forma, o resultado será exitoso.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ANTHONY, S. D. A nova garagem de empresas: veja onde estão surgindo as ideais mais inovadoras e transformadoras hoje em dia. *Harvard Business Review*, v. 90, n. 9, p. 44-53, 2012.
- ARBIX, G. *et al.* (org.). *Inovação: estratégia de sete países*. Brasília, DF: ABDI, 2010. (Cadernos da Indústria ABDI, v. 15).
- ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS E MACKISEY E CIA. INC. *Empreendimentos sociais sustentáveis*. São Paulo: Petrópolis, 2001.
- ASSMANN, H. *Reencantar a Educação*. São Paulo: Vozes, 1999.
- BARBOSA, L. M. S. *A Psicopedagogia no âmbito da instituição escolar*. Curitiba: Expoente, 2001.
- BARLEY, S.; KUNDA, G. *Design e Devotion: Surges of Rational and Normative Ideology of Control in Managerial Discourse*. *Administrative Science Quarterly*. New York: Cornell University, 1992.
- BARRETO NETA, L. Construção psicopedagógica – formação de professor: de aprendente a ensinante. *Constr. psicopedag.*, São Paulo, v. 17, n. 15, dez. 2009. Versão impressa: ISSN 1415-6954, versão on-line: ISSN 2175-3474.
- BION, W. R. *Experiências com grupos*. Os fundamentos da psicoterapia de grupo. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- BOAVENTURA NETTO, P. O.; JURKIEWICZ, S. *Grafos: introdução e prática*. 2. ed. São Paulo: Ed. Blucher, 2017.
- BOAVIDA, A.; PONTE, J. P. Investigação colaborativa: potencialidades e problemas. *In: GTI (org.). Refletir e investigar sobre a prática profissional*. Lisboa: APM, 2002.
- BORNSTEIN, D. *Como mudar o mundo: os empreendedores sociais e o poder de novas ideias*. Alfragide: Estrela Polar, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação (Presencial e à Distância): Reconhecimento e Renovação de Reconhecimento*. Brasília, DF, outubro de 2017.
- BRASIL. Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). *Livro Azul da 4ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável*. Coordenado por Luiz Davidovich. Brasília/DF: MCTI/CGEE, 2010.
- BRASIL. Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). *Livro Branco: tecnologia e Inovação*. Brasília, DF: MCTI, 2002.

BRASIL. Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). *Sociedade da informação no Brasil – livro verde*. Organizado por Tadao Takahashi. Brasília/DF: MCTI, setembro de 2000.

BURNHAM, T. F. *Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem*. Salvador: EDUFBA, 2012.

BURNHAM, T. F. DMMDC: uma proposta plural de difusão do conhecimento. In: MATTA, A. E. R.; ROCHA, J. C. (org.). *Cognição: aspectos contemporâneos e difusão do conhecimento*. Salvador: EDUNEB, 2016.

CARAVANTES, G.; PANNON, C.; KLOECKNER, M. *Administração: teorias e processo*. Pearson: Prentice Hall, 2005.

CARDONA, H. A. M. Innovación y responsabilidad social: una reflexión sobre los puntos de encuentro. *Revista Universidad & Empresa*, Universidad del Rosario, v. 13, n. 21, p. 13-35, 2011.

CARVALHO, F. C. A.; IVANOFF, B. B. *Tecnologias que Educam*. Ensinar e Aprender com as tecnologias de informação e comunicação. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

CHOPRA, D. *Ageless body, timeless mind: the quantum alternative to growing old*. New York: Harmony Books, 1993.

COLAÇO, T. L. *Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina: o direito e o pensamento decolonial*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012.

CONTRERAS, T. G. La importancia de la Innovación y el Emprendimiento en los docentes del Sistema Educacional Chileno. Aspectos a considerar en la reflexión. *Gestión de las Personas y Tecnología*, n. 19, p. 68-78, 2014.

CORDEIRO, C. A. *O ciclo de vida das organizações: um estudo com supermercados e congêneres em Vitória da Conquista – BA*. 2005. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. *Educ. rev.*, v. 31, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/FjYPg5gFXSffFxr4BXvLvyx/?lang=pt>. Acesso em: 13 dez. 2022.

DAVILA, T.; EPSTEIN, M. J.; SHELTON, R. *As regras da Inovação*. São Paulo: Artmed, 2007.

DERRY, S. J. Learning strategies for acquiring useful knowledge. In: JONES, B. F.; IDOL, L. (org.). *Dimensions of thinking and cognitive instruction*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1990.

DIAS, P. Comunidades de conhecimento e Aprendizagem colaborativa. In: SEMINÁRIO REDES DE APRENDIZAGEM, REDES DE CONHECIMENTO, 2001, Lisboa. *Anais [...]*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, jul. 2001.

- DOLABELA, F. *O Segredo de Luísa*. 30. ed. rev. e atual. São Paulo: Cultura, 2006.
- DORNELAS, J. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- DRUCKER, P. Entrepreneurship in business enterprise. *Journal of Business Policy*, v. 1, n. 1, p. 3-12, 1970.
- DRUCKER, P. *Inovação e espírito empreendedor*. São Paulo: Thomson, 1998.
- DYE, T. *Understanding Public Policy*. New Jersey: Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1975.
- FARAH, M. F. S. Abordagens teóricas no campo de política pública no Brasil e no exterior: do fato à complexidade. *Rev. Serv. Público*, Brasília: Fundação Getúlio Vargas, n. 69, edição especial: Repensando o Estado Brasileiro, p. 53-84, dez. 2018.
- FEIJOO, A. M. L. C. *Estatística descritiva – medidas de tendência central*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. p. 14-22. ISBN: 978-85-7982-048-9. Available from SciELO Books.
- FERNÁNDEZ, A. *Os idiomas do aprendente: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FEYERABEND, P. *Contra o método*. Tradução: O. S. Mota L. Hegenberg. Rio de Janeiro: F. Alvez, 1977.
- FINANCIADORA DE ESTUDOS E PROJETOS (FINEP). *Manual de Oslo: Proposta de Diretrizes para Coleta e Interpretação de Dados sobre Inovação Tecnológica*. Brasília: OCDE: FINEP, 2011. Disponível em: [http://www.finep.gov.br/images/a-finep/biblioteca/manual\\_de\\_oslo.pdf](http://www.finep.gov.br/images/a-finep/biblioteca/manual_de_oslo.pdf). Acesso em: mar. 2023.
- FISCHER, R. M.; COMINI, G. Sustainable development: from responsibility to entrepreneurship. *Revista de Administração*, v. 47, n. 3, p. 363-369, 2012.
- FITZSIMMONS, J. A.; FITZSIMMONS, M. J. *Administração de serviços*. Operações, estratégia e tecnologia da informação. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.
- FOXALL, G. R. *Interpreting consumer choice: the behavioral perspective model*. New York: Routledge interpretive marketing research, 2010.
- FREEMAN, C.; SOETE, L. *A economia da Inovação industrial*. Campinas: Editora UNICAMP, 1991.
- FREITAS, L. V.; FREITAS C. V. *Aprendizagem cooperativa*. Porto: Edições Asa, 2003.
- FUCK, M. P.; VILHA, A. M. Inovação tecnológica: da definição à ação. *Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades*, p. 1-21, 2011.

GALEFFI, D. A. Saberes plurais e difusão do conhecimento em educação: uma perspectiva transdisciplinar. In: GURGEL, P. R. H.; SANTOS, W. N. *Saberes plurais, difusão do conhecimento e práxis pedagógica*. Salvador: EDUFBA, 2011.

GALEFFI, D. A.; MARQUES, M. I. C.; ROCHA-RAMOS, M. (org.). *Transciclopédia em difusão do conhecimento*. Salvador: Quarteto, 2020.

GARRIGA, E.; MELÉ, D. Corporate Social Responsibility, Theories: Mapping the Territory. *Journal of Business Ethics*, v. 53, n. 1, p. 51-71, 2004. ISSN 0167-4544.

GERHARDT, E.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GILBRETH, L. M. *The Psychology of Management*. New York: Sturgis and Walton, 1914. Republicado por MacMillan, 1921.

GOVINDARAJAN, V.; TRIMBLE, C. *Inovação reversa – descubra as oportunidades ocultas nos mercados*. São Paulo: Campus, 2012.

GUIMARÃES, S. K. Produção do conhecimento científico e Inovação: desafios do novo padrão de desenvolvimento. *CADERNO CRH*, Salvador, v. 24, n. 63, p. 461-466, set./dez. 2011.

HABERMAS, J. *A inclusão do outro*. Estudos de teoria política. São Paulo: Loyola, 2002.

HARGROVE, R. *Colaboração criativa: a interação de talento e diversidade para obter resultados positivos*. São Paulo: Cultrix, 2006.

HISRIC, R.; PETERS, M. *Empreendedorismo*. Porto Alegre: Bookman, 2004. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/>. Acesso em: 13 dez. 2022.

HOWELLS, J.; TETHER, B. *Innovation in services: issues at stake and trends*. Brussels (Luxembourg): Commission of the European Communities, 2004. (Final Report).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Industrial de Inovação Tecnológica (PINTEC) – entre 2001 e 2003*. Acesso: 13 dez. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA (IFBA). *Nossas Unidades*. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

IRALA, E. A. F.; TORRES, P. L. *O uso do AMANDA como ferramenta de apoio a uma proposta de aprendizagem colaborativa para a língua inglesa*. 2004. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/172-tc-d4.htm>. Acesso em: 13 dez. 2022.

JOHN, S. F. *Knowledge Representation: Logical, Philosophical, and Computational Foundations*. Brooks Cole Publishing Co., Pacific Grove, CA, actual publication date edition, Aug. 2000.

JORGE, E. M. F. Perspectiva teórico epistemológica da modelagem conceitual relacionada com a análise cognitiva e semiótica no contexto da difusão do conhecimento em ambientes virtuais de aprendizagem. *Poiésis – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, Tubarão, v. 5, n. 9, p. 111-131, jan./jun. 2012.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KARAM-FILHO, J. Princípios básicos de modelagem. In: MESSEDER, S. A.; CAMBUI, E. C. B. (org.). *Analista cognitivo: uma profissão interdisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2019. ISBN 9788523217563.

KARAM-FILHO, J.; ALMEIDA, R. C. *Introdução à Modelagem Matemática*. Notas de Aula – Curso de Nivelamento do Programa de Doutorado em Modelagem Computacional do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC). Petrópolis: LNCC, 2003.

KAUFFMAN S.A. *At Home in the Universe: The Search for Laws of Self-Organization and Complexity*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1995.

KELLER, J. M. *Motivational design for learning and performance: The ARCS model approach*. New York: Springer Science & Business Media, 2009.

KELLER, J. M. Motivational Design of Instruction. In: REIGELUTH, C. M. *Instructional Design Theories and Models*. An Overview of their Current Status. New Jersey: Lawrence Earlbaum Associates Hillsdale, 1983. p. 384-433.

KLINE, S.; ROSENBERG, N. An Overview of Innovation. In: LANDAU, R.; ROSENBERG, N. (ed.). *The Positive Sum Strategy*. Washington, DC: National Academy of Press, 1986.

KÖCHE, J. C. *Fundamentos de metodologia científica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

KOTLER, P.; BES, F. T. *A bíblia da Inovação*. São Paulo: Leya, 2011.

LACERDA, L.; OLIVEIRA, F. C. Afinal, o que é empreendedorismo social? Exemplos de empresas sociais brasileiras que transformam positivamente a realidade social no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM GESTÃO SOCIAL – ENAPEGS, 4., 2012, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo, 2012.

LACOMBE, B. M. B. Da cultura forte ao multiculturalismo. *GV Executivo*, São Paulo: FGV, n. 3, v. 4, p. 40-48, fev./abr. 2005.

LAKATOS, I. *La metodología de los programas de investigación científica*. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

LAM, A. *Organizational innovation*. Londres: Brunel University, 2005.

- LEADBEATER, C. *The Rise of the Social Entrepreneur*. London: Demos, 1996.
- LIMA, G. B. Interfaces entre a Ciência da Informação e a Ciência Cognitiva. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 77-87, jan./abr. 2003.
- LOPES DA SILVA, A.; SÁ, I. *Saber estudar e estudar para saber*. Porto: Porto, 1993.
- LUCATO, W. C. *Gestão de pequenas e médias empresas: como resolver questões financeiras sem traumas*. São Paulo: Fênix Edições, 2003.
- MAIR, J.; NOBOA, E. Social entrepreneurship: How intentions to create a social venture are formed. In: ROBINSON, J.; HOCKERTS, K. (ed.). *Social entrepreneurship*. UK: Palgrave Macmillan, 2006. p. 121-135.
- MARTIN, R.; OSBERG, S. Social Entrepreneurship: The Case for Definition. *Social Innovation Review*, v. 5, n. 2, p. 27-39, 2007.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. 6. ed. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2007.
- MAZZUCATO, M. *A tríplice crise do capitalismo*. 04 de abril de 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597796-a-triplice-crise-do-capitalismo-artigo-de-mariana-mazzucato>. Acesso em: 27 maio 2022.
- MAZZUCATO, M. Esta economista descobriu o verdadeiro motor da Inovação e agora ela tem uma missão. *O Futuro das Coisas*, dez. 2019. Disponível em: <https://ofuturodascoisas.com/esta-economista-descobriu-o-verdadeiro-motor-da-inovacao/>. Acesso em: 21 fev. 2022.
- McCLELLAND, D. C. Entrepreneurship and achievement motivation: approaches to the Science of sócio-economic development. In: LENGYEL, P. (dir.). *Approaches to the Science of Socio-Economic Development – Approches de la science et du développement socioéconomique*. Paris: UNESCO, 1971.
- MEIRELES, M.; PAIXÃO, M. R. *Teorias da Administração: clássicas e modernas*. São Paulo: Futura, 2003.
- MELO, J. D. *Modelagem de redes de cooperação científica na educação profissional e tecnológica*. 2022. 135 f. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – UFBA, Salvador, 2022.
- MELO NETO, F. P.; FRÓES, C. *Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.
- MENDONÇA, C. M. O.; MIRANDA, R. O.; FERRAZ, S. F. S. Empreendedorismo social e a geração de recursos próprios em ONGs cearenses. *CONTEXTUS – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, v. 13, n. 2, maio/ago. 2015.

MIDGLEY, D. F.; DOWLING, G. R. Innovativeness: the concept and its measurement. *Journal of Consumer Research*, p. 229-242, March, 1978.

MOGOLLÓN, R. M. H.; VAQUERO, A. C. El comportamiento innovador y los resultados de la empresa: un análisis empírico. In: CONGRESO HISPA NO-FRANCÊS DE AEDEM, 14., 2004, Ourense. *Memorias [...]*. Madrid: Academia Europea de Dirección y Economía de la Empresa, 2004. p. 739-750.

MOLINA-PALMA, M. A. *A capacidade de Inovação como formadora de valor: análise dos vetores de valor em empresas brasileiras de biotecnologia*. 2004. Tese (Doutorado em Administração) – Departamento de Administração, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MOTTA E ALBUQUERQUE, E. Sistema nacional de Inovação no Brasil: uma análise introdutória a partir de dados disponíveis sobre a ciência e a tecnologia. *Revista de Economia Política*, v. 16, n. 3, p. 387-404, jul./set. 1996.

MOTTA, P. R. *Transformação organizacional: a teoria e a prática de inovar*. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2001.

NASCIMENTO, A. M.; ROAZZI, A. Psicologia cognitiva e religião. Análise epistemológica da dinâmica teórica de pesquisas em ciência cognitiva da religião (CCR). *Amazônica – Revista de Antropologia*, v. 15, n. 2, p. 216-253, 2022. ISSN 1983-3415; eISSN 2558-1441.

NEELY, A.; HII, J. *Innovation and business performance: a literature review*. Government Office of the Eastern Region. Cambridge: University of Cambridge, 1999.

NELSON, R. R.; WINTER, S. G. *Uma Teoria Evolucionária da Mudança Econômica*. Tradução Cláudia Heller. Campinas: Ed. Unicamp, 2005. (Clássicos da Inovação).

NETO, D. A.; QUEIROZ, C. M. Programa Aprender em Rede. In: COLÓQUIO WEB CURRÍCULO: CONTEXTO, APRENDIZADO E CONHECIMENTO, 1., São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: PUC-SP, 8 de outubro de 2014.

NICHOLLS, A. (ed.). *Social Entrepreneurship: New models of sustainable social change*, Oxford: Oxford University Press, 2006.

NICOLESCU, B. *O manifesto da transdisciplinaridade*. Tradução do Francês por Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999.

OLIVEIRA, U. A. S. M.; MARQUES, M. I. C.; GALEFFI, D. A. Avaliação Polilógica. In: GALEFFI, D. A.; MARQUES, M. I. C.; ROCHA-RAMOS, M. (org.). *Transciclopédia em difusão do conhecimento*. Salvador: Quarteto, 2020. p. 137-172.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). Gabinete de Estatísticas da União Europeia (EUROSTAT). *Manual de Oslo*. Paris: OECD, 1994.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). Gabinete de Estatísticas da União Europeia (EUROSTAT). *Manual de Oslo*. Paris: OECD, 2007.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). *Dynamising National Innovation Systems*. Paris: OECD, 2002.

PANITZ, T. *A definition of collaborative vs cooperative learning*. 1996. Disponível em: [http://colccti.colfinder.org/sites/default/files/a\\_definition\\_of\\_collaborative\\_vs\\_cooperative\\_learning.pdf](http://colccti.colfinder.org/sites/default/files/a_definition_of_collaborative_vs_cooperative_learning.pdf). Acesso em: 14 dez. 2022.

PAPACONSTANTINOU, G. Technology and industrial performance. *The OECD Observer, OECD*, n. 204, p. 6-10, February/March, 1997. Disponível em: <http://www1.oecd.org/publications/observer/204/ob204e.html>. Acesso em: 10 jun. 2022.

PARENTE, C. *et al.* Empreendedorismo social: contributos teóricos para a sua definição. In: ENCONTRO NACIONAL DE SOCIOLOGIA INDUSTRIAL, DAS ORGANIZAÇÕES E DO TRABALHO EMPREGO E COESÃO SOCIAL: DA CRISE DE REGULAÇÃO À HEGEMONIA DA GLOBALIZAÇÃO, 14., 2011, Lisboa. *Anais [...]*. Lisboa, 26 e 27 de maio de 2011.

PARIS, S. G.; WINOGRAD, P. How metacognition can promote academic learning and instruction. In: JONES, B. F.; IDOL, L. *Dimensions of thinking and cognitive instruction*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1990.

PARRILLA, A.; DANIELS, H. *Criação e desenvolvimento de grupos de apoio para professores*. São Paulo: Loyola, 2004.

PEDAGOGIKA.IT. Primi Passi Nell'Educazione Ambientale. L'esperienza in una scuola infantile nello stato di Bahia, Brasile. *Rivista di Educazione, Formazione e Cultura*, v. 25, n. 1, 2021.

PERREAULT JUNIOR, W.; MCCARTHY, E. J. *Princípios de Marketing*. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

PETERS, B.; PIERRE, J. Introduction. In: PETERS, B.; PIERRE, J. (ed.). *Handbook of public policy*. London: Sage, 2006. p. 1-9. Disponível em: [doi:http://dx.doi.org/10.4135/9781848608054](http://dx.doi.org/10.4135/9781848608054). Acesso em: 10 jun. 2022.

PORTELA, J. (coord.); HESPANHA, P.; NOGUEIRA, C.; TEIXEIRA, M.S.; BAPTISTA, A. *Microempreendedorismo em Portugal: experiências e perspectivas*. Lisboa: INSCOOP/GRECA Artes Gráficas, 2008.

PRAHALAD, C. K.; HART, S. L. The fortune at the bottom of the pyramid. *Strategy + Business*, n. 26, p. 54-67, jan. 2002.

PRAHALAD, C. K.; STUART, L. H. The fortune at the bottom of the pyramid. *Estratégia e Negócios*, Florianópolis, v. 1, n. 2, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/EeN/index>. Acesso em: jan. 2023.

PRIGOGINE, I. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Universidade FEEVALE, 2013.

RAICHVARG, D. La educación relativa al ambiente: algunas dificultades para la puesta en común. *In: Memorias del Seminario Internacional: La Dimensión Ambiental y la Escuela*. Santafé de Bogotá: Ministerio de Educación Nacional, 1994. p. 2-28. (Série Documentos Especiales).

ROGERS, E. M. *Diffusion of innovations*. 4. ed. New York: Free Press, 1995.

ROSEVICS, L. (org.). *Diálogos internacionais: reflexões críticas do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Perse, 2017.

SANTOS, L. M. S.; CAMPOS, M. F. H.; MENEZES, A. M. F. A aprendizagem colaborativa como estratégia metodológica no EMITEC/SEC/BA. *Revista ELITE: Educação, Linguagens e Tecnologias*, ano 2, n. 2, p. 25, jan./dez. 2020. ISSN 2675-5718.

SARKAR, S. *O empreendedor inovador: faça diferente e conquiste espaço no mercado*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

SCHREIBER, D. *et al.* Posicionamento estratégico de MPE'S com base na Inovação através do modelo hélice tríplice. *Revista Eletrônica de Administração*, Porto Alegre, v. 76, n. 3, p. 767-795, set./dez. 2013.

SCHUMPETER, J. *Teoria del desenvolvimiento económico*. México: Fondo de Cultura Económica, 1944.

SCHUMPETER, J. A. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. Tradução de Maria Sílvia Possas. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Coleção Os Economistas).

SILVA, J. M. *A Administração estratégica e a visão empreendedorial no processo de crescimento e desenvolvimento industrial – um estudo de caso*. 1995. Dissertação (Mestrado em Administração) – CEPEAD, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

SILVA, O. M. *A epopéia ignorada*. Rio de Janeiro: Editora Cedas, 1987.

SILVA, S. M.; WESCHENFELDER, C. F.; ESTEVES, P. C. L. Avaliação da capacidade de Inovação das empresas do setor de tecnologia da informação de um município da região do extremo sul de Santa Catarina. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PARQUES TECNOLÓGICOS E INCUBADORAS DE EMPRESAS – FRONTEIRAS DO EMPREENDEDORISMO INOVADOR: NOVAS CONEXÕES PARA RESULTADOS*, 24., Belém. *Anais [...]*. Belém, setembro de 2016.

SIMANTOBS, M.; LIPPI, R. *Guia Valor Econômico de Inovação nas Empresas*. São Paulo: Globo, 2003.

SKINNER, B. F. Seleção por consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 9, n. 1, p. 129-137, 1981.

SMITH, K. B.; LARIMER, C. W. *The Public Policy Theory Primer*. Boulder-CO: Westview Press, 2009.

SOUSA, E. G.; GANDOLFI, P. E.; GANDOLFI, M. R. C. Empreendedorismo social no Brasil. Um fenômeno de Inovação e desenvolvimento local. *Dimens. empres.*, v. 9, n. 2, jul./dez. 2011.

SOUZA, M. C. M.; CARVALHO, P. S. Análise das capacidades de Inovação em um jogo de empresas. *REVISTA LAGOS – Laboratório de Gestão Organizacional*, Volta Redonda, v. 8, n. 2, jul. /dez. 2017.

STERN, S.; PORTER, M. E.; FURMAN, J. L. The determinants of national innovative capacity. *Research Policy*, n. 31, p. 899-933, 2002.

SUNDBO, J.; GALLOUJ, F. *Innovation as a loosely coupled system in services (SI4S Topical Paper, n. 4)*. Oslo, Noruega. Disponível em: <http://www.step.no/old/Projectarea/si4s/index.htm>. Acesso em: 27 out. 2022.

TIDD, J.; BESSANT, J.; PAVITT, K. *Gestão da Inovação*. 3. ed. São Paulo: Artmed, 2008.

TIDD, J.; BESSANT, J.; PAVITT, K. *Managing Innovation: integrating technological, market and organizational change*. London: John Wiley & Sons Ltd., 1997.

TIROLE, J. *The Theory of Industrial Organization*. Cambridge: The MIT Press, 1995.

TODOROV, T. *La conquista dell'America*. Il problema dell'“altro”. Torino: Einaudi, 1984.

TRÍAS DE BES, F.; KOTLER, P. *A Bíblia da Inovação*. São Paulo: Leya, 2011.

VERGARA, S. C. O futuro da gestão. *GV Executivo*, São Paulo: FGV, v. 3, n. 3, p. 45, 2004.

WILSON, K.; DOZ, Y. L. *Managing Global Innovation: Frameworks for Integrating Capabilities around*. Harvard: Harvard Business Press, 2012.

WOLFF, K. H. *The sociology of Georg Simmel*. New York: Free Press, 1950.

YNOUB, R. C. *El proyecto y la metodología de la investigación*. Buenos Aires: Cengage Learning, 2007.

YUNUS, M. *Building Social Business – The New Kind of Capitalism that Serves Humanity's Most Pressing Needs*. Lisboa: Editorial Presença, 2011.

YUNUS, M. “Nós viramos robôs de fazer dinheiro” critica Nobel da Paz. [Entrevista cedida a] Denise Menchen. *Folha de São Paulo*, 19 de junho de 2012. Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/172-noticias-2012/510593-qnos-viramos-robos-de-fazer-dinheiroq-critica-nobel-da-paz>. Acesso em: 15 abr. 2023.

ZAWISLAK, P. A. O estágio da Inovação no Brasil. *HSM Management UP date*, n. 15, nov./dez. 2004. Circula com HSM Management n. 47.

ZAWISLAK, P. A. *et al.* The different innovation capabilities of the firm: further remarks upon the Brazilian experience. *Journal of Innovation Economics & Management*, v. 13, n. 1, p. 129-150, 2014.

### **Outras obras consultadas:**

ANDRADE, E. L. *Introdução à pesquisa operacional: métodos e modelos para análise de decisões*. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

AUSUBEL, D. P. *Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva*. New York: Plátano Edições Técnicas, 2003.

BOAVA, D.; MACEDO, F. Sentido axiológico do empreendedorismo. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO*, 2009, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo, setembro de 2009.

BORUCHOVITCH, E. Aprender a aprender: propostas de intervenção em estratégias de aprendizagem. *ETD – Educação Temática Digital*, v. 8, n. 2, p. 156-167, 2007. DOI: 10.20396/etd.v8i2.651.

BOSI, E. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMARGO, L. M. A.; SILVA, R. P. M.; MENEGUETTO, D. U. O. Tópicos de metodologia de pesquisa: estudos de coorte ou coorte prospectivo e retrospectivo. *J Hum Growth*, v. 29, n. 3, p. 433-436, 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v29n3/pt\\_16.pdf](http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v29n3/pt_16.pdf). Acesso em: 15 abr. 2023.

CAPRA, F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

CASTRO, A. P. *Motivação*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

DANSERAU, D. F. Learning strategy research. *In: SEGAL, J. W.; CHIPMAN, S. F.; DAVENPORT, T. H. Ecologia da informação*. São Paulo: Futura, 2002.

DEMO, P. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000.

FERREIRA, M. G.B; BRENNAND, E. G. G. *A Gestão da Inovação no Setor de Serviços*. João Pessoa: CCTA, 2019.

GIL, A. C. Como classificar as pesquisas? *In: GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. cap. 4, p. 41-57.

GIL, A. C. *Técnicas de pesquisa em economia*. São Paulo: Atlas, 1991.

GLASER, R. (org.). *Thinking and learning skills*. Hillsdale: L. Erlbaum, 1985.

GONSALVES, E. P. *Iniciação à pesquisa científica*. Campinas: Alinea, 2001.

HOCHMAN, B.; NAHAS, F. X.; OLIVEIRA FILHO, R. S.; FERREIRA, L. M. Desenhos de pesquisa. *Acta Cir. Bras.*, v. 20, Suppl. 2, p. 02-9, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/acb>. Acesso em: 15 abr. 2023.

HÜBNER, M. M. *Guia para elaboração de monografias e projetos de dissertação de mestrado e doutorado*. São Paulo: Pioneira, 1998.

IDOL, L. (org.). *Dimensions of thinking and cognitive instruction*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1990. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/172-TC-D4.htm>. Acesso em: 22 mar. 2022.

LEROI-GOURHAN, A. *Le geste et la parole*. Lisboa: Edições 70, 1981.

MARTINS, P. C. M.; LEAL, F.; MONTEVECHI, J. A. B.; QUEIROZ, J. A.; REIS, C. M. O. Mensuração da reação e do aprendizado observado em uma dinâmica de ensino com peças lego, aplicada em uma empresa. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO: Contribuições da Engenharia de Produção para Melhores Práticas de Gestão e Modernização do Brasil, 36., 2016, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa, de 3 a 6 de outubro de 2016.

MURRAY, J. E. *Motivation and Emotion*. Englewood Cliffs, New Jersey, EUA: Foundations of Modern Psychology, 1978.

OLIVEIRA, D. P. R. *Planejamento estratégico – conceitos, metodologia e prática*. 28. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

## **ANEXOS**

**ANEXO A** – Primeira Reunião – 14/04/2015, IFBA – *Campus* de Vitória da Conquista.



Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

**ANEXO B** – Lançamento do Portal da Inovação e Qualidade, 23/11/2015, no Auditório Principal do IFBA – *Campus* Vitória da Conquista



Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

**ANEXO C – Lançamento do Portal da Inovação e Qualidade – 23/11/2015.**



Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

**ANEXO D – Primeira Formação do InQ.Ifba: Prof. Fernando Cardeal, Profª Maria das Graças Bittencourt Ferreira e os voluntários Misael Bonfim e Luquian Prado Novaes.**



Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

**ANEXO E – Primeira Apresentação Científica do PORTAL (antes do lançamento formal), 12/11/2015, no SICTI 2015, IFBA Ilhéus. Evelin Seilhe, Profª Maria das Graças Bittencourt Ferreira e Anete Santos.**



Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

**ANEXOS F e G – Primeira Apresentação Pública do InQ.Ifba no “I Seminário de Coordenadores do Fundamental II da Rede Municipal de Ensino”.**



Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

**ANEXO H – Equipe do IFBA.**



**ANEXO I – Projeto Social.**



Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

**ANEXO J – Mayara Alexandre Palestrando sobre “Abertura de Empresas”.**



Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

**ANEXO K** – Primeiro teste interno do “EcoDivertidos”, com voluntários do Portal, em 29/04/2019



Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

**ANEXOS L e M** – Entrevista na Rede Globo (TV Bahia), divulgando o “EcoDivertidos”, no dia 12/06/2019.



Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

**ANEXOS N e O** – Lançamento do “EcoDivertidos”, no dia 11/12/2019, com os Jovens do InQ.Aprendiz.



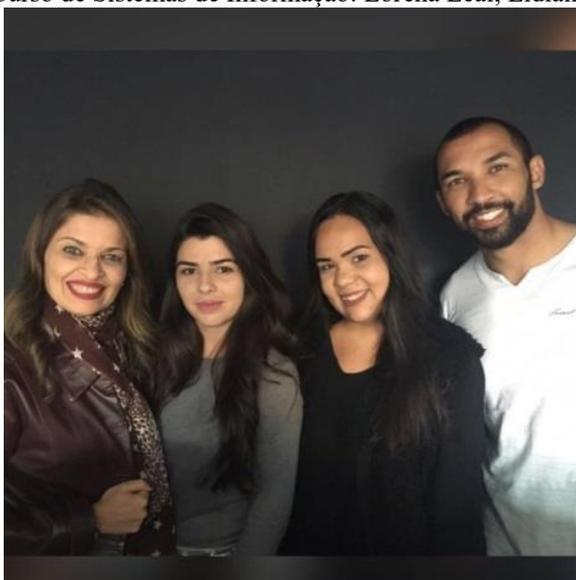
Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

**ANEXO P** – Lançamento do Projeto, 20/06/2018, pelo então prefeito de Vitória da Conquista Herzem Gusmão e InQ.Ifba no Auditório principal do *Campus*.



Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

**ANEXO Q** – Equipe Pedagógica do Projeto: a Doutoranda M<sup>a</sup> das Graças Bittencourt Ferreira e os componentes do Portal discentes do Curso de Sistemas de Informação: Lorena Leal, Lidiana Vieira e Ricardo Lima.



Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

**ANEXO R – Primeiro dia de aula com os Jovens, no IFBA e InQ.Ifba**



Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

**ANEXO S – Apresentação dos Jovens às Secretarias da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, no dia 13/09/2018, com a conclusão parcial dos estudos diários. O orador Luiz Felipe Queiroz falou pela turma.**



Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

**ANEXO T – Extensão aplicada aos Jovens**

**InQ.Ifba**  
Portal de Inovação & Qualidade

**12 HORAS DE CURSO!**

EFICIÊNCIA ENERGÉTICA MAYARA ALEXANDRE	03 ABRIL
10 ABRIL	CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA GIOVANA NOVATO
GESTÃO NA QUALIDADE GRAÇA BITTENCOURT	17 ABRIL

Inscrições e Certificados : [www.inq.conquista.ifba.edu.br](http://www.inq.conquista.ifba.edu.br)

Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

ANEXO U – Formatura da Turma Primeira de Jovens Aprendizes em 17/07/2021.



Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

ANEXO V – Capa do e-book construído na Pandemia (ainda não publicado).



Fonte: acervo documental do InQ.Ifba.

ANEXO W1 – Mosaico de matérias postadas no InQ.Ifba (em maio de 2024)

Fonte: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>

## ANEXO W2 – Selos desenvolvidos pela Designer do Portal.



Fonte: acervo documental do InQ.Ifba.

## ANEXO X – Experiência Internacional, Agente de Transformação Social



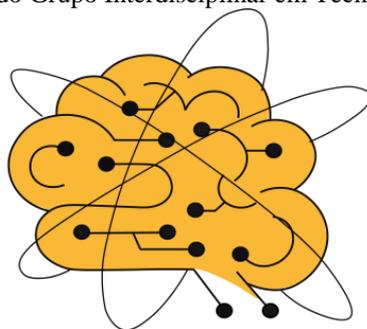
Fonte: acervo documental do InQ.Ifba.

## ANEXO Y – Ação do “EcoDivertidos” na Pandemia.



Fonte: acervo documental do InQ.Ifba.

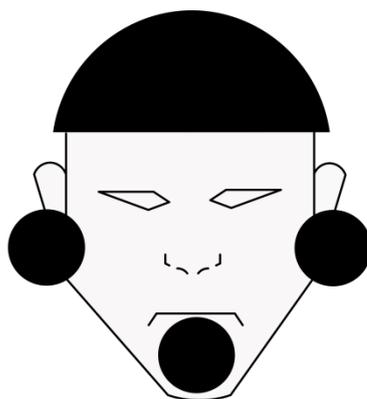
**ANEXO Z – Logomarca do Grupo Interdisciplinar em Tecnologias Inovadoras (GITI)**



**Grupo Interdisciplinar  
em Tecnologias Inovadoras**

Fonte: acervo documental do GITI.

ANEXO AA – Logomarca da *Revista Interdisciplinar Científica Aimoré (RICA)*



Revista Interdisciplinar  
Científica Aimoré

Fonte: acervo documental do GITI.

## ANEXO AB – Pedido de registro de marca



## Pedido de Registro de Marca de Serviço (Mista)

Número do Processo: 912154225

## Dados do Requerente

Nome: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA  
 CPF/CNPJ/Número INPI: 10764307000201  
 Endereço: Av. Araújo Pinho, nº 39. Canela  
 Cidade: Salvador  
 Estado: BA  
 CEP: 40110150  
 País: Brasil  
 Natureza Jurídica: Instituição de Ensino e Pesquisa  
 e-mail: inovaifba@ifba.edu.br

## Dados da Marca

Apresentação: Mista  
 Natureza: Serviço  
 Elemento Nominativo: InQ.Ifba  
 Marca possui elementos em idioma estrangeiro? Não

## Imagem Digital da Marca



A eventual deformação desta imagem, com relação à constante do arquivo originalmente anexado, terá sido resultado da necessária adequação aos padrões requisitados para a publicação da marca na RPI. Assim, a imagem ao lado corresponde ao sinal que efetivamente será objeto de exame e publicação, ressalvada a hipótese de substituição da referida imagem decorrente de exigência formal. Portanto, se a mesma não corresponder à imagem desejada para registro nesse Órgão, substitua-a, antes de finalizar o Pedido/Petição, observando as especificações constantes do Manual do Usuário.

**ANEXO AC – Deferimento do registro de marca concessão processo nr: 912154225**

**Despachos na RPI 2479:**

Despachos Regulares						
	Processo/ Pasta	Marca	Titular	Despacho	Descrição	Responsável
C	P	912154225	InQ.Ifba Portal da Inovação & Qualidade	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA (BR/BA)	1029	Deferimento de pedido de registro

Fonte: DINO.V.RPI 2483 07082018-IFBA.

**ANEXO AD – Termo Jurídico para os entrantes do Portal da Inovação e Qualidade.**

**TERMO DE CESSÃO DE USO DOS DIREITOS DE PROPRIEDADE INTELECTUAL**

**Nº ..... / 2023**

Pelo presente instrumento, de um lado, como o(a) **CEDENTE** o(a) Voluntário(a) do PORTAL DA INOVAÇÃO E QUALIDADE, ..... brasileiro(a), solteiro(a), portador(a) do RG nº ....., inscrito no CPF sob nº ....., residente e domiciliado na ....., nº ....., ....., Vitória da Conquista/Ba, CEP: ....., e-mail:.....e, de outro lado, como **CESSIONÁRIO**, o **INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA (IFBA) - campus de Vitória da Conquista**, pessoa jurídica de direito público, inscrito no CNPJ/MF sob o nº 10.764.307.0004/65, com sede na Avenida Sérgio Vieira de Mello, nº 3.150 – Zabelê, Vitória da Conquista/Ba, CEP: 45.075-900, têm justo e acordado o presente **Contrato de Cessão de Uso dos Direitos de Propriedade Intelectual**, em caráter universal, total e definitivo, que se faz por prazo indeterminado e gratuito, mediante as seguintes cláusulas e condições:

**CLÁUSULA PRIMEIRA: DO OBJETO**

Pelo presente Instrumento Particular de Cessão de Uso e na melhor forma de direito, o(a) CEDENTE e VOLUNTÁRIO(A) DO PORTAL cede aos CESSIONÁRIOS os direitos da propriedade intelectual da obra Portal da Inovação & Qualidade (InQ.ifba), bem como todas as atividades inseridas no Portal: design, código fonte, senhas, arquivos, back-ups, bancos de dados, arquivos de configuração, scripts, páginas, softwares e afins. Para tanto, abdica, outrossim, do direito de uso, do acesso e de todos os demais direitos, pertinentes à obra mencionada, bem como aos próprios direitos autorais cedidos.

§ 1º O(A) CEDENTE declara, sob as penas da lei e sob sua inteira e exclusiva responsabilidade, que é o autor(a), desenvolvedor(a) e proprietário(a) da obra acima especificada, responsabilizando-se juridicamente, por qualquer dano que venha a causar aos CESSIONÁRIOS e /ou a terceiros.

§ 2º O CEDENTE responde integralmente pela originalidade do site referido e de todos os instrumentos e recursos nele existentes, desde que, de sua autoria. Outrossim, pelos conceitos ideológicos e pessoais que envolvam este Instituto e/ou terceiros ou de outra ordem neles contidos.

§ 3º O(A) CEDENTE declara não existir nenhuma proibição vinculada à divulgação da obra, produto ou processo objeto do desenvolvimento do site, desonerando, também, este Instituto, de todas e quaisquer responsabilidades oriundas da utilização do material por si ou de terceiros.

§ 4º Ficam garantidos ao CESSIONÁRIO todos os direitos de propriedade intelectual relativos, direta e indiretamente, ao desenvolvimento do site referido, podendo o(a) CEDENTE, para fins acadêmicos e de histórico profissional, receber certificados, declarações ou outro documento comprobatório da atividade desenvolvida.

§ 5º Caso haja algum tipo de colaboração por parte de outra empresa, o(a) CEDENTE se responsabilizará pela formalização prévia da aceitação junto à empresa terceira, por meio da assinatura do documento que garanta os direitos e obrigações, previsto no presente instrumento.

#### **CLÁUSULA SEGUNDA: DA AUTORIZAÇÃO DA CEDENTE**

Por força do presente instrumento, a CEDENTE autoriza os CESSIONARIOS:

- a) A expor o PROJETO em eventos, bem como exposições congêneres, estando ciente, e de acordo que aos organizadores reserva-se o direito do uso de imagem e declarações referentes ao trabalho para efeitos publicitários e/ou quaisquer outros fins;
- b) A utilizar sua imagem, nome e voz, gratuitamente, em qualquer tipo de divulgação e obra de criação intelectual produzida a qualquer tempo, em qualquer suporte, sem limite de quantidade, que poderá ser veiculada em qualquer veículo no todo ou em parte, dentro e fora do país, inclusive para efeitos publicitários.

#### **CLÁUSULA TERCEIRA DA RESPONSABILIDADE DO(A) CEDENTE**

O(A) CEDENTE assume toda e qualquer responsabilidade pela originalidade da criação do objeto do presente instrumento, e se obriga a responder civil, administrativamente e penalmente por qualquer reclamação à autoria desta obra, ou situações aéticas percebidas;

**Parágrafo único:** O(A) CEDENTE deverá ressarcir ao CESSIONÁRIO quaisquer valores que porventura sejam dela exigidos em decorrência de condenação judicial baseada no descumprimento, pela CEDENTE, de obrigações contidas neste contrato.

#### **CLÁUSULA QUARTA: DA VIGÊNCIA**

A cessão de direitos autorais, objeto do presente Contrato em vigência por prazo indeterminado, a contar da assinatura deste instrumento, podendo, inclusive, ceder, esses direitos a outras pessoas públicas e/ou privadas, independente de nova autorização do(a) CEDENTE.

**CLÁUSULA QUINTA: DISPOSIÇÕES GERAIS**

I – Ressalta-se que a Profa. Polyane Alves, servidora do IFBA-*campus* de Vitória da Conquista, Coordenadora do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão: “Portal da Inovação e Qualidade - InQ.Ifba”, com o endereço virtual: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>, desenvolve atividades executando, gerenciando e coordenando com fins exclusivamente acadêmicos o InQ.Ifba, desde o início de sua gestão.

II - Este contrato, além de seu conteúdo específico, reger-se-á pelas disposições legais existentes, apropriadas à natureza jurídica do ora pactuado.

III - A presente cessão será efetuada a título gratuito.

IV - Para dirimir de qualquer dúvida acaso verificada na execução do presente instrumento, as partes elegem o Foro da Comarca de Vitória da Conquista/Ba, com expressa e bilateral renúncia de qualquer outro, por mais privilegiado que possa vir a ser.

V - Por estarem justos e acordados, perante as testemunhas, ao final subscritas, datam e assinam o presente, em três vias de iguais teor e forma, para a produção de todos os seus efeitos.

Vitória da Conquista/Ba, .....de.....de.....

Felizardo Adenilson Rocha  
Diretor Geral do Campus de Vitória da Conquista  
**CESSIONÁRIOS**

Polyane Alves  
Coordenadora Geral do Portal InQ.Ifba  
**CESSIONÁRIOS**

.....  
**CEDENTE**

**TESTEMUNHAS:**

\_\_\_\_\_  
**Nome**  
**CPF**

\_\_\_\_\_  
**Nome**  
**CPF**

Fonte: acervo documental do InQ.Ifba.

## ANEXO AE – Documento comprobatório de funcionamento do Portal da Inovação e Qualidade.

20/04/2023, 15:43

SEI/IFBA - 2006907 - Despacho sem número



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA  
 Av. Sérgio Vieira de Mello, 3150 - Bairro Zabelê - CEP 45079-900 - Vitória da Conquista - BA - www.portal.ifba.edu.br

**DESPACHO SEM NÚMERO****DECLARAÇÃO**

Declaramos que o "Portal da Inovação e Qualidade - InQ.Ifba", com o endereço virtual: <http://inq.conquista.ifba.edu.br>, desenvolve atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão, atualmente coordenado pela Professora Pelyane Alves Santos, Sinsp 172464-7, juntamente com a consultoria da Professora EBITT, Maria das Graças Bittencourt Ferreira, Sinsp 02135411-1, servidora do IFBA-campus de Vitória da Conquista, criadora do Projeto, com fins exclusivamente acadêmicos, desde o dia 23 de novembro de 2015, data de sua inauguração.

**Prof. Daniela Contelli Xavier**  
 Diretora de Ensino

**Prof. Wesley Souza**  
 Diretor Acadêmico

**Prof. Elvio Prado da Silva**  
 Coordenador de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação



Documento assinado eletronicamente por DANIELA CONTELLI XAVIER, Diretor(a) de Ensino, em 20/04/2023, às 15:32, conforme decreto nº 8.539/2015.



Documento assinado eletronicamente por ELVIO PRADO DA SILVA, Coordenador(a) de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação, em 20/04/2023, às 16:20, conforme decreto nº 8.539/2015.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site  
[http://sei.ifba.edu.br/sei/controlador\\_publico.php?acao=documento\\_confirma&acao\\_origem=documento\\_confirma&id\\_documento=00046815&id\\_siga...](http://sei.ifba.edu.br/sei/controlador_publico.php?acao=documento_confirma&acao_origem=documento_confirma&id_documento=00046815&id_siga...)  
 informando o código verificador 2842587 e o código CRC 2E1C3B95.

[https://sei.ifba.edu.br/sei/controlador.php?acao=documento\\_imprimir\\_sei&acao\\_origem=envio\\_visualizacao\\_documento=00046815&id\\_siga...](https://sei.ifba.edu.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_sei&acao_origem=envio_visualizacao_documento=00046815&id_siga...) 1/2

## ANEXO AF – Avaliação do Aprendiz Multiplicador Voluntário

QUESTIONÁRIO – AMBIENTE InQ “Voluntário”	AVALIAÇÃO (0 A 10)	SUBVARIÁVEIS
Você conhece o Portal da Inovação e Qualidade, InQ.Ifba?		Ratificação do ambiente pesquisado, que pode mudar a depender de onde o INSTRUMENTO “Q” for aplicado.
O InQ.Ifba contribui para o desenvolvimento do IFBA?		Consciência Social, Esforço de time, Nova cultura, Oportunidade.
O InQ.Ifba contribui para o desenvolvimento da sua cidade?		Consciência Social, Visão, Esforço de time, Nova cultura, Oportunidade.
Você gosta das atividades realizadas pelo InQ.Ifba?		Confiança Pessoal, Paixão pelo que faz.
Você é uma pessoa criativa?		Criatividade.
Você assume riscos nas suas ações?		Determinação, Persistência.
Você já fez algum curso relacionado ao tema “Empreendedorismo”?		Confiança Pessoal, Geração de riqueza, Recurso.
Você se considera um indivíduo Empreendedor?		Confiança pessoal, Paixão pelo que faz, Sonho, Geração de Riqueza, Recurso.
Você se preocupa com o Social?		Clareza, Confiança pessoal, Paixão Pelo que Faz, Sinceridade, Sonho, Novos Valores, Recurso.
Você sabe o que é Empreendedorismo Social?		Clareza, Confiança pessoal, Paixão Pelo que Faz, Sinceridade, Sonho, Novos valores, Recurso.
Você já desenvolveu algum projeto Social? Se a resposta for afirmativa, poderia descrever?		Clareza, Confiança Pessoal, Paixão Pelo que Faz, Sinceridade, Sonho, Novos Valores, Recurso.
O InQ.Ifba desenvolve atividades com o cunho social?		Clareza, Confiança Pessoal, Paixão Pelo que Faz, Sinceridade, Sonho, Novos Valores, Recurso, Reinvenção.
Você já fez algum curso relacionado ao tema ”Inovação”. Se a resposta for afirmativa, o que considera ser Inovação?		Caos, Esforço de Time, Geração de Riqueza, Melhoria Gradual / Incremental, Nova Cultura, Novos Valores, Oportunidade, Recurso, Reinvenção, Vantagem Competitiva.
Você se considera um indivíduo (a) “Inovador”?		Caos, Esforço de Time, Geração de Riqueza, Melhoria Gradual / Incremental, Nova Cultura, Novos Valores, Oportunidade, Recurso, Reinvenção, Vantagem Competitiva.
O InQ.Ifba desenvolve atividades inovadoras?		Caos, Esforço de Time, Geração de Riqueza, Melhoria Gradual / Incremental, Nova Cultura, Novos Valores, Oportunidade, Recurso, Reinvenção, Vantagem Competitiva.
Na sua opinião, é possível trabalhar com Inovação em ações de cunho social? Poderia explicar a sua resposta?		Clareza, Confiança Pessoal, Consciência Social, Criatividade, Determinação, Paixão Pelo que Faz, Persistência, Sinceridade, Sonho, Visão. Caos, Esforço de Time, Geração de Riqueza, Melhoria Gradual / Incremental, Nova Cultura, Novos Valores, Oportunidade, Recurso, Reinvenção, Vantagem Competitiva.
Que ações inovadoras voltadas para o social você poderia realizar no InQ.Ifba?		Clareza, Confiança pessoal, Consciência Social, Criatividade, Determinação, Paixão Pelo que Faz,

QUESTIONÁRIO – AMBIENTE InQ “Voluntário”	AVALIAÇÃO (0 A 10)	SUBVARIÁVEIS
		Persistência, Sinceridade, Sonho, Visão. Caos, Esforço de Time, Geração de Riqueza, Melhoria Gradual / Incremental, Nova Cultura, Novos Valores, Oportunidade, Recurso, Reinvenção, Vantagem Competitiva.
Você se considera um líder?		Clareza, Confiança pessoal, Consciência Social, Criatividade, Determinação, Paixão pelo que faz, Persistência, Sinceridade, Sonho, Visão. Caos, Esforço de Time, Geração de Riqueza, Melhoria Gradual / Incremental, Nova Cultura, Novos Valores, Oportunidade, Recurso, Reinvenção, Vantagem Competitiva.
A sua gestão no grupo trabalhado é participativa?		Clareza, Confiança pessoal, Consciência Social, Criatividade, Determinação, Paixão pelo que faz, Persistência, Sinceridade, Sonho, Visão. Esforço de time, Geração de riqueza, Melhoria gradual / incremental, Nova cultura, Novos valores, Oportunidade, Recurso, Reinvenção, Vantagem Competitiva.
Faça as considerações que você julgar necessário sobre o tema respondido.		–

Fonte: Elaborado pela autora.

## ANEXO AG – Conteúdo dos Respondentes na íntegra

QUESTÃO	PERGUNTAS	CA	DE	LI	LO	RI
1	Idade	25	27	26	30	38
2	Gênero (Feminino, Masculino e Outro), qual?	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino	Masculino
3	Conhece o Portal da Inovação e Qualidade, o InQ.Ifba?	Sim	10	Sim	10	10
4	Porque entrou no InQ.Ifba?	Porque o Portal sempre foi referência em ensino, pesquisa e extensão, sempre desenvolvendo atividades de extrema importância para seus participantes e a comunidade externa. Com isso, participando do Portal, é possível aprimorar e desenvolver inúmeras habilidades importantes, tanto profissionais quanto pessoais.	Para desenvolver minhas habilidades de gestão e desenvolvimento além de ajudar o Portal.	Surgiu o interesse em participar do InQ.Ifba através de Editais que o IFBA disponibilizou.	Para desenvolver minhas habilidades profissionais dentro e fora do âmbito escolar e contribuir com a criação e aplicação de novos projetos junto com o instituto.	-
5	O InQ.Ifba contribui para o desenvolvimento do IFBA?	10	10	Com toda certeza, o InQ.Ifba contribuiu para a minha passagem no IFBA, de maneira intelectual e interpessoal. Foi possível conhecer pessoas e trocar experiências.	10	10
6	O InQ.Ifba contribui para o desenvolvimento da sua cidade?	10	7	Sim, pois, o mesmo traz matérias que informa e ensina de maneira interdisciplinar, sendo relevante não só no <i>campus</i> do IFBA.	10	10
7	Você gosta das atividades que realiza no InQ.Ifba?	10	8	8	10	10
8	Você é uma pessoa criativa?	8	8	10	9	5
9	Você trabalha de forma colaborativa?	10	8	8	10	10
10	Nas suas atividades você socializa as suas decisões?	10	8	9	9	10
11	Você se considera um (a) Líder?	9	8	10	9	10
12	Nas suas atividades você se enxerga como parceiro (a) na definição dos objetivos comuns do grupo?	10	8	8	10	9
13	Você assume riscos nas suas ações?	10	9	9	8	8
14	Você já cursou alguma disciplina relacionada ao tema “Empreendedorismo”?	10	Sim	10	10	10
15	Você se considera uma pessoa Empreendedora?	8	7	2	9	5

QUESTÃO	PERGUNTAS	CA	DE	LI	LO	RI
16	Você se preocupa com o social?	10	7	10	10	8
17	Você sabe o que é Empreendedorismo Social?	10	9	8	10	9
18	Você já desenvolveu algum projeto social? Se a resposta for afirmativa, poderia descrever?	Sim. O projeto consistia em um ciclo de palestras sobre o tema "Gestão de Resíduos na Construção Civil" para estudantes de graduação dos cursos de Engenharia Ambiental, Engenharia Civil e Arquitetura de faculdades públicas e privadas do município de Vitória da Conquista.	Sim. Ajudei a planejar o desenvolvimento da revista científica RICA.	Já participei do "Jovem Aprendiz", projeto social oferecido pela Prefeitura de Vitória da Conquista e o InQ.Ifba, onde fui Coordenadora e Monitora de jovens em situação sócio vulnerável.	Sim, realizo trabalho voluntário desde a adolescência, inicialmente com distribuição de alimentos para pessoas em situação de rua, depois com palestras para adolescentes sobre a prevenção de DST/AIDS, aulas de reforço escolar no projeto MAIS EDUCAÇÃO para alunos da rede pública até o quinto ano, e desenvolvimento e monitoria de aulas no projeto JOVEM APRENDIZ, inserindo jovens em situação de vulnerabilidade social no mercado de trabalho.	-
19	O InQ.Ifba desenvolve atividades com o cunho social?	10	Sim	10	8	10
20	Você já cursou alguma disciplina relacionada ao tema "Inovação". Se a resposta for afirmativa, o que considera ser Inovação?	Não	Não	Não	Sim. Considero Inovação toda e qualquer forma de fazer algo novo ou melhorado para algo já existente, novos caminhos, novos usos das tecnologias com a viabilidade real de aplicação.	Sim
21	Você se considera um indivíduo "Inovador"?	7	8	8	9	7
22	O InQ.Ifba desenvolve atividades inovadoras?	10	8	10	8	10
23	Na sua opinião é possível trabalhar com Inovação em ações de cunho social? Poderia explicar a sua resposta?	Sim, buscando solucionar de forma efetiva e sustentável problemas/questões que impactam a sociedade como um todo.	Sim. Ao inovar nesse tipo de ação, estamos buscando atacar às necessidades, pensando fora da caixa. Tentando fugir da mesmice.	Sim. Atualmente podemos utilizar de diferentes tecnologias para agregar nas atividades e não seria diferente em ações sociais.	Sim, pois a Inovação social consiste exatamente em desenvolver soluções inovadoras para problemas sociais.	Sim
24	Que ações inovadoras voltadas para o social você poderia realizar no InQ.Ifba?	Livre para escrever.	Acredito que poderia realizar cursos de desenvolvimento e Gestão em TI.	Oficinas de aprendizado, cursos profissionalizantes, palestras motivacionais, arrecadações de	Capacitação profissional através de mini cursos e palestras para a comunidade;	-

QUESTÃO	PERGUNTAS	CA	DE	LI	LO	RI
				mantimentos, entre outros.	Materias com divulgação no portal online com assuntos que são pertinentes a comunidade local; Cursos de aperfeiçoamento e direcionamento profissional para alunos do <i>campus</i> .	
25	Faça as considerações que você julgar necessário sobre os temas respondidos.	O InQ.Ifba assume um compromisso de Inovação e transmissão de informações para toda a sociedade, trazendo história e questões atuais de relevância para a sociedade, além de projetos que contribuem para o desenvolvimento da cidade e sua população como um todo, como o projeto Jovem Aprendiz em parceria com a Prefeitura do município.	NA	O portal InQ.Ifba, de fato faz jus ao slogan “Inovação e Qualidade”, pois consegue associar duas vertentes e ser relevante não só para a comunidade do IFBA.	O Portal da Inovação e Qualidade é de suma importância para o corpo estudantil do <i>campus</i> , uma vez que consegue suprir as necessidades muitas vezes ignoradas em sala de aula, oferece projetos que impactam tanto os participantes como a comunidade externa, fomenta o desenvolvimento intelectual e contribui para a formação de profissionais que realizam para além da sua formação acadêmica, formando um verdadeiro cidadão político e social.	-

Fonte: Elaborado pela autora.